

**As indústrias do bacalhau e do salgado em Alcochete**  
a procura de um novo *equilíbrio*

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura  
Carla Filipa Rodrigues de Azevedo Lourenço  
Docentes Orientadores: Rui Braz Afonso e Nuno Brandão Costa  
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto 2012/2013





Aos Professores Rui Braz Afonso e Nuno Brandão Costa,

À Câmara Municipal de Alcochete,

à Riberalves,

ao Salineiro João Matias,

ao Senhor Agostinho, que tão bem guarda a SNAB,

e a todos que com as suas memórias tão bem presentes

tornaram possível este trabalho,

Ao Ernesto, à Inês e à Cláudia,

ao António e à Evangelina,

Ao Jacopo,

Obrigada



## RESUMO

A presente dissertação pretende definir uma estratégia de intervenção na extensa área das salinas e das indústrias desativadas da seca do bacalhau, situada num forte contexto ribeirinho e integrada na “Zona de Proteção Especial” do Estuário do Tejo, na vila de Alcochete. As marcas ainda presentes da desindustrialização, pela sua relevância, transformam-se numa oportunidade de requalificação e regeneração da área de intervenção. Uma oportunidade no contexto de crise económica, mas fundamentalmente no tema da memória e identidade coletiva que transporta o lugar. Tendo em vista o reconhecimento do valor paisagístico e patrimonial da área de estudo e dos diferentes elementos que a compõem, pretende-se a sua integração com o contexto onde se insere - social, económico, cultural e identitário - desde a escala local até à escala metropolitana. O objetivo do trabalho centra-se na procura de um novo “equilíbrio” de toda a área, encarada como um conjunto, alcançável a partir da articulação dos diversos elementos representativos existentes e de um novo conjunto programático complementar, tendo como base uma estrutura de circulação pública contínua.

## ABSTRACT

*This dissertation aims to define an intervention approach to the extensive area of salines and deactivated dried codfish industry, situated in a strong fluvial context, integrating the “Special Protection Zone” of the Tagus Estuary, in the Alcochete Village. The remaining traces of the desindustrialization, through their prominence, open an opportunity of rehabilitation and renewing on this intervention area. Not only is this an opportunity in the current context of economic crisis, but mainly due to the memoir and collective identity which the place still holds. In order to improve the awareness of the landscape value and heritage of this area, this work aims to integrate it on the context which surrounds it on all possible levels - social, economically, culturally – without losing its identity. The goal of this work focus on the search of a new “balance” on the entire area and its surroundings, handled like a whole, through the articulation of the different existing elements, a new set of complementary programs, supported on a structure of continuous public movement.*



# ÍNDICE

INTRODUÇÃO, MÉTODO	10
I. A DESINDUSTRIALIZAÇÃO COMO OPORTUNIDADE DE REGENERAÇÃO EM ALCOCHETE	13
01. “Frentes de água” - da produtividade ao lazer	15
02. As Salinas e as Indústrias da Seca do Bacalhau	21
03. Expectativas (e frustrações...) - Alcochete, situação atual	35
04. Porquê reciclar	43
05. Soluções e práticas correntes	53
II. PARQUE DAS SALINAS, UM CASO DE ENSAIO	63
ANÁLISE E ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO METODOLOGIA E PROCESSO	65
01. Alcochete, margem sul do Tejo	69
Arco Ribeirinho Sul	71
Frente de Rio - uma (potencial) estrutura linear	77
02. Alcochete e Montijo - contexto peninsular	85
Análise - Estratégia	89
03. As salinas e as secas do bacalhau em Alcochete	93
Análise - Estratégia	97
ESTRATÉGIA DE PROJETO - UM CASO DE ENSAIO	99
01. Estratégia geral - percursos, ligações e programa	103
02. O Moinho e As Indústrias da Seca do Bacalhau	123
Bacalhau de Portugal	131
Pescal	149
Sociedade Nacional de Armadores de Bacalhau	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
SIGLAS E ACRÓNIMOS	187
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	188
ANEXOS	192
CRÉDITOS DAS IMAGENS	224

## INTRODUÇÃO

As frentes de água, lugares tradicionalmente estratégicos para a localização das antigas indústrias, ao mudar de reconhecimento com as profundas alterações da sociedade - a institucionalização do “tempo livre” e a conseqüente a procura de lazer balnear - tornaram-se lugares de forte produção turística e imobiliária. A Bacalhau de Portugal, a Pescal e a Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau, antigas indústrias de seca do bacalhau em Alcochete, revelam ser um caso potencial desta transformação.

As três indústrias inserem-se num contexto natural especial, entre as antigas salinas da região do Samouco e o rio Tejo. O conjunto das salinas e das indústrias, constituindo uma área que ultrapassa os 4 km<sup>2</sup>, marcada pelo forte impacto da Ponte Vasco da Gama, destaca-se pelo seu valor paisagístico e ambiental, constituindo uma parte integrante da “Zona de Proteção Especial” do Estuário do Tejo, uma das zonas húmidas mais importantes a nível europeu.

As secas do bacalhau, tendo consistido no maior centro de seca a nível nacional na década de 60, encontram-se a meio de um processo de futura demolição para a construção de três novos empreendimentos turísticos/imobiliários. No profundo contexto de crise económica e abrandamento do setor da construção, pretende-se abordar o valor da reutilização destas estruturas industriais, disponíveis e adaptáveis, questionando o excessivo consumo do solo e de recursos, assim como o valor da identidade, do património cultural, coletivo e histórico das gentes, que se refletem na profunda e contínua transformação do território.

*“Dopo tutto il ri-uso architettonico è un caso particolare del più generale problema del risparmio dell’energia: che in realtà non si sprigiona solo dal carbone o dal petrolio o dalla scissione atomica, ma anche dal patrimonio di creatività e di competenza accumulato per secoli dalle varie attività umane e quindi dall’architettura.”*

Giancarlo de Carlo (1986)

De que modo é possível promover processos de reciclagem e regeneração, com base no conceito de *adaptive reuse* em áreas industriais desativadas, com o objetivo de reestabelecer um novo “equilíbrio” do lugar?

A partir de uma visão de conjunto de Alcochete a diferentes escalas, desde a escala territorial - área metropolitana de Lisboa - à escala do edifício, pretende-se criar uma estratégia de intervenção na área das salinas e das secas

de bacalhau, baseada numa rede clara de articulação entre as dinâmicas existentes e propostas, tendo em vista a complementariedade funcional da área de intervenção e do contexto onde se insere. Pretende-se encarar a zona das salinas e das indústrias da seca numa lógica de integração, vindo a constituir um conjunto unitário, o “Parque das Salinas”. Com o objetivo de incrementar/otimizar a sua gestão e promoção/divulgação propõe-se uma estrutura de consolidação, tendo como base uma rede de circulação contínua e de uso coletivo, onde se revelam os temas marcantes relacionados com a presença da água e de potenciais atividades ao “ar livre”/lazer. O momento de maior relevância consiste na proposta de recuperação e transformação das indústrias da seca do bacalhau em equipamentos coletivos de recreação e lazer.

Neste sentido o objetivo deste ensaio reside na tentativa de entender de que modo poderia ser possível atuar uma estratégia de regeneração da extensa área de intervenção, reconhecendo as suas potencialidades sociais, arquitectónicas e paisagísticas, a uma escala não só local, mas também territorial.

## MÉTODO

O trabalho consiste num projeto prático de estratégia e atuação na área das salinas e das antigas indústrias da seca do bacalhau, apoiado por uma pesquisa teórica que sustenta a proposta lançada. A intenção é de interligar as duas componentes do trabalho, dividindo-o em dois blocos principais.

*“A desindustrialização como oportunidade de regeneração em Alcochete”* pretende contextualizar a área de intervenção, inserida num contexto de “frente de água”, analisando as transformações ao longo da sua história, de modo a entender as dinâmicas/lógicas que determinaram a situação atual. Emerge, portanto, o tema da reciclagem e reutilização de estruturas industriais desativadas, onde se destacam soluções e exemplos tendo em vista o caso de estudo.

*“Parque das Salinas, um caso de ensaio”* foca, numa primeira parte, a relação análise-estratégia a diferentes escalas, através da aproximação à área de estudo desde a escala metropolitana até à escala local. Apresenta-se uma chave de leitura baseada na relação constante entre três tipos de espaços relevantes: “Espaços Urbanos”, “Espaços Disponíveis” e “Cultura e Lazer”. Pretende-se, assim, contextualizar e dar consistência à estratégia proposta. Finalmente, é apresentada uma estratégia geral de intervenção na área do “Parque das Salinas”, que integra o levantamento das antigas indústrias do bacalhau e o projeto da sua recuperação.



# BLOCO I

FRENTES DE ÁGUA - SALINAS E INDÚSTRIAS DO BACALHAU  
RECICLAGEM - SOLUÇÕES E PRÁTICAS

## **A DESINDUSTRIALIZAÇÃO COMO OPORTUNIDADE DE REGENERAÇÃO URBANA**

O alto valor do solo de zonas privilegiadas, como as frentes ribeirinhas, permite a especulação e o desejo de construir novo, grande e “moderno”. Lugares estes tradicionalmente estratégicos da situação das indústrias, mudaram de reconhecimento com a institucionalização do “tempo livre” e com a procura do lazer balnear, tornando-se lugares de forte produção turística e imobiliária. As três antigas indústrias de seca do bacalhau em Alcochete, são um caso atual desta transformação.

A meio de um processo de futura demolição para a construção de três novos empreendimentos, chamados turísticos de luxo, as secas do bacalhau abrangem uma área aproximada de 170.000m<sup>2</sup> que não ultrapassa a cota de 3 metros acima do nível do mar, num terreno pantanoso, localizando-se no extremo norte de uma extensa área protegida de salinas, parte integrante da “Zona de Proteção Especial” do Estuário do Tejo, já debilitada pela forte presença da Ponte Vasco da Gama.

No profundo contexto de crise económica e abrandamento do setor da construção, pretende-se abordar o valor da reutilização destas estruturas industriais, disponíveis e adaptáveis, questionando o excessivo consumo do solo e de recursos e contrastando com o tema do desperdício, assim como a profunda e contínua transformação do território - que, por sua vez, faz parte da sua própria história. Torna-se marcante, nesta perspetiva, o valor da identidade, do património cultural, coletivo e histórico das gentes e do lugar.



01. Vila de Alcochete desde o Tejo



02. Igreja de Nossa Senhora da Vida, Alcochete

## 01. “FRENTES DE ÁGUA”

Da produtividade ao lazer

*“A água, elemento natural, quando está presente numa cidade quase que perde a sua naturalidade, a sua existência per se, para se tornar numa importante componente do território com valências diversificadas consoante a utilização que lhe é dispensada. Enquanto frente territorial aquática - fluvial ou marítima - o seu domínio tem atravessado vários campos, impondo a sua presença como elemento estruturador e estruturante de vários níveis sociais - económico, social, cultural, simbólico e urbanístico.”*<sup>1</sup>

A água constitui um dos elementos primordiais na formação de grande parte das cidades, tendo adquirido ao longo do tempo vários estatutos, desde fronteira, a porto ou via de comunicação, como foi o caso de Lisboa.

A protegida baía da foz do Tejo serviu de elemento estruturante<sup>2</sup> de formas e aglomerações ao longo das suas margens, desenvolvendo-se Lisboa na margem norte ao longo do último troço do rio. Tendo a margem sul sofrido igualmente uma antiga ocupação, existiu desde sempre uma relação entre os seus extremos. O Tejo encarou então variadas facetas, uma fronteira territorial durante a ocupação árabe no sul de Portugal ou porto de partida e chegada durante os Descobrimentos, onde viviam as ninfas Tágides mencionadas por Plínio e Camões, fazendo parte da memória e identidade de ambas as margens, como um legado histórico pertencente aos diferentes territórios que partilham a frente ribeirinha. *“Aquelas “frentes de água” urbanas assumem, desde logo, o papel de uma fronteira territorial, entendida não como um eventual obstáculo, mas como uma demarcação de territórios (...). Nessa específica condição, as áreas “transfronteiriças” polarizam identidades múltiplas e, desse modo, cada um daqueles territórios participa e integra a identidade dos restantes. O que, aparentemente, parecia constituir um obstáculo territorial, reconfigura-se, antes, na sua própria condição identitária”*<sup>3</sup>.

Em toda a margem sul são visíveis ainda as marcas da industrialização que fundamentalmente servia Lisboa, ocupando as frentes ribeirinhas, pela forte dependência do rio quer para cargas, quer para descargas, considerado desde sempre um lugar de trocas comerciais. O Tejo fomentou em Lisboa o crescimento e a expansão das suas costas, fazendo parte da “cintura industrial”<sup>4</sup> da capital no início do século XX, tendo a partir da década de 30 um ritmo de crescimento superior ao da cidade de Lisboa, *“(…) na margem sul do Tejo, e em especial nas povoações entre a sua extrema oriental e Almada, uma histórica ocupação manufactureira vai, desde início do século XX, dando lugar a um tecido industrial forte e diversificado”*<sup>5</sup>.

1. FERREIRA, Vitor Matias [et.al.]. *Lisboa, a metrópole e o rio: centralidade e requalificação das frentes de água*, p. 69

2. “Estruturante: que favorece ou determina a estruturação; que estabiliza”. Infopedia [em linha]

3. Ferreira, Vitor Matias [et. al.]. *Lisboa, a metrópole e o rio: centralidade e requalificação das frentes de água*, p. 70

4. João Silva Nunes explica a “designação de “cintura industrial” releva de um modo particular de transformação dos arredores citadinos no qual uma combinatória de “habitat” modesto e de instalações industriais era bem visível”

5. NUNES, João Silva. *A Cintura Industrial de Lisboa. Breve aproximação a um território em mudança*, *Jornal dos Arquitectos* nº 231, p. 31



1



2



3



4



5



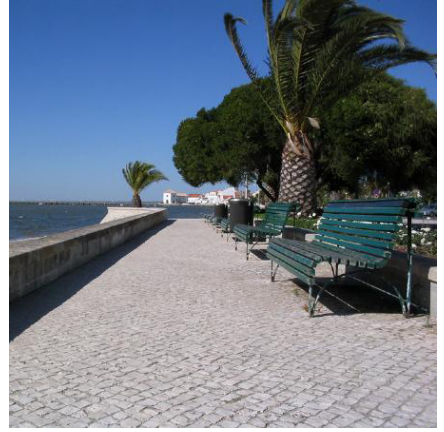
6



7



8



9



10



11



12

Igualmente Alcochete desde sempre serviu a capital, sendo marcado predominantemente pelas atividades de salicultura, pesca e agricultura. Comparativamente com os restantes concelhos da margem sul, foi o que menos sofreu a pressão industrial, permanecendo num contexto rural até à década de 50, ao iniciar a atividade da seca do bacalhau, com a instalação progressiva de três unidades ao longo da faixa costeira. Em seguida, a instalação da fábrica de pneus Firestone e duas unidades de processamento de cortiça e alumínio, à semelhança das anteriores, num contexto ribeirinho.

A “frente de água”, termo recorrente derivado da tradução de *waterfront* (não distinguindo entre frentes fluviais e marítimas<sup>6</sup>), outrora lugar estratégico da localização das indústrias, nas últimas décadas tem sido alvo de profundas transformações sociais e económicas, destacando dois temas fundamentais de certa forma relacionados. Por um lado, os processos de abandono das unidades industriais obsoletas situadas nestas frentes, em contacto direto com a água, e por outro a institucionalização do “tempo livre” e a procura do lazer balnear, aumentando a procura da costa como lugar de produção e consumo turístico e imobiliário.

A partir da década de 70, o declínio da produção industrial de grande volume e o crescente setor dos serviços provocaram uma profunda transformação económica, “(...) *alle produzioni di grande volume si sono sostituite le produzioni ad ingombro ridotto o comunque a ciclo automatizzato e, in misura cospicua, le produzioni immateriali dei servizi*”<sup>7</sup>. O desenvolvimento das infraestruturas de transporte, como foi na margem sul do Tejo de grande relevância a inauguração em 1966 da Ponte 25 de Abril, e o gradual domínio do transporte rodoviário de apoio às unidades de produção, face às redes marítima e ferroviária, provocaram igualmente a alteração das formas de ocupação territorial e paisagística, imprimindo “*movimentos de reorganização espacial das actividades*”<sup>8</sup> generalizando-se a tendência de localizações periféricas destas unidades ao longo das principais vias rodoviárias. Consequentemente, um grande número de unidades industriais foi marcado pela obsolescência e gradual abandono, “*um complexo “processo de desindustrialização” (...) afectará a estrutura económica, social e urbana da metrópole e dos seus territórios industriais*”<sup>9</sup>, sendo ainda visíveis as alargadas manchas industriais desativadas junto ao rio Tejo, outrora marcantes fontes de emprego para as gentes, na maioria ainda residentes, das aglomerações urbanas limítrofes.

“*Na relação directa com a actividade produtiva, a institucionalização do “tempo livre” surge como reflexo de profundas transformações sociais, decorrentes da estabilização dos horários de trabalho do aumento progressivo da escolaridade obrigatória, da evolução dos hábitos de consumo e da crescente mobilidade conseguida com a expansão dos meios de transporte*”<sup>10</sup>, ganhando

6. FERREIRA, Vitor Matias [et.al.]. *Lisboa, a metrópole e o rio: centralidade e requalificação das frentes de água*, p. 69

7. COLOMBO, Loreto. *Uno sguardo al caso italiano*, p. 437

8. PROT-AML, Novembro de 2010, p. 67

9. NUNES, João Silva. *A Cintura Industrial de Lisboa. Breve aproximação a um território em mudança*, Jornal dos Arquitectos nº 231, p. 33

10. LOBO, Susana. *A colonização da linha da costa: da marginal ao “resort”*, p. 18



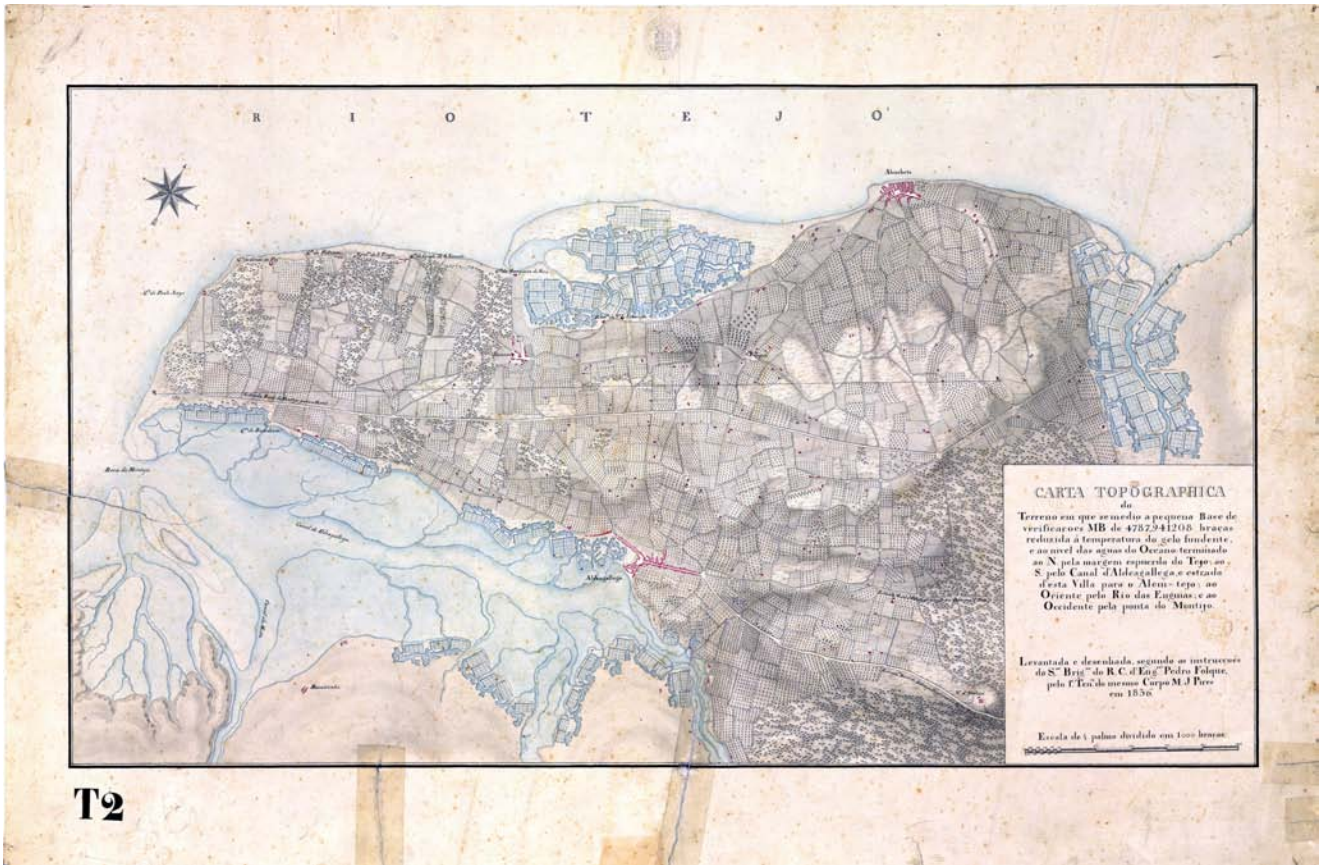
04. *Praia dos Moinhos em Agosto de 2013, Alcochete*

expressão o turismo de massas com a generalização das férias às classes trabalhadoras, no contexto de recuperação económica do pós II Guerra Mundial. A procura e necessidade do “lazer” e do aproveitamento do tempo livre direcionou a organização e a ocupação da linha da costa numa perspetiva de produção turística, de recreação e atividades desportivas. A crescente pressão urbanística sobre as frentes de água originou o surgimento de um grande número de empreendimentos turísticos e imobiliários ao longo da linha da costa, ganhando a praia e o sol um novo interesse e fascínio.

As frentes ribeirinhas ou marítimas, caracterizadas pela contínua costa de linha de água, tomaram, portanto, desde sempre várias posições estratégicas, assumindo diferentes usos e funções. *“Ao longo dos tempos, essas frentes foram sucessivamente limitadas ou ocupadas pelos muros de defesa, pela logística portuária ou ferroviária, por rodovias, viadutos, nós, por indústrias, entrepostos, ou até aeroportos. Barreiras nuns casos, interfaces noutros - muralhas, aterros, docas, bairros ribeirinhos, passeios públicos ou praias (...)”*<sup>11</sup>. Fruto das transformações da sociedade nas últimas décadas, é ainda visível o abandono de um grande número de estruturas industriais e de logística nas frentes de água. Verifica-se uma tendência gradual de valorização do tema da água, transformando estas frentes em lugares privilegiados de lazer, recreação, de produção turística e desportiva. *“(...) Tornaram-se espaços de intervenção onde emergem transformações, mais ou menos profundas, que decorrem de alterações de base económica tradicional ou de novas tecnologias, mas também das dinâmicas próprias das aglomerações que viram multiplicada a sua população e generalizada a procura de costas mais próximas para morar, estudar, produzir, deslocar-se ou simplesmente espairecer...”*<sup>12</sup>

11. PORTAS, Nuno (coord.). *Cidades e frentes de água*, p.4

12. Idem



05. Carta Militar, 1836



06. Carta Militar, 1937

## 02. AS SALINAS E AS INDÚSTRIAS DA SECA DO BACALHAU

*“A indústria muito antiga da extracção do sal marinho está ligada a uma paisagem rigorosamente estruturada, a das salinas - largos horizontes meticulosamente polvilhados de pirâmides alvíssimas, em que se integram as “casas de sal”, sóbrias construções de alvenaria ou de madeira.”*<sup>13</sup>

13. ANTUNES, Alfredo da Mata [et.al]. *Arquitectura popular em Portugal*, p. 206

O salgado da região de Lisboa, ou salgado do Tejo, abrangia duas grandes áreas: a margem norte do Tejo, que se estendia de Loures a Vila Franca e a margem sul, desde o Barreiro a Alcochete. Por sua vez, o salgado de Alcochete era definido por três regiões produtoras: a região de Alcochete-Samouco, do rio das Enguias e de Vasa-Sacos no concelho de Benavente.

A origem das salinas em Alcochete, porém, não é certa, pois apesar das primeiras referências documentais que provam a existência de salinas no Tejo terem surgido no século XIII, segundo Maria Dulce Marques *“é muito provável que já antes se produzisse sal nesta região”*<sup>14</sup>. Em 1793 Constantino Lacerda Lobo refere que as primeiras salinas a serem construídas e exploradas deverão ter sido nas margens do Sado e do Tejo, pois *“primeiro as enchentes das marés nestas regiões são mais consideráveis, do que no Mondego e Ria de Aveiro; segundo o terreno é mais apropriado para nele se fazerem as Marinhas; terceiro a extracção do sal é mais fácil pela bondade das barras de Lisboa e Setúbal. Estas vantagens, que a natureza nunca negou a estes sítios, são motivos fortes, para nos persuadirmos, que os nossos maiores talvez fariam aqui primeiro Marinhas que em qualquer outra parte”*<sup>15</sup>. Segundo o mesmo autor, durante o reinado de D. João I (1385-1433) *“havia marinhas no Riba-Tejo em tão grande quantidade, que não somente davam sal para o consumo de Lisboa, mas também era exportado para fora do reino (...)”*<sup>16</sup>.

14. MARQUES, Maria. *As Salinas de Alcochete – Um Património a musealizar*, p. 182

15. Constantino Lacerda Lobo (1793). *Idem*

16. *Ibidem*

Ao longo dos séculos, a exploração da salicultura em Alcochete foi evoluindo, atingindo a sua maturidade nos finais do século XVIII, reconhecida não apenas na região de Lisboa, mas a nível nacional, constituindo, então uma fonte de rendimento local. Em 1882, o Ministério das Finanças publica a “Relação das marinhas do concelho de Alcochete”, identificando e localizando todas as marinhas na região de Alcochete, os respetivos proprietários, rendeiros e produção de sal. Contaram-se 119 salinas em laboração sendo apenas uma a que não produzia pelo estado de ruína em que se encontrava, produzindo, nesse ano, cerca de 46.363 moios (medida adotada no salgado, sendo que 15 canastras de 56 litros equivaliam a 1 moio, correspondendo a 750 Kg), o que equivalia a 34.772 toneladas. O número de salinas tinha então aumentado bastante, notando a forma sistemática e organizada que os proprietários e rendeiros exploravam as marinhas. A produção, no entanto, *“não era linear, estava sujeita a factores de*



07. *Salinas do Samouco, transporte do sal em fragatas*



08. *Paisagem estruturada, salinas do Samouco, década de 50*



09. *Salinas do Samouco, manutenção das marinhas, década de 50*

vária ordem, nomeadamente os Invernos rigorosos que podiam causar estragos nas marinhas, as condições climatéricas durante a safra, o estado de conservação das marinhas e os processos de extracção utilizados.”<sup>17</sup>.

17. MARQUES, Maria. As Salinas de Alcochete – Um Património a musealizar, p. 186

No início do século XX, o salgado em Alcochete representava uma fonte de rendimento para os Alcochetanos, produtores e comerciantes, mas também para os habitantes em geral, pela grande quantidade de mão-de-obra diversificada necessária, distribuída por diferentes serviços: “o amanho das marinhas, os processos de produção e a safra, (...) uns exigiam força física, como a tirada do sal e o transporte para o barco, outros exigiam destreza manual, perícia e experiência na sua execução”<sup>18</sup>.

18. *Idem*

Na década de 30, Alcochete tornou-se o principal produtor de sal no contexto nacional, abastecendo o mercado interno e externo, empregando 600 trabalhadores. No “Inquérito à Indústria do Sal” realizado por Charles Lepierre, em 1936, a produção nacional rondava a média anual de 230.000 toneladas e o salgado de Lisboa 110.000 toneladas, representando, então, cerca de metade da produção do país. Por sua vez, como é possível verificar no anexo “Produção nas marinhas do Tejo, 1932”, Alcochete, com um total de 109 marinhas distribuídas por treze proprietários, destacava-se com a média de 77.456 toneladas, representando 70% do salgado de Lisboa, ocupando o primeiro lugar a nível nacional com mais de 30% da produção total do país: “o concelho de Alcochete tem o recorde da produção nacional (...) fonte mais importante da exportação de sal português para o estrangeiro, que se fazia pelo porto de Lisboa”<sup>19</sup>.

19. Charles Lepierre (1936). *Ibidem*, p. 189

Nos anos seguintes, a exploração das salinas continuou, no entanto, a falta de trabalhos de conservação e aperfeiçoamento das técnicas utilizadas na exploração, provocaram a pouco e pouco a ruína de algumas marinhas, refletindo a sua baixa produção e conseqüente abandono, fato alertado por Luís Dias no inquérito realizado ao “Salgado de Alcochete” em 1954.

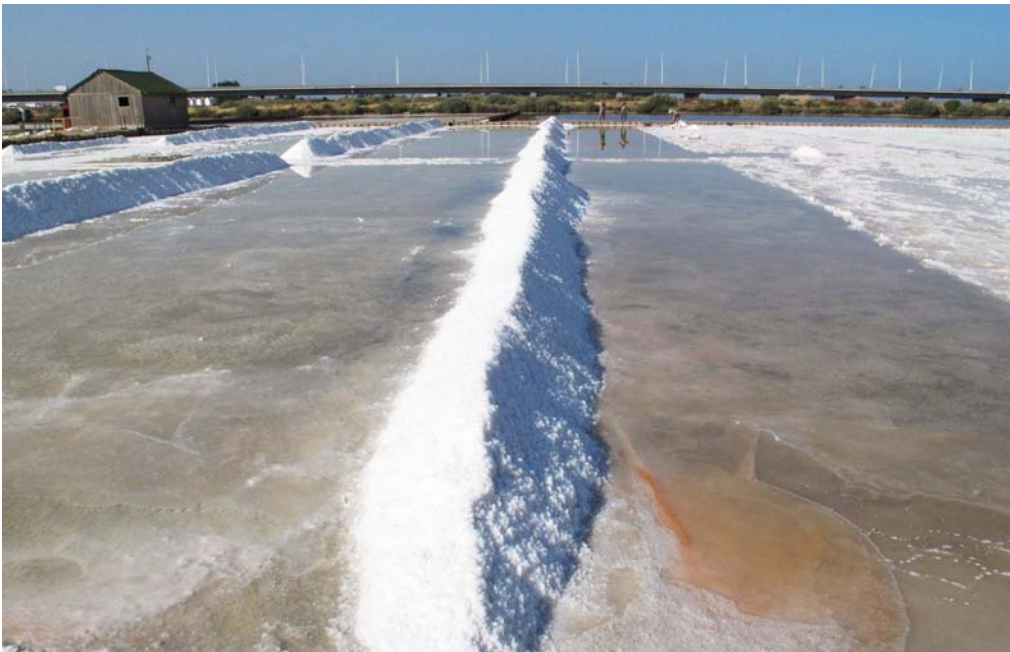
Em 1941, a Câmara Municipal deliberou colocar em hasta pública os terrenos baldios que possuía na praia dos Moinhos, junto à área das salinas, determinando, segundo um recorte do “Diário de Notícias” de 1966, que apenas “poderiam ser destinados a fins industriais, comprometendo-se o comprador a iniciar as obras no prazo de um ano, sem o que a arrematação se consideraria nula e de nenhum efeito (...) embora arrastando-se com o parecer desfavorável de alguns técnicos qualificados na matéria, foram montadas nos terrenos que se alienaram instalações de salga e secagem de peixe (...) estes factos tiveram projecção imensa e benéfica na vida do concelho e marcam indubitavelmente o início de uma nova era na sua já secular história”<sup>20</sup>.

20. Francisco Leite da Cunha (1941). BASTOS, Fonseca. *Subsídio para a história das secas do bacalhau*

A 1 de Agosto de 1941, ocorreu a sessão de apresentação das propostas de compra dos baldios municipais, onde mais tarde as três indústrias da seca do bacalhau viriam a ser erguidas, ditando para a ata de sessão (apresentado no Anexo 03) o então presidente da Câmara Municipal, Francisco Leite da Cunha,



10. *Lavoura do sal,  
Salindas do Samouco, 2012*



11. *Salinas, estruturas, Samouco, 2012*



12. *Bacalhau de Portugal*



13. *Pescal*



14. *SNAB*

uma referência dando alusão ao processo de industrialização ocorrido na margem sul do Tejo, ao qual Alcochete não beneficiou pela falta de um sistema de fácil comunicação com o Alentejo, fonte de matérias-primas transformadas nas indústrias na frente de rio, como foi o sistema ferroviário. “*Nesta conformidade, continuou o concelho de Alcochete quase limitado às suas tradicionais fontes de vida: cultura das terras, a lavra das salinas e o tráfego do rio*”<sup>21</sup>, no entanto, a primeira entrava em decadência, estando juntamente com o salgado, subordinadas ao transporte fluvial, considerou, então “*resta, pois, considerarmos como factor económico de valor a lavra das salinas. É todavia justo que vejamos que não podemos julgar como elemento de influência num ulterior progresso e desenvolvimento concelhio, a sua exploração*”<sup>22</sup>, denotando a incerteza e insegurança na exploração das salinas como principal - ou até única - fonte de rendimento. Concluía-se então “*a câmara reconhece como sendo uma necessidade vital o estabelecimento de indústrias na área do concelho*”<sup>23</sup>.

21. BASTOS, Fonseca. *Subsídio para a história das secas do bacalhau*

22. *Idem*

23. *Ibidem*

Em 1951 começariam a instalar-se as fábricas de secagem e preparação do bacalhau da Terra Nova nos terrenos entre as salinas e a praia dos Moinhos, ocupando na totalidade cerca de 18 hectares. Primeiro a Bacalhau de Portugal, inaugurada nesse ano a 25 de Janeiro, a seguir a Empresa Comercial e Industrial da Pesca - Pescal, Lda, e por último, a Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau, Lda (SNAB), esta última, dos mesmos proprietários da, mais tardia, SNAB em Lavadores, Gaia. Na década seguinte, Alcochete tornou-se o maior centro de secagem a nível nacional.

A pesca do bacalhau pelos portugueses, referenciada pela primeira vez no século XIV, era uma tradição do Norte do país, particularmente do Entre-Douro-e-Minho, peixe protagonista na consoada minhota, mas foi durante o Estado Novo que se tornou um “símbolo nacional”: “*a campanha do bacalhau foi uma das obras mais emblemáticas do sistema corporativo salazarista*”<sup>24</sup>. Portugal era, então, caracterizado como um grande importador, não tendo, porém, o setor da pesca uma força demasiado influente comparado com o cerealífero, tendo sido então um dos instrumentos decisivos para o fortalecimento do Estado, o conjunto de políticas de abastecimento, como foi a reorganização do comércio importador e o fomento da produção. “*A epopeia do bacalhau foi efusivamente comemorada pelo Estado Novo, não porque o homem do mar o não merecesse, mas porque ao regime os ícones do trabalho árduo e perigoso serviam-no melhor ainda do que os ícones da passividade monótona e laboriosa do agricultor familiar. A epopeia, a gesta gloriosa e o reconhecimento público por parte da oligarquia tenreirista eram argumentos passados e ampliados pela propaganda, com tanto sucesso que muitos jovens, e até os mais velhos pescadores, sentiram certamente num qualquer momento antes da partida dos lugres que participavam de facto num movimento glorioso, numa glorificação lusitana, honrosa e patriótica.*”<sup>25</sup>.

24. FERREIRA, Nuno Estevão. *Álvaro Garrido, O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau, Rio de Mouro*, Círculo de Leitores, 2003. *Análise Social* nº 178, p. 283

25. DUARTE, Fernando Chagas. *A indústria do bacalhau no início do século XXI*, p. 2



Bacalhau de Portugal

Sociedade Nacional  
dos Armadores de Bacalhau

Pescal

Salinas da região  
Alcochete-Samouco



15. As salinas e as indústrias da seca do bacalhau em Alcochete, 2007



16. SNAB, estruturas para secagem natural



17. SNAB, armazém com 8 túneis de secagem artificial



18. SNAB, túnel de secagem artificial

Na década de 50, a frota nacional começava a ser capaz de dar maior resposta à procura nacional, diminuindo o volume das importações, verificando-se nesses anos a mudança: a adesão nacional à tradição minhota. Na, então, época gloriosa da pesca nacional, as duras safras chegavam a durar seis meses, elucidado pelo curto filme de Hector Lemieux, “The White Ship” de 1967, a bordo do navio Santa Maria Manuela - visível no conjunto de fotogramas selecionados nas páginas 32 e 33. Os navios chegavam - ou tinham de chegar - com os porões carregados de bacalhau, dependendo da fortuna do mar. *“Em épocas determinadas, no cais da vila e ao largo havia vários bacalhoeiros fundeados. Descarregavam o produto da safra nas águas canadianas e carregavam sal para a safra seguinte. Os maiores lugres não podiam vir até cá, sendo a carga e descarga assegurada por fragatas”*<sup>26</sup>.

26. BASTOS, Fonseca. Subsídio para a história das secas do bacalhau

O bacalhau era, então, descarregado para as instalações onde era submetido à secagem natural, por exposição ao ar e ao sol, e preparado para consumo público. O processo consistia na lavagem e escovagem do bacalhau, sendo disposto sobre tabuleiros de madeira, onde eram sujeitos à incidência dos raios solares e do vento. A secagem natural é, porém, um processo com enorme dependência das condições climáticas, não podendo o bacalhau ser exposto em tempo húmido ou chuvoso, nem em tempo demasiado quente, superior a 26° C. Implicava, então, a tarefa rotineira de espalhar o peixe cedo, levantá-lo pelas 9h ou 10h da manhã e voltar a espalhar até ao pôr do sol, sendo necessária a disponibilidade de um considerável volume de mão-de-obra, escassa em Alcochete, chegando gente de todo o país, sobretudo de Aveiro e de Viana do Castelo, para trabalhar nas indústrias da seca.

A secagem artificial de bacalhau foi introduzida por imperativos de ordem económica das empresas de secagem, com o objetivo de otimizar a operação de secagem, utilizada inicialmente quando o peixe se encontrava próximo da cura final, como complemento da seca natural, tendo sido os primeiros túneis instalados na Pescal em 1951, logo de seguida em Aveiro. Na década de 70, a SNAB introduziria nova tecnologia de secagem artificial, difundindo depois por vários secadouros nacionais.

Aquando porém dos prósperos anos das indústrias da seca do bacalhau, desativadas há já duas décadas, o salgado de Alcochete foi entrando em decadência, pois os custos de produção e transporte do sal até ao porto, não permitiam concorrer com os preços do sal proveniente de França e Itália, sendo utilizado igualmente na salga do bacalhau, anteriormente um dos principais meios de escoamento do sal da região, *“segundo informações do marnoteiro, Sr. Manuel Nicolau, ainda hoje no activo na única salina em laboração ( a salina do - “Brito”), enquanto o sal “tirado” da salina próxima dos estaleiros da seca do bacalhau era vendido a nove escudos, os Italianos vinham oferecê-lo a cinco escudos o quilo.”*<sup>27</sup>

27. MARQUES, Maria. As Salinas de Alcochete – Um Património a musealizar, p. 190



0'29



Eles e os seus filhos, e os filhos dos seus filhos

1'00



velejaram mais 500 anos, nos seus navios brancos...

1'04



1'15



Agora, a última das escunas à vela desce o Rio Tejo até ao mar aberto...

1'30



Santa Maria Manuela

2'02



Vitorino Ramalheira é o capitão

2'05



Pedro Baiões, 60 anos, está na sua 52ª campanha!

2'09



Aldo da Silva, 19 anos... está na sua primeira!

2'14



O Santa Maria deve voltar cheio de peixe (para cobrir os custos)

2'40



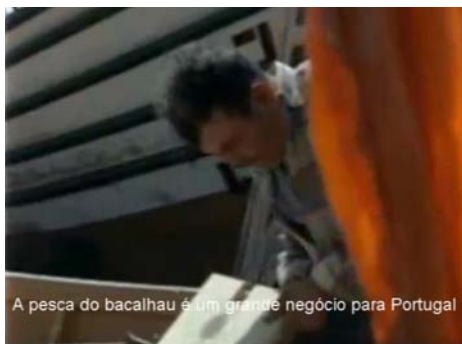
os dóris devem ser tirados à sorte... encontrados... preparados.

2'46



O dóri vai ser a sua pequena casa, 12 horas por dia, no mar agitado...

3'00



A pesca do bacalhau é um grande negócio para Portugal

3'20



e ainda religioso...

3'23



abençoados tanto pela Igreja, como pelo Estado!

3'30



4'10



5'20



5'25



A 1000 milhas de Portugal,  
o Santa Maria atravessa o oceano...

5'46



Os pais resistiram às mesmas tempestades

5'51



navegaram nas mesmas rotas, ao longo dos anos

5'54



Num dóri, você rema para longe,  
vigiado pelo capitão

7'49



8'02



Num dóri, dizem, o homem é o seu próprio senhor  
e o senhor da sua própria alma...

9'10



Porque, embora eles encolham quando estão  
guardados e salgados, dentro do porão

9'42

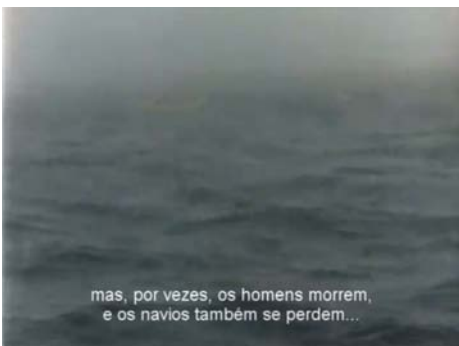


o barco deve estar cheio

9'45



11'33



mas, por vezes, os homens morrem,  
e os navios também se perdem...

10'55



Que felicidade existe quando o homem que tu conheces,  
está morto?

12'53



podem os seus filhos lembrarem-se deles...

14'20



1



2



3



4



5



6



7



8



9

- Rio Tejo e marinhas .1
- Edificado .2
- Rede viária .3
- Desporto .4
- Cultura e centro histórico .5
- Educação .6
- Habitação coletiva pós-1990 .7
- Serviços .8
- Edifícios industriais .9

### 03. EXPECTATIVAS (E FRUSTRAÇÕES...)

Alcochete - situação atual

Em 1998 contavam-se 10.040 habitantes em Alcochete, ano em que foi construída a Ponte Vasco da Gama, fator este, que potenciou um grande crescimento urbano no concelho. A fácil acessibilidade rodoviária relativamente a Lisboa, aliada à pacatez e tranquilidade que oferece a vila ribeirinha, fez com que aumentasse a procura de residência por parte de pessoas de fora, mantendo na sua grande maioria o emprego fora de Alcochete. Foram construídos vários bairros de habitação coletiva, habitação unifamiliar, assim como condomínios privados. Em 2011 verificaram-se 17.565 habitantes.

A par de tantas novas habitações, deu-se uma grande transformação também no conjunto dos equipamentos coletivos. Alguns destes deixaram de se localizar no centro da vila, para passarem a pertencer às novas malhas urbanas, dotadas de um elevado número de lugares de estacionamento, como foi o caso do Centro de Saúde e a Biblioteca Municipal, deixando os antigos edifícios que albergavam estes usos sem qualquer função, não sendo disponibilizadas verbas para a recuperação - nem sequer manutenção - destes edifícios. Já o antigo Posto dos Bombeiros, igualmente transferido para a recente envolvente da vila, localizava-se no núcleo histórico da vila, de frente para o rio, tornou-se arrumo e garagem de apoio às viaturas da CMA. Para além da realocização de equipamentos existentes, foi acrescentado um conjunto de novos equipamentos variados, aumentando a capacidade atrativa da vila, a Piscina Municipal, o Pavilhão Gimnodesportivo, a Escola Secundária e o Centro Cultural. Igualmente de grande relevância foi a inauguração em 2004 de um centro comercial Outlet, com 75.000m<sup>2</sup> de área bruta arrendável, encarado como um ponto importante de atração, recebendo ainda um elevado número de visitantes do país e mesmo do estrangeiro semanalmente.

Alcochete, apesar de acompanhar a tendência nacional de evolução, apresenta uma relação diferente entre os valores apresentados, sendo menor a discrepância na comparação entre o número de habitantes e os índices de construção e edificabilidade, principalmente pelo crescimento da população residente. A partir dos dados cedidos pelo INE, entre 2001 e 2011, houve um aumento da população residente de 25,9% no concelho, notando um crescimento dos alojamentos de 29,7% e de 21,8% dos edifícios, enquanto Portugal revelou apenas 1,9% de crescimento de habitantes e, por sua vez, 16,3% de número de alojamentos.



21. Edifícios de habitação construídos depois de 1998 em Alcochete



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13



14



15



16

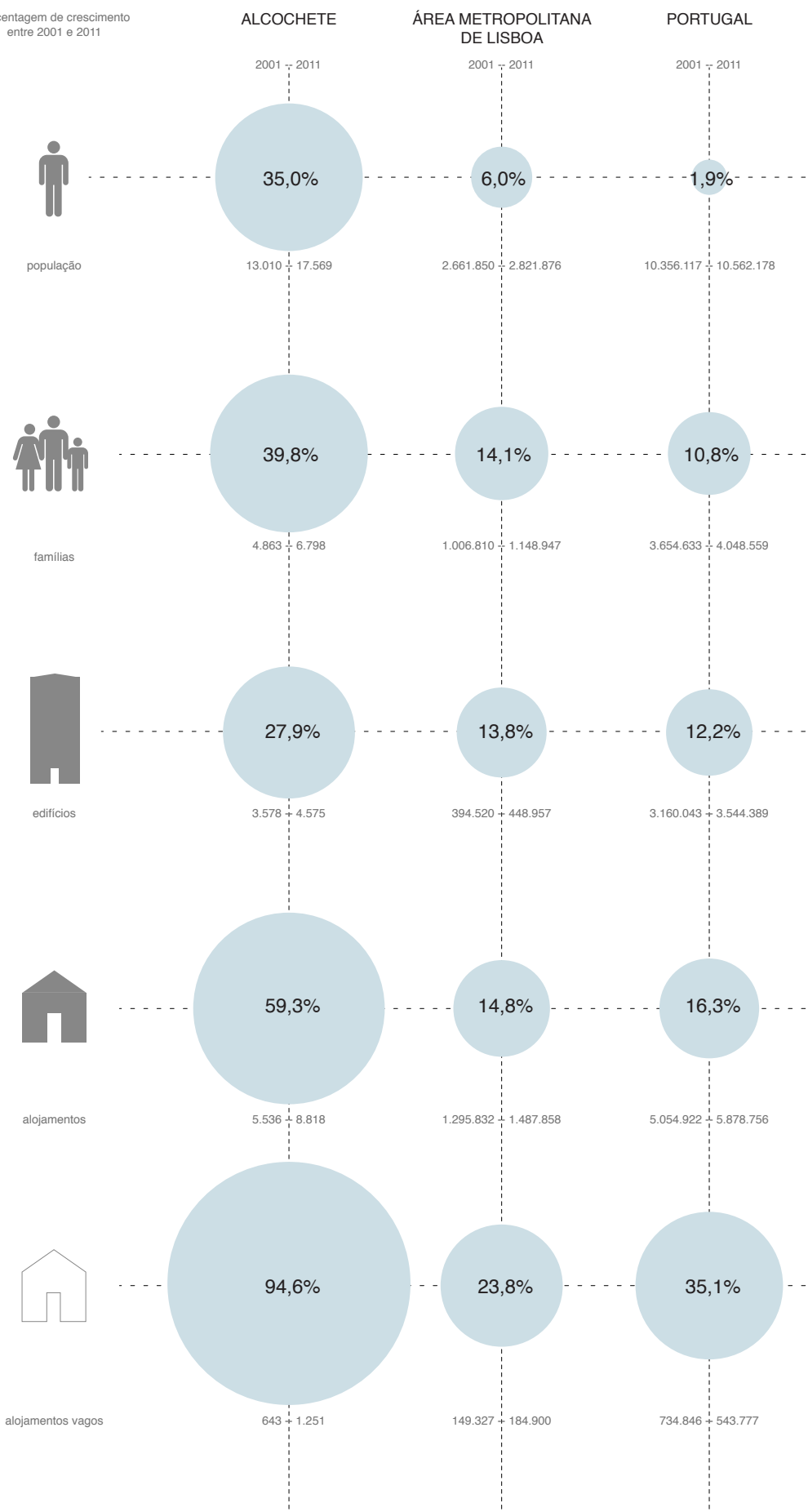


17



18

percentagem de crescimento  
entre 2001 e 2011



É possível verificar, segundo os últimos Censos de 2011, uma série de valores a nível nacional onde o concelho de Alcochete é destacado. A tendência geral para a litoralização, sendo os municípios do litoral os que apresentam indicadores de densidade populacional mais elevados, revelando Mafra, Alcochete e Sesimbra os concelhos que apresentaram os maiores aumentos. Enquanto Portugal obteve um crescimento de 1,9% da população entre 2001 e 2011, o concelho de Alcochete apresentou 35%, estando igualmente entre os quatro municípios que apresentaram um maior crescimento da população com ensino superior completo, tendo revelado igualmente, ser o único concelho da área metropolitana de Lisboa que apresentou um maior índice de população jovem face à população idosa.

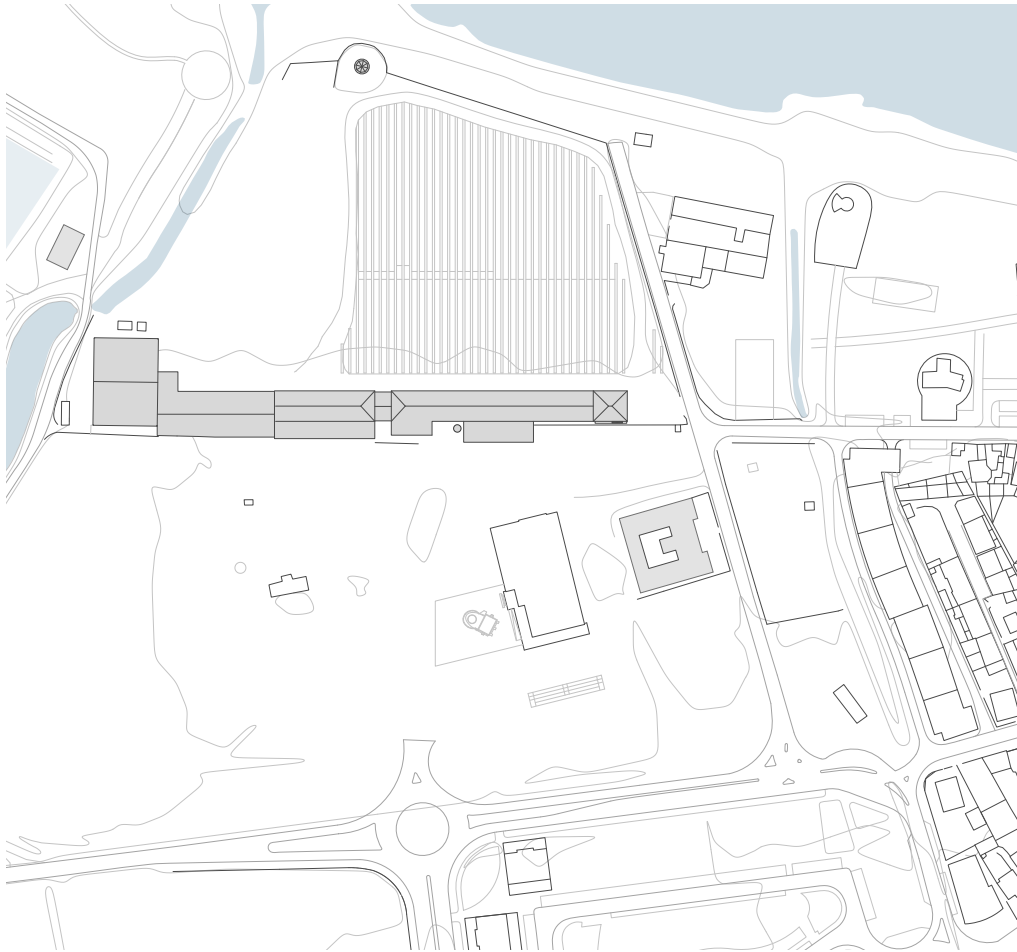
No pós-Ponte Vasco da Gama, Alcochete aumentou o número de habitantes e consequentemente o número de novas construções, no entanto, é visível igualmente um grande número de edifícios “vagos”, quer edifícios antigos, quer recém construídos, e até mesmo largos são os exemplos de edifícios cuja construção foi interrompida devido à falência dos empreiteiros, na sua grande maioria edifícios de habitação, demonstrado igualmente, nos dados do INE, o aumento de “alojamentos familiares vagos”: *“alojamento que, no momento de referência se encontra disponível no mercado da habitação. Poder-se-ão considerar as seguintes situações: para venda, aluguer, demolição, em estado de deterioração e outros motivos”*<sup>28</sup>. Situação não específica do concelho de Alcochete, mas igualmente verificada a nível nacional e mesmo internacional.

28. INE

O concelho de Alcochete acompanhou, então, a forte tendência do país: o contexto generalizado de excesso de novas construções, contribuindo para o aumento de edifícios vagos. Nos Censos de 2011, na Área Metropolitana de Lisboa 12,4% dos alojamentos familiares eram considerados “alojamentos familiares vagos”, enquanto que Alcochete apresentou 15,3%, aumentando em relação ao valor de 2001: 11,6%. *“Nas últimas décadas a construção em Portugal tem sido manifestamente excessiva. Entre 1991 e 2011 foram construídos mais de 80 000 alojamentos por ano, o que corresponde a construir uma cidade maior do que Coimbra, por ano, durante 20 anos. Segundo os Censos 2011, o crescimento dos alojamentos relativamente aos Censos 2001 foi de 16,3%, enquanto o número de famílias aumentou de 11,6% e a população de apenas 1,9%. Portugal tem, hoje, perto de 1 900 000 alojamentos sem ocupação permanente, que consumiram cerca de 200 mil milhões de euros de economias e de capacidade de endividamento das famílias.”*<sup>29</sup>.

29. CÓIAS, Vítor. *Construção: os excessos e o futuro*, p. 3

Verificou-se, portanto, um forte crescimento e desenvolvimento do setor da construção, não acompanhando, porém, a relativamente branda, evolução da população. *“Em 2011, o número de alojamentos em Portugal superou em 45% o número de famílias (+1,8 milhões de alojamentos do que famílias). Cerca de*



23. *Bacalhau de Portugal, planta situação atual*



- a. Empreendimento Imobiliário
- b. Unidade Hoteleira
- c. Fórum Cultural de Alcochete (existente)

24. *Proposta de intervenção lançada em 2011 na área da Bacalhau de Portugal*

32% dos alojamentos existentes eram residências secundárias ou estavam desocupados (...). Quase metade dos alojamentos vagos, que se encontravam para venda, tinha sido construída na última década. Apenas 12% dos alojamentos disponíveis para arrendamento estavam localizados em edifícios mais recentes (construídos após 2001). Os proprietários com encargos associados à compra de habitação aumentaram 48% na última década, representando já 43% do total de proprietários, em 2011.”<sup>30</sup>.

30. INE, *Parque Habitacional em Portugal: Evolução na última década 2001-2011*

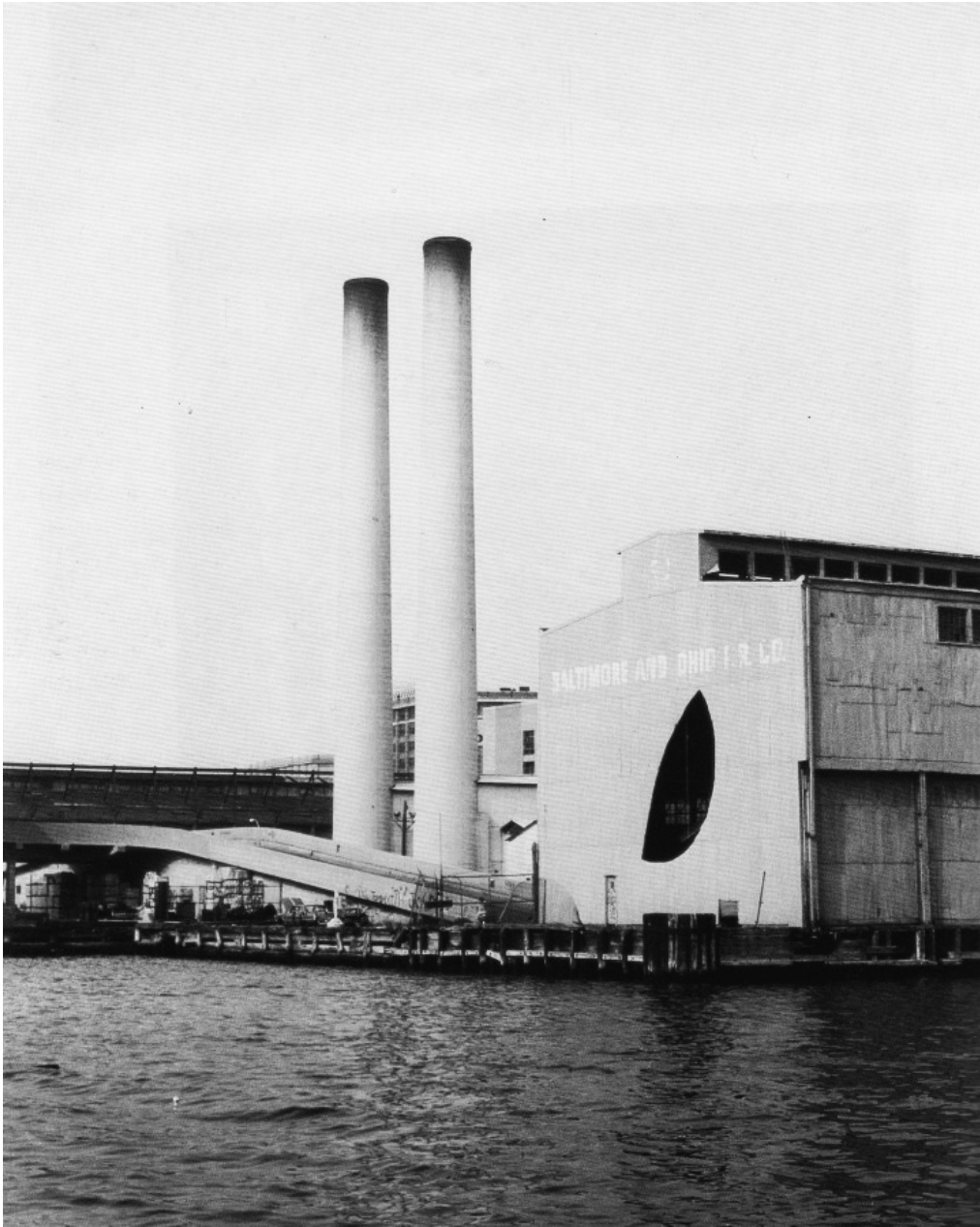
Nos conjuntos industriais desativados situados ao longo da frente ribeirinha de Alcochete são várias as propostas que idealizam a destruição do edificado existente e a construção de empreendimentos imobiliários e turísticos ao longo da faixa costeira, fruto ainda da expectativa e consequente especulação criada em torno do projeto do Novo Aeroporto de Lisboa situado no Campo de Tiro de Alcochete. Face às atuais evidências e ritmos do concelho, num contexto de crise económica e de excedente construção, procura-se questionar, portanto, o valor da reutilização e reabilitação de estruturas industriais existentes e em estado de abandono. A forte presença de indústrias desativadas, localizadas ao longo da margem sul da foz do rio Tejo, torna o tema de extrema relevância, sobretudo pelo recente adiamento, abandono e até mesmo falência, dos projetos de regeneração propostos para estas áreas.

Apesar de ser uma condição generalizada no contexto nacional, o trabalho pretende focar a extensa área na frente ribeirinha de Alcochete onde se encontram as salinas da antiga região Alcochete - Samouco e as três antigas indústrias de seca do bacalhau, referidas anteriormente: a Bacalhau de Portugal, a Pescal e a SNAB, na praia dos Moinhos. Nas três indústrias, que ocupam cerca de 18 hectares, estão previstas três unidades turísticas e imobiliárias de luxo, empatadas e adiadas pela atual conjuntura económica, que parecem desajustadas no contexto do lugar, pertencente à Zona de Proteção Especial do Estuário do Tejo, onde é inclusivé interdito o licenciamento de novos loteamentos urbanos e industriais<sup>31</sup>.

31. Decreto-Lei nº 280/94, pág. 6685

*“Il carattere del luogo è segnato dalla natura e dalla storia: la natura è lo stato originale, la storia è la sua trasformazione, e tutte due attraverso le loro interrelazioni definiscono la realtà con la quale l’atto di costruire si deve misurare. Un edificio, un insieme di edifici, una città, un paesaggio coltivato o comunque antropizzato, diventano a loro volta luogo, quando stabiliscono e esprimono un rapporto equilibrato tra natura e storia. Un edificio che si aggiunge ha valore solo se partecipa di questo equilibrio introducendo innovazione nella tradizione. Altrimenti non ha valore e potrebbe essere ovunque; o sarebbe meglio che non ci fosse perché introduce uno squilibrio tra natura e storia e quindi abbassa la qualità del luogo”<sup>32</sup>.*

32. Giancarlo De Carlo (1987). FERRENTINO, Taryn. *Attraverso Giancarlo de Carlo – una mappa di materiali per ripensare il progetto della città contemporanea*, p. 110



25. "Day's End", Gordon  
Matta-Clark, 1975



26. Bernd e Hilla Becher

## 04. PORQUÊ RECICLAR

*“(…) as one man’s meat is another man’s poison, so one man’s rubbish is another man’s treasure.”*<sup>33</sup>

33. Expressão que teve na origem do provérbio inglês: “one man’s trash is another man’s treasure”, William & Robert, Chambers Journal of popular literature, science and arts, 1879.

34. Infopedia [em linha]

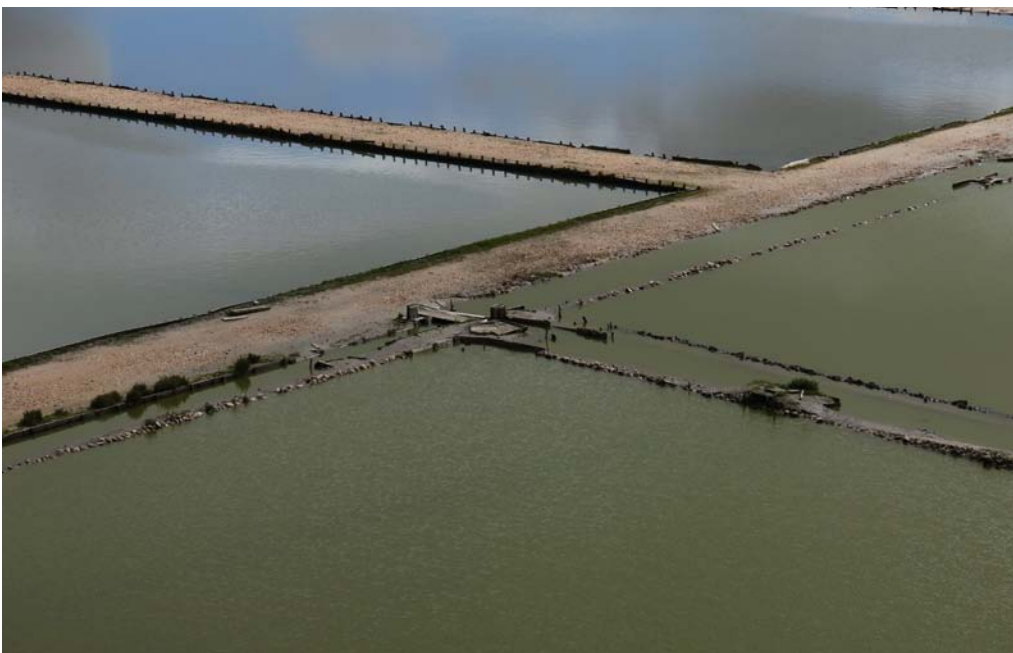
35. The Chicago - Brownfield Forum 30. CORLUKA, Tijana. *Urban space recycling : industrial sites and city waterfront - method and application in process of urban regeneration*, p. 13

O tema da reciclagem é considerado num contexto muito mais abrangente do que o seu comum entendimento de “*tratamento de resíduos ou matérias usadas de maneira a poderem ser reutilizados*”<sup>34</sup> é visto como uma oportunidade de renovação e reutilização a escalas arquitetónica e urbanística, “*recycling isn’t just about cans and bottles; it’s a concept that applies equally well to land. Strategies for redeveloping industrial properties and older communities are crucial to prevent further environmental degradation and the spread of urban blight*”<sup>35</sup>. Reciclagem a uma dimensão económica e ambiental, mas também social e cultural.

Ultimamente tem-se assistido a um grande número de projetos abandonados por falta de verbas, assim como obras começadas e não acabadas, em forma de estaleiro abandonado, sendo visível por todo o território nacional o contexto de excedente de construção, abordado no capítulo anterior. Perante o panorama, defende-se no presente trabalho, a necessidade de pensar em esquemas de reaproveitamento de estruturas e situações existentes, reconhecendo desde logo vantagens como a forte possibilidade de redução de custos, face à demolição do existente e nova construção. Um documento apresentado pela CMA denominado “*Gestão da Sustentabilidade da Reabilitação do Edificado: Vila de Alcochete*” reconhece as vantagens de âmbito ambiental do reaproveitamento de estruturas existentes como são a redução do número de demolições, contribuindo para uma menor produção de resíduos, a redução de novas implantações, implicando uma menor contaminação de solos virgens, assim como a redução da utilização de novos materiais, havendo um menor consumo de recursos e matérias primas.

Durante o século XX foram vários os artistas que criticavam a nova sociedade ligada ao consumismo e ao desperdício, interessando o trabalho de Gordon Matta-Clark, conhecido pelas transformações em edifícios condenados à destruição, como foi o corte de secções, ou extrações de fragmentos em casas e estruturas industriais abandonadas, posicionava as suas esculturas como uma crítica arquitetónica, “*Su cámara no se detiene únicamente en la destrucción de la camioneta, sino que también nos enseña el vertedero y sus más de 100 millones de toneladas de basura. (...) Matta-Clark cuestiona nuestras acciones de consumo, nuestros asesinatos diarios*”<sup>36</sup>. Já o casal de fotógrafos alemães, Bernd e Hilla Becher, trabalharam juntos em registos fotográficos sistemáticos de edifícios industriais dos séculos XIX e XX, como um legado de algo que

36. ARAÚJO, Luiza Tristão. *Gordon Matta-Clark: vertederos e intervenciones. Destrucción?*, p. 18



27. Percursos entre a Salina do Brito, Alcochete

se perde, referindo Bernd Becher como surgiu o interesse numa entrevista: “*I come from the Siegerland, an old industrial area for coal and iron ore mining. These plants have fascinated me since my childhood. And when iron ore from Siegerland became too expensive after the foundation of the EEC, and the great dying out of mines began in Siegerland, I felt it more or less my duty to capture the plants threatened by destruction before they disappeared forever*”<sup>37</sup>. Matta-Clark operava, então, em estruturas e edifícios existentes, transformando-as nas suas esculturas, ao contrário dos Becher, que fotografavam, deixando um registo do que encontravam, dando a conhecer o legado industrial ou pós-industrial existente, chamando a atenção para o “património industrial” que se estava perdendo no processo de abandono que sofriam.

Na década de 50, devido à destruição de um grande número de unidades industriais durante a segunda guerra mundial, surgiu em Inglaterra o movimento de defesa do legado industrial. Em Portugal, porém, só nos anos 80, surgiram as primeiras preocupações relativas ao mundo industrial.

Segundo o Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR): “*De uma forma muito sintética, pode então dizer-se que o património industrial trata dos vestígios técnico-industriais, dos equipamentos técnicos, dos edifícios, dos produtos, dos documentos de arquivo e da própria organização industrial.*”<sup>38</sup>. “Património”, é um termo, porém mais abrangente, significando “*herança paterna; bens que se herdaram dos pais ou avós; bens de família; zonas, edifícios e outros bens naturais ou materiais de determinado país que são protegidos e valorizados pela sua importância cultural*”<sup>39</sup>, indo de encontro ao relevante contributo do sociólogo Alfredo Tinoco para o tema: “*(...) o Património Industrial e a Arqueologia têm sido definidos como uma actividade científica que compreende a descoberta, a análise histórica, a valorização e a recuperação dos restos físicos do passado tecnológico e produtivo. (...) Hoje podemos alargar um pouco a definição e falar dos vestígios físicos, móveis e imóveis, mas também dos bens imateriais e das paisagens que nós herdámos, e igualmente das que criámos nós próprios isto é, os da nossa contemporaneidade, e que queremos (ou não) que permaneçam no tecido cultural da nossa sociedade.*”<sup>40</sup>.

Para além da reciclagem como parte integrante de um conjunto de ações ligadas à redução de custos, a um menor consumo de energia, materiais e recursos naturais, ao património físico, construído, importa a questão da “atividade humana”, como é referido por Giancarlo De Carlo. Atividade esta, resultante do trabalho elaborado pelas diversas pessoas ao longo dos tempos num determinado lugar. Isto é, para além das várias transformações no território, importa as vivências e o saber acumulado de geração em geração, fazendo parte da memória coletiva do lugar, igualmente património, mas por sua vez imaterial, património histórico, cultural e coletivo: “*dopo tutto il ri-uso architettonico è un caso par-*

37. Bernd Becher, in *Bernd and Hilla Becher in conversation with Michael Kohler*. LANGE, Susanne, *Bernd and Hilla Becher: life and work*, p. 187

38. IGESPAR [em linha]

39. Infopedia [em linha]

40. TINOCO, Alfredo. *Para uma política de preservação do património industrial em Portugal*, p. 28



Damos aqui alguns aspectos das festas do «Barrete Verde e das Salinas» efectuadas em Alcochete. A' esquerda e à direita: a bênção das salinas e os convivas ao almoço presidido pelo sr. governador civil de Setúbal

28. Recorte do Jornal "O Século Ilustrado", Agosto 1944



- Anos 60 Largada de toiros na antiga Rua João Faccó Viana



Alcochetano trazendo a vara um touro, numa largada em Alcochete.

29. Festas do Barrete Verde e das Salinas, Largada de toiros, anos 60

*ticolare del più generale problema del risparmio dell'energia: che in realtà non si sprigiona solo dal carbone o dal petrolio o dalla scissione atomica, ma anche dal patrimonio di creatività e di competenza accumulato per secoli dalle varie attività umane e quindi dall'architettura.*"<sup>41</sup>. O conjunto, então, faz parte da identidade do determinado lugar, "identidade" como "*qualidade de idêntico*"<sup>42</sup>, tornando-o único e irrepêtil: "*Identity is about creating a distinguishing character; one that is not imitative but draws on the unique nature of a place and its people. It seeks to identify and strengthen that which is special about a situation, and requires attention to detail, affection and care.*"<sup>43</sup>.

Alcochete é um concelho que assenta a sua identidade na afirmação das suas origens, ainda muito ligado à história e antigas tradições, ribatejanas e relacionadas igualmente com os principais trabalhos e fontes de rendimento dos alcochetanos: "*A vila com 17 565 habitantes (dados de 2011), com o seu forte núcleo histórico, é ainda agarrada às suas antigas tradições: "(...) Alcochete defende as suas tradições com autenticidade e empenhamento.(...) Uns radicam-lhe tradições fadistas e taurinas, outros referem as fainas do rio, nelas incluindo as lavoiras do sal.*"<sup>44</sup>. Desenrolam-se anualmente festividades de grande importância e adesão, como são as Festas do Barrete Verde e das Salinas, cujas figuras de destaque são o forcado, o campino e o salineiro, bem como festividades religiosas, relacionadas com o culto a São João Baptista, a Nossa Senhora da Vida, a Nossa Senhora do Carmo e a Nossa Senhora da Atalaia.

Questão esta, enraizada na população da vila, e sobretudo nos jovens que crescem na terra, sendo notório o seu orgulho de ser alcochetano, bem como o orgulho e a vontade de ser forcado, existindo ainda, na freguesia de Alcochete, dois grupos de forcados: "Grupo de Forcados Amadores de Alcochete" e "Grupo de Forcados Amadores do Aposento do Barrete Verde".

*"O culto do touro e os rituais que lhe estão associados sobreviveram ao longo dos tempos no Concelho como uma tradição fortemente enraizada nas gentes de Alcochete e que contribuiu largamente para a formação de uma forte identidade colectiva.*"<sup>45</sup>.

Em Alcochete faz parte, então, do património cultural, histórico e coletivo, um conjunto de tradições ainda presentes e ativas, mas também uma série de atividades de extrema importância que recentemente deixaram de pertencer ao dia-a-dia do concelho, como era a salicultura, a principal fonte de trabalho de sempre do concelho, como já referido, fazendo parte ainda da sua memória e identidade coletiva. Com a recente extinção da Fundação para a Protecção e Gestão Ambiental das Salinas do Samouco, que albergava ainda a única marinha a produzir sal no estuário do Tejo, perde-se um legado importante, para além de uma extensa área protegida, que acolhe anualmente um grande número de aves migratórias.

41. Giancarlo De Carlo (1986). FERRENTINO, Taryn. *Attraverso Giancarlo de Carlo – una mappa di materiali per ripensare il progetto della città contemporanea*, p.112

42. Infopedia [em linha]

43. LANDRY, Charles [et. al]. *The Art of Regeneration – Urban Renewal through Cultural Activity*, p. 3

44. GRAÇA, Luís dos Santos. *Edifícios e Monumentos Notáveis do Concelho de Alcochete*, p. 5v

45. CMA [em linha]



30. 1º Grupo de Forcados de Alcochete, 1921/22

A grande indústria do sal, onde a grande maioria dos alcochetanos trabalhavam, durante os meses do verão, faz parte ainda da memória do concelho, assim como as antigas indústrias da seca do bacalhau, que apesar da sua mais recente história, fizeram um grande número de trabalhadores, sobretudo mulheres, chegarem ao concelho, onde a grande maioria ficou. São consideradas, então, duas marcantes atividades no concelho, que são ainda a base da memória coletiva e da identidade de Alcochete, considerando a grande área que ocupam importante para o seu conhecimento desta mesma atividade: *“Quería apenas chamar a atenção para o facto de que não basta, aqui, como noutras áreas do saber, ter um conhecimento abstracto do passado. É necessário, muitas vezes, para a sua correcta compreensão, apropriarmo-nos dos lugares, dos ambientes, das escalas espacio-temporais em que se desenrolou a actividade do homem, para nos apropriarmos dos saberes e, já agora, dos saberes-fazer. Isto é, para nos apropriarmos dos instrumentos que são a base da nossa memória colectiva, da nossa identidade.”*<sup>46</sup>.

46. TINOCO, Alfredo. *Para uma política de preservação do património industrial em Portugal*, p. 32

Torna-se relevante, então a apropriação destes espaços, dando a conhecer o seu valor histórico e identitário, não apenas dos espaços construídos ou naturais, em si, mas também de toda a atividade humana gerada nestes mesmos espaços, *“Os edifícios foram projetados pelos arquitetos, mas depois feitos pelos pedreiros. Desta forma, arquiteto e pedreiros fizeram juntos. É preciso recuperar estes valores que são coletivos, que representam as pessoas. Não é sempre, mas em alguns casos, demolir é perder um pedaço da história. História de verdade, não a que está nos livros, mas a história dos seres humanos, que se reconhecem e falam das coisas. E este é já um processo de participação. (...) A arquitetura não é uma coisa que acaba quando se encerra o canteiro de obras. Ela é contínua, porque depois entram as pessoas, começam a modificar as coisas – o espaço interno, a fachada, os pequenos sinais – e isso é processo arquitetônico contínuo. E quando se sabe ler este processo arquitetônico, há informações formidáveis. Deste modo, quando se penetra na obra e se busca entender, se busca descobrir e trazer à tona os significados, o trabalho sobre o patrimônio histórico passa a ser um modo de participação.”*<sup>47</sup>.

47. Giancarlo De Carlo. Entrevista por João Piza, 2002

Reabilitação e reutilização no sentido de aproveitamento de estruturas existentes, uma consideração consciente do que há no lugar, *“Non si può sfuggire all’idea di recupero. Se uno è vero architetto usa quello che c’è, aggiunge con parsimonia in stretto rapporto con quello che c’è, si dedica a migliorare trasformando a ragion veduta. Sto parlando di modestia? Nemmeno per sogno: parlo dell’ambizione senza limiti di riuscire a progettare in accordo con gli arcani ritmi della natura”*<sup>48</sup>, para além do seu valor identitário e histórico, consistem, então, em parte integrante do território, e das transformações a que é, e sempre foi historicamente, submetido.

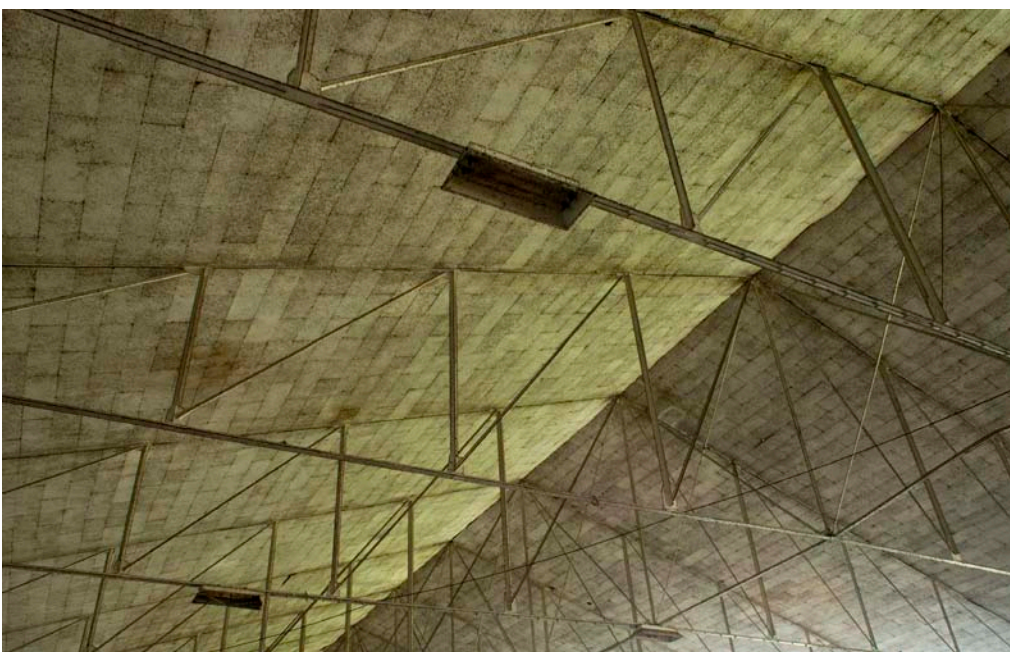
48. Giancarlo De Carlo (1986). FERRENTINO, Taryn. *Attraverso Giancarlo de Carlo – una mappa di materiali per ripensare il progetto della città contemporanea*, p. 112



31. *Bacalhau de Portugal, estrutura em madeira*



32. *Pescal, estrutura metálica e revestimento em madeira*

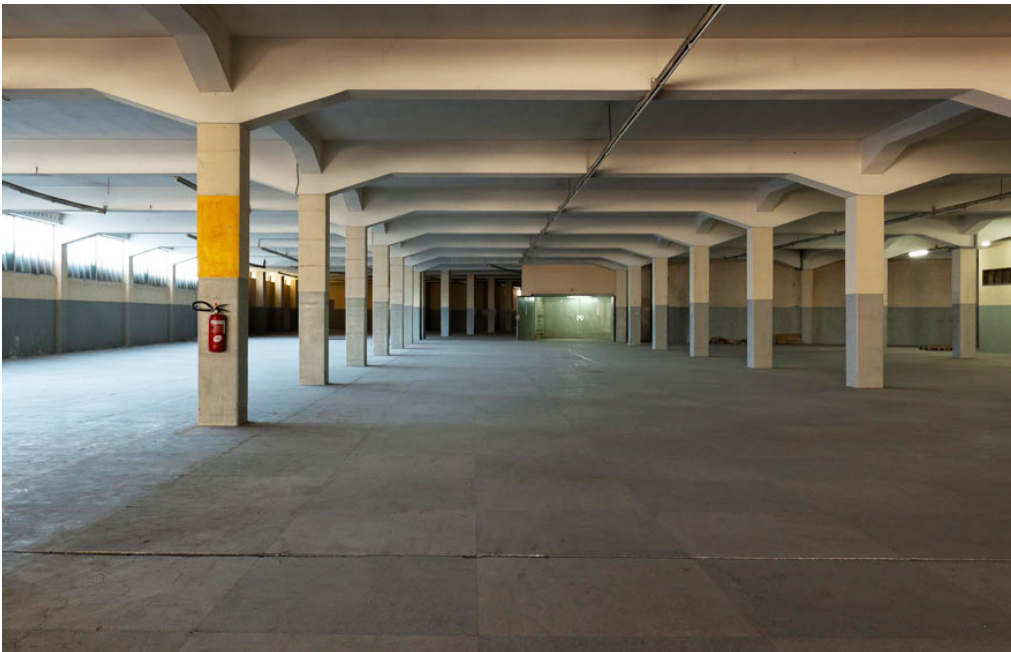


33. *SNAB, estrutura metálica e revestimento em cortiça*

Neste aspeto, tirar partido do existente na área de intervenção tende a revelar o facto de consistir em mais uma transformação, mais um acrescento, ajustando o novo à pré-existência, esta última considerada como uma oportunidade. Sobre o tema, é relevante o trabalho dos arquitetos franceses Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal, afirmando numa entrevista sobre o método de trabalho do atelier: *“We’re always very curious about what we are going to find. We think that there is a lot of potential in what already exists. Every existing situation has its own special quality, and you have to take your time and be curious in order to understand it. The phase of observing and talking to local residents is very important to us. Only then do we consider what could be done. I think it’s very important today to take the existing situation as a starting point - this includes existing buildings and the existing atmosphere”*<sup>49</sup>, acrescentando de seguida, *“We are much more interested in the principle of addition than in simply replacing what is there with something new. It isn’t a question of “one or the other” but a question of “one and the other”. That’s why what already exists, and what we find in place, no matter what its components may be, is always an enrichment. That is much more important to us than the simply building a form.”*<sup>50</sup>.

49. Jean-Philippe Vassal, entrevista por Mathieu Wellner. PETZET, Muck, HEILMEYER, Florian. *Reduce Reuse Recycle, Architecture as Resource*, p.13 e 14

50. Anne Lacaton. *Idem*, p.14



34. *Fábrica ASA,  
Guimarães*

## 05. SOLUÇÕES E PRÁTICAS

Torna-se importante conhecer e entender as diversas soluções e práticas de regeneração de antigas áreas industriais e, principalmente, exemplificar com projetos nacionais e internacionais mais pertinentes para o caso de estudo. Tendo em conta as vastas áreas normalmente associadas aos espaços pós-industriais, importa entender a sua função original e o programa proposto, relacionando com o contexto no qual se inserem e a sua área de influência.

Um dos aspetos principais no tema da reconversão de antigos edifícios industriais é o novo programa proposto, baseando-se geralmente em novas funções, ou seja, diversas do uso original do conjunto edificado, em algumas situações também temporárias, para edifícios industriais em abandono.

Requere-se mais imaginação em operações de recuperação e reutilização de uma estrutura pré-existente, sendo necessário conciliar um programa diferente ao outrora albergado por essa mesma estrutura, *“Ma per risparmiare energia occorre molta più immaginazione di quanto non ne occorra per sprecarla, è questo sembra evidente, in particolare, quando si affronta il problema dell’organizzazione e della forma dello spazio fisico”*<sup>51</sup>. Diverso, porém, numa abordagem de reutilização de estruturas industriais, caracterizadas geralmente pela neutralidade das suas grandes naves, como expressa o arquiteto Souto de Moura acerca de um concurso realizado em 2008 de um novo edifício para a Fundação Serralves em Matosinhos: *“Había restos de una antigua fábrica - una chimenea y una sala de calderas -, además de un lago. Reforcé la memoria de esas preexistencias industriales, porque, tal como escribí en la memoria descriptiva - y con todo respeto hacia los grandes arquitectos -, los mejores museos que he visitado han resultado ser antiguas fábricas reconvertidas. Creo que el edificio industrial se hace sin mensaje, sin pretensión; es un lugar donde albergar máquinas, una máquina. No pretende marcar tendencia, non hay semántica. Como hoy en día el arte es sobre todo instalación y abstracción, se lleva bien con ese vacío, con el silencio de la arquitectura industrial.”*<sup>52</sup>.

O “silêncio” das estruturas industriais confere-lhes, então, a sua neutralidade, aliada às grandes dimensões dos espaços, podendo ser caracterizadas como espaços “flexíveis”, *“que facilmente se adapta a diferentes situações; fácil de utilizar ou manejar”*<sup>53</sup>. A sua adaptabilidade, flexibilidade ou neutralidade conferem, portanto, o estatuto e a possibilidade de permanência destes espaços, ou seja, a possibilidade da sua transformação e alteração para novos e diversos usos, adaptando-os aos novos ritmos da sociedade, permitindo a sua continuidade e durabilidade no tempo e no território. Silêncio revelado, por exemplo, nas grandes naves da, recentemente recuperada, Fábrica ASA, uma antiga indústria de lençóis, localizada em Guimarães.

51. Giancarlo De Carlo (1986). FERRENTINO, Taryn. *Attraverso Giancarlo de Carlo – una mappa di materiali per ripensare il progetto della città contemporanea*, p.112

52. Eduardo Souto de Moura, entrevista por Nuno Grande, Porto 2009. *El Croquis* nº 146, p.21

53. Infopedia [em linha]



35. *Nave Cultural, Fábrica de Santo Thyrsó*

Ao longo dos últimos anos, têm-se verificado vários usos e programas para antigos espaços industriais. Em 1995, Ian Colquhoun descreve *“In the United States, it has been proven that there is virtually no limit to the uses for old buildings in the right location (...). They offer distinctive places in which to live and in inner-city locations they have been very popular with young people and business people.”*<sup>54</sup>. O mesmo autor refere dois tipos de usos que se verificavam, um primeiro relacionado com a ideia de “business centres”, englobando vários espaços, usos e funções dentro de um complexo de edifícios como pequenas empresas, organizações de *workshops*, centros de inovação ligados ao ensino superior e centros de negócios e de empreendedorismo. O outro tipo é referido como *“recreational and leisure uses”*, englobando galerias de arte, centros de desporto *“which require large areas of cheap, flexible space”*<sup>55</sup>, assim como hotéis e centros comunitários, tornando-se relevante a interação com a população, as atividades comunitárias e associações. *“The potential for the sport and leisure industry to be a catalyst for inner-city jobs and economic regeneration are considerable. (...) An alternative, or complementary, strategy is to enable communities to develop and run their own provision. Buildings can be converted by them to provide a mixture of sport and community activities... other indoor pursuits for elderly people and play schemes for the young”*<sup>56</sup>.

54. COLQUHOUN, Ian. *Urban regeneration: an international perspective*, p. 22 e 23

55. *Idem*, p. 23

56. *Ibidem*, p. 23 e 24

Os fins culturais são das opções mais correntes. Muitas vezes, históricos espaços industriais, carregados ainda de espólios maquinais importantes, são submetidos a um fenómeno, segundo Ignasi de Solà-Morales, característico da modernidade, detetado por Jean-Louis Deotte de “museificação”, estagnando-os no tempo e no espaço. *“Efectivamente, el Museo, com su aparente intención de salvaguardia de objetos de interés artístico, histórico, antropológico, natural, etc., etc., los somete a todos ellos a un mismo proceso de exposición que conlleva indisolublemente una operación de suspensión de sus características previas. (...) que fatalmente producirá su desaparición como objetos ligados a concretas, situaciones y significados.”*<sup>57</sup>. Neste ponto de vista, um legado de objetos, edifícios ou mesmo ruínas, outrora relacionadas com “atividade humana”, como anteriormente referido, tornando-se parte de um museu, entram na sua estagnação de sentido, perdendo a relação direta com o seu próprio objetivo e função.

57. SOLÀ-MORALES, Ignasi de. *Patrimonio arquitectónico o parque temático*. Territorios, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona: 2002, p. 197

A antiga Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso fundada em 1898, situada no Vale do Ave, revela ser um interessante exemplo de uma indústria recuperada para fins, não só culturais, mas também criativos, apresentando uma “Incubadora de Moda e Design”, bem como espaços de formação. Reconhecida como relevante, no presente trabalho, não apenas pela intervenção na fábrica, mas também, pela sua integração num plano de Santo Tirso a uma maior escala, integrando-se num percurso linear ao longo do Rio Ave - em processo de desenvolvimento - até ao Parque Urbano da Rabada.



36. *Percurso pedonal em Santo Tirso*

Uma questão igualmente importante é a sustentabilidade económica da museificação de antigos espaços industriais, tornando-se difícil a manutenção de edifícios de alargadas dimensões apenas com espaços de exposição, principalmente longe do seio de grandes conjuntos urbanos, é importante a criação de atividades dinâmicas, culturais, educativas ou produtivas. Exemplo deste processo foi a Fábrica Robinson, ligada à atividade corticeira, fundada em 1848 em Portalegre, com uma área total edificada de 37.670 m<sup>2</sup>, reabilitada pelos arquitetos Souto de Moura e Graça Correia, descrevendo “*Entende-se que conservar a memória histórica através do património é alimentar os sinais de identidade de uma cidade que não quer ver anulado o seu papel no panorama do país*”<sup>58</sup>. O objetivo inicial era a constituição de um museu, no entanto, inviável economicamente, acrescentaram-se várias funções em espaços recuperados, “*motores de fruição cultural e agentes de dinamização*”<sup>59</sup>, dois auditórios, um parque de estacionamento e multiusos e uma série de espaços para acolhimento de associações culturais e recreativas, bem como uma nova construção para a instalação de uma escola de hotelaria e turismo, ocupando 2.785m<sup>2</sup>. Destacando-se sobretudo na intervenção, a intenção de relacionar a nova estrutura e o programa, com a população da cidade onde se insere.

58. Plano Robinson, Portalegre, Correia Ragazzi [em linha]

59. Portalegre na rota do desenvolvimento, Parcerias para a Regeneração Urbana, p.11

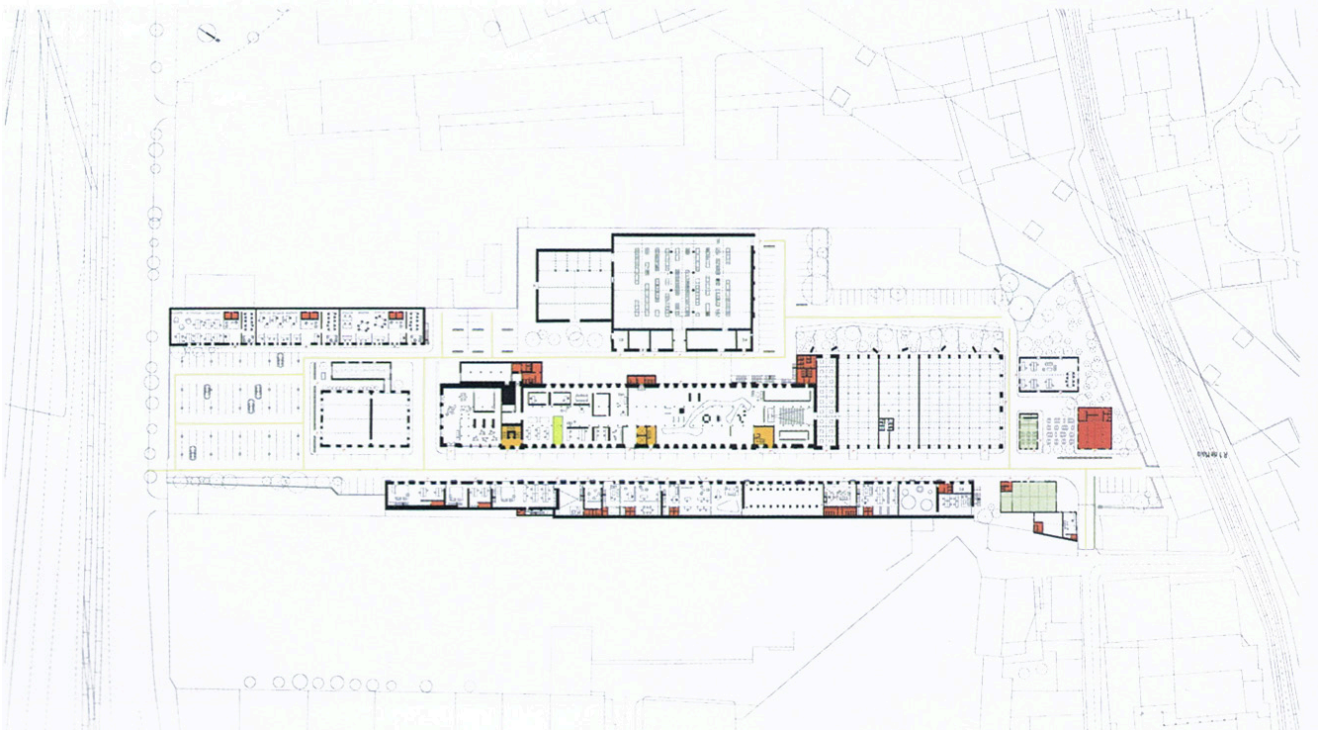
O conceito *cultural industries* prende-se igualmente neste último tema. “*The term cultural industries has been circulating in cultural analysis and policy for many years and has more recently been joined by another version of the same phrase: creative industries.*”<sup>60</sup>. Tendo surgido na década de 70, é defendido por David Hesmondhalgh, como “*the term as an attempt to pluralize and sociologize the conception of cultural production*”<sup>61</sup>. Segundo Charles Landry, o termo “indústrias culturais” inclui: “*the performing arts (theatre, dance etc.); music (classical, popular, folk); the visual arts (painting, sculpture and the decorative arts); the audio visual and media sector (film, television, photography, video); publishing; and digital technology. They also include those sectors where the creative input is a secondary but crucial means of enhancing the value of other products: design, industrial design, fashion and the graphic arts (including advertising). Also included are the often neglected craft sector, whose skills, ideas and methods of working are crucial in helping the cultural area to develop.*”<sup>62</sup>. O termo deu origem, já na década de 90, a dois conceitos importantes *creative cities* e *creative clusters*. A ideia de *clusters* criativos foi no entanto, a mais importante, surgida da ideia de *business cluster*, derivado do trabalho do economista Michael Porter, defendendo que “*firms from the same industry tend to gather in the same places, is its emphasis on the notions of innovative entrepreneurialism and competitiveness fetishized in neo-liberal discourses of the ‘new economy’ (...).*”<sup>63</sup>. Torna-se então relevante, pelas vantagens da proximidade entre diferentes artistas e áreas de trabalho, favorecendo a competitividade,

60. Hesmondhalgh, David. *Cultural and Creative Industries*, p. 552

61. *Idem*

62. LANDRY, Charles [et. al]. *The Art of Regeneration – Urban Renewal through Cultural Activity*, p. 29

63. Hesmondhalgh, David. *Cultural and Creative Industries*, p. 558



37. *Planta LX Factory*



38. *Perspectiva aérea, LX Factory*

mas também a complementariedade entre estes. Relacionado por sua vez, com dois fenómenos de empreendedorismo: as incubadoras de empresas e o conceito recente de *coworking*.

As Incubadoras de Empresas são infra-estruturas geridas por uma ou várias entidades, como são as Universidades, Municípios ou empresas privadas, que têm como finalidade apoiar e incentivar a criação de pequenas empresas, também chamadas de micro-empresas, na sua fase inicial, disponibilizando espaços e serviços a preços acessíveis. O conceito *Coworking*, surgido nos Estados Unidos em 1999, pressupõe a partilha de um espaço comum de trabalho por profissionais de diferentes áreas, não dependendo de uma organização central comum, constituindo por sua vez projetos “*com base em processos sociais, de cooperação e de natureza informal. (...) O modelo do coworking assemelha-se ao de uma comunidade, que se rege por normas de índole mais cooperativista, enquanto as incubadoras de empresas apostam no crescimento autónomo dos projectos*”<sup>64</sup>. Ambos os conceitos sugerem normalmente escritórios ou espaços de trabalho associados ao uso comum dos restantes serviços e espaços, como cafetarias, salas de reuniões e salas lounge.

64. Empreendedorismo Solidário - *Coworking*, Up to Start [em linha]

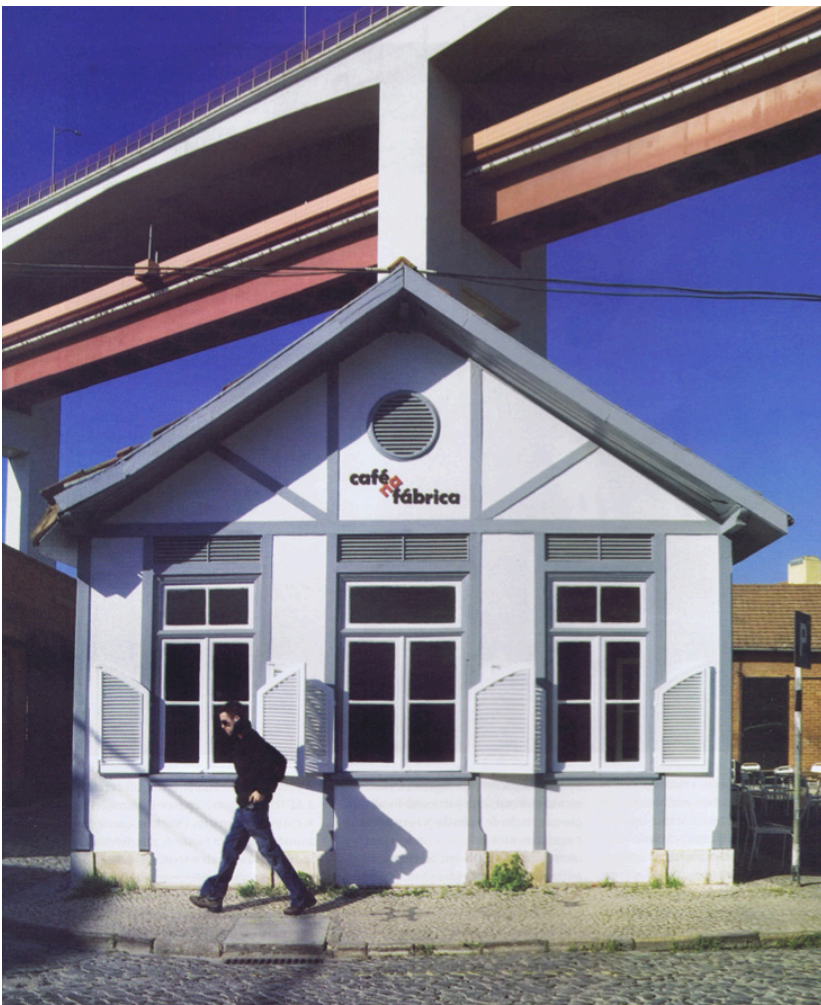
Os diferentes conceitos têm sido frequentemente relacionados com antigas estruturas industriais, geralmente por serem grandes espaços desocupados, tornando possível a sua reocupação - e muitas vezes divisão - para variados empreendedores, empresas ou atividades, podendo ser a LX Factory um exemplo que elucida este aspeto.

Fundada em 1846, em Alcântara, Lisboa, a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, chegou a ser um dos mais importantes complexos fabris de Lisboa. A área industrial de 23.000 m<sup>2</sup>, foi ocupada mais tarde pela Companhia Industrial de Portugal e Colónias, pela tipografia Anuário Comercial de Portugal e antes do seu completo abandono pela Gráfica Mirandela. Ocupando um quarteirão sob a Ponte 25 de Abril, foi alvo de estudos e projetos de novos empreendimentos imobiliários, enquadrados no projeto “Alcântara XXI”, que visava reconverter toda a zona ribeirinha ocidental de Lisboa. “*No entretanto, enquanto não chega a autorização, (que pode demorar uns meses, ou alguns anos: 5, 10,... - ninguém sabe!), uma empresa de gestão de activos, a Mainside SGPS, alugou alguns dos edifícios (...) para aí albergar um “cluster de empresas criativas” designado de “LX Factory”.*”<sup>65</sup>. O efémero projeto, lançado em 2007, caracteriza-se então pela apropriação temporária do edifício e a consequente contenção de custos, mantendo os seus aspetos e essência originais, os volumes, a fenestração e a materialidade, e reutilizando objetos como portas, e elementos construtivos pré-existentes. Acrescentaram-se paredes divisórias, caixilharia e principalmente cor. “*Despido de ornamentos e artificialismos, marginais ou supérfluos, o edifício mostra-se agora na sua forma mais bela e pura, disponível para ser usado. Provocador, sensual e disponível, aceita o seu lugar de*

65. ROMANO, José. *LX Factory*, p. 31



39. "LX Market", Mercado de Domingo



40. Intervenções iniciais na LX Factory

suporte discreto, das várias assinaturas (tags) de criatividade e de singularidade de cada um dos seus ocupantes”<sup>66</sup>. Variadas funções encontraram lugar, desde o design, publicidade, até à restauração e instalação de micro-empresas, permitindo as grandes naves, moldar as paredes divisórias de acordo com as necessidades de espaço de cada atividade ou empresa. A LX Factory para além de um local de trabalho, é também um espaço onde acontecem eventos efêmeros como exposições, ciclos e projeções, (auto-)descrita como “*Uma ilha criativa ocupada por empresas e profissionais da indústria também tem sido cenário de um diverso leque de acontecimentos nas áreas da moda, publicidade, comunicação, multimédia, arte, arquitectura, música, etc. gerando uma dinâmica que tem atraído inúmeros visitantes a re-descobrir esta zona de Alcântara. Em LXF, a cada passo vive-se o ambiente industrial. Uma fábrica de experiências onde se torna possível intervir, pensar, produzir, apresentar ideias e produtos num lugar que é de todos, para todos.*”<sup>67</sup>.

66. *Idem*, p. 32

67. LXFACTORY [em linha]

O processo que caracteriza a intervenção na antiga fábrica de fiação, pode ser encarado como um exemplo de “*Adaptive Reuse*” (AR) ou apenas “*Re-use*”. Conceito este que retoma aspetos e temas lançados no capítulo anterior, é segundo o MIT definido como ““*the process that adapts buildings for new uses while retaining their historic features.*” (...) *to prolong the period from cradle-to-grave of a building by retaining all or most of the structural system and as much as possible of other elements, such as cladding, glass, and interior partitions. Not only buildings of historic significance can be infused with new life. Out of necessity and environmental consciousness emerges a broader view of AR.*”<sup>68</sup>. Defendido como um conceito antigo de operação: “*Reuse, readaptation, reappropriation of existing or built structures has remote historical precedents. In antiquity, durable, sturdy structures of stone and masonry outlived empires and often changed program many times. In modernity, the desire to preserve historical buildings and neighborhoods emerged in many Western countries out of various romanticist, nationalistic, and historicist streams.*”<sup>69</sup>.

68. *Adaptive Reuse*. MIT, Greening East Campus [em linha]

69. *Idem*

Interessante como processo de operação que “*Sometimes, nothing changes but the item’s use.*”<sup>70</sup>.

70. *Adaptive Reuse, Preserving our past, building our future*, p. 3



# BLOCO II

ANÁLISE E ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO  
ESTRATÉGIA DE PROJETO

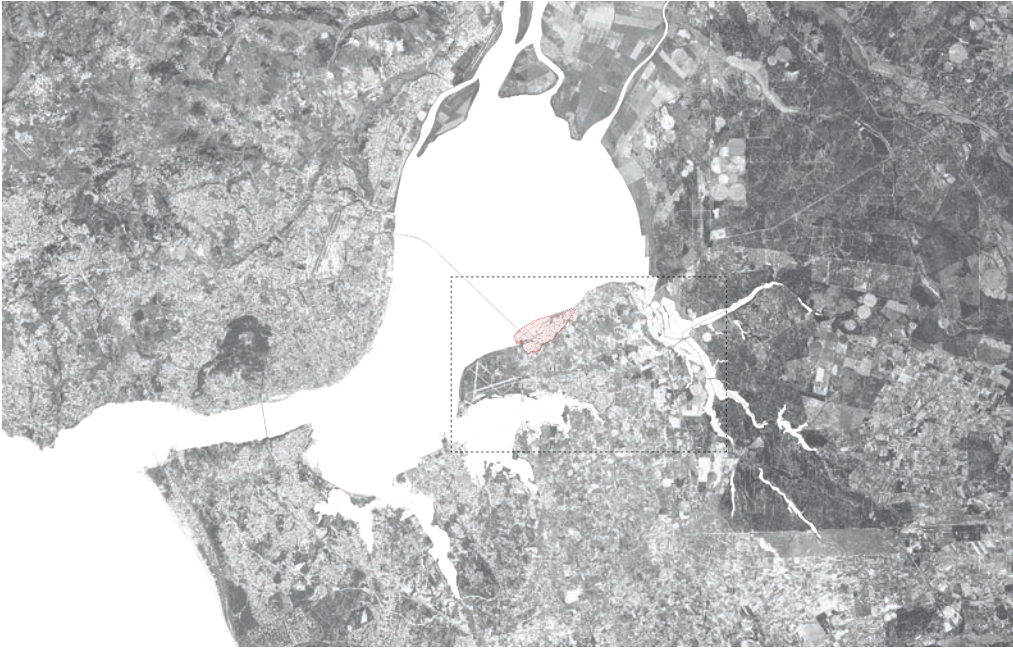
## PARQUE DAS SALINAS, UM CASO DE ENSAIO

A partir da base de temas lançados e desenvolvidos no primeiro bloco, o Bloco II tem como objetivo, contextualizar a área de estudo, onde a partir de várias escalas se pretende entender, relacionar e dar consistência a uma estratégia de intervenção que se relacione e integre não só com as dinâmicas locais, mas também a uma escala territorial. As sucessivas escalas de aproximação culminam, então, na definição de uma estratégia de intervenção na área das salinas e das secas de bacalhau.

Esta última divisão do trabalho consiste, portanto, em duas partes: “análise e estratégia de aproximação, metodologia e processo” e “estratégia de projeto, um caso de ensaio”. Na primeira parte procedeu-se a um conjunto de relações a partir de 3 escalas de aproximação definidas como principais numa relação direta com o caso de estudo. Tendo em vista uma estratégia na área das salinas e das secas de bacalhau, tornou-se de extrema relevância o afastamento territorial de modo a enquadrá-la em três contextos mais abrangentes, numa objetiva intenção de entender as dinâmicas, atividades e elementos representativos existentes e de que modo a proposta se articula e se relaciona com estes. A “Escala Metropolitana”, a “Escala Península” e por último a “Escala Salinas” são os três principais enfoques, onde é destacada a comparação entre o existente e a estratégia em vista em cada uma das escalas, baseada na sucessiva relação entre três tipos de espaços relevantes: “Espaços Urbanos”, “Espaços Disponíveis” e “Cultura e Lazer”.

Pretende-se, assim, finalmente, contextualizar a estratégia proposta, apresentada como “estratégia de projeto, um caso de ensaio”. Apresenta-se, nesta última parte, a estratégia geral na área de intervenção caracterizada como o “Parque das Salinas”, onde se destaca de seguida, a recuperação das indústrias da seca do bacalhau em três equipamentos coletivos, integrando o levantamento das antigas indústrias e o projeto da sua intervenção.

O bloco “Parque das Salinas, um caso de ensaio”, propõe ser capaz de estabelecer um culminar de ideias e intenções patentes até então, direcionadas sobretudo tendo em vista o definido lugar de intervenção, bem como o contexto onde este se insere.



41. *Escala Metropolitana*



42. *Escala Península*



Área de intervenção

43. *Escala Salinas*

## ANÁLISE E ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO

### Metodologia e Processo

De modo a definir uma estratégia de intervenção no parque das salinas e das indústrias do bacalhau, tornou-se primordial a questão da análise.

A análise, descrita como a “*decomposição de um todo nos seus elementos*”<sup>71</sup>, é realizada a diferentes escalas tendo em vista a interpretação do território sendo esta escolha dos elementos, por sua vez, direcionada segundo o lugar e o tema de intervenção, e por isso, tendo já em vista uma estratégia. A análise foca-se, portanto, na procura das “forças do lugar” - “*local strengths*” - “*each place has its potential, though it may not be obvious, particular to those who live there. It may be physical - a geographical position, or a group of buildings whose historic uses are etched into local memory - or intangible, like traditions and stories, or the skills of its inhabitants. It may be old, or very recent (...). Sometimes they involve the introduction of ideas from elsewhere which has its value, but the starting point must always be existing local resources, which are often more valuable than is realised.*”<sup>72</sup>.

71. Infopedia [em linha]

72. LANDRY, Charles [et. al]. *The Art of Regeneration – Urban Renewal through Cultural Activity*, p. 3

Foram definidas três escalas principais de aproximação, onde se procurou estabelecer de forma regrada e comparada, uma análise dos elementos e atividades de maior relevância que permitam dar forma e entender as “forças do lugar” a diferentes escalas. O objetivo consiste em estabelecer uma estratégia não só na zona de intervenção, mas que faça sentido, e se insira, a uma escala - e área de influência - mais alargada. As três escalas e os seus esquemas, podendo fazer sentido por si só, funcionam como um todo, como uma sucessiva aproximação à área de intervenção, e, conseqüentemente, a um maior detalhe de informação.

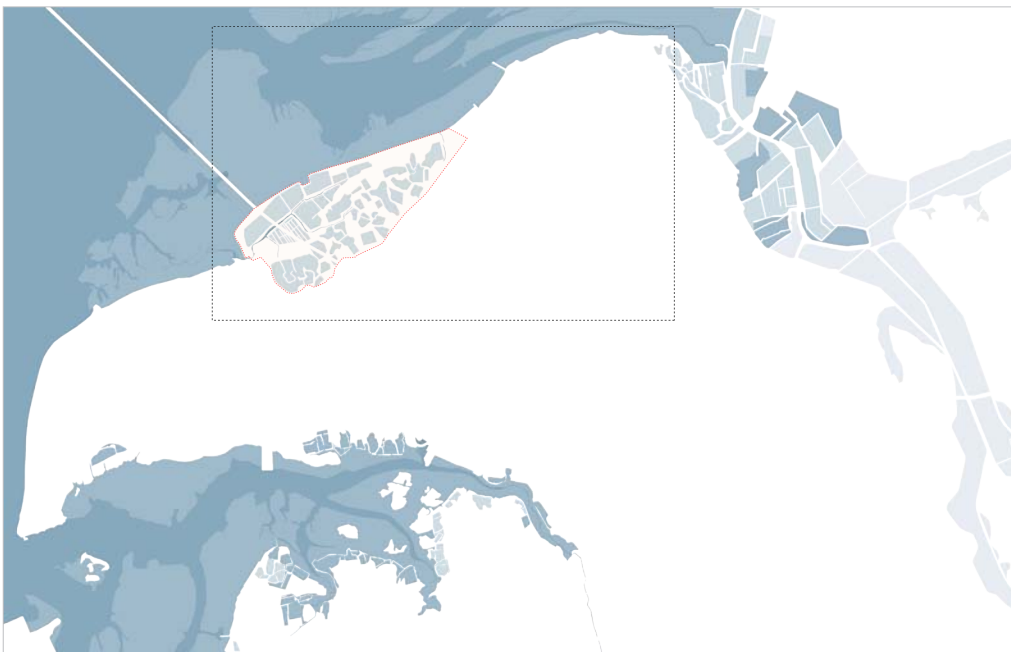
Pretende-se tirar partido numa primeira instância da relação com a AML, na “Escala Metropolitana” contexto onde se insere a área de estudo, relevante pelo enquadramento com a capital, mas também com os restantes municípios da margem sul do Tejo que partilham a condição de “frente de rio” com Alcochete. Procedeu-se, relativamente a esta escala, ao enquadramento de uma série de planos e projetos relevantes, como foi o Arco Ribeirinho Sul. A “Escala Península” engloba parte dos concelhos de Alcochete e do Montijo, e finalmente a “Escala Salinas”, foca a área de intervenção no contexto local, entre as vilas de Alcochete, São Francisco e Samouco.

Cada uma das três escalas foi dividida em três temas principais, de forma a clarificar e distribuir os diferentes elementos identificados: “Espaços Urbanos”, “Espaços Disponíveis” e “Cultura e Lazer”.

Considerou-se por “espaços urbanos”, o conjunto de elementos que caracterizam o “solo urbano”: os limites administrativos, concelhos e freguesias, e a respetiva população, o sistema viário e as principais infra-estruturas. Inclui

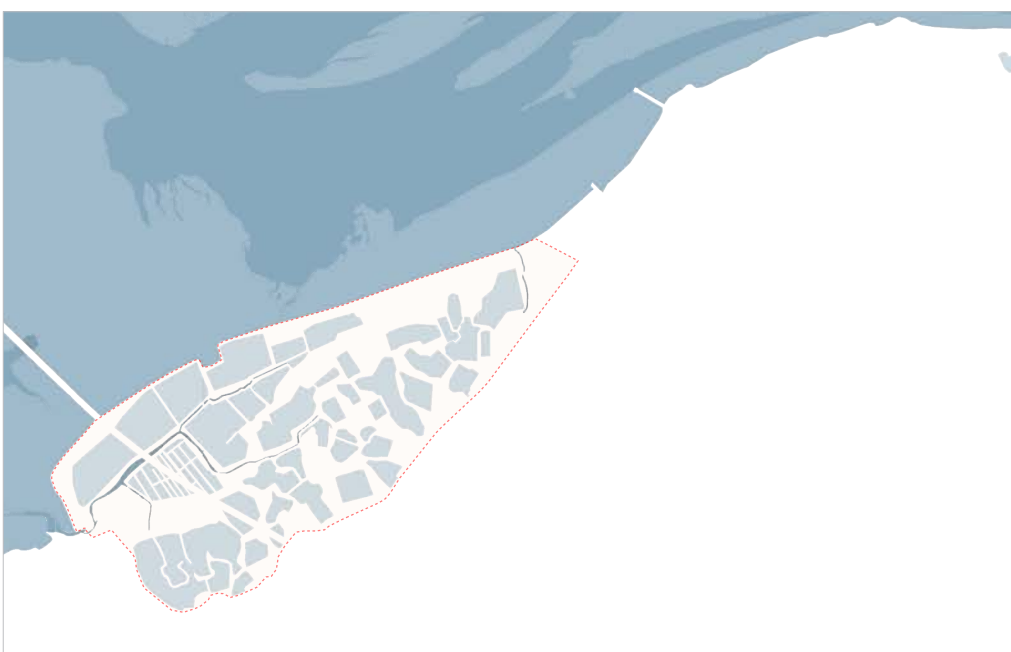


44. *Escala Metropolitana, o Estuário do Tejo*



- Arrozal
- Marinhas
- Terreno que cobre e descobre
- Rio

45. *Escala Península, o rio Coina e o Rio das Enguias*



- Área de intervenção

46. *Escala Salinas, marinhas da região Alcochete-Samouco*

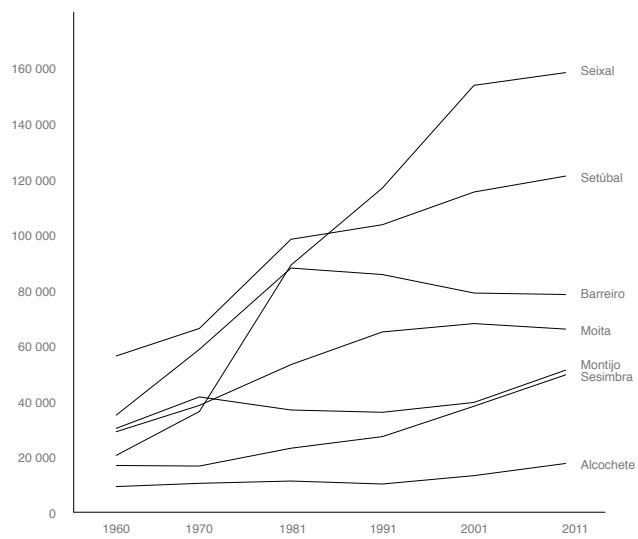
igualmente as principais caracterizações espaciais como são o Arco Ribeirinho Sul e o Plano Diretor Municipal, “o solo urbano integra as áreas para as quais é reconhecida vocação para o processo de urbanização e edificação. Compreende os terrenos urbanizados, os solos cuja urbanização seja programada e os solos afectos à estrutura ecológica necessária ao equilíbrio do sistema urbano (...). É por correspondência espacial com o solo urbano definido nos planos municipais, primordialmente no plano director municipal, que se define o perímetro urbano.”<sup>73</sup>.

Por sua vez, o conjunto de “espaços disponíveis” integra parte da definição de “solo rural”, como são os espaços naturais de proteção, no entanto, como indica a palavra “disponíveis”: “de que se pode dispor, que está à disposição; livre, desocupado; que revela disposição para fazer alguma coisa”<sup>74</sup>. Entende-se, então, o conjunto de espaços livres, com ou sem edificação, mas que seja capaz de receber uma intervenção, ideia ou algum tipo de atividade. Isto é, que seja reconhecida a sua predisposição para uma intervenção, por variadas razões, como pode ser o seu interesse paisagístico, ambiental, cultural ou até mesmo pela condição de abandono. Interessam portanto, neste conjunto, os espaços e reservas naturais, englobando os espaços com água e areal, bem como as manchas industriais desativadas.

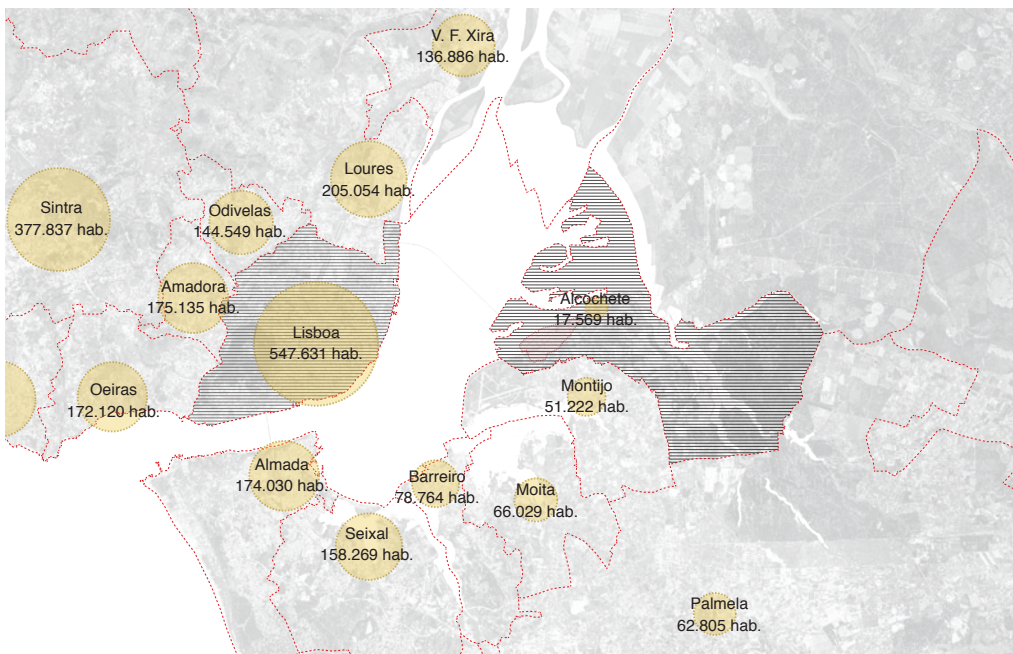
E, finalmente, “cultura e lazer” englobam uma série de iniciativas, atividades e espaços associados à recreação, de iniciativa pública ou privada, mas de uso coletivo, como são os equipamentos desportivos ou até mesmo o conjunto de festas populares anuais que se realizam em Alcochete.

73. Nota sobre a definição de critérios de classificação, qualificação e reclassificação do solo em sede de PROT. Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional, p. 3

74. Infopedia [em linha]



47. *Evolução da População, Península de Setúbal*



..... Limites Administrativos, concelhos  
 ● População por concelho, 2011

48. *Concelhos*



● Autocarros, TST  
 ● Transporte Fluvial, Transtejo  
 ● Transporte Ferroviário, CP  
 ● Aeroporto da Portela  
 ● Área de intervenção

49. *Transportes Coletivos*

## 01. ALCOCHETE, MARGEM SUL DO TEJO

A primeira escala, chamada de “Escala Metropolitana” abrange parte da Área Metropolitana de Lisboa e tem como objetivo focar os elementos a nível territorial, entendidos pela sua dimensão ou pela alargada área de influência. É assim, relevante por permitir estabelecer uma relação entre Alcochete, Lisboa e a margem sul do Tejo.

A proximidade a Lisboa é um dos fatores mais marcantes no concelho de Alcochete, bem como dos restantes municípios da margem sul.

Até 1966, ano da inauguração da Ponte 25 de Abril, a travessia rodoviária sobre o último troço do Tejo era possível apenas em Vila Franca de Xira pela Ponte Marechal Carmona, inaugurada em 1951. A nova ponte em ferro incrementou, então, a acessibilidade entre Lisboa e o lado Oeste da margem sul do rio, sendo notório o crescimento dos concelhos da Península de Setúbal após a década de 60. Almada é o município maior número de habitantes, seguido pelo Seixal.

Alcochete, porém, manteve-se relativamente isolado face ao crescimento dos restantes concelhos ribeirinhos de Setúbal, revelando uma certa estabilidade no número de habitantes, apenas na última década o crescimento da população mostrou ser mais acentuado.

A partir de 1998, com a construção da Ponte Vasco da Gama, o percurso de carro ao centro de Lisboa - outrora ultrapassando 1 hora - reduziu para menos de 30 minutos, fortalecendo a comunicação da margem Sudeste do Tejo à capital. A partir de então, tornou-se notória a entrada de habitantes no concelho, mudando-se por variadas razões, desde a facilidade em chegar ao emprego, usualmente localizado na capital, aos preços e valores de bens e serviços geralmente mais baixos, bem como à relativa pacatez na vila. No entanto, Alcochete, não deixou ainda de ser o concelho com menos habitantes do distrito de Setúbal, com 17.569 habitantes, seguido por Sesimbra, já com 49.500 habitantes.

O serviço de transportes públicos no lado Oeste da margem sul é variado, com diferentes meios de transporte: autocarro, barco, comboio e metro. O Montijo e Alcochete revelam uma menor variedade, cujo serviço rodoviário abrange apenas a Estação Oriente em Lisboa, e na margem sul até Setúbal e Barreiro. Existe igualmente o transporte fluvial do Montijo até ao Cais do Sodré, em Lisboa.



No Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa (PROT-AML) de 2002 é descrito o conceito Arco Ribeirinho Sul (ARS), projeto lançado em 2008, que integrava um conjunto de “sub-unidades” constituindo a “*grande coroa urbana da margem sul*”<sup>75</sup>, entre as quais a faixa litoral da Costa da Caparica até à Fonte da Telha, as vertentes ribeirinhas do concelho de Almada e “*a mancha urbana consolidada desenvolvida em torno da margem esquerda do Estuário do Tejo, de Cacilhas ao Montijo*”<sup>76</sup>.

75. PROT-AML, Abril de 2002, p. 52

76. PROT-AML, Abril de 2002, p. 52

Alcochete não era sequer referido no projeto do Arco Ribeirinho, sendo considerado “Pólo de Valência Turística e Ambiental” no modelo territorial da AML, mostrando igualmente a possível localização do novo aeroporto na Ota, estudado como alternativa ao aeroporto da Portela. No entanto, na revisão do PROT-AML em 2010, é já considerado o projeto do Novo Aeroporto de Lisboa em Alcochete, sendo por sua vez reafirmado o Arco Ribeirinho como área de “desenvolvimento urbano” da Trafaria a Alcochete<sup>77</sup>.

77. PROT-AML, Novembro de 2010, p. 66

A expectativa do aeroporto no Campo de Tiro de Alcochete, “*tendo em conta os impactes expectáveis resultantes da proximidade do NAL (Novo Aeroporto de Lisboa) e o recente desenvolvimento urbano (...), a que acresce a “urbanização” de pequenos aglomerados em espaço rural (...) e também nucleações de actividades de logística*”<sup>78</sup> formaram um conjunto de motivos a partir dos quais o âmbito do Arco Ribeirinho passou a incluir o concelho de Alcochete e Montijo na sua extensão. No Plano Estratégico de Alcochete, de 2010, é considerado o NAL como “*uma infra-estrutura estruturante de âmbito nacional e regional que do ponto de vista estratégico desempenhará um papel fundamental no desenvolvimento da base económica do concelho de Alcochete (...)*”<sup>79</sup>.

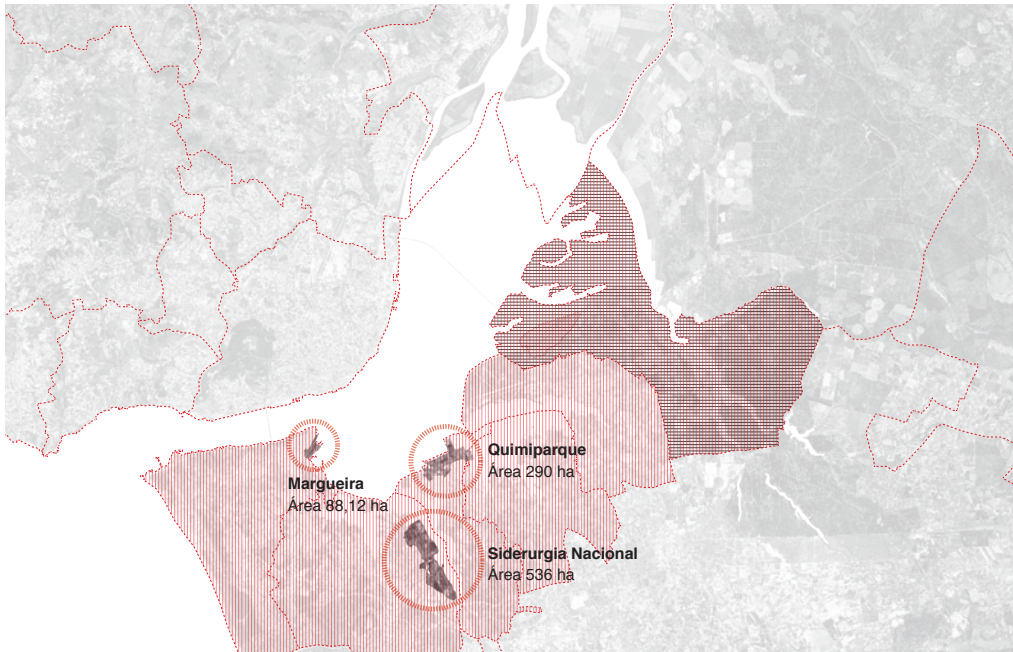
78. PROT-AML, Novembro de 2010, p. 67

79. Plano Estratégico de Alcochete, Augusto Mateus e Associados, Sociedade de Consultores, Novembro 2010, Câmara Municipal de Alcochete, p. 20

A par do novo aeroporto na margem sul, é considerado um conjunto de grandes investimentos na Península de Setúbal: a Plataforma Logística do Poceirão, a nova travessia sobre o Tejo e ainda o comboio de alta velocidade. Estes projetos fomentaram, então, a importância do Arco Ribeirinho como estruturador da AML, tendo sido apresentados uma série de objetivos e “opções estratégicas” para toda a área. Destaca-se sobretudo a persistência do tema da regeneração e reconversão das áreas industriais obsoletas na margem sul.

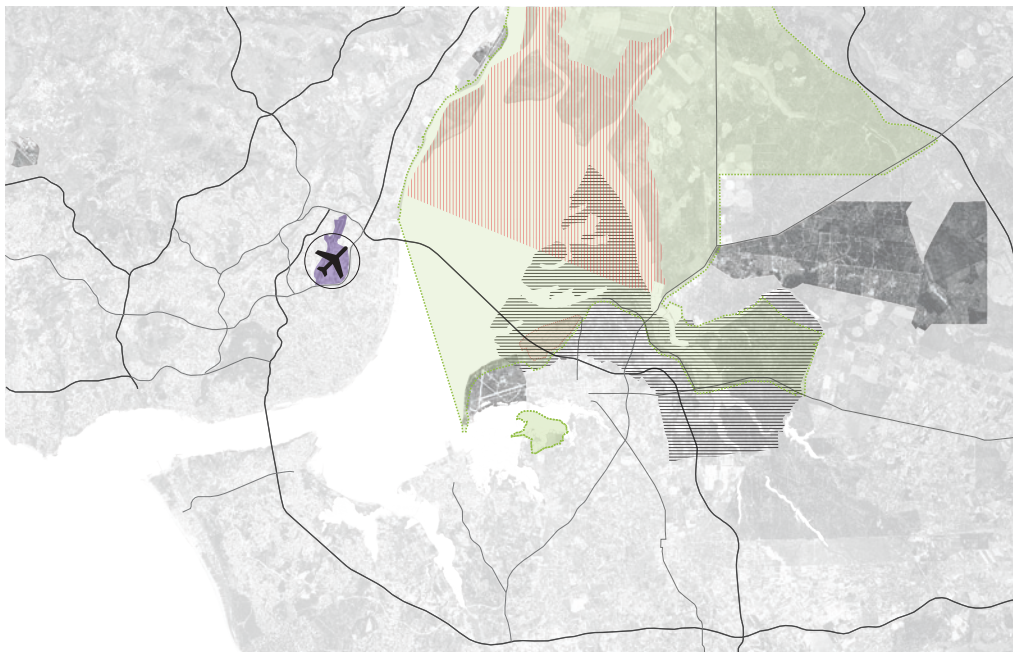
Desde o primeiro plano de 2002 é mostrado o interesse pela forte presença da ocupação industrial no Arco Ribeirinho, marcado nas últimas décadas pela sua obsolescência e recorrente processo de abandono. No entanto, é no plano de 2010 que se torna mais forte a temática, reconhecendo o “*potencial de arqueologia industrial que pode suportar a oferta de produtos turísticos como “Rota das Indústrias*”<sup>80</sup>, onde é defendida a necessidade de um plano estratégico orientado para o turismo e para as escolas, assim como a integração das áreas

80. PROT-AML, Novembro de 2010, p. 65



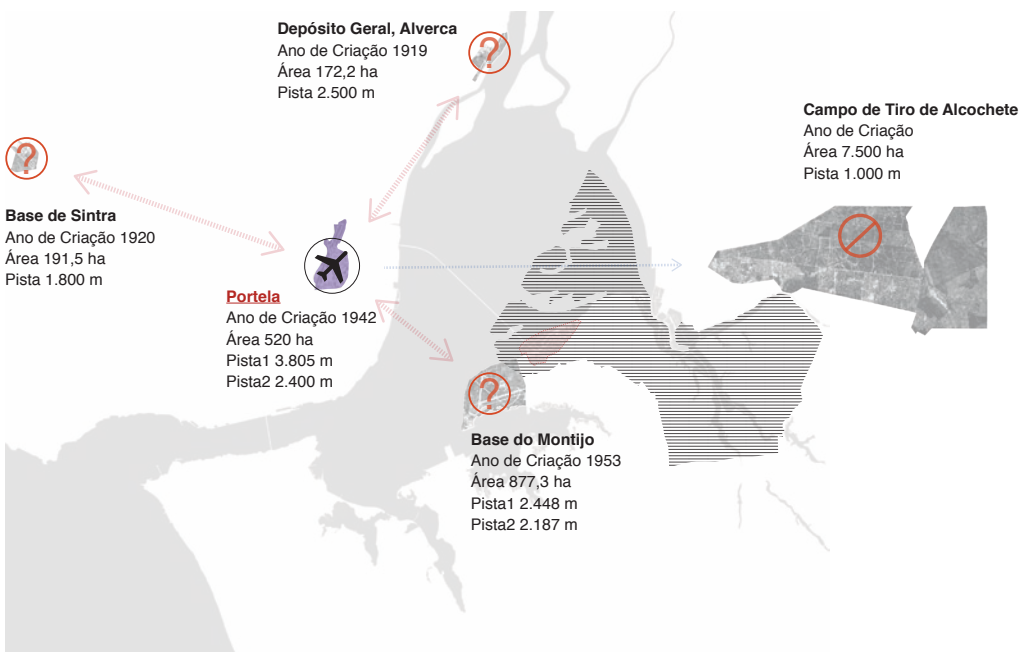
- Limites Administrativos, concelhos
- Concelhos - Arco Ribeirinho
- Áreas Industriais a requalificar
- Concelho de Alcochete

### 52. Arco Ribeirinho Sul



- Sistema Viário Principal
- ZEP
- RNET
- Aeroporto da Portela
- Bases Militares
- Concelho de Alcochete
- Área de intervenção

### 53. Infraestruturas



- Aeroporto da Portela
- Bases Militares
- Concelho de Alcochete
- Área de intervenção

### 54. NAL e Portela+1

pós-industriais em *“projectos de requalificação global das áreas ribeirinhas”*<sup>81</sup>. A par disto, é proposta a requalificação territorial dos maiores espaços industriais obsoletos da margem sul, sendo propriedades do Estado: a Margueira com 88,12 hectares, onde se encontram os antigos estaleiros da Lisnave em Almada, com o Projecto Almada Nascente; a Siderurgia Nacional, abrangendo 536 hectares, no Seixal com a instalação de um parque empresarial; e a Quimiparque com 290 hectares no Barreiro, projetada como a nova frente ribeirinha Barreiro-Lavradio.

81. PROT-AML, Novembro de 2010, p. 69

*“No contexto do Arco Ribeirinho Sul assumem particular importância os esteiros e as baixas aluvionares (embora as zonas húmidas e sapais integrem a Unidade Territorial do Estuário) que transversalmente separam as principais áreas urbanas e industriais. Os esteiros, as margens e as baixas aluvionares deverão representar corredores ecológicos e áreas estruturantes, integrando a Rede Ecológica Metropolitana e assumindo funções ecológicas determinantes enquanto espaços naturais e de lazer não edificados. Devem merecer particular atenção o tratamento integrado e/ou a articulação com espaços como o SIC(Sítio de Interesse Comunitário) Fernão Ferro/Lagoa de Albufeira e a ZPE (Zona de Proteção Especial)/SIC Estuário do Tejo. A imagem global do Arco Ribeirinho depende muito desta estratégia, que deverá ainda ser acompanhada pela reabilitação de espaços e áreas com intervenções paisagísticas localizadas na margem fluvial”*<sup>82</sup>. É reconhecido, igualmente, o potencial das funcionalidades associadas aos transportes marítimos.

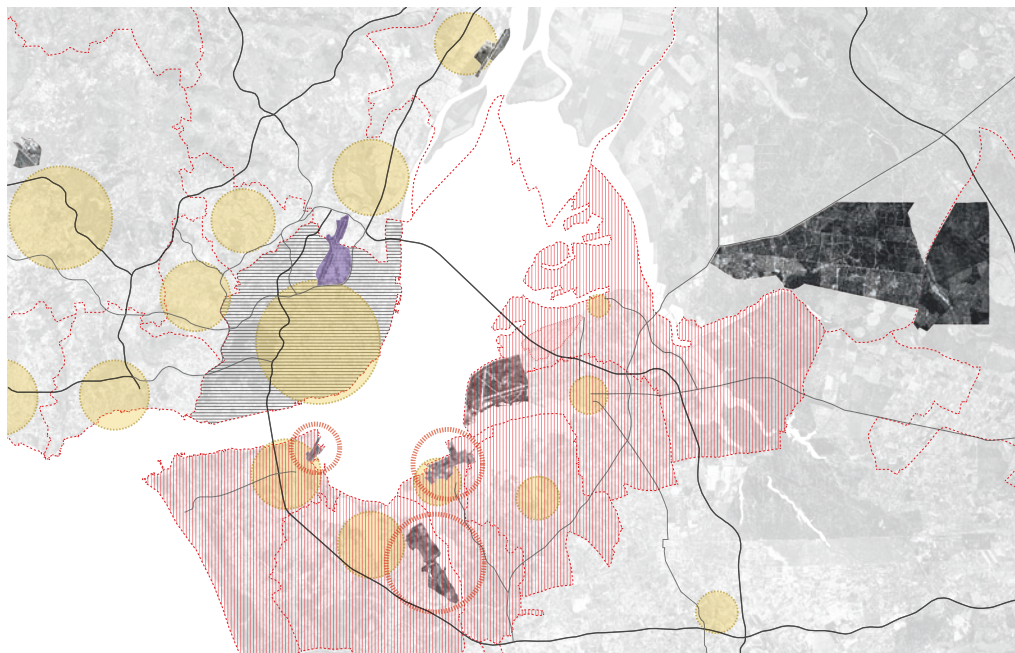
82. PROT-AML, Novembro de 2010, p. 68

Fruto da atual crise económica e do programa de retenção de custos no país, foi abandonado o enorme investimento que representava o Novo Aeroporto de Lisboa (NAL), estando atualmente em discussão uma alternativa menos dispendiosa de uma base de apoio ao atual aeroporto da Portela.

Verificou-se igualmente, em 2011, a dissolução da Arco Ribeirinho Sul, tendo sido afirmado pelo Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território (MAMAOT), que *“terminar com esta empresa iria levar a uma poupança de 300 mil euros. (...) O comunicado do Conselho de Ministros indica que o projecto “é de grande relevância”, o que leva a que tenha sido decidida a sua “continuidade”. “A extinção do Arco Ribeirinho Sul não visa abandonar um projecto, é uma ambição de requalificação da região, existe e pronto para ser aplicado, assim que apareçam entidades interessadas para o fazer”*(...)”<sup>83</sup>.

É de destacar, porém, a verificação da mobilização ainda presente por parte dos municípios de Almada, Seixal e Barreiro para que os projetos para as áreas industriais se realizem.

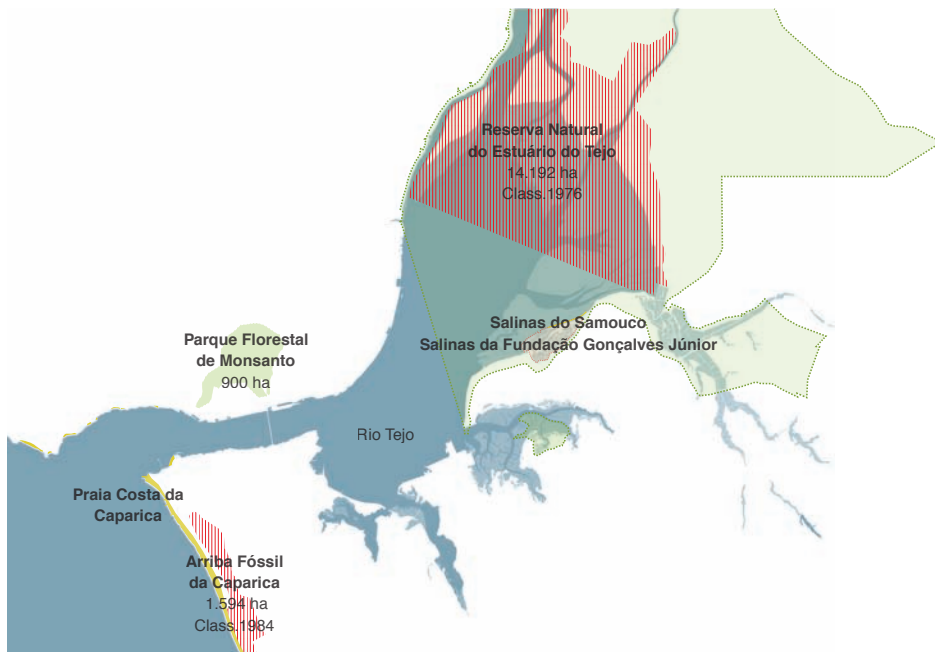
83. CAVALEIRO, Diogo. *Arco Ribeirinho Sul foi extinta mas projecto de requalificação é para continuar, diz Governo*. Jornal de Negócios, 12 de Janeiro de 2012



**ANÁLISE**

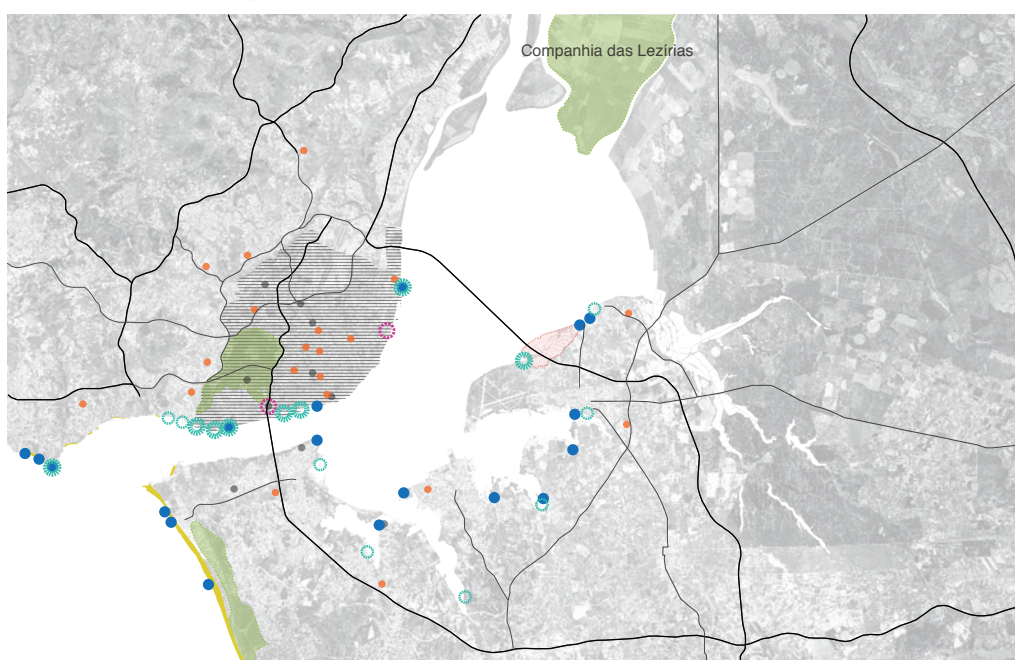
- Limites Administrativos, concelhos
- Sistema Viário Principal
- População por concelho, 2011
- ▨ Concelho de Lisboa
- ▨ Concelhos - ARS
- Áreas Industriais, ARS
- ✈ Aeroporto da Portela
- Bases Militares

**55. Espaços Urbanos**



- ▨ Reservas Naturais
- ZPE
- Areal

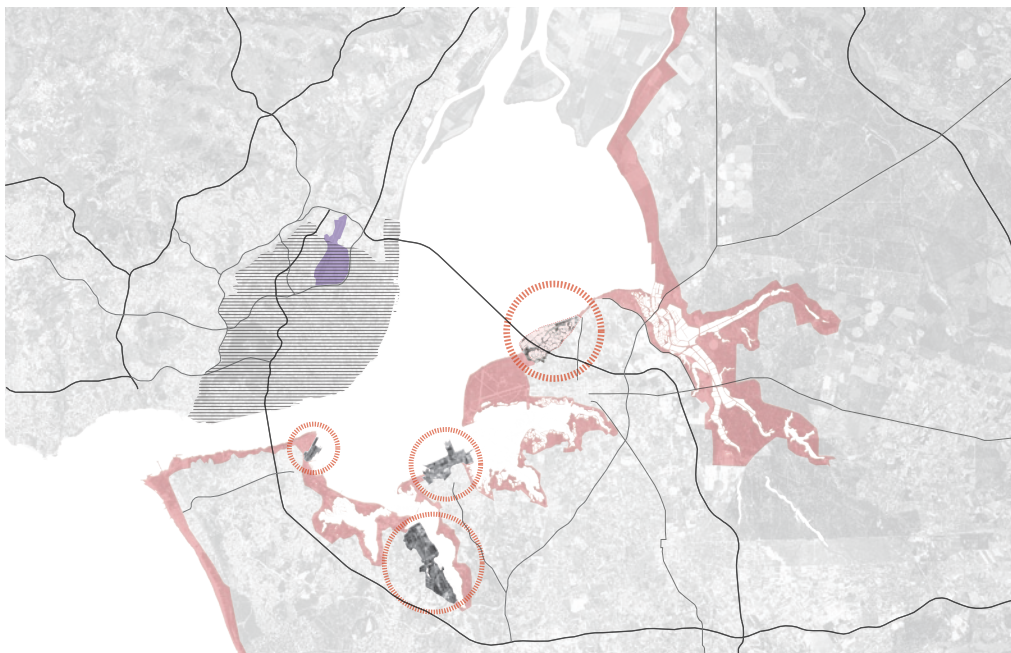
**56. Espaços Disponíveis**



- Sistema Viário Principal
- Escolas de Desporto Náutico
- Portos de Recreio
- Indústrias Culturais
- Incubadoras de Empresas Criativas
- Shoppings
- ▨ Concelho de Lisboa
- Parques
- Areal
- Área de intervenção

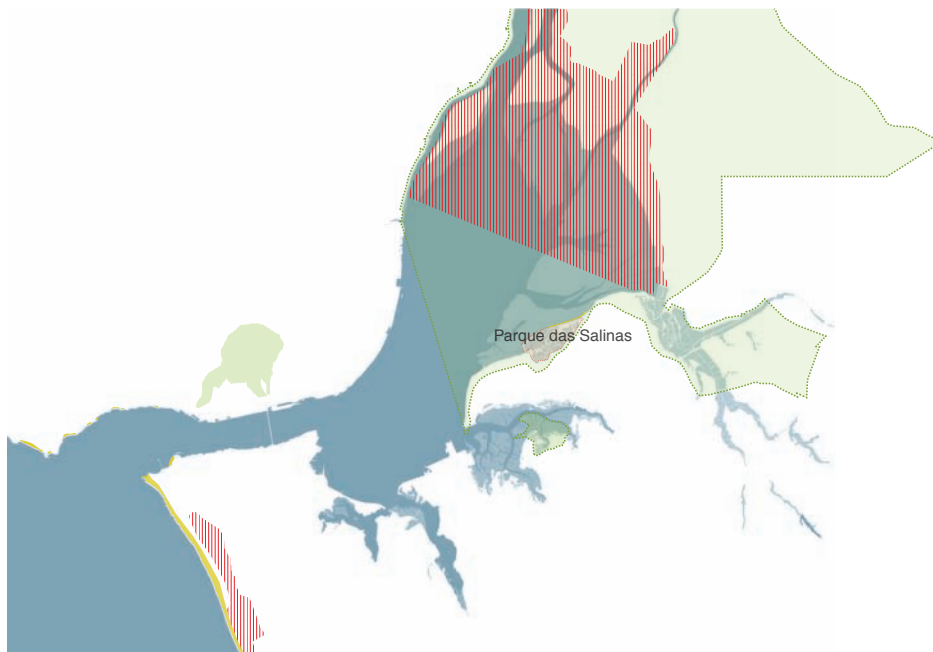
**57. Cultura e Lazer**

## ESTRATÉGIA



- Sistema Viário Principal
- ▨ Concelho de Lisboa
- Áreas Industriais ARS e Área de intervenção
- ✈ Aeroporto da Portela
- Estrutura Ribeirinha
- Área de intervenção

### 58. *Espaços Urbanos*



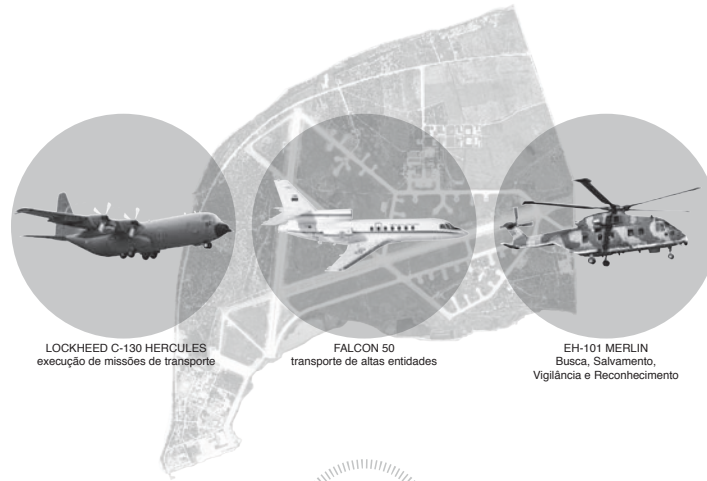
- ▨ Reservas Naturais
- ZPE
- Areal
- Área de intervenção

### 59. *Espaços Disponíveis*



- Escolas de Desporto Náutico
- ⚙ Portos de Recreio
- ⚙ Indústrias Culturais
- Incubadoras de Empresas Criativas
- Shoppings
- ▨ Concelho de Lisboa
- Parques
- Areal
- Área de intervenção

### 60. *Cultura e Lazer*



## FRENTE DE RIO

### Uma (potencial) estrutura linear

Os “espaços urbanos” na primeira escala são caracterizados pelos limites administrativos e respetiva população, pelo sistema macro de transportes, como são as vias rápidas e de principal acesso rodoviário, o Aeroporto da Portela e as bases militares. Engloba igualmente o Arco Ribeirinho Sul: e as três zonas pós-industriais propostas a regenerar.

É, no entanto, visível a falta de uma estrutura ribeirinha contínua na margem sul, como afirmado no ARS: *“Neste sentido, é importante que a afirmação do Arco Ribeirinho Sul seja efectuada segundo uma perspectiva de visão estratégica integrada para toda a frente ribeirinha, numa lógica de conjunto, valorizando, no essencial, a simbiose que se estabelece entre o contínuo urbano ribeirinho e o estuário do Tejo. Neste sentido, a reconversão dos usos e das funções que hoje não apresentam potencial competitivo deverá ser efectuada no sentido de potenciar o desenvolvimento de espaços qualificados multifuncionais que permitam gerar massa crítica do ponto de vista social e económico”*<sup>84</sup>.

Propõe-se, então, uma estrutura de espaço público linear, principalmente de circulação, ao longo do Tejo, revelando toda a frente de água como lugar único e contínuo de recreação, lazer e circulação, onde as indústrias do sal e da seca do bacalhau em Alcochete são encaradas como mais uma zona pós-industrial a regenerar.

A base aérea do Montijo será encarada estrategicamente, por sua vez, como um espaço disponível, pela recente possibilidade de se tornar em breve o aeroporto de companhias *low-cost*, no entanto, devido à sua frágil localização do ponto de vista ambiental, propõe-se no seu lugar um espaço passível de transformação, fazendo parte da estrutura ribeirinha contínua proposta.

Do conjunto de “espaços disponíveis” existentes, fazem parte as diversas áreas protegidas e classificadas, as zonas de areal e os espaços disponíveis com água: o rio Tejo e as marinhas, bem como as áreas industriais desativadas marcadas no ARS.

Nesta escala é notória a extensa área do Estuário do Tejo, sendo várias as classificações nacionais e internacionais cujos limites variam. A Reserva Natural do Estuário do Tejo, definida no Decreto-Lei nº 565/76 abarca uma área de 14.192 ha, tendo em vista a *“conservação e gestão das zonas húmidas, das quais os estuários assumem importância primordial, (...) O estuário do Tejo tem um papel fundamental e insubstituível do ponto de vista ecológico e económico, uma vez que nele se concentra todo o material biológico arrastado ao longo do curso do rio, o que transforma o estuário numa zona extremamente rica em seres vivos e de importância fundamental no povoamento da nossa costa marítima”*<sup>85</sup>.

84. Plano Estratégico de Alcochete, Augusto Mateus e Associados, Sociedade de Consultores, Novembro 2010, Câmara Municipal de Alcochete, p. 16

85. Decreto-Lei nº 565/76, pág. 1582



62. Areal sob a Ponte Vasco da Gama

Na Convenção Internacional das Zonas Húmidas, (Convenção de Ramsar, assinada em 1971), são 30 as zonas definidas de importância internacional em Portugal, entre elas o Estuário do Tejo, sendo a quarta de maior dimensão, descrita como uma área de 14.563 ha, no entanto a primeira a receber a designação, juntamente com a Ria Formosa a 24 de Novembro de 1980.

A Zona de Proteção Especial descrita no Decreto-Lei nº 280/94 “(...) tendo em vista salvaguardar o património avifaunístico dependente daquela área e garantir a manutenção de uma elevada biodiversidade, justifica-se a criação de uma Zona de Protecção Especial no Estuário do Tejo e terrenos limítrofes (...)”<sup>86</sup>, abrange uma área bastante mais extensa, incluindo as salinas da FJGJ e da Fundação do Samouco. Esta zona está integrada igualmente na Rede Natura 2000, a rede ecológica de diretiva europeia, que identifica 50 áreas de proteção especial em Portugal: “*Natura 2000 is an ecological network of protected areas, set up to ensure the survival of Europe’s most valuable species and habitats. Natura 2000 is based on the 1979 Birds Directive and the 1992 Habitats Directive. The green infrastructure it provides safeguards numerous ecosystem services and ensures that Europe’s natural system remain healthy and resilient.*”<sup>87</sup>. Apesar de serem várias as classificações das diferentes áreas naturais na AML, importa a sua capacidade de receber atividades relacionadas com os seus diversos ecossistemas, tornando-as áreas estratégicas de diversos pontos de vista.

86. Decreto-Lei nº 280/94, pág. 6684

87. Natura 2000 [em linha]

No PROT-AML é reconhecida igualmente a importância do Estuário do Tejo: “*Em termos naturais, o Estuário é uma área de importância estratégica ao nível metropolitano e nacional. Os seus valores naturais decorrem, em particular, da sua dimensão, diversidade, riqueza florística e faunística e, de um modo geral, da variedade de ecossistemas que nele ocorrem, estando classificados como Reserva Natural e Zona de Protecção Especial para a avifauna.*”<sup>88</sup>, acrescentando que “*O estuário tem condições para o desenvolvimento de atividades económicas e de recreio e lazer importantes para a evolução da AML e para funcionar como elemento aglutinador e estruturador do desenvolvimento de uma cidade de duas margens, integrando as condições ambientais particulares e traduzindo uma das ideias-chave do Modelo Territorial proposto: “Recentrar a Área Metropolitana no Estuário do Tejo”*”<sup>89</sup>, objetivo importante no conjunto de espaços relativos ao tema “cultura e lazer”. Assim, de um ponto de vista estratégico, torna-se relevante uma estrutura que integre as diversas “áreas disponíveis”, deixando de ser lido como uma série de áreas dispersas, mas sim como um conjunto de espaços articulados e relacionados.

88. PROT-AML. Abril de 2002, p. 47

89. PROT-AML. Abril de 2002, p. 47

No último tema procedeu-se à identificação dos programas de grande relevância na área: as maiores manchas de parques que propõem atividades lúdicas como a Companhia das Lezírias, o Parque de Monsanto e a Arriba da Ca-



63. *Flamingos nas Salinas do Samouco, sob a Ponte Vasco da Gama*



64. *Praia dos Moinhos, ao fundo a Ponte Vasco da Gama*

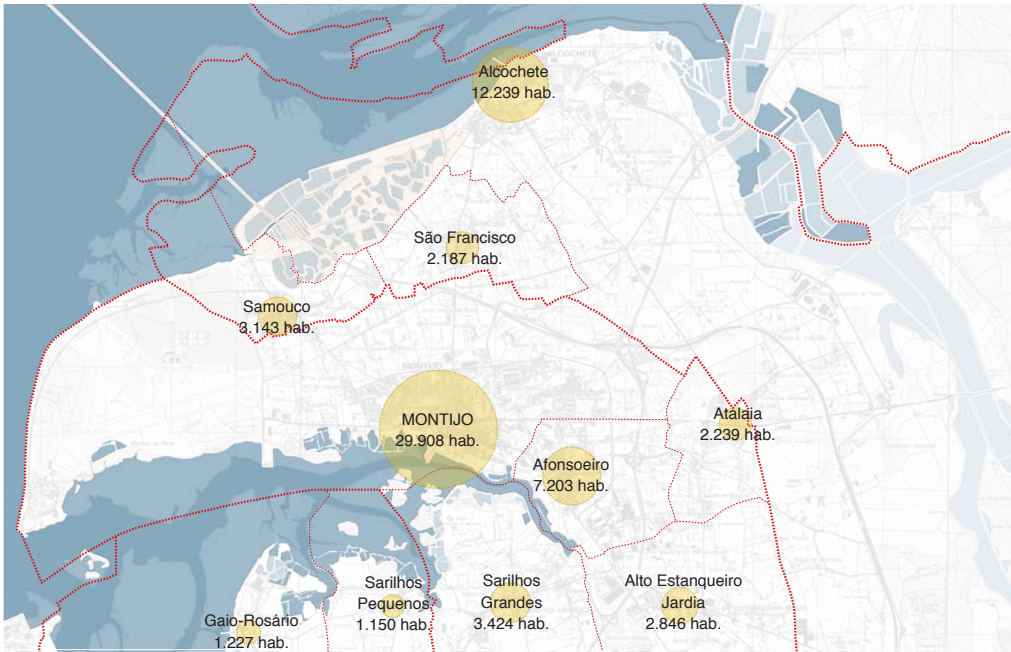
parica, as praias, as atividades náuticas, as recentes incubadoras de empresas, as indústrias culturais, sendo de grande importância cultural a temporária LX Factory e a sua impulsionadora Fábrica de Braço de Prata. Também os shoppings, na sua grande maioria com salas de cinema, são importantes pontos distribuídos estrategicamente no território, ao longo das vias principais de circulação, bastante notório na margem sul.

Como referido anteriormente, propõe-se uma estrutura consistente, de valorização da frente-rio na margem sul, estrutura esta primordialmente de circulação ciclo-pedonal em toda a sua extensão, que permita a inserção de diversos programas recreativos futuros, mas sobretudo que se relacione com os já existentes. A área de intervenção seria, então parte integrante desta estrutura ao longo do Tejo, propondo um conjunto de programas culturais, de recreação e lazer que possam interagir com a população da margem norte, como com a da margem sul, mas sobretudo com as pessoas do lugar.





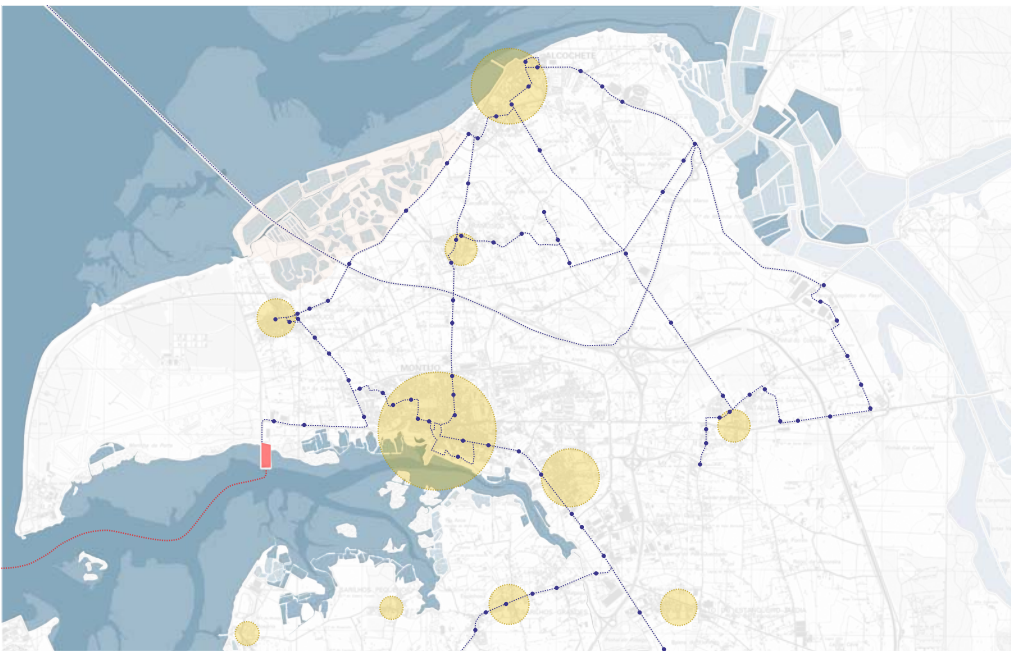
65. *Concelho de Alcochete, 2007*



..... Limites: concelhos e freguesias

● População por freguesia

## 66. Freguesias



● População por freguesia

🚌 Autocarros, TST

🚤 Transporte Fluvial, Transtejo

## 67. Transportes coletivos

## 02. ALCOCHETE E MONTIJO

### Contexto Peninsular

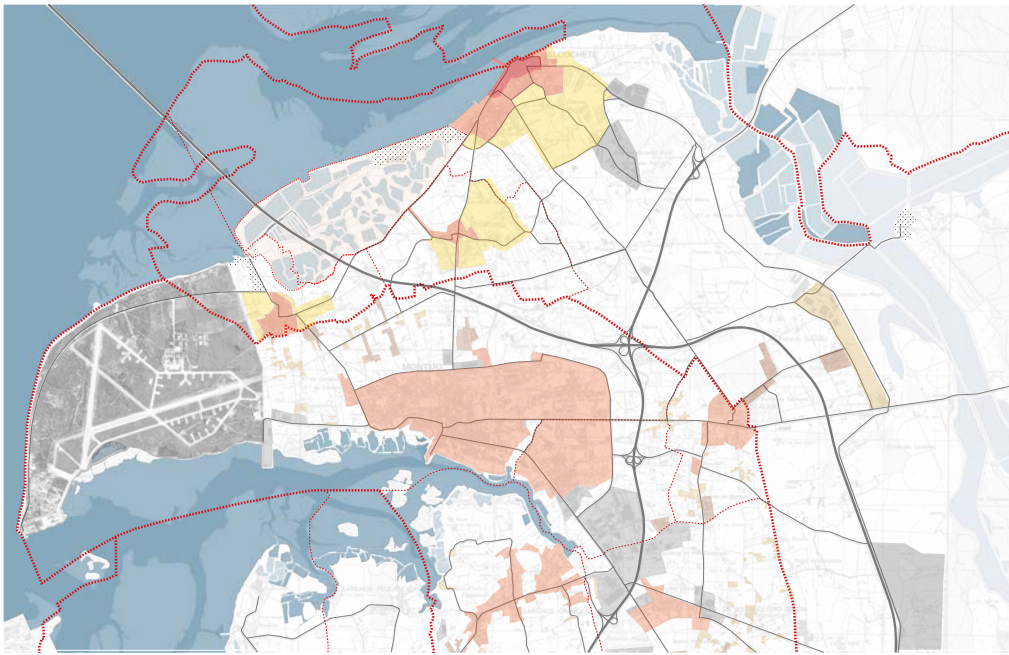
A “Escala Península” foca a península que engloba parte dos concelhos de Alcochete e do Montijo, com estreita relação histórica, por pertencerem ambos ao antigo concelho de “Riba Tejo”, mas sobretudo pela proximidade geográfica. A península é definida a Norte pelo rio das Enguias, como referido anteriormente, onde se situava uma antiga região de salinas, e a Sul pelo rio Coina, que desagua no Tejo entre o concelho do Montijo e da Moita.

Esta escala revela o reconhecimento da relevância da área de intervenção, quer pela sua larga dimensão face à península onde se insere, quer pela localização estratégica de frente ribeirinha que toma dentro do seu contexto: a Norte o rio Tejo, a Este a vila de Alcochete, e a Sul e Oeste São Francisco, Samouco e Montijo.

A construção da ponte Vasco da Gama, entre Alcochete e Montijo, foi um dos mentores do crescimento populacional de ambos os concelhos, e consequentemente imobiliário, como já referido. No entanto, o Montijo, já na década de 60, apresentava mais do triplo da população de Alcochete: 30.217 habitantes, face aos 9.270 deste último. Desde o início do século XX, que o “Ramal do Montijo”, linha de comboio que ligava o Montijo ao Pinhal Novo, incentivava a localização de indústrias e, consequentemente o seu crescimento.

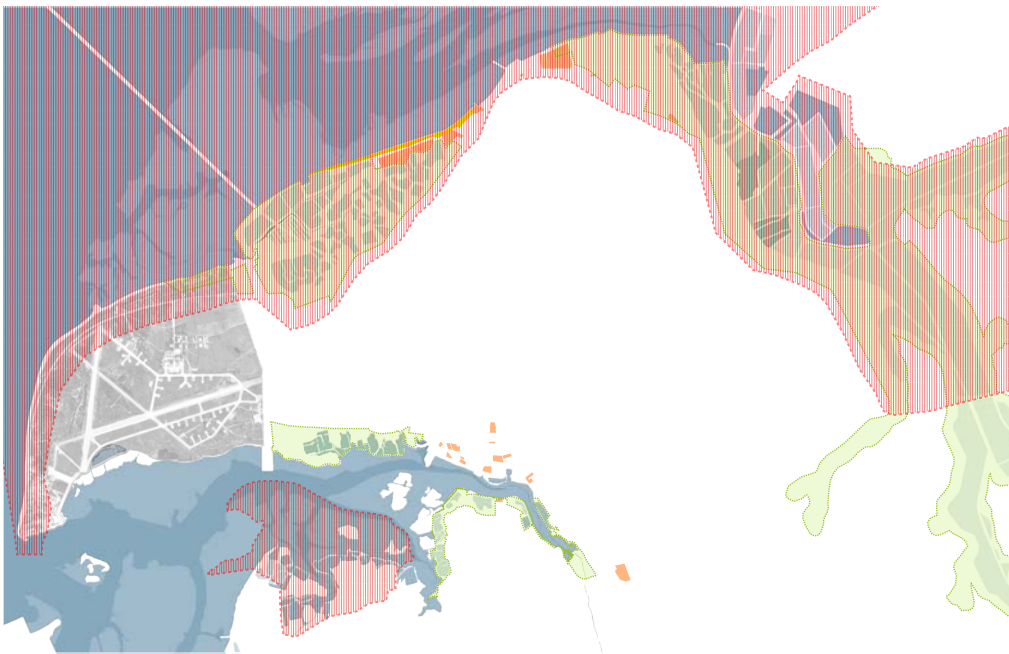
A península Alcochete - Montijo permite entender a importância e a relação de proximidade entre os dois concelhos, tendo a cidade do Montijo uma série de serviços que apoia Alcochete, como é o caso do Hospital. Também a estação principal de autocarros se encontra no centro do Montijo, bem como a Estação Fluvial do Seixalinho.

## ANÁLISE



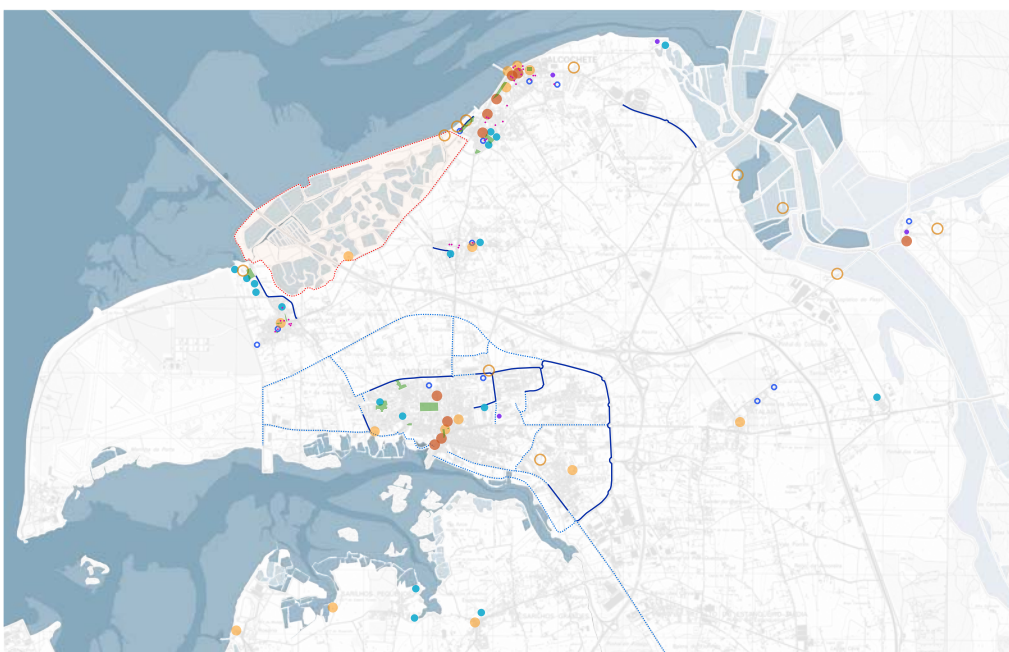
- Sistema Viário Principal
- ⋯ Limites Administrativos, concelhos
- ⋯ Limites Administrativos, freguesias
- “Núcleo antigo de Alcochete”, PDMA
- “Espaços urbanos consolidados”, PDMA e PDMM
- “Espaços urbanizáveis de expansão”, PDMA
- “Áreas industriais”, PDMA e PDMM
- “Espaços urbanos a reestruturar”, PDMA e PDMM
- “Espaços urbanos não consolidados”, PDMA e PDMM
- Base Aérea nº6

### 68. *Espaços Urbanos*



- “Espaços Naturais”, PDMA e PDMM
- Zona de Protecção Especial
- Areal
- Indústrias Desativadas
- Base Aérea nº6

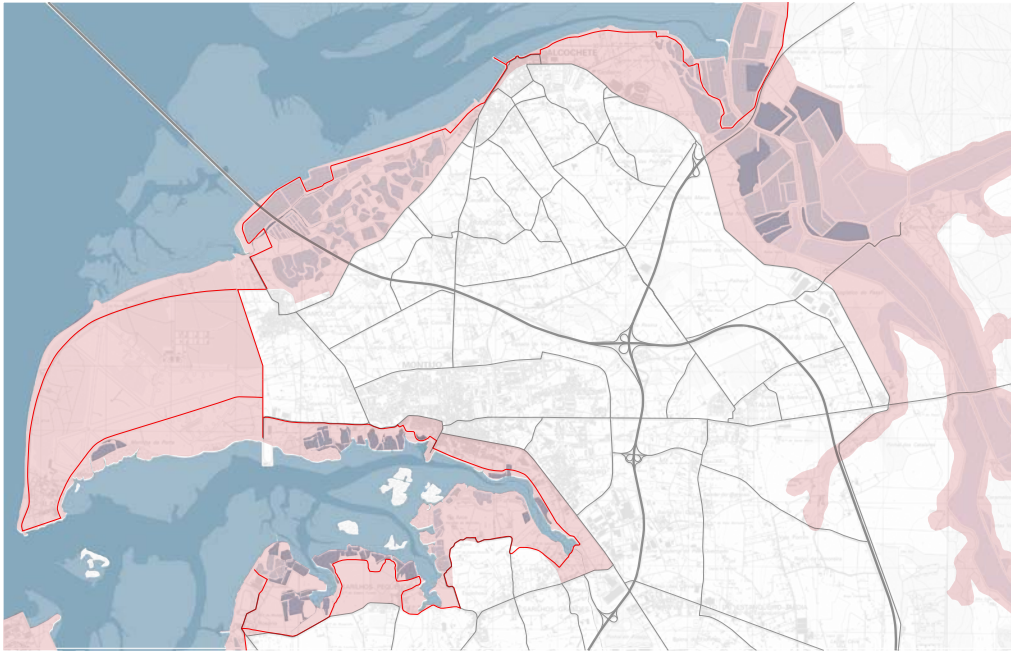
### 69. *Espaços Disponíveis*



- Associações (concelho Alcochete)
- Recreação
- Desporto, gestão privada
- Desporto, gestão pública
- Oferta hoteleira
- Edifícios Religiosos
- Moinhos
- Ciclovias Existentes
- Ciclovias Projetadas
- Jardins Públicos
- Área de intervenção

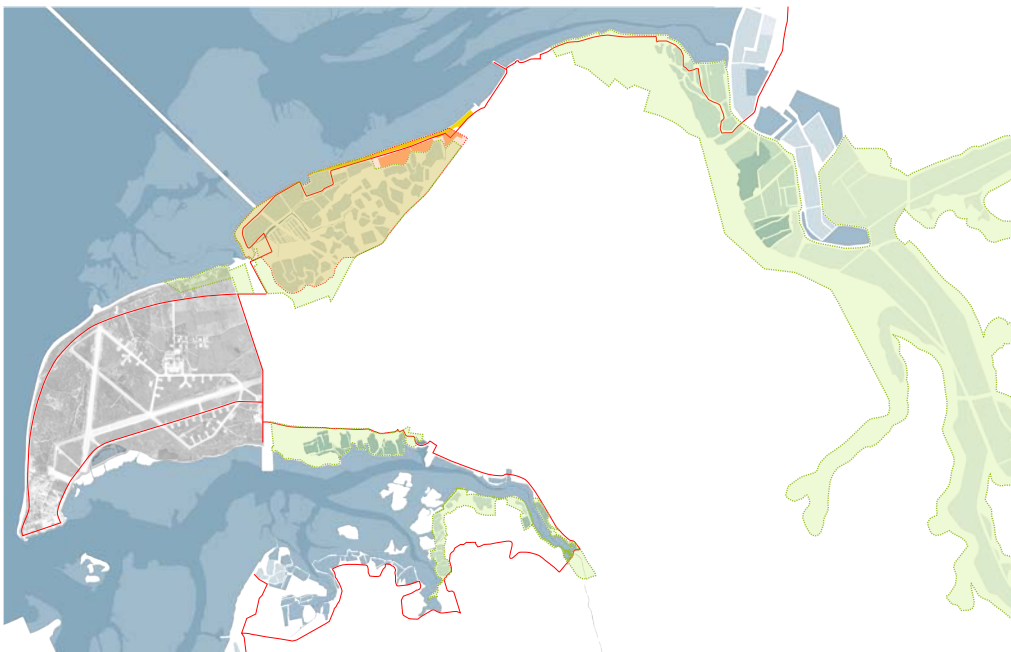
### 70. *Cultura e Lazer*

## ESTRATÉGIA



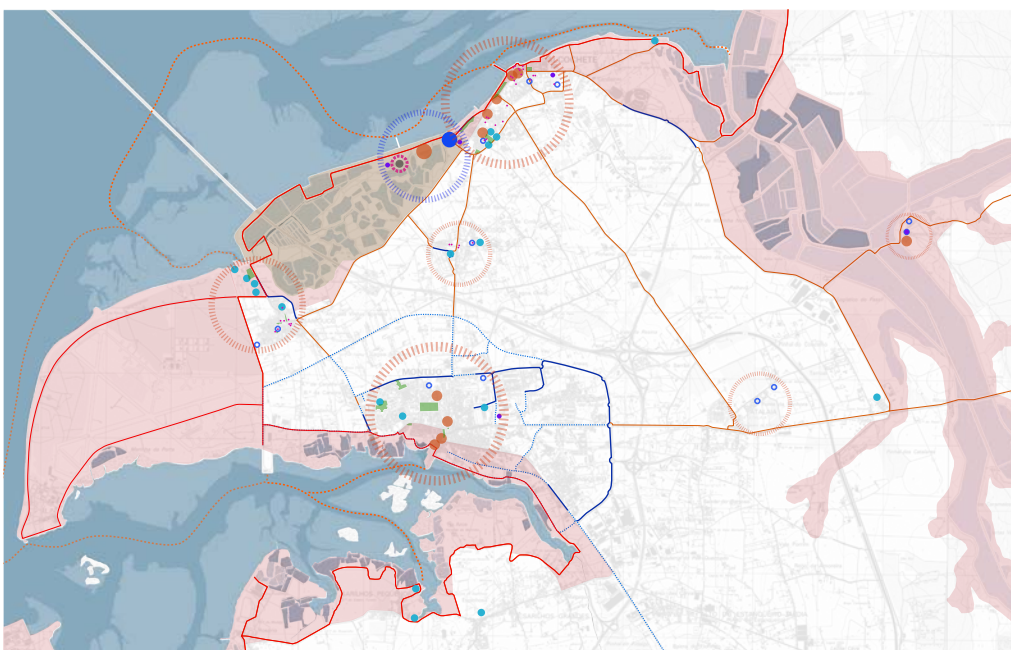
- Percurso Ribeirinho
- Sistema Viário Principal
- Estrutura Ribeirinha

### 71. Espaços Urbanos



- Percurso Ribeirinho
- “Espaços Naturais” PDMA e PDMM
- Areal
- Indústrias de Seca do Bacalhau
- Base Aérea nº6

### 72. Espaços Disponíveis



- Associações (concelho Alcochete)
- Recreação
- Desporto, gestão privada
- Desporto, gestão pública
- Oferta hoteleira
- Percurso ribeirinho
- Percursos Ciclo-Pedonais Propostos
- Percursos Fluviais Possíveis
- Ciclovias Existentes
- Ciclovias Projetadas
- Concentração de Atividades
- Conjunto das Indústrias do “Parque das Salinas”
- Jardins Públicos
- Estrutura Ribeirinha

### 73. Cultura e Lazer



74. Carta Militar, Alcochete e Montijo, 1998



75. Carta Militar, Alcochete e Montijo, 2011

Relativamente ao tema dos “espaços urbanos”, nota-se uma certa aglomeração dos conjuntos edificados, sobretudo no concelho de Alcochete, sendo consistente o núcleo da vila de Alcochete, assim como de São Francisco e do Samouco. Na comparação entre as cartas militares de 1998 e 2011 torna-se evidente o impacto da Ponte Vasco da Gama até Lisboa, notório no aumento da mancha de edificado no conjunto da península.

O PDM de Alcochete em vigor é do ano 1995, estando no presente ano em processo de revisão, já o PDM do Montijo é de 2008. Os dois planos diretores municipais, são diferentes, distinguindo-se sobretudo as dimensões das manchas “urbanas”. O PDM de Alcochete define “Espaços Urbanos Consolidados”, (incluindo o “Núcleo Antigo de Alcochete”), *“constituídos por malhas urbanas existentes, com ocupação edificada consistente, dispondo de infra-estruturas urbanísticas e de equipamentos e serviços que garantem um papel polarizador no território.”*<sup>90</sup>, junto a estes primeiros e com maiores dimensões, encontram-se os “Espaços Urbanizáveis de Expansão” destinando-se à *“construção de novos conjuntos residenciais e respectivas funções complementares”*<sup>91</sup>. No PDM do Montijo é possível observar manchas mais alargadas definidas por “Espaços Urbanos Compactos” e, relativamente, pequenas áreas “Espaços Urbanos Dispersos”. Destaca-se na península, a extensa área da Base Aérea nº 6, definida em ambos os planos como área de instalação de Defesa Nacional, ocupando 846,67 ha na freguesia de Montijo.

Os “espaços disponíveis” focam novamente a Zona de Proteção Especial e a Rede Natura 2000, acrescentando a esta escala os “Espaços Naturais” definidos nas Câmaras Municipais de Alcochete e Montijo, bem como as principais áreas industriais desativadas.

No conjunto de “cultura e lazer” importa realçar os troços ciclo-pedonais existentes, porém descontínuos e dispersos, a partir dos quais se propõe uma rede consistente na península de modo a possibilitar e a incrementar o uso de meios de transporte alternativos, como a bicicleta. De facto, são vários os utentes que o fazem, no entanto, as históricas vias principais de ligação entre os diferentes centros urbanos, outrora caminhos de campo onde se cruzavam pessoas e carroças, de perfil reduzido, são hoje estradas para o carro, sem passeio pedonal e geralmente sem bermas. São exemplo disto, como é possível observar nas imagens, na página seguinte, as estradas entre Alcochete e o Samouco (M501), entre Alcochete e o Montijo, passando por São Francisco (N119) ou ainda a estrada de Alcochete a Atalaia (M502), esta última fortemente marcada pelas constantes peregrinações dominicais à Igreja da Nossa Senhora da Atalaia.

90. PDM, Câmara Municipal de Alcochete, Dezembro de 1995, p. 29

91. *Idem*, p. 39



76. Estrada entre Alcochete e o Samouco (M501)



77. Estrada entre Alcochete e Montijo (N119)



78. Estrada entre Alcochete e Atalaia (M502)

O levantamento e marcação do programa relativo a este último tema, como são os equipamentos culturais ou de desporto, assim como os edifícios de interesse público, denota a sua concentração nos centros, ou aglomerações urbanas, inserindo-se no contexto residencial. Verifica-se, no entanto, que os dois grandes shoppings existentes na península mais afastados destes centros, servem essencialmente o acesso rodoviário.

No PDM de Alcochete são descritos dois tipos de espaços: “Recreio e Lazer” e “Cultural”, espaços estes não incluídos, por sua vez, no PDM do Montijo. “*Os Espaços de Recreio e Lazer, destinam-se predominantemente a usos públicos de recreio e lazer, ou de carácter turístico, desde que relacionados com as suas características e com a envolvente natural em que se inserem, sendo interditas operações de loteamento*”<sup>92</sup>. No concelho estes espaços são delineados apenas em duas áreas, a primeira constituída “*pelas áreas ocupadas pelas “secas de bacalhau” na Praia dos Moinhos*”<sup>93</sup>, e a segunda a Quinta da Praia no Samouco. O “Espaço Cultural” é constituído apenas por uma área em Alcochete: “*abrange o pequeno aglomerado rural da Barroca d’Alva e a sua definição tem em vista a preservação das características específicas do local.*”<sup>94</sup>.

92. PDM, Câmara Municipal de Alcochete, Dezembro de 1995, p. 49

93. *Idem*, p. 50

94. *Ibidem*, p. 51



a



b



c



d



e



f



g



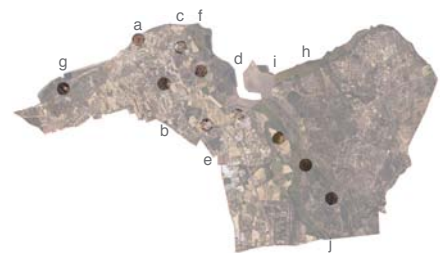
h



i



j



- Núcleo histórico de Alcochete .a
- Casas unifamiliares dispersas .b
- Conjunto comercial .c
- Armazéns - logística .d
- Estufas .e
- Nó de vias rápidas .f
- Salinas do Samouco .g
- Arrozais .h
- Plantações circulares - sistema rega .i
- Sobreiros .j

### 03. AS SALINAS E AS SECAS DO BACALHAU EM ALCOCHETE

Por último, a “Escala Salinas” centra-se na área das salinas e das antigas indústrias do bacalhau, a vila de Alcochete, Samouco e São Francisco. Esta última escala de aproximação tem como objetivo demarcar e dar consistência à relação entre a área de intervenção e as localidades que a circundam, até ao sítio das hortas, onde se encontra a área das salinas da Ribeira das Enguias.

A esta escala é notória a dimensão estratégica da área das salinas e das secas do bacalhau, ocupando um lugar ribeirinho privilegiado no concelho de Alcochete, entre as três freguesias, onde umas das estradas históricas, e ainda principais no concelho, que liga Alcochete ao Samouco (M501), percorre todo o seu limite sul.

Interessa, portanto, a extrema relação com a população local, numa tentativa da proposta se articular com as atividades, funções ou romarias que já decorrem.

Torna-se relevante neste ponto, um conjunto de intervenções e propostas que começam a ganhar forma na vila de Alcochete, como é o aumento do jardim do Rossio aberto para o rio. Intervenções estas realizadas na frente ribeirinha, como é igualmente a recuperação da forte muralha que remonta ao século XV, sobre a qual Alcochete se vira para o Tejo.

*“(28-12-2009) Câmara Municipal aprova propostas para PIDDAC 2010 (...) o Executivo Municipal aprovou, por unanimidade, o conjunto de propostas a incluir no Plano de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PIDDAC) e Orçamento de Estado 2010. (...) são “prioridades absolutas para o Município de Alcochete”. Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional:*

*- Implementação de uma “Rede Verde Urbana” (Parque Central de Alcochete bem como os corredores de interligação);*

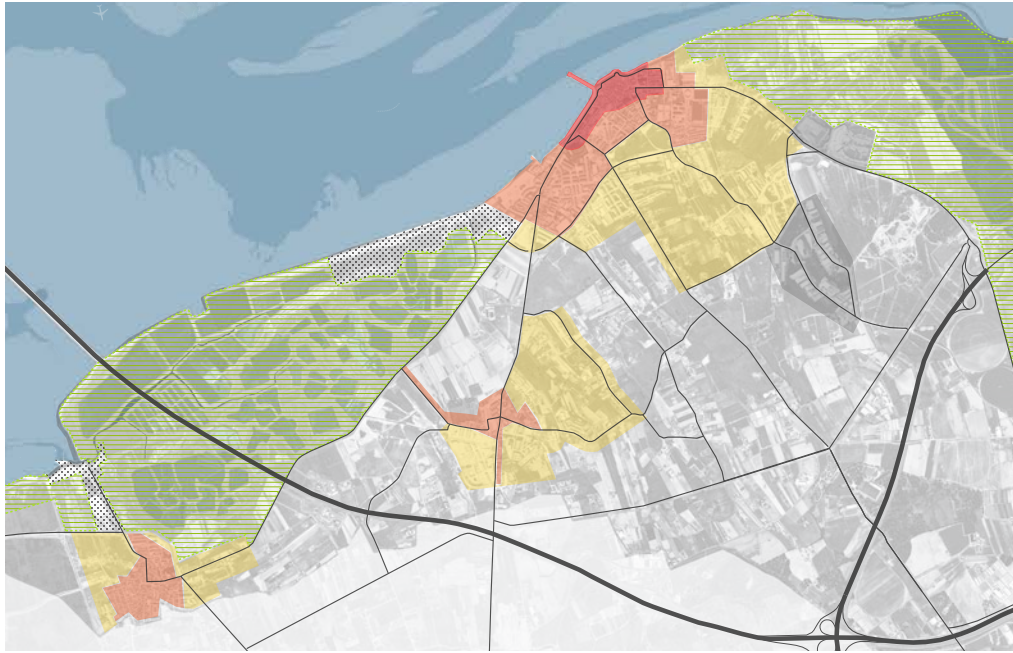
*- Plano de requalificação da Frente Ribeirinha (desde o Sítio das Hortas até ao Samouco), integrando as áreas verdes naturais e urbanas, bem como as frentes urbanas de Alcochete e Samouco;*

*- Plano de reabilitação urbana dos “Núcleos Antigos de Alcochete e Samouco”;*  
*(...)*

*- Implementação do Projecto PEDAL – Plano de Eco-Mobilidade Sustentável de Alcochete.”<sup>95</sup>.*

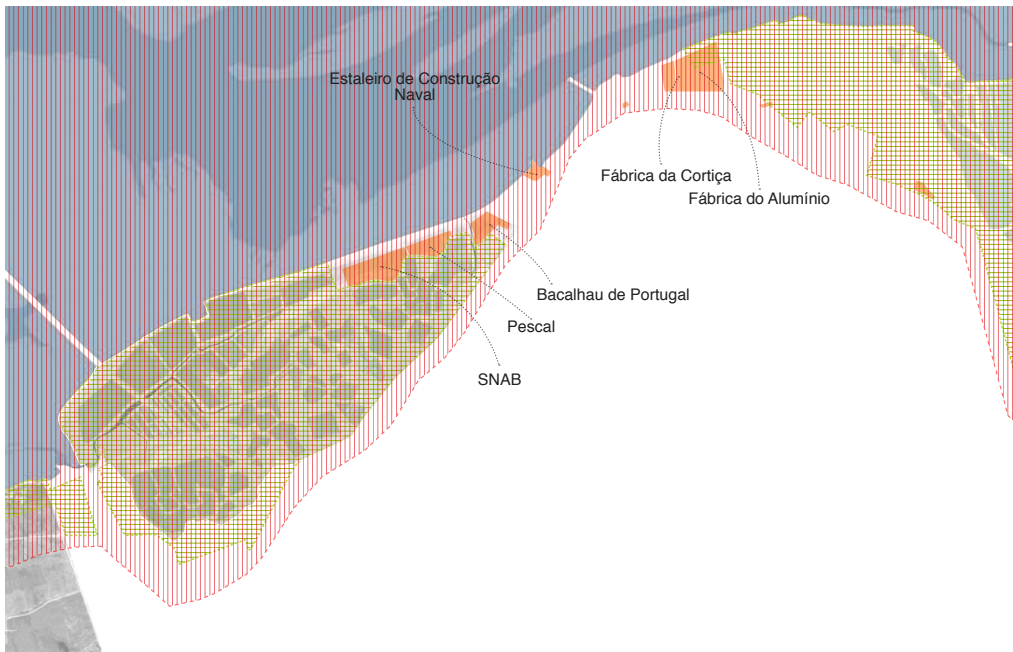
95. CMA [em linha]

## ANÁLISE



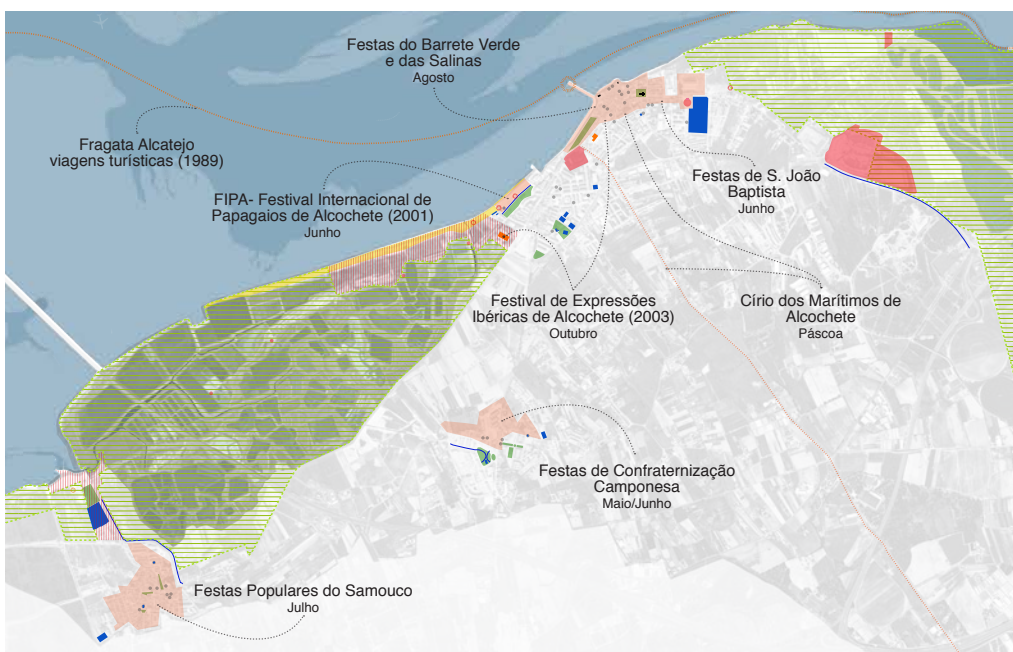
- Sistema Viário
- “Espaços Naturais”, PDMA
- “Espaços de Recreio e Lazer”, PDMA
- “Núcleo antigo de Alcochete”, PDMA
- “Espaços urbanos consolidados”, PDMA
- “Espaços urbanizáveis de expansão”, PDMA
- “Áreas industriais”, PDMA
- Base Aérea nº6

### 80. *Espaços Urbanos*



- “Espaços Naturais”, PDMA
- “Espaços de Recreio e Lazer”, PDMA
- ▨ Zona de Protecção Especial
- Praia dos Moinhos
- Indústrias Desativadas
- Base Aérea nº6

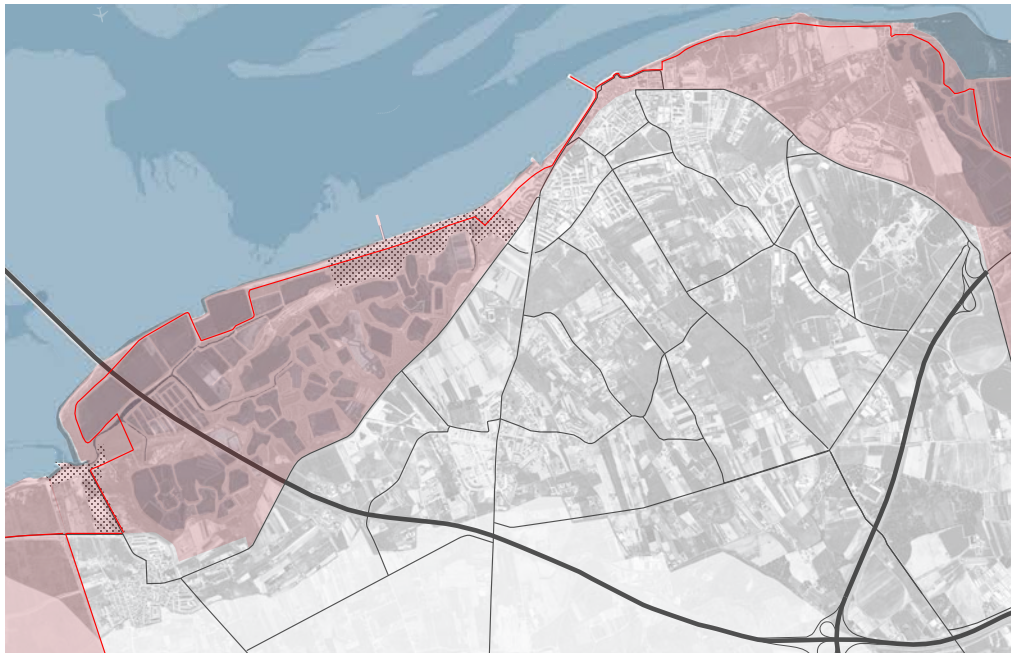
### 82. *Espaços Disponíveis*



- Cicloviárias Existentes
- Percurso Fluvial
- Associações (concelho Alcochete)
- Edifícios Religiosos
- Moinhos
- Pontão
- Recreação
- Desporto
- Espaços de Festividades
- ▨ “Espaços de Recreio e Lazer”, PDMA
- “Espaços Naturais”, PDMA
- Praia dos Moinhos
- Jardins Públicos
- Área de intervenção

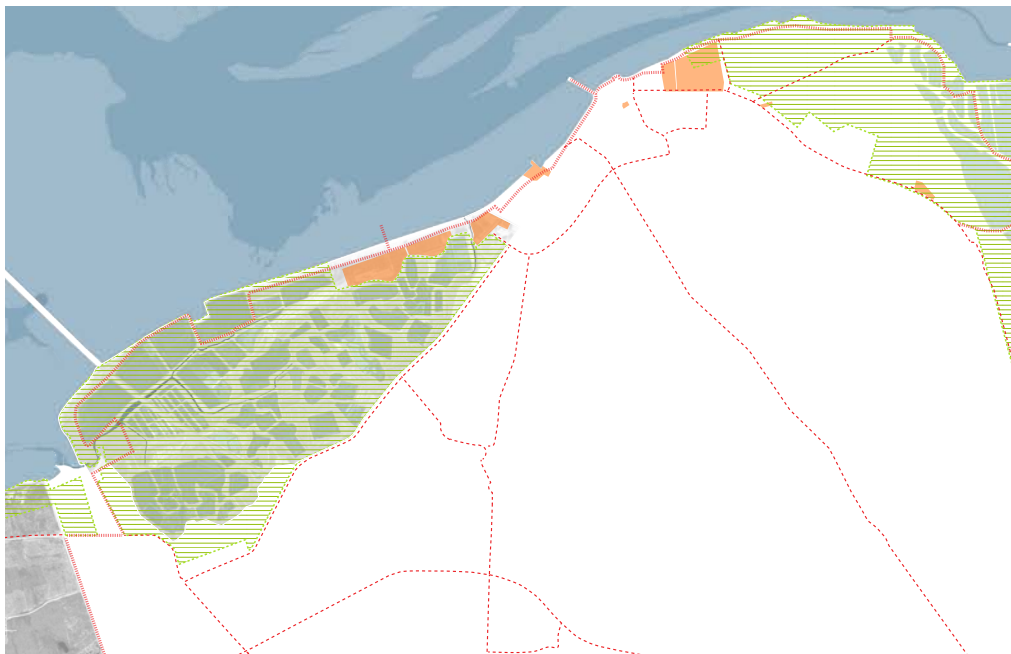
### 81. *Cultura e Lazer*

## ESTRATÉGIA



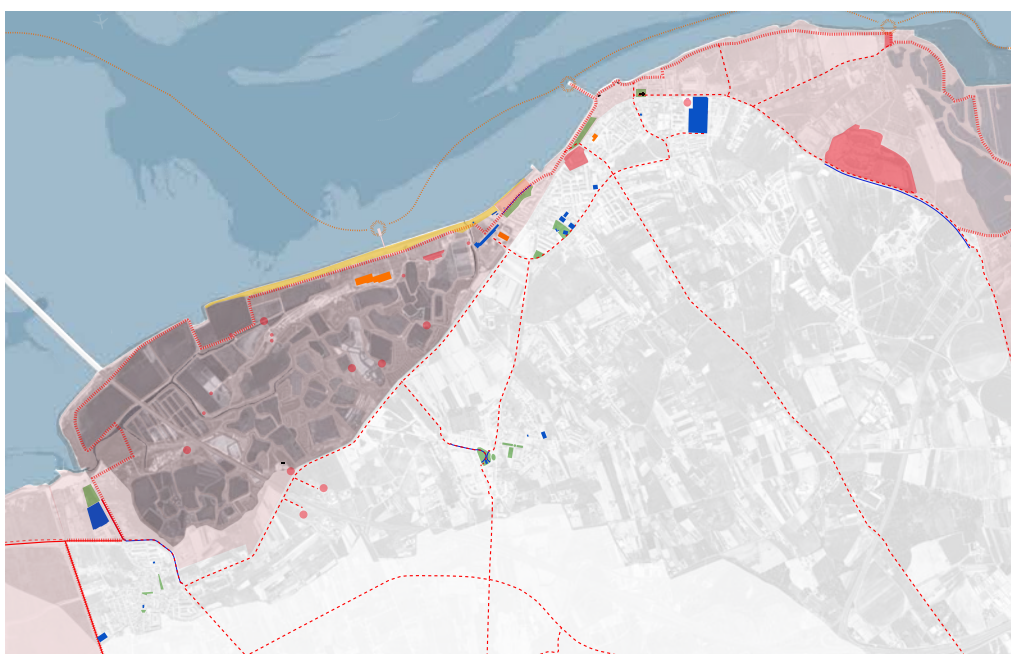
- Percurso ribeirinho
- Sistema Viário
- “Espaços de Recreio e Lazer”, PDMA
- Estrutura Ribeirinha

### 83. *Espaços Urbanos*



- Percurso ribeirinho
- Percursos Ciclo-Pedonais Propostos
- “Espaços Naturais”, PDMA
- “Espaços de Recreio e Lazer”, PDMA
- Zona de Protecção Especial
- Praia dos Moinhos
- Indústrias Desativadas
- Base Aérea nº6

### 84. *Espaços Disponíveis*



- Ciclovias Existentes
- Percurso ribeirinho
- Percursos Ciclo-Pedonais Propostos
- Percursos Fluviais Possíveis
- Edifícios Religiosos
- Pontão
- Recreação
- Desporto
- Praia dos Moinhos
- Jardins Públicos
- Estrutura Ribeirinha

### 85. *Cultura e Lazer*



86. *Centro da vila de Alcochete*



- a. Igreja Matriz, séc. XV
- b. Igreja de Nossa Senhora da Vida, séc. XVI
- c. Igreja da Misericórdia, séc. XVI

87. *Igrejas*



88. *Continuidade histórico-ribeirinha*

No conjunto de “espaços urbanos” inclui-se a rede viária com mais detalhe, sendo notória a micro escala, estradas e ruas secundárias. Igualmente as demarcações e definições no PDM de Alcochete: os “*Núcleos Urbanos Consolidados*”, as “*Áreas Urbanas Expansáveis*”, as “*Áreas Industriais*”, as “*Áreas de Recreio e Lazer*” e os “*Espaços Naturais*”.

Os “espaços disponíveis” revelam a importância do conjunto das indústrias desativadas ao longo da costa ribeirinha de Alcochete, sendo várias unidades numa área classificada e protegida, aliando-se aos “*Espaços Naturais*” definidos no PDM e às áreas disponíveis com água - o rio e as marinhas. Importa, de novo, uma estratégia que estructure toda a frente ribeirinha, aliando as áreas pós-industriais de frente de água às diferentes áreas protegidas e classificadas, fortalecendo a privilegiada frente do rio Tejo no concelho.

No conjunto de espaços de “cultura e lazer” importa realçar uma série de associações, iniciativas e eventos anuais nas três freguesias, o tema do desporto, cultura e lazer. Sendo visível, a concentração de atividades e equipamentos nos centros urbanos e a dispersão dos quatro troços de ciclovia existentes.

Pretende-se sobre isto, propor a frente ribeirinha como uma rede de espaço público ligada ao rio, uma estrutura contínua de circulação, como assinalado desde a primeira escala, e de relação com o programa existente e proposto. Torna-se relevante, portanto, a interação com a histórica frente de rio do centro da vila de Alcochete, como é possível observar nas imagens ao lado. A muralha ribeirinha que se revela como um contínuo miradouro para o Tejo, demarcando o limite entre o rio e o núcleo histórico da vila.

A grande área das salinas é considerada como um espaço coletivo, como parte estruturante da continuidade de frente de rio que funcionaria como um parque temático das salinas e zonas húmidas. Cujas indústrias do bacalhau integrariam um conjunto de equipamentos coletivos que pudessem funcionar em rede.

É proposto o “Parque das Salinas” com o objectivo de conjugar os diferentes retalhos, de diversas entidades, que se encontram na área de intervenção. As duas distintas áreas de salinas, a Fundação João Gonçalves Júnior e Fundação das Salinas do Samouco, num único parque temático das salinas, com os vários percursos delineados e estruturados, onde os vários equipamentos de ambas se pudessem inter-relacionar. Nas três indústrias da seca do bacalhau desativadas: a Bacalhau de Portugal, a Pescal e a Sociedade Nacional de Armadores do Bacalhau, as duas últimas, porém, do mesmo proprietário, são propostos três equipamentos coletivos nas estruturas ainda presentes.



## ESTRATÉGIA DE PROJETO

Um caso de ensaio

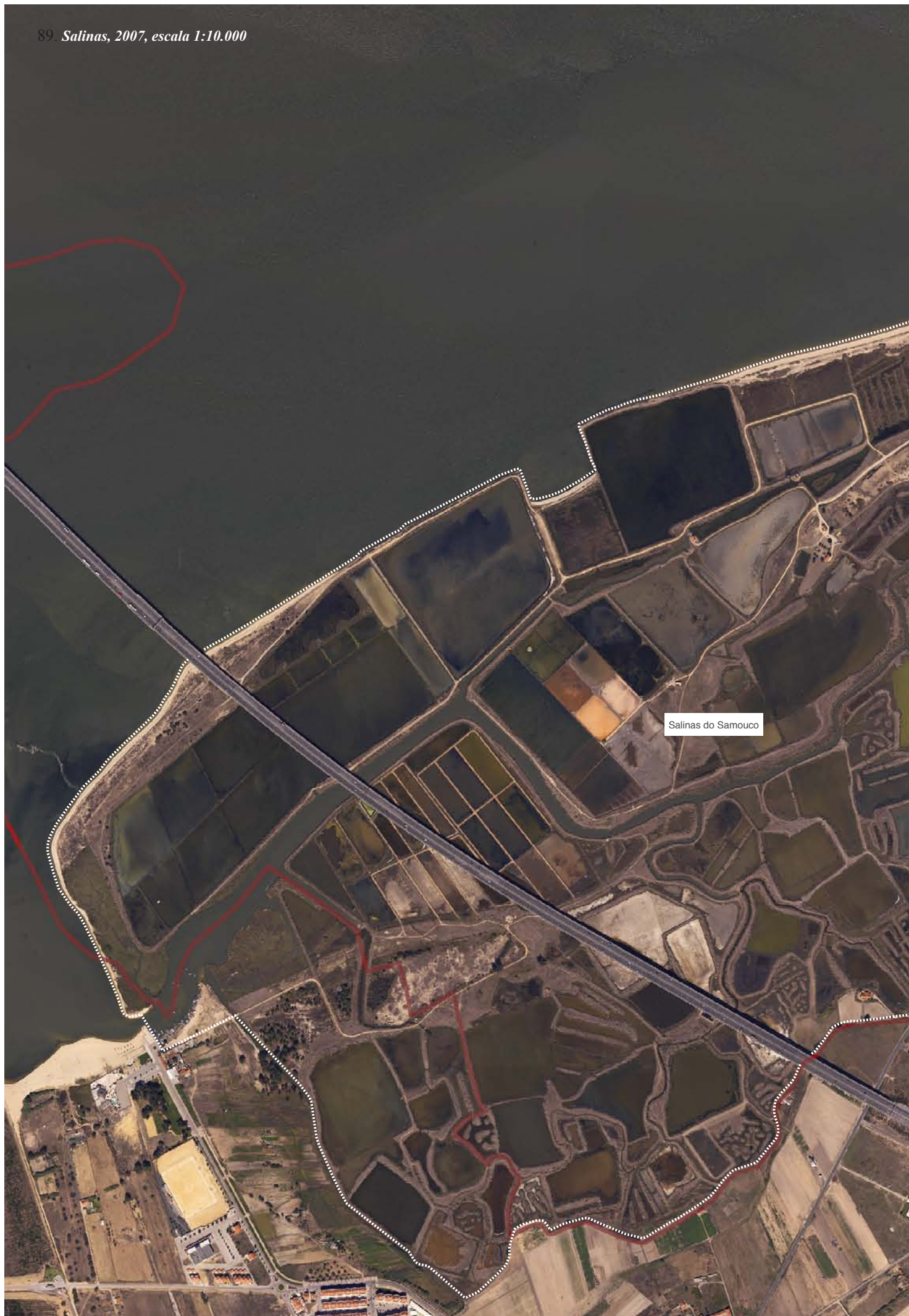
A partir das três sucessivas aproximações-escalas ao caso de estudo, realizadas na primeira parte do Bloco II - “Parque das Salinas, um caso de ensaio”, o capítulo presente constitui o culminar de ideias e intenções que pretende estabelecer uma estratégia de intervenção clara na área das salinas e das antigas indústrias da seca do bacalhau.

À semelhança da primeira parte, procedeu-se à definição de três escalas operativas relevantes, definindo numa primeira instância o enquadramento do conjunto de intervenção: a área das salinas e das indústrias desativadas de seca do bacalhau, a Bacalhau de Portugal, a Pescal e a Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau. A segunda escala consiste no enquadramento das três indústrias de seca do bacalhau. Por último, procedeu-se ao *zoom* relativo à escala do edifício, onde cada indústria de seca do bacalhau é isolada no seu contexto próximo.

Tem-se em conta, portanto, o legado de análise-estratégia a diferentes escalas realizado anteriormente, onde se persegue a intenção de uma estrutura contínua de circulação ribeirinha ao longo do Tejo, relacionando-se com uma série de atividades lúdicas e recreativas. O “Parque das Salinas” é encarado, então, como uma parte estruturante da rede de circulação linear ao longo da margem sul, constituindo um momento relevante pela sua condição de zona protegida e de riqueza natural.

O “Parque das Salinas” toma forma como um conjunto, onde “Estratégia de Projeto” tem como objetivo constituir uma estrutura/rede pública de circulação base de relação com o existente, onde o programa proposto torna-se complementar ao programa funcional existente, que se pressupõe ser uma mais valia para o lugar, tendo em vista a sua valorização ambiental, territorial, paisagística e social.

O desenvolvimento desta última etapa do trabalho, divide-se em duas instâncias, uma primeira “Estratégia Geral - percursos, ligações e programa” e por último “As Indústrias da Seca do Bacalhau”.



Salinas do Samouco



Bacalhau de Portugal

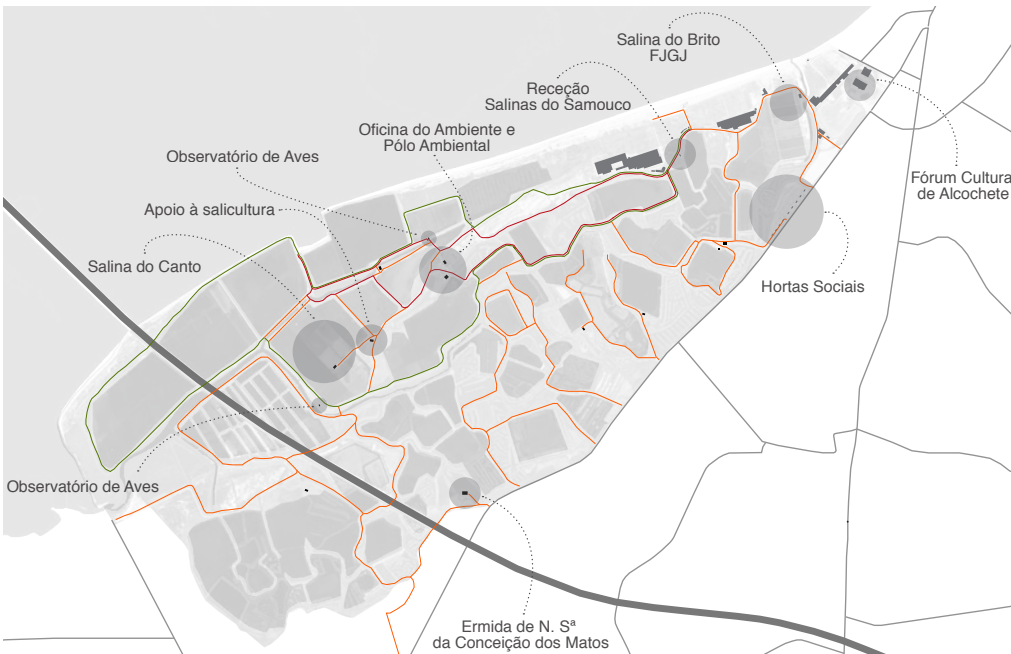
Pescal

Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau

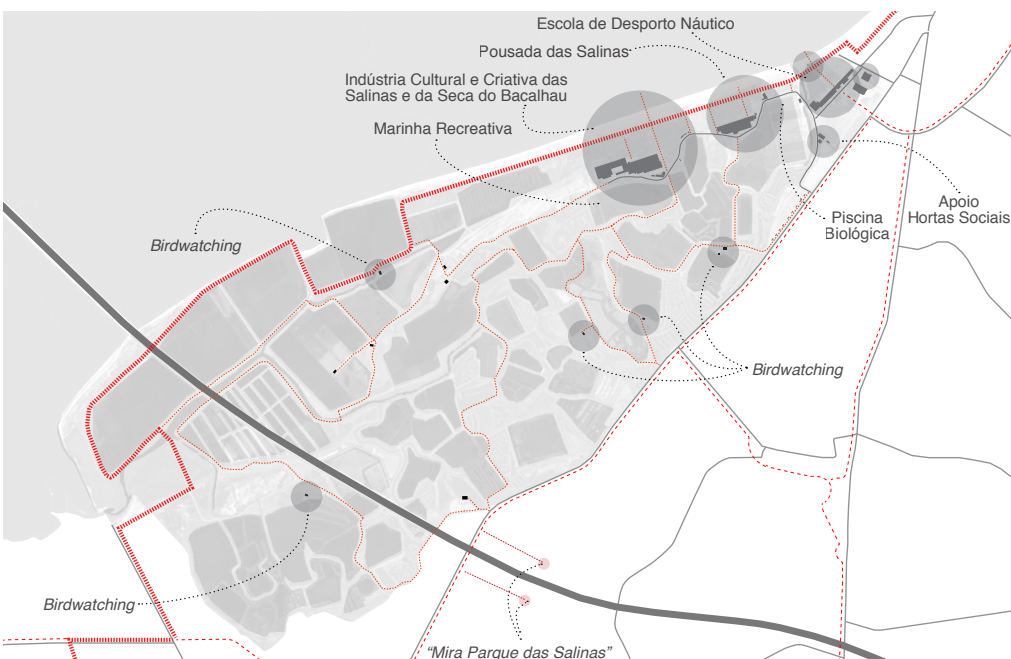
Fundação João Gonçalves Júnior



90. *Elementos representativos*



91. *Programa funcional*



92. *Programa complementar proposto*

## 01. ESTRATÉGIA GERAL

### percursos, ligações e programa

O lugar de intervenção, com uma área aproximada de 4 km<sup>2</sup>, encontra-se atualmente constituído por vários elementos representativos, de ordens e naturezas diferentes.

A área das salinas está dividida em duas fundações, a Fundação para a Proteção e Gestão Ambiental das Salinas do Samouco, com uma área aproximada de 360 hectares, e a Fundação João Gonçalves Júnior, encontrando-se a Norte as três antigas indústrias de seca do bacalhau - a Bacalhau de Portugal, a Pescal e a Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau.

Em torno à Bacalhau de Portugal encontram-se, por sua vez, junto ao rio um antigo moinho a vento, e, junto à estrada nacional Alcochete-Samouco, o Fórum Cultural de Alcochete inaugurado em 2005. Igualmente junto à estrada nacional, perto do encontro com a ponte, encontra-se a Ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Matos, da segunda metade do século XVI, vedada ao público, mas passível de ser visitada conforme marcação de visita.

Tendo consistido numa das maiores regiões produtoras de sal do país, a antiga região Alcochete-Samouco engloba atualmente apenas duas salinas que produzem sal: a salina semi-mecanizada do Brito e a salina do Canto, esta última de forma tradicional, produzindo sal traçado, sal grosso e flôr-de-sal. Encontra-se na área um interessante retalho de marinhas, salinas e viveiros, constituindo ainda no seu conjunto uma “paisagem rigorosamente estruturada”. Para além da extração de sal também têm sido desenvolvidos um conjunto de viveiros importante “em alguns viveiros destas salinas, reservatórios de água, o nível de água permite que se desenvolvam algumas espécies de peixes de valor comercial, como a enguia, o robalo, a dourada e o linguado e ainda um pequeno camarão muito procurado, a camarinha”<sup>96</sup>.

A fundação das salinas do Samouco engloba igualmente uma série de pontuais estruturas interessantes, no entanto, até à altura em processo de desenvolvimento. A Receção, um ponto de informação e venda do sal produzido na Salina do Canto, a Oficina do Ambiente onde é possível observar a ictiofauna das salinas em aquário, funcionando como apoio à investigação científica e, finalmente, o Pólo Ambiental do Núcleo dos Pinheirinhos, um edifício recuperado onde seria projetado um documentário sobre as salinas do Samouco, bem como a visualização em direto de imagens das aves nas salinas. São pontuais também algumas atividades que a fundação propõe como são os passeios pedestres pelas salinas (visível num cartaz de um dia de atividades no Anexo 02) e os “dias de família” onde é possível experimentar e participar na extração de sal. No entanto, aquando da realização da presente dissertação, a Fundação foi extinta, sendo incerto o seu futuro.

96. Salinas do Samouco [em linha]



93. *Salicultura, Salina do Canto, 2012*



94. *Flôr-de-sal,*  
*Salina do Canto, 2012*



1. 7ª Essência, 2005  
Surf, Bodyboard, Stand Up Paddle (SUP)



2. Carcavelos Surfschool  
Surf



3. Escola de Windsurf Carcavelos, 1982  
Windsurf



4. Associação Naval de Lisboa, 1856  
Vela, Remo, Cartas de Navegador



5. Clube Naval de Lisboa, 1892  
Vela, Remo, Canoagem



6. Centro Náutico Parque das Nações, 1982  
Vela, Canoagem, Windsurf, SUP



7. Surf and Bodyboard School  
Surf, Bodyboard



8. Centro Internacional de Surf, 2000  
Surf



9. Puro Surf, 2011  
Surf, Stand Up Paddle (SUP)



10. Clube Náutico de Almada, 1975  
Vela



11. Associação Náutica do Seixal, 1975  
Vela, Remo, Canoagem



12. Clube Naval Barreirense, 1925  
Vela, Remo, (Pesca Desportiva)



**95. Escala Metropolitana, escolas e respetivas modalidades desportivas aquáticas existentes e possíveis práticas em Alcochete**

13. "Os Amigos do Mar", 1988  
Vela, Canoagem



14. Associação Naval Sarilhense  
Vela



15. Centro Náutico Moitense  
Oficinas lúdicas: carpintaria naval, pintura tradicional; Organização de concursos e fragatas



16. Clube Atlético do Montijo, 1978  
Canoagem



17. Clube Náutico Alfoz, Alcochete  
inactivo

18. Alcochete Extreme  
Kitesurf, Stand Up Paddle (SUP)



**96. Alcochete Extreme, Praia dos Moinhos, 2013**

O Estuário do Tejo marcado pela sua forte biodiversidade, constitui um lugar de excelência para a atividade *birdwatching*. Segundo a Fundação das Salinas do Samouco, foram avistadas até a data 170 espécies de aves diferentes na área das salinas, existindo duas estruturas em madeira de observação de aves. Existem igualmente dois trilhos marcados pela fundação, especialmente marcantes para a observação de flamingos e pernilongos: “o trilho do flamingo é um percurso circular com 4,56 km e de dificuldade reduzida. O trilho do pernilongo é um percurso circular com 7,80 km e de dificuldade média.”<sup>97</sup>.

97. Salinas do Samouco  
[em linha]

O interessante conjunto de programa e atividades que decorre na área das salinas, juntamente com a riqueza e diversidade ambiental e paisagística, representam uma forte identidade do lugar, transportando um legado de cultura e memória ainda presente na população da região.

Pretende-se, então, definir uma estratégia tendo como base os diferentes elementos existentes no lugar, de modo a constituir um sistema de articulação e consistência entre estes, integrando um conjunto de novas ideias, circulações e programa complementar que estructure toda a área como um todo: o “Parque das Salinas”.

A proposta funcional consiste, em primeiro lugar, na recuperação das antigas indústrias do bacalhau. Desativadas há duas décadas, pertencem atualmente a duas entidades diferentes, encontrando-se sem uso/função, na expectativa da sua demolição para novas construções imobiliárias, como atrás referido, tornando a sua extensa área privatizada. Face à atual conjuntura, por um lado, e ao seu valor como memória e identidade do lugar propõe-se a sua recuperação, novamente como um “caso de ensaio”. As características físicas de qualidade espacial e o “silêncio” - como afirma Souto de Moura - das grandes naves, sugerem a sua potencial adaptabilidade e flexibilidade, transformando-se no presente trabalho em três equipamentos coletivos.

A “Escola de Desporto Náutico do Parque das Salinas” tenta dar continuidade à recente associação “Alcochete Extreme”, encontrando-se numa instalação temporária na Praia dos Moinhos, onde são organizadas aulas de *Kitesurf* e *Stand Up Paddle Surf*. Reconhecida a sua importância e adesão em Alcochete, assim como o seu potencial em relação à AML, a proposta tenta permitir um maior leque de ofertas e possibilidades, promovendo a prática de um maior número de desportos náuticos associados ao vento característico da zona. Proposta esta localizada na Bacalhau de Portugal, a indústria que se encontra mais perto da vila de Alcochete, de mais fácil acessibilidade e maior relação com o principal areal da Praia dos Moinhos, onde se concentra um maior número de pessoas, não apenas no Verão, mas também durante todo o ano.

Tendo em conta as intenções turísticas propostas pelos proprietários para o lugar, propõe-se na Pescal, por sua vez, a “Pousada das Salinas” com um espaço dedicado à talassoterapia.



97. *Estruturas para observação de Aves*



98. "Casa de Sal" e viveiros



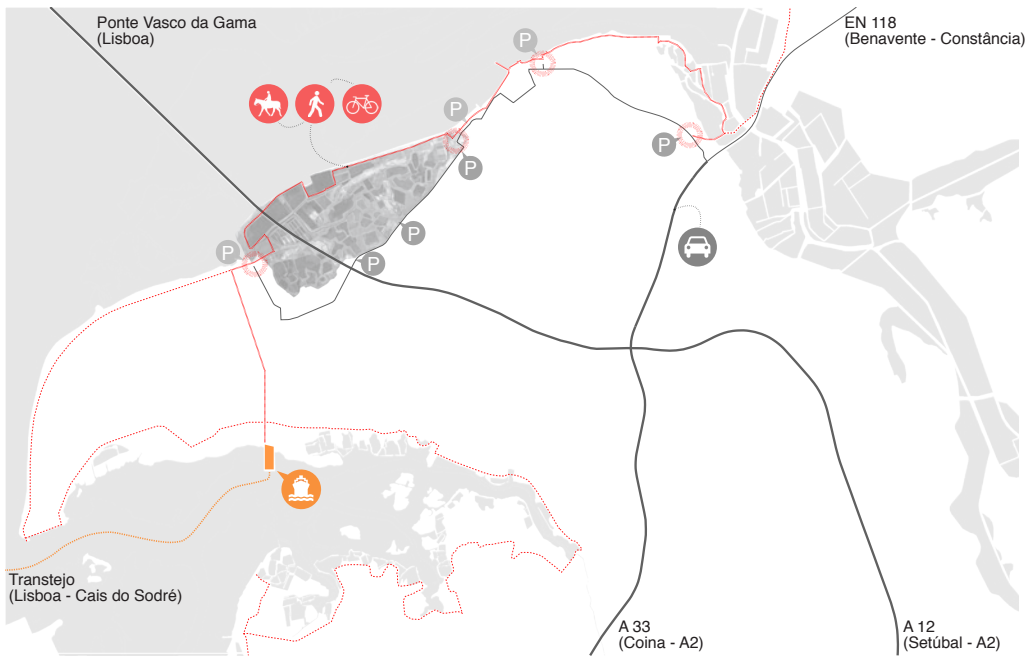
99. *Marinhas e viveiros,  
Salinas do Samouco*

Finalmente, pretende-se a transformação da SNAB na “Indústria Cultural e Criativa das Salinas e da Seca do Bacalhau” que tenciona estabelecer uma relação entre a história do lugar, numa parte de museu e centro interpretativo, com uma parte criativa, onde a pousada tem um rol importante, podendo albergar artistas e ocupantes da indústria, como um residência de artistas. Tenciona-se a fomentação da prática de investigação e atividades científicas, culturais ou artísticas, numa estreita relação de apoio e complementariedade com o programa já existente nas salinas e no Fórum Cultural. Torna-se relevante, igualmente, a sua articulação com iniciativas e associações que decorrem nas freguesias que a rodeiam. A Associação Gil Teatro de Alcochete promove uma série de atividades lúdico-pedagógicas interessantes desde teatro a malabarismo, organizando anualmente na Praia dos Moinhos o Festival Internacional de Papagaios de Alcochete que, para além de demonstrações de voo de papagaios, promovem também *workshops* e ensaios de construção e voo de papagaios para a população em pequenas instalações temporárias ao longo da praia.

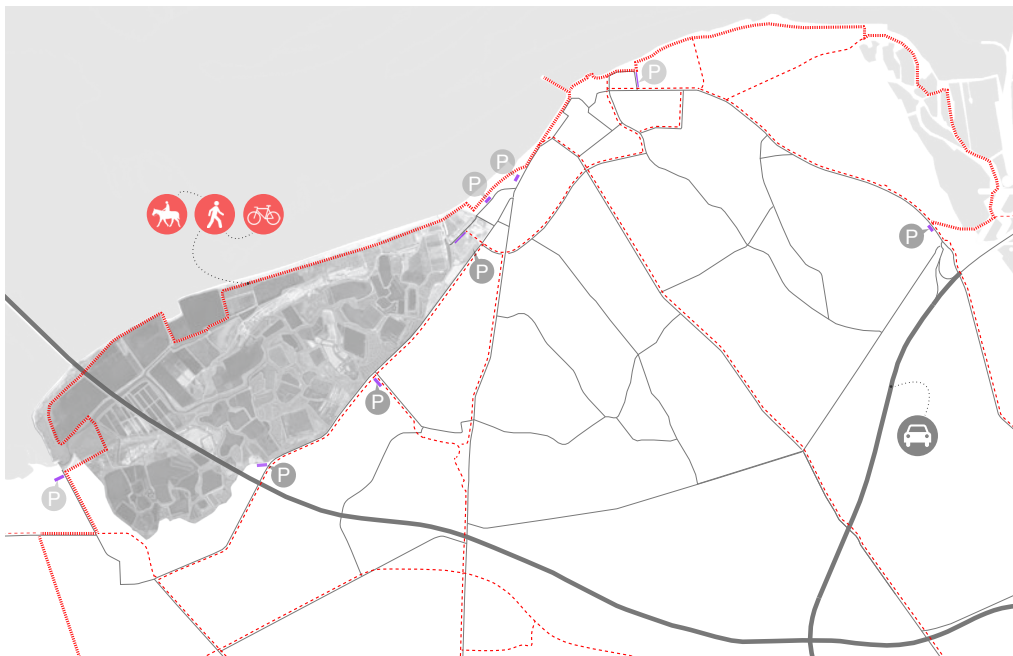
As marinhas constituem um conjunto marcante na área encaradas como “espaços disponíveis”. As suas dimensões e quantidade, preenchidas de água, conferem a estes espaços um enorme potencial a vários níveis - paisagístico, ambiental, lúdico ou de investigação. Propõe-se então a possibilidade de utilização das marinhas para atividades pedagógicas, lúdicas, recreativas e desportivas. Atividades estas, porém, que tenham um impacto ambiental reduzido na sensível e protegida área de intervenção.

Torna-se interessante e possível nas marinhas e viveiros - e também no rio - a prática de pesca desportiva, de modelismo náutico, bem como a organização de passeios de *kayak*, relacionando-se diretamente com a escola de desporto náutico. Propõe-se a adaptação de uma das marinhas da Salina do Brito numa piscina biológica, onde existe já a intenção por parte da FJGJ de criar um *Spa*, localizando-se entre a pousada e a escola. Define-se, igualmente, na marinha situada junto à SNAB a “Marinha Recreativa”, relacionando-se diretamente com a indústria, consistindo num espaço experimental que torna possível albergar experiências, trabalhos de investigação ou até instalações artísticas aquáticas, como teatros - podendo ser aliado ao Festival de Expressões Ibéricas realizado anualmente em Alcochete - tendo como referência as peças realizadas na água da companhia de teatro francesa Ilotopie.

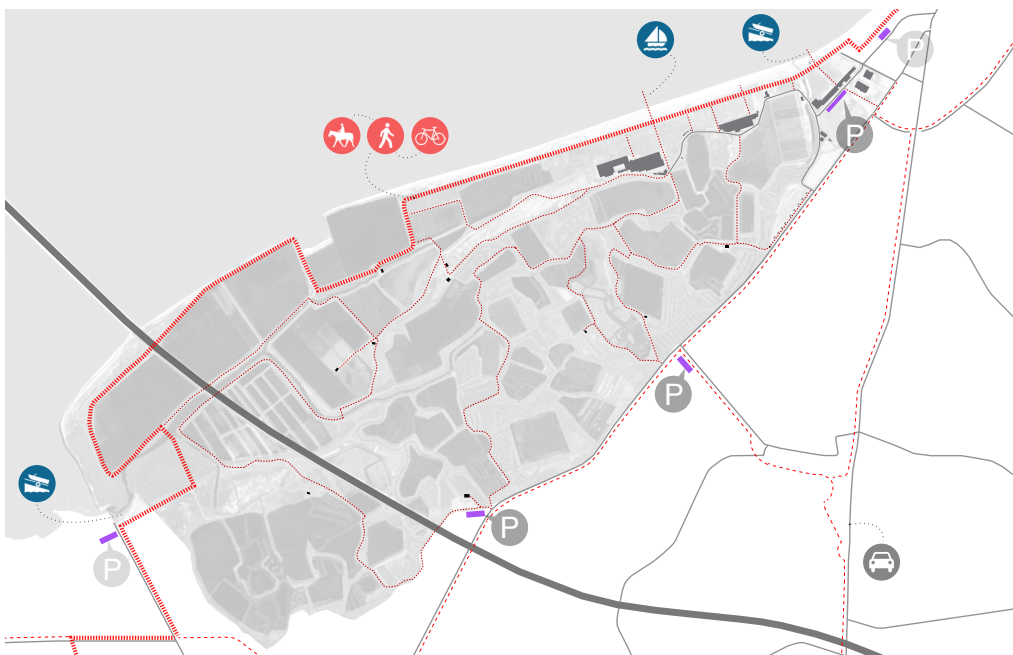
No conjunto das salinas propõe-se, a par do conjunto de intervenções referidas, a recuperação de cinco antigas estruturas de apoio ao salineiro, as “casas de sal”, para a criação de núcleos de suporte à atividade *birdwatching*. Estes apoios constituem um conjunto de pequenos refúgios ou abrigos dispersos, onde é possível permanecer durante o tempo que lhes é necessário na observação das aves, inclusivé pernoitando, relacionando-se com a gestão da pousada.



100. *Acessos à escala metropolitana*



101. *Acessos e pontos intermodais*



102. *Percursos*

Relevante, igualmente, é a recente comunidade de Burros Mirandeses, fruto de um projeto iniciado pela fundação. Tem-se como objetivo apoiar a continuação do projeto, tornando possível e promovendo o contacto direto com estes animais, bem como potenciar a possibilidade de passeios de burro nos percursos das salinas, com a fixação de uma instalação de apoio numa das dependências da SNAB, junto à receção das salinas.

Outro projeto de extrema importância nas salinas do Samouco, revelaram ser as “hortas sociais”, ocupando uma área de 18.000 m<sup>2</sup> adjacente à estrada municipal, dividida em 18 talhões. A procura de espaços para arrendar tem mostrado ser maior que a oferta, estando de momento todos ocupados. Propõe-se, face a esta evidência a continuação do projeto para um terreno adjacente, sem função atual, junto à Bacalhau de Portugal.

O programa funcional existente e proposto tem a aspiração do seu funcionamento como um conjunto, onde cada função complementa outra. A proposta é garantida, porém, através de um sistema de percursos ciclo-pedonais, consistindo num percurso estruturador ribeirinho, aliado a um conjunto de percursos complementares e transversais a este em rede. Sistema este que pretende funcionar como uma estrutura de circulação, partindo de uma escala maior, em extrema relação com a envolvente, até ao interior do “Parque das Salinas” tendo em vista a promoção do uso de meios de transporte alternativos.

O percurso ribeirinho consiste num caminho linear junto ao rio, articulando-se na área de intervenção com um reduzido percurso já existente na Praia dos Moinhos e, no extremo Sul igualmente com um outro percurso pré-existente, englobados na rede de percursos propostos na Península Alcochete-Montijo, onde é possível inclusivé chegar à estação do Seixalinho no Montijo, onde arranca o barco até ao Cais do Sodrê.

Junto ao “Parque das Salinas” o percurso ao longo do Tejo tem 4 metros de largura, integrando lugares onde é possível repousar. Tendo em conta a cota de cheia definida em Almada de 3,08 metros, o percurso não ultrapassa esta altura, sendo caracterizado por dois tipos de pavimento: um principal, tendo como material um betuminoso colorido de vermelho, assente no pavimento existente. O segundo tipo, situando-se em dois momentos - no encontro com o areal da Praia dos Moinhos e com a pequena ribeira que desagua no rio desde as salinas - sobreleva-se numa estrutura de madeira, mantendo a mesma cota do anterior, cujo pavimento é igualmente em madeira. Ao longo deste percurso constituiu-se um conjunto de caminhos perpendiculares a este que penetram no areal, partindo desde pontos relevantes, como são as indústrias de seca, atravessando a área dos antigos secadouros pelos percursos ainda marcados no pavimento. Fazendo parte dos caminhos transversais, encontra-se junto à escola de desporto náutico uma rampa que penetra no rio, facilitando a prática dos diferentes desportos.



103. *Passeios nas Salinas do Samouco*

De maior relevância é, porém, a recuperação do antigo pontão em madeira de descarga do bacalhau, localizado junto à SNAB como elemento da memória do lugar e pelas possíveis ligações fluviais que permite proporcionar.

No “Parque das Salinas” procurou-se estruturar a rede de percursos já existente em terra batida, grande parte atualmente denotando a sua falta de manutenção. Delinearam-se, portanto, os principais trilhos, que cruzam os lugares e os elementos representativos na área, incluindo os trilhos do flamingo e do pernilongo marcados pela Fundação das Salinas do Samouco, percursos estes, onde se propõe a sua manutenção.

A par de uma rede estruturada de circulação, é igualmente proposto o conceito de *bike-sharing*, localizado em pontos estratégicos intermodais, que englobam núcleos de estacionamento, suportando e incrementando a possibilidade de deixar a viatura privada e alugar bicicletas ou partir para um passeio pedonal. Torna-se fundamental nos pontos intermodais, o acompanhamento de um conjunto de sinalética e mapeamento que permita o entendimento geral e a orientação na área de intervenção integrando-o na envolvente, e das várias zonas, programas e atividades relevantes, de modo a orientar o vasto leque de tipos de utentes que visitarão a área.

As duas estações de serviço da ponte Vasco da Gama, com um constante fluxo de utentes, revela ser um lugar estratégico face à área de intervenção. A sua situação mais elevada e de grande visibilidade face às salinas permite ter o alcance visual do conjunto, no seu contexto alargado de frente do Tejo, sendo possível ainda avistar Lisboa para lá do rio, chamou-se portanto de “Mira Parque das Salinas”. Ambas as estações conectam-se com a estrada limítrofe da área de intervenção - a estrada nacional Alcochete-Samouco - a partir de duas entradas pedonais secundárias de apoio, porém desconhecidas pela maior parte dos transeuntes. Pretende-se com isto, criar um ponto que permite não só visualizar o conjunto do “Parque das Salinas”, mas também promovê-lo e dando a conhecer o que existe para lá das estações, conotadas pelo seu isolamento face à envolvente, criadas com o intuito apenas de servir a auto-estrada que é a ponte.

Propõe-se, então, em cada uma das estações a instalação de um ponto intermodal integrado na rede de percursos proposta. Nestes lugares, onde já se estacionam as viaturas, adiciona-se um ponto de *bike-sharing* e de informação mapeada, situando-se de modo a direcionar o olhar: sobre o estação de serviço a Norte - Alcochete-Lisboa - enquadra o alargado campo de visão para as antigas indústrias de seca, enquanto a outra estação a Sul, direciona-se para a entrada no parque pelo Samouco, junto à área de Pinhal.

No parque pretende-se a interdição de viaturas privadas, podendo chegar somente até à SNAB, onde é possível estacionar.

Ermida de N. S<sup>a</sup>  
da Conceição dos Matos

Salinas do Samouco



Ponte Vasco da Gama

Estação de Serviço  
Lisboa - Alcochete

Estação de Serviço  
Alcochete - Lisboa

104. *Esquema de  
integração das estações de  
serviço da Ponte Vasco da  
Gama*

Propõe-se igualmente a circulação de um *minibus* que percorre a vila e arredores, até onde se encontra a SNAB, de modo a assegurar uma melhor ligação e conexão de transporte público entre as diferentes manchas e aglomerados encontrados na península, em relação com o parque. Estrutura esta passível de funcionar pontualmente conforme o fluxo de visitantes, nas horas de ponta - sendo que a grande parte da população usa a viatura privada para circular na península - ou até mesmo assegurando um serviço escolar, onde uma série de atividades decorridas no parque poderia servir como função extra-curricular das escolas da zona.

Finalmente, o conjunto do “Parque das Salinas” corresponde a uma procura de coerência, consistência e valorização da área de intervenção como um todo, numa tentativa de articulação entre os vários elementos, constituindo um conjunto de circulações e programas que se relacionem entre eles, mas igualmente com os contextos local, peninsular e metropolitano onde se insere. Notando a necessidade de uma gestão que a identifique como um conjunto que torna possível a inter-relação entre os diferentes elementos presentes.

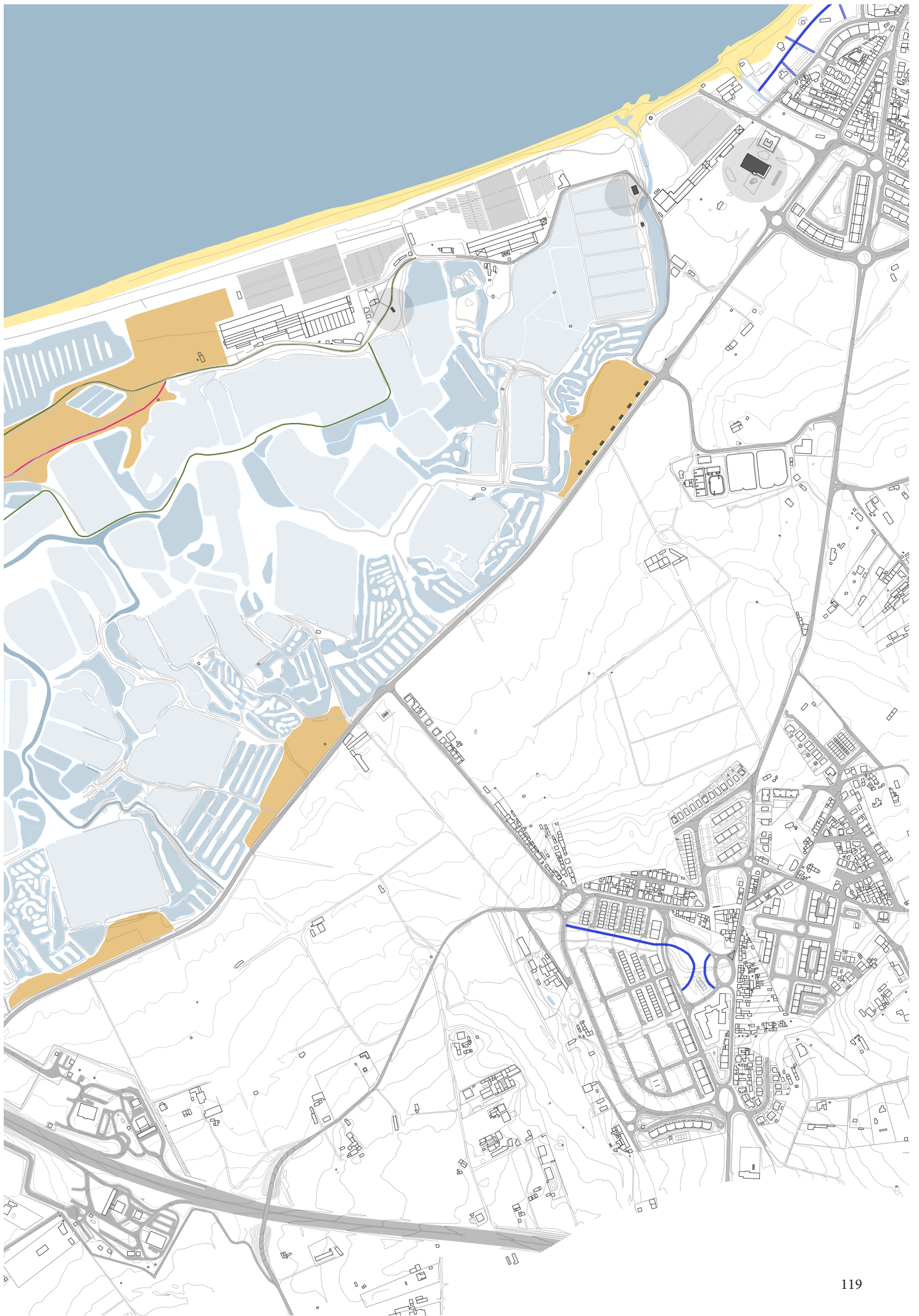
O objetivo é portanto a tentativa de reconhecimento da existência de dois termos de confronto: a intervenção e o ambiente na qual esta se insere, constituindo a ideia de um novo “equilíbrio” no lugar: *“Il territorio è in pericolo perchè non si ha più cognizione che la sua integrità – causa dell’integrità di ogni specie e in primo luogo della specie umana – è affidata alla continua ricostituzione di un delicato equilibrio tra le sue componenti molteplici. Così quando si aggredisce una componente pensando che sia sola (e quindi recuperabile), si ignora che tutte le componenti sono aggredite allo stesso tempo perché legate da rapporti di interdipendenza immediata”*<sup>98</sup>.

98. Giancarlo De Carlo (1991). FERRENTINO, Taryn. *Attraverso Giancarlo de Carlo – una mappa di materiali per ripensare il progetto della città contemporanea*, p.102














105. *Conjunto das salinas e das indústrias da Seca do Bacalhau, existente, escala 1:10.000*

- Marinhas, salinas
- Viveiros
- Zona Agrícola
- Pinhal
- Sapal
- Sistema dunar, areal
- Trilho do Flamingo
- Trilho do Pernilongo
- Elementos representativos
- Ciclovias Existentes

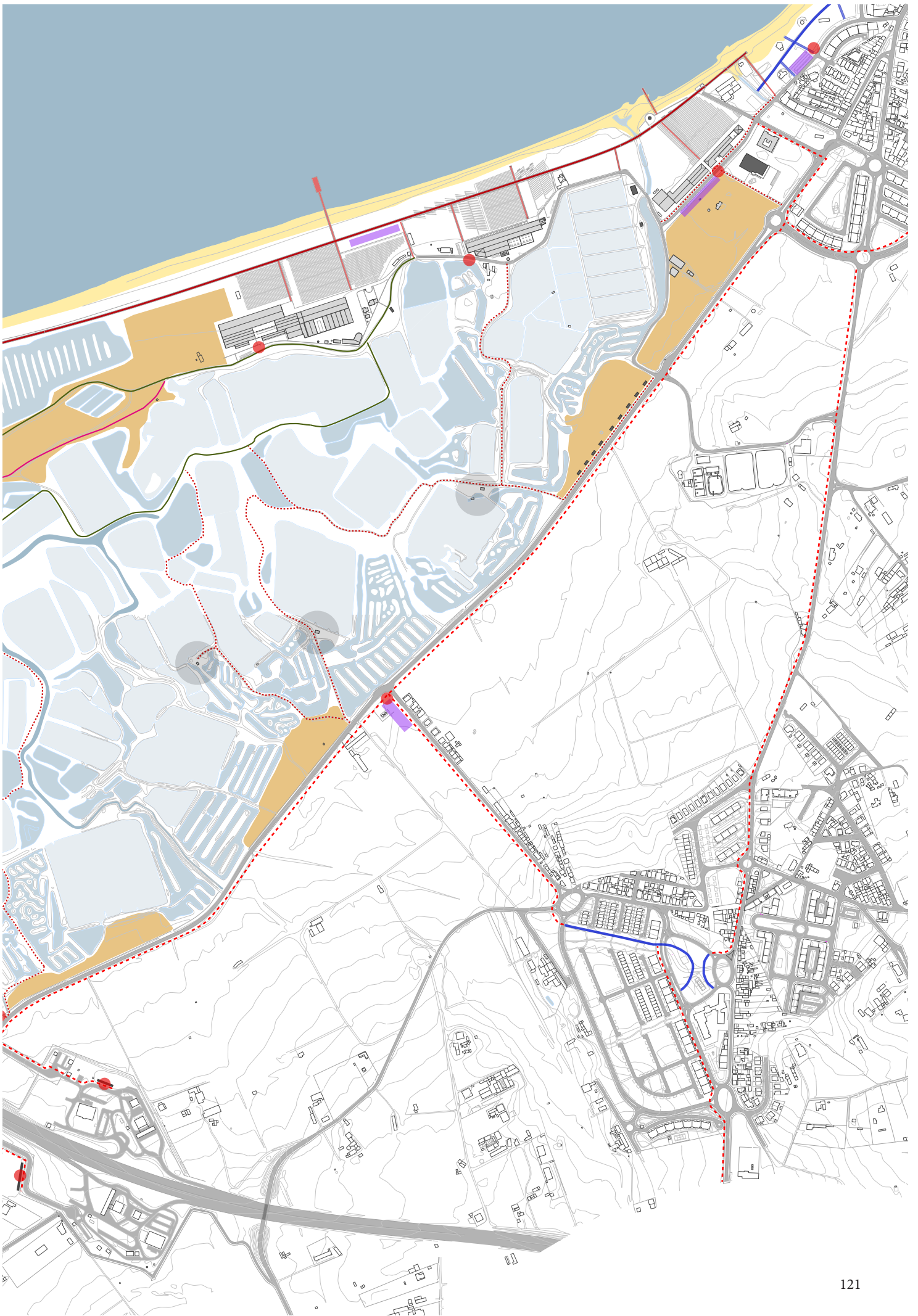




106. "Parque das Salinas", esquema de proposta, escala 1:10.000

- |   |   |
|---|---|
|  Marinhas, salinas         |  Percurso ciclo-pedonal estruturante |
|  Viveiros                  |  Percursos nas salinas a valorizar   |
|  Zona Agrícola             |  Reconstrução do pontão              |
|  Pinhal                    |  Elementos a valorizar               |
|  Sapal                     |  Estacionamento                      |
|  Sistema dunar, areal      |  Pontos de Bikesharing               |
|  Trilho do Flamingo        |  Birdwatching                        |
|  Trilho do Pernilongo      |  Percurso ciclo-pedonal              |
|  Elementos representativos |   |
|  Ciclovias Existentes      |   |







107. *Vista parcial da Praia dos Moinhos*



108. *Primeiro moinho e casal na Praia dos Moinhos*

## 02. O MOINHO E AS INDÚSTRIAS DA SECA DO BACALHAU

*“Todo o litoral estremenho, bastante ventoso, está semeado de moinhos, que têm planta circular ou triangular, conforme são de sólida alvenaria de pedra ou estruturados inteiramente em madeira (região do pinhal de Leiria).*

*Na Primavera e no Outono, os ventos sopram com maior vigor e as velas brancas rodopiam com vivacidade, verdadeiros elementos dinâmicos da paisagem rural. Os púcaros de barro, e as cabaças, de diversos tamanhos e dispostos ao longo dos tirantes, sob a acção penetrante do vento dão a chamada música destes engenhos rústicos”<sup>99</sup>.*

99. ANTUNES, Alfredo da Mata [et.al]. *Arquitectura popular em Portugal*, p. 164

A “Praia dos Moinhos” em Alcochete situa-se em toda a extensão das salinas da Fundação João Gonçalves Júnior e das Salinas do Samouco, assim designada pelos três antigos moinhos de vento, que se encontram alinhados com a frente de água. Enquanto um moinho se verifica recuperado como habitação unifamiliar, os outros dois - o moinho junto à Bacalhau de Portugal, e o mais afastado - se encontram sem uso específico, cedidos à Câmara Municipal de Alcochete e programados para uso de recreação. São vários os moinhos de vento que se encontram predominantemente junto às margens do Tejo, remontando ao século XVI. Na península de Alcochete e Montijo encontram-se alguns exemplos, ligados à moagem de cereais, mas também moinhos de água, servindo para a elevação de água nas marinhas de sal.

No contexto das antigas indústrias de seca do bacalhau é marcante a presença dos moinhos, tornando-se relevante a localização do moinho junto à Bacalhau de Portugal, assente numa base elevada em relação ao areal.

As Indústrias apresentam uma interessante implantação, distribuídas seguindo a linha de água, com as suas frentes principais viradas para o rio, como que esperando a chegada dos bacalhoeiros e fragatas carregadas de bacalhau. Estas são constituídas por grandes e várias naves que foram continuamente sendo acrescentadas aos originais edifícios, construídas em diferentes momentos em todas as três indústrias, representando a sua prosperidade e desenvolvimento. São ainda presentes as marcas dos antigos secadouros, onde se procedia a secagem natural do bacalhau, estreitos caminhos - com largura de 1 metro - entre as estruturas fixas onde se colocavam os tabuleiros em madeira com o peixe escalado.

Tendo em vista o projeto de recuperação das indústrias realizou-se a procura dos levantamentos ou desenhos originais das indústrias. Apenas na Bacalhau de Portugal tinha sido realizado o levantamento do terreno ao seu redor e dos armazéns da indústria, cujos desenhos foram cedidos para a realização deste



109. Salinas e recorte da área das indústrias do bacalhau



110. As indústrias da seca do bacalhau

trabalho, encontrando-se igualmente alguns dos desenhos originais no arquivo da CMA (apresentados no Anexo 06). Relativamente à Pescal e à SNAB, onde ainda não tinha sido realizado o levantamento, foram encontrados apenas desenhos no arquivo de alguns dos armazéns da SNAB (no Anexo 09).

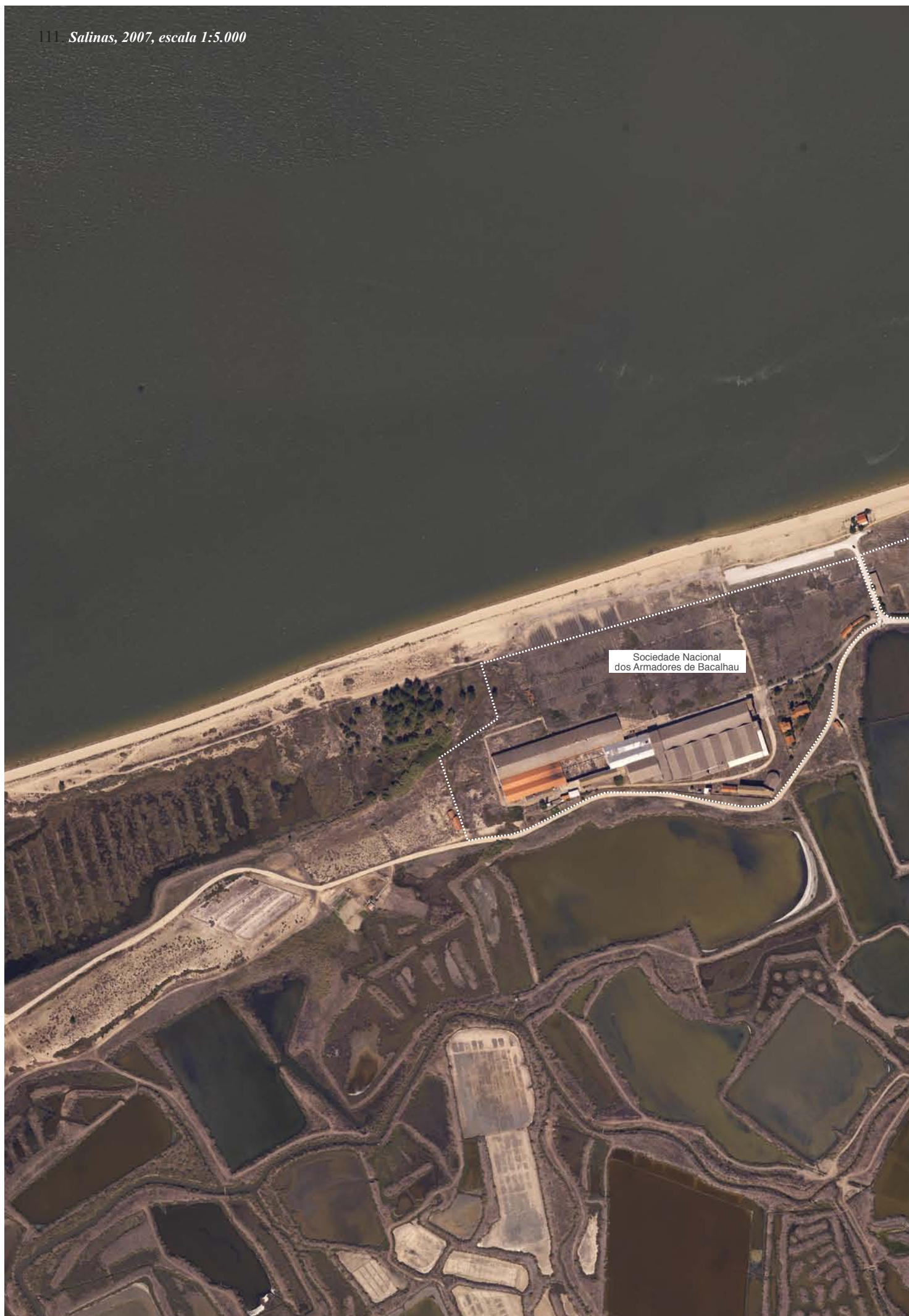
Procedeu-se então ao levantamento *in loco* das três indústrias: a confirmação dos desenhos cedidos - implantação e alçados -, comparação dos desenhos originais e ao levantamento do interior da Bacalhau de Portugal e do moinho. Na Pescal, sem qualquer tipo de documentos de referência, procedeu-se ao levantamento no lugar. E finalmente na SNAB, foi realizada a interpretação e comparação dos desenhos de arquivo, pois devido à sua envergadura muitos eram os desenhos de edifícios que não existem, possivelmente destruídos ou até mesmo nunca construídos. Efetuou-se então o levantamento comparando com os desenhos dos armazéns encontrados, visto haver diferenças relacionando o atual estado dos armazéns com os desenhos originais.

Optou-se como intervenção a delimitação e correspondência das diversas áreas encontradas nos armazéns que melhor serviam o programa proposto nas indústrias, justificando um menor número de intervenções e alterações realizadas. Definiu-se como relevante a escolha dos elementos de destaque e de referência de cada uma das indústrias. A Bacalhau de Portugal e a Pescal englobam vários elementos interessantes de referência, como são, respetivamente, o moinho e a torre junto ao antigo núcleo de escritórios, tendo cada uma um depósito de água nas traseiras, ambos distintos. Propõe-se então, demarcar os depósitos, pintando o seu topo de azul, cor característica de ambas as antigas indústrias.

Na SNAB, por sua vez, torna-se relevante a forte cor avermelhada em alguns dos armazéns, propondo-se esta sua mesma cor no núcleo criativo.

Importa referir, também, a opção que se tomou de abertura de um arruamento nas traseiras da Bacalhau de Portugal, paralelo a este edifício, de maneira a facilitar o acesso e o estacionamento - como ponto intermodal - com o intuito de servir igualmente o Fórum Cultural cujo projeto da envolvente não chegou a ser terminado.

Apresenta-se primeiramente, uma nova aproximação relativamente à escala anterior da estratégia, onde se enfoca as indústrias desativadas. Aproximação esta que pretende revelar e dar continuidade ao conjunto do parque, e apresentar a articulação proposta entre os edifícios de maior relevância na área de estudo com o percurso ribeirinho proposto. Revela-se, em seguida, e por último, a aproximação a cada indústria de seca, como remate do trabalho desenvolvido.



Sociedade Nacional  
dos Armadores de Bacalhau



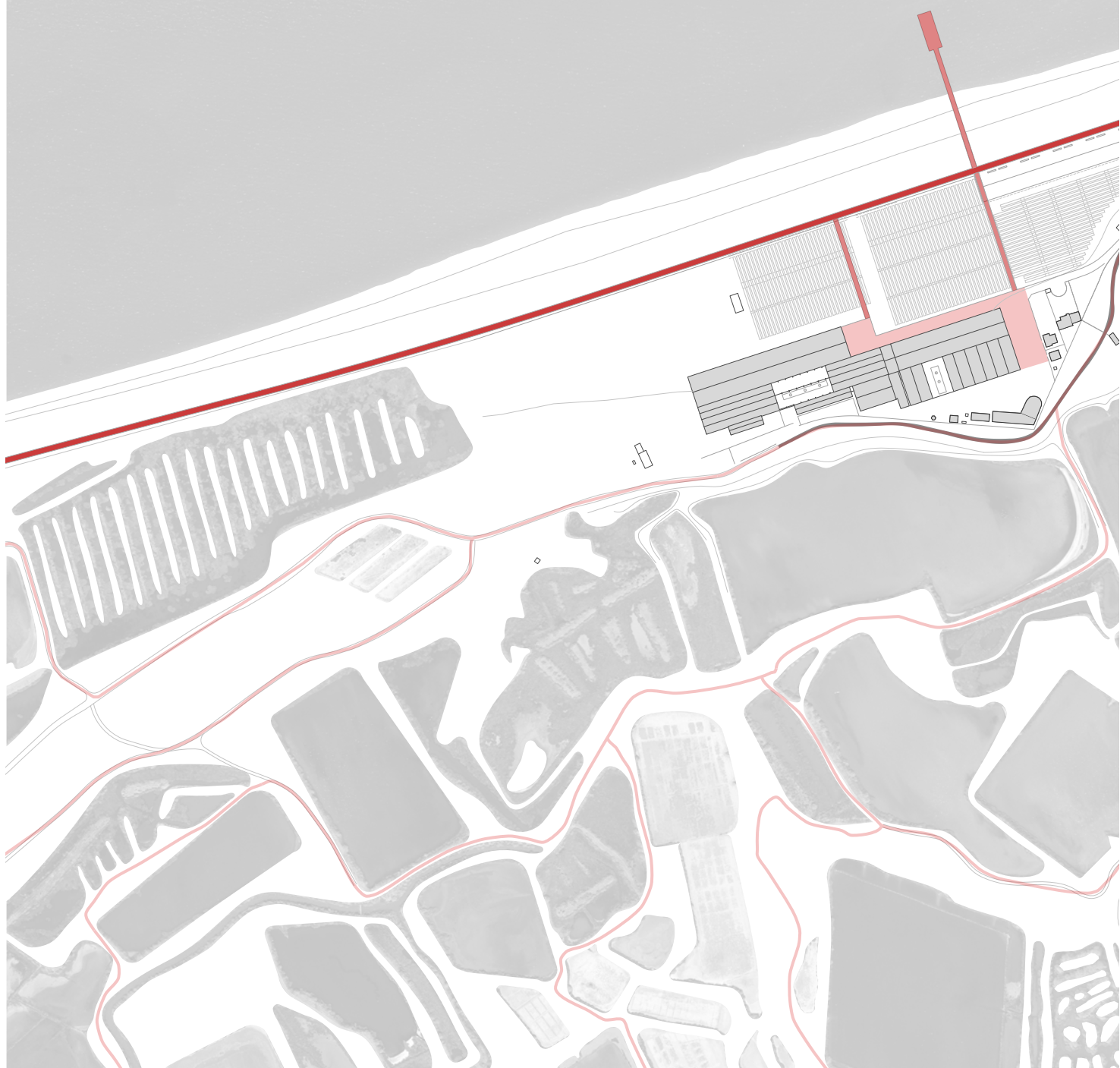
Praia dos Moinhos

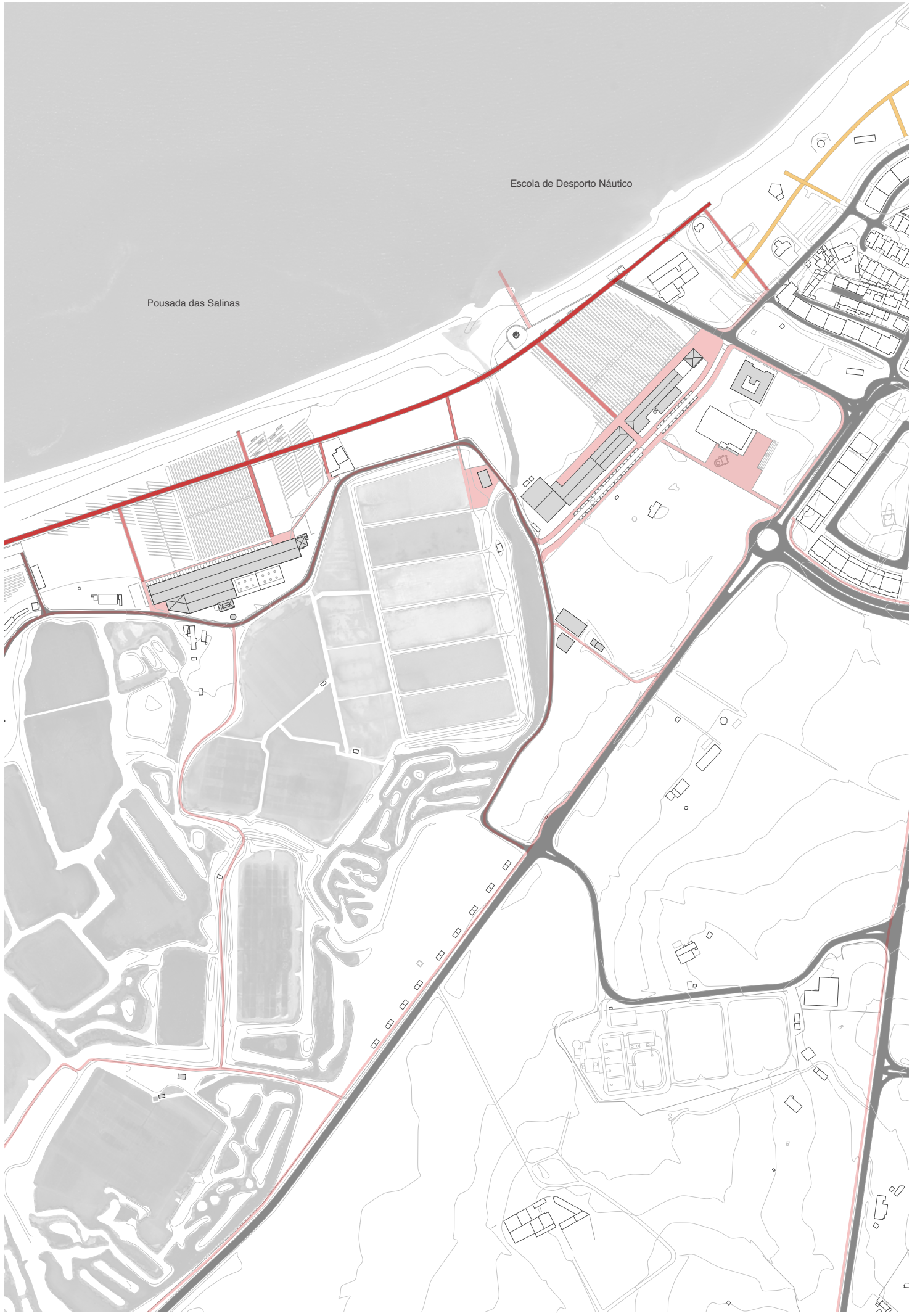
Moinhos de vento

Bacalhau de Portugal

Pescal

Indústria Cultural e Criativa das  
Salinas e da Seca do Bacalhau





Pousada das Salinas

Escola de Desporto Náutico



113. *Bacalhau de Portugal, 2007, escala 1:2.000*

## BACALHAU DE PORTUGAL

A Bacalhau de Portugal ocupa uma área de implantação aproximada de 3.700m<sup>2</sup>: uma planta linear paralela à linha do rio.

A antiga indústria encontra-se constituída por dois momentos, divididos por um espaço coberto. Um primeiro edifício (construído em 1942, processo 18/1969) é formado pela sucessão de dez espaços semelhantes, com aproximadamente 190m<sup>2</sup> cada, onde apenas o primeiro é constituído por dois pisos, ocupados outrora pelos escritórios da empresa, cujo primeiro piso e cobertura foram destruídos num recente incêndio. Igualmente a cobertura do primeiro espaço se encontra atualmente destruída. A este armazém se anexaram construções mais pequenas albergando túneis de secagem artificial (processo 39/1984), balneários para o pessoal e um depósito de água.

O outro momento caracteriza-se por um armazém (processo 10/1953) que continua a mesma lógica espacial do primeiro, constituído, por sua vez, por três espaços semelhantes, e, nas suas traseiras, por um espaço contínuo onde o bacalhau era lavado e desfiado. Anexado a este lateralmente, encontra-se um alpendre (processo 8/1989) que servia para estacionamento de veículos pesados, delimitado a sul por um armazém (processo 22/1970) destacado do resto da implantação, o entreposto frigorífico para bacalhau.

Nas suas traseiras, encontra-se o Fórum Cultural de Alcochete e a Norte deste, a antiga cantina para os funcionários da indústria, de planta simétrica com um pátio no centro, objeto de recuperação em 2002 para um restaurante, inativo de momento.



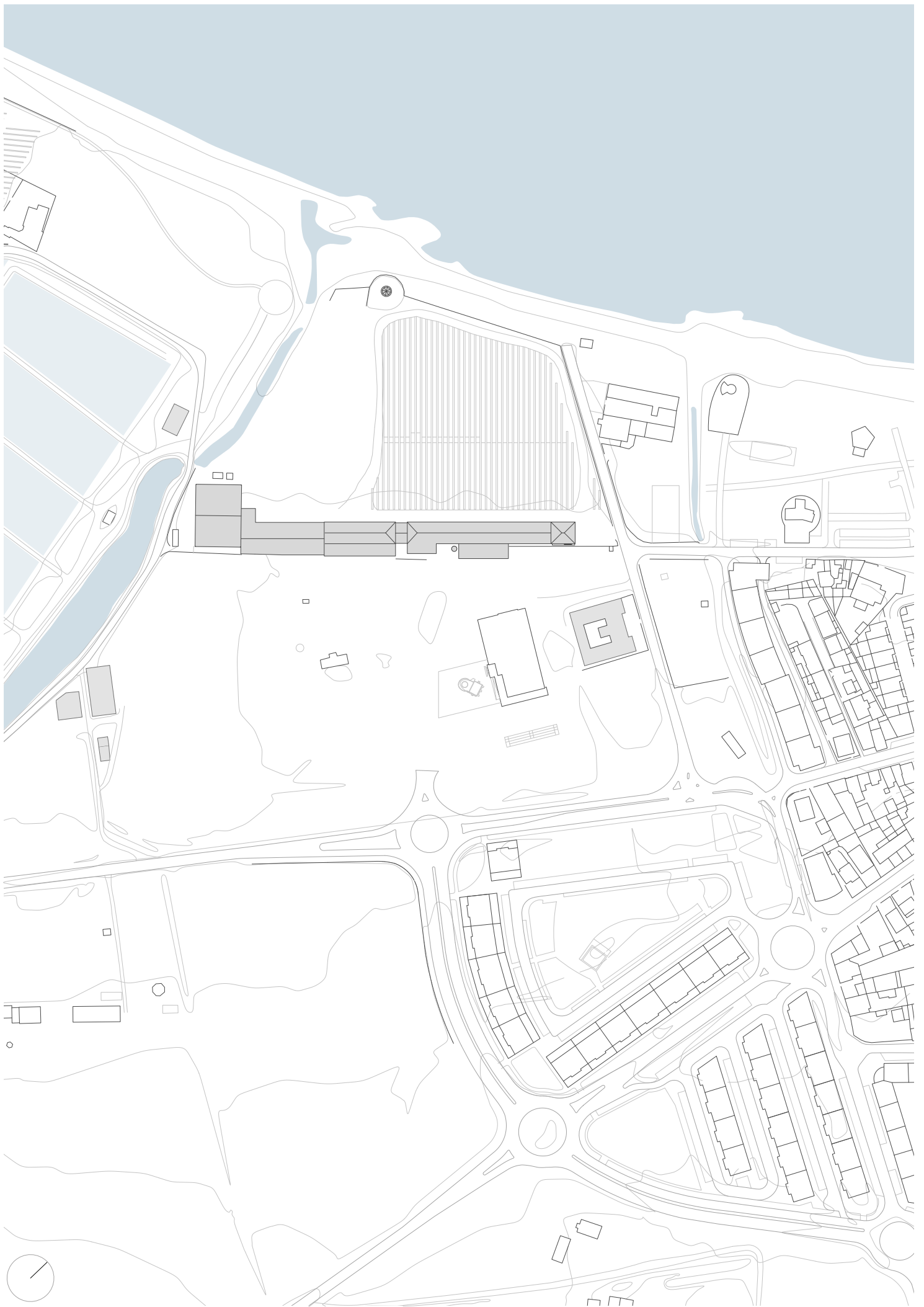


115. *Frente Poente*





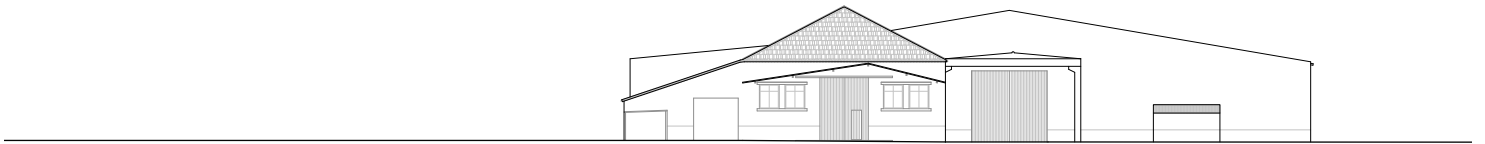
117. *Degradação da cobertura do armazém a Norte. Armazém de lavagem do bacalhau*



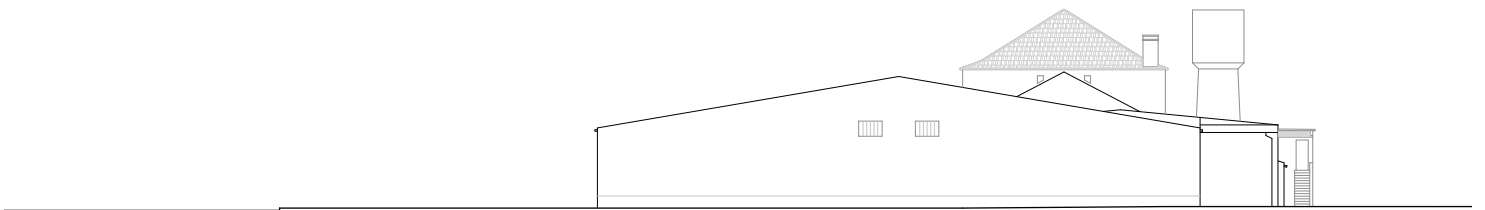
118. *Bacalhau de Portugal, implantação, escala 1:3.000*



119. Alçado norte, escala 1:500



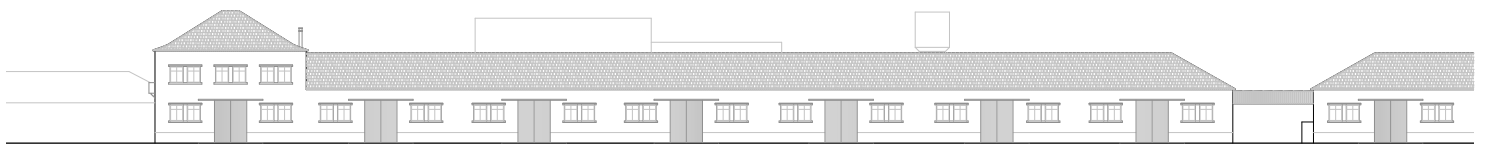
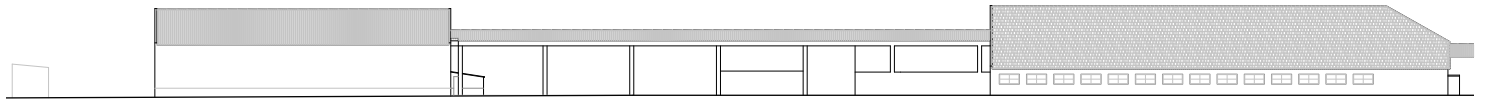
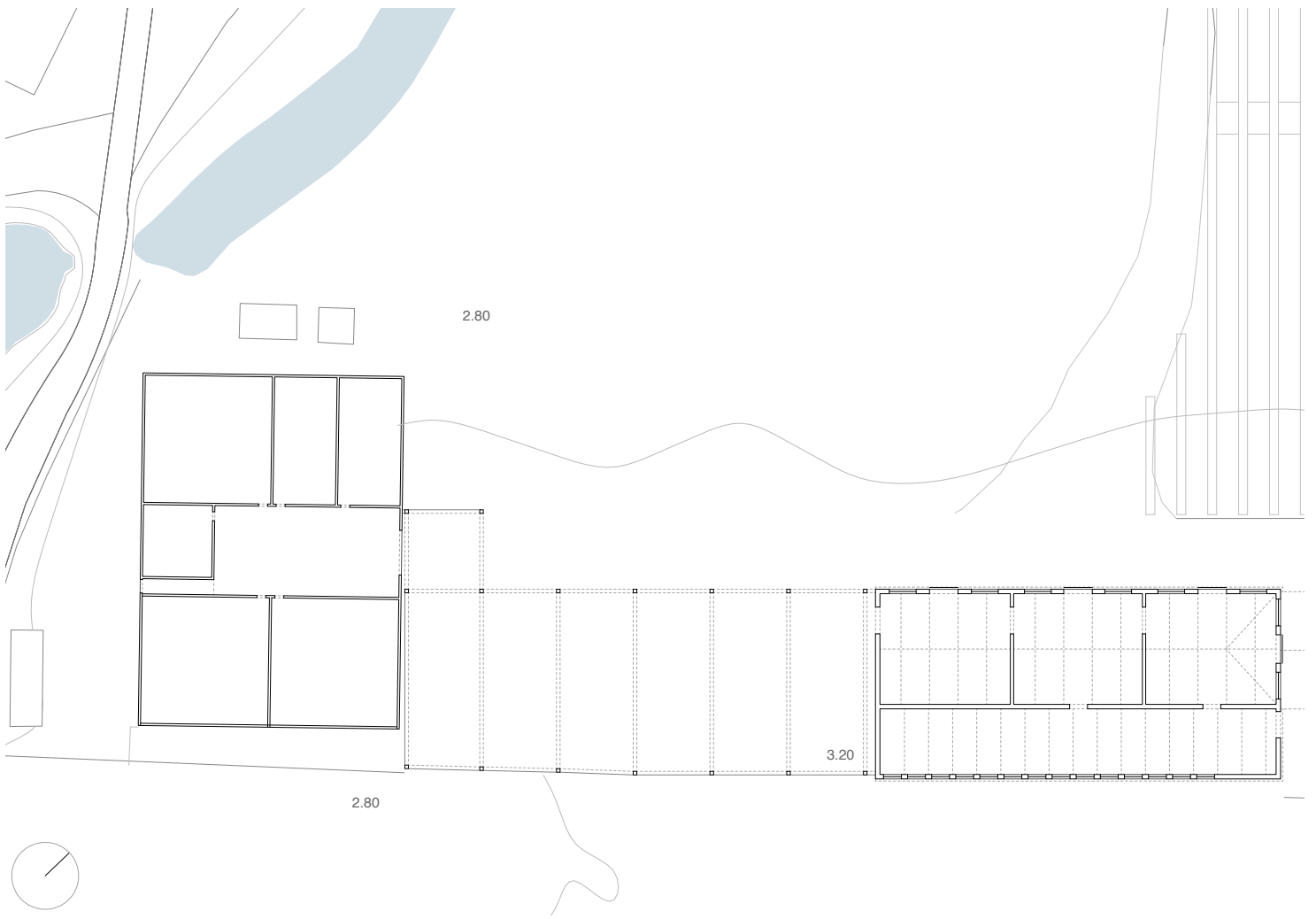
120. Corte transversal A, escala 1:500



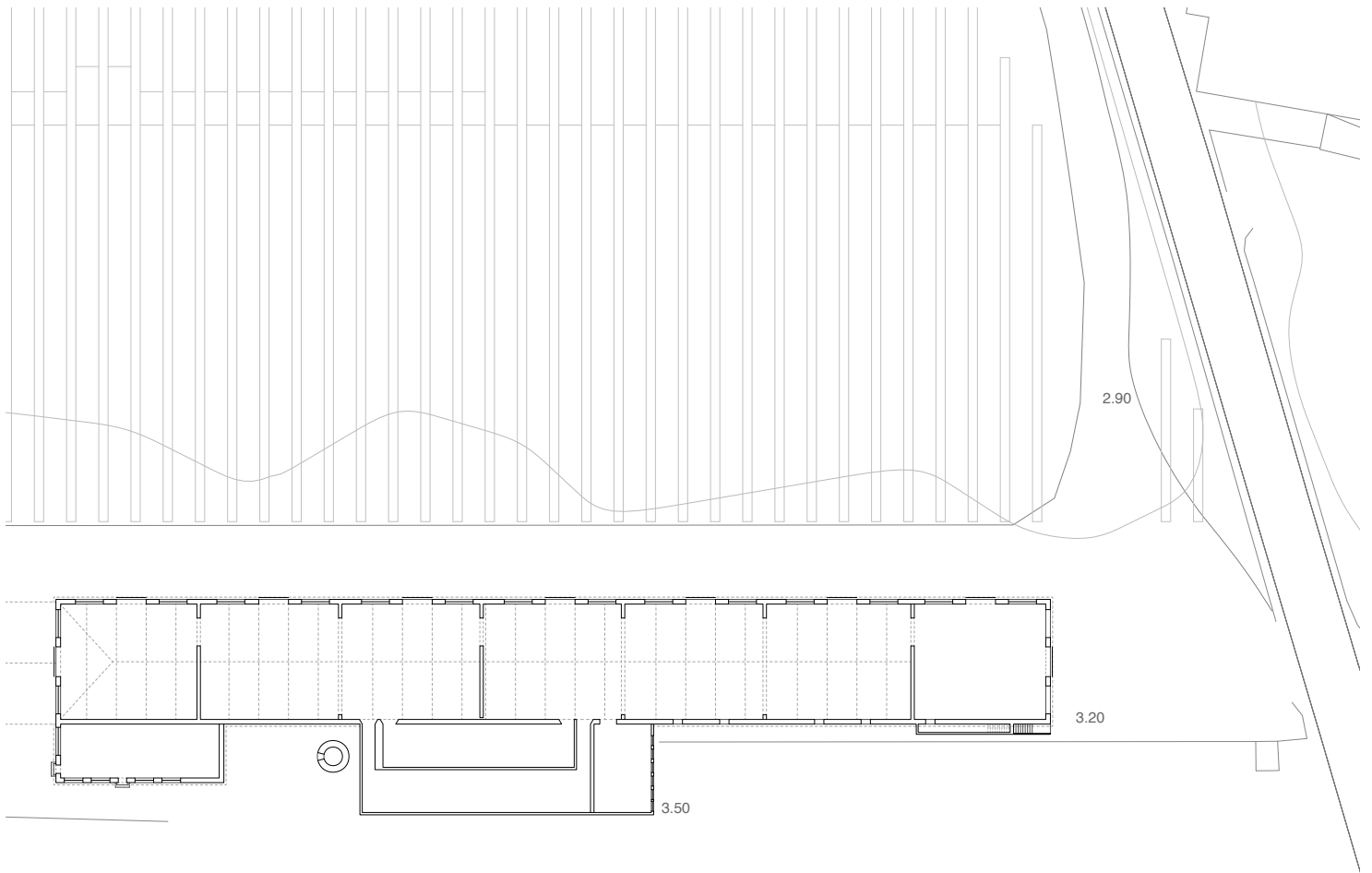
121. Alçado sul, escala 1:500



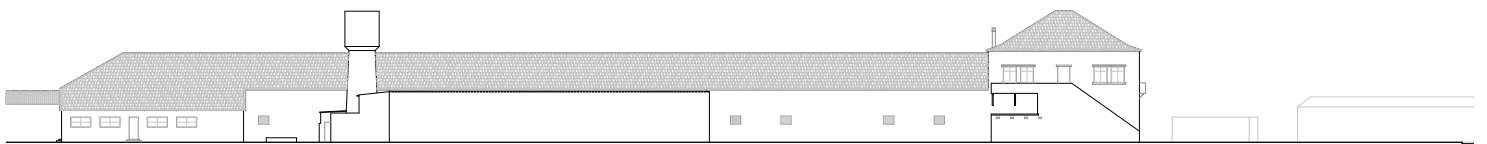
122. Corte transversal B, escala 1:500



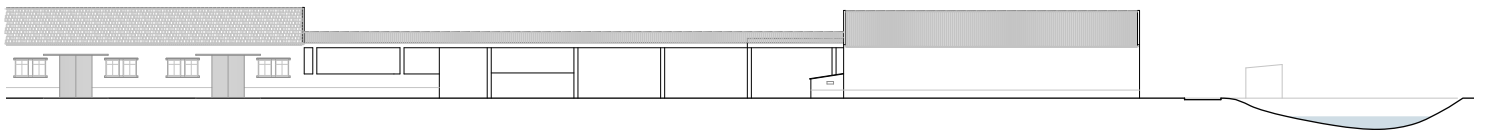
0 10 m



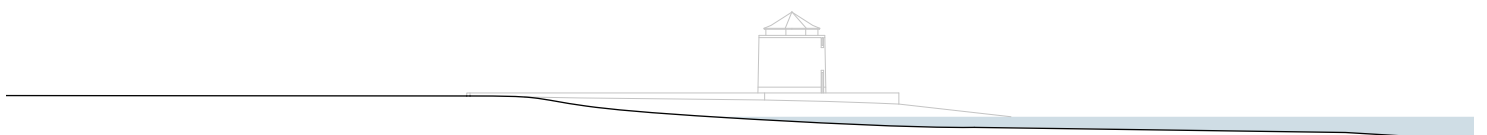
123. *Bacalhau de Portugal, planta piso térreo, escala 1:750*



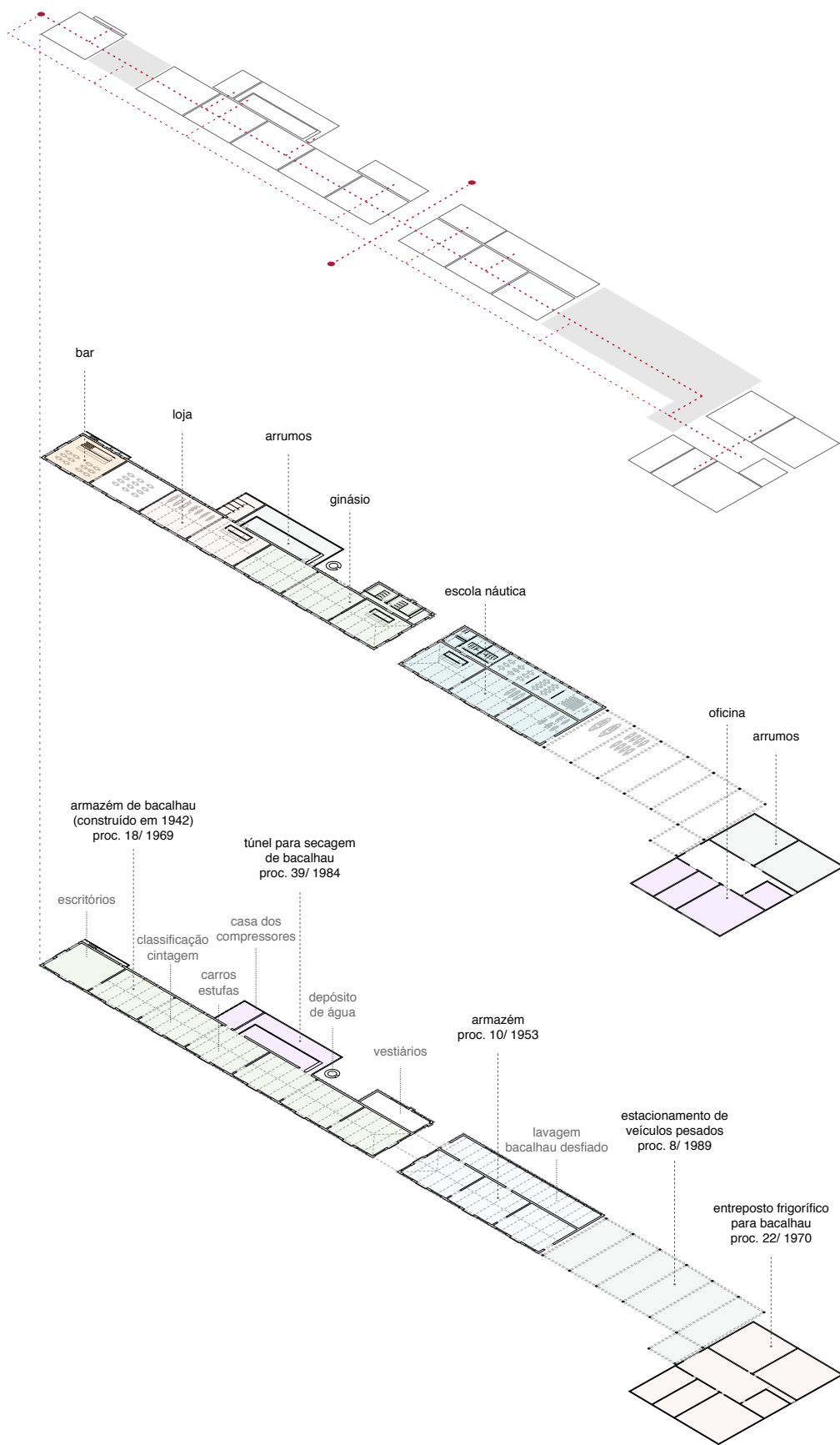
124. *Bacalhau de Portugal, alçado poente, escala 1:750*



125. *Bacalhau de Portugal, alçado nascente, escala 1:750*



126. *Bacalhau de Portugal, alçado norte, escala 1:750*



127. Axonometria e esquema programático, Bacalhau de Portugal esquema de programa e circulações propostas, e funções originais

Propõe-se a instalação da “Escola de Desportos Náuticos” do “Parque das Salinas” na Bacalhau de Portugal, como atrás referido, de modo a dar continuidade à associação “Alcochete Extreme”, que organiza aulas de *kitesurf* e *paddleboard*. O projeto tenta permitir um maior leque de ofertas e possibilidades de acordo com as potencialidades da zona. Tendo como fundamento o vento característico da Praia dos Moinhos e a larga bacia do rio - o Mar da Palha, como é comum ser chamado - torna possível o ensino de um maior número de desportos náuticos como vela, remo, canoagem ou *windsurf*. Sendo possível igualmente promover o turismo, com passeios temáticos e visitas de estudo, quer no rio, quer nas salinas.

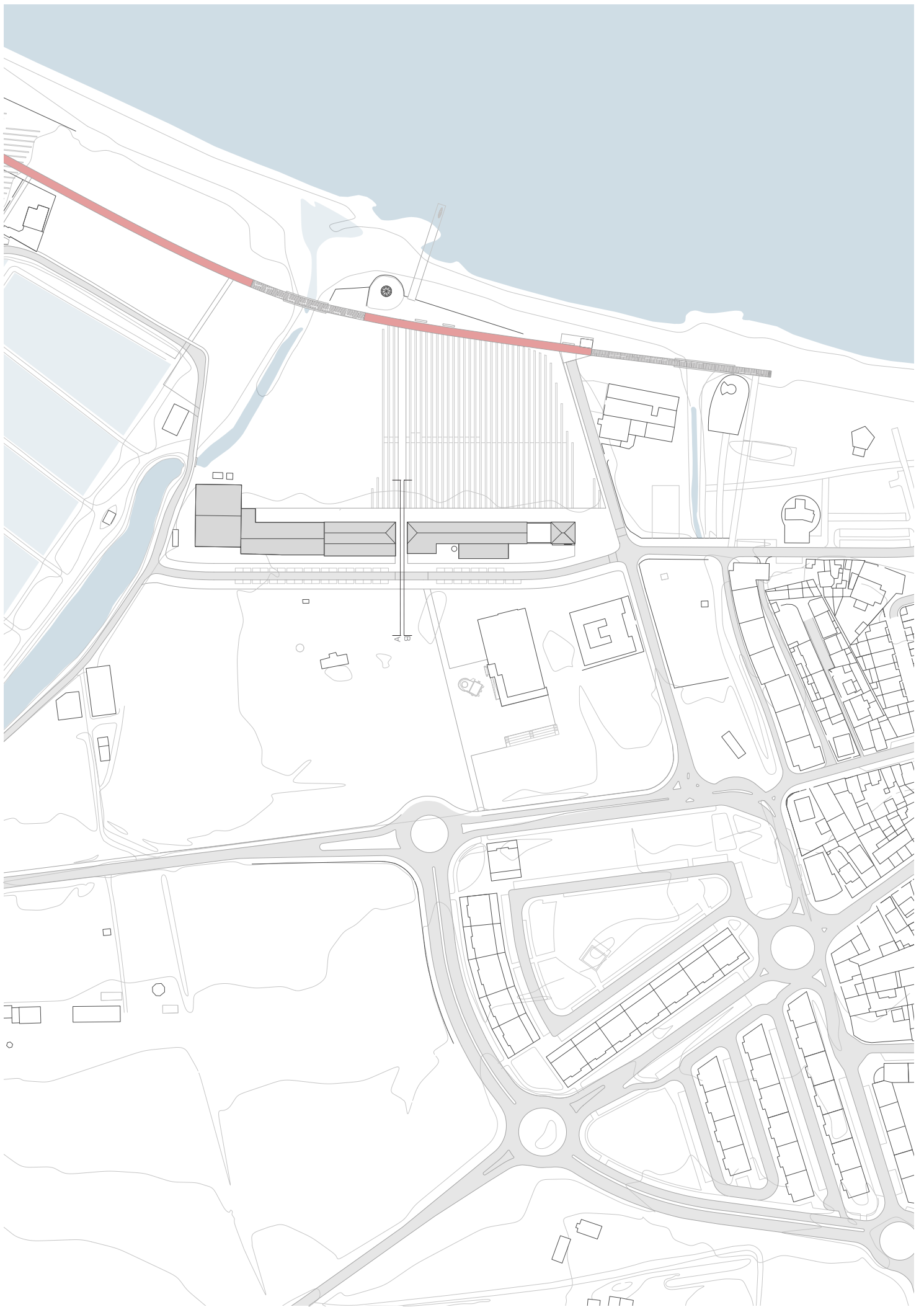
A proposta baseia-se numa linha contínua de programa coletivo, seguindo a lógica linear revelada pelo edifício através dos sucessivos armazéns.

No primeiro conjunto da indústria, propõe-se uma cafetaria, ocupando o primeiro espaço do armazém, com dois pisos, onde se tem uma visão abrangente sobre a envolvente. O espaço contíguo a este, cuja cobertura já não existe, é proposto que se mantenha um pátio, servindo de esplanada à cafetaria, abrigada do vento. Nos dois espaços seguintes é proposta uma loja de venda e aluguer de material de desporto náutico. Seguidamente um espaço de ginásio, associado à escola de desporto, podendo acolher um maior número de sócios, cujos balneários se mantêm no lugar original dos balneários dos funcionários.

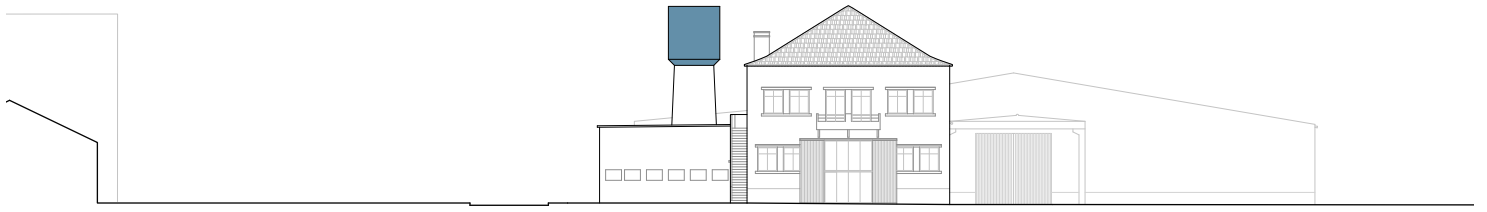
A segunda parte do edifício propõe-se que seja constituída por espaços de ensino e organização das aulas de desporto, bem como de passeios pedagógicos e turísticos, albergando os balneários dos alunos e dos instrutores. O alpendre é constituído como um espaço coberto de apoio à escola, proposto como um lugar onde é possível organizar ou estender o material de desporto. Finalmente o último armazém albergaria uma oficina para reparação do material de desporto, e duas partes de armazém para arrumos, podendo incluir também um espaço de cacifos onde é possível manter o material individual guardado.

O espaço de secadouros torna-se importante e essencial para a prática dos diferentes desportos, como é o caso de *kitesurf*, necessitando de espaço na preparação da atividade. O moinho é proposto então, como um lugar de apoio direto à prática do desporto, que permite ter uma visão de perto, controlando diretamente quem se encontra no rio.

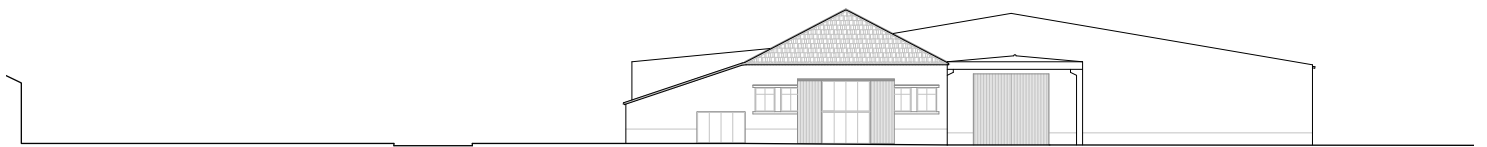
De modo a facilitar o transporte das embarcações e material para a prática dos diferentes na água, como já referido, propôs-se um percurso desde a escola até ao percurso ribeirinho, seguindo transversalmente a este em rampa até penetrar no rio.



128. Bacalhau de Portugal, implantação, projeto, escala 1:3.000



129. Alçado norte, projeto, escala 1:500



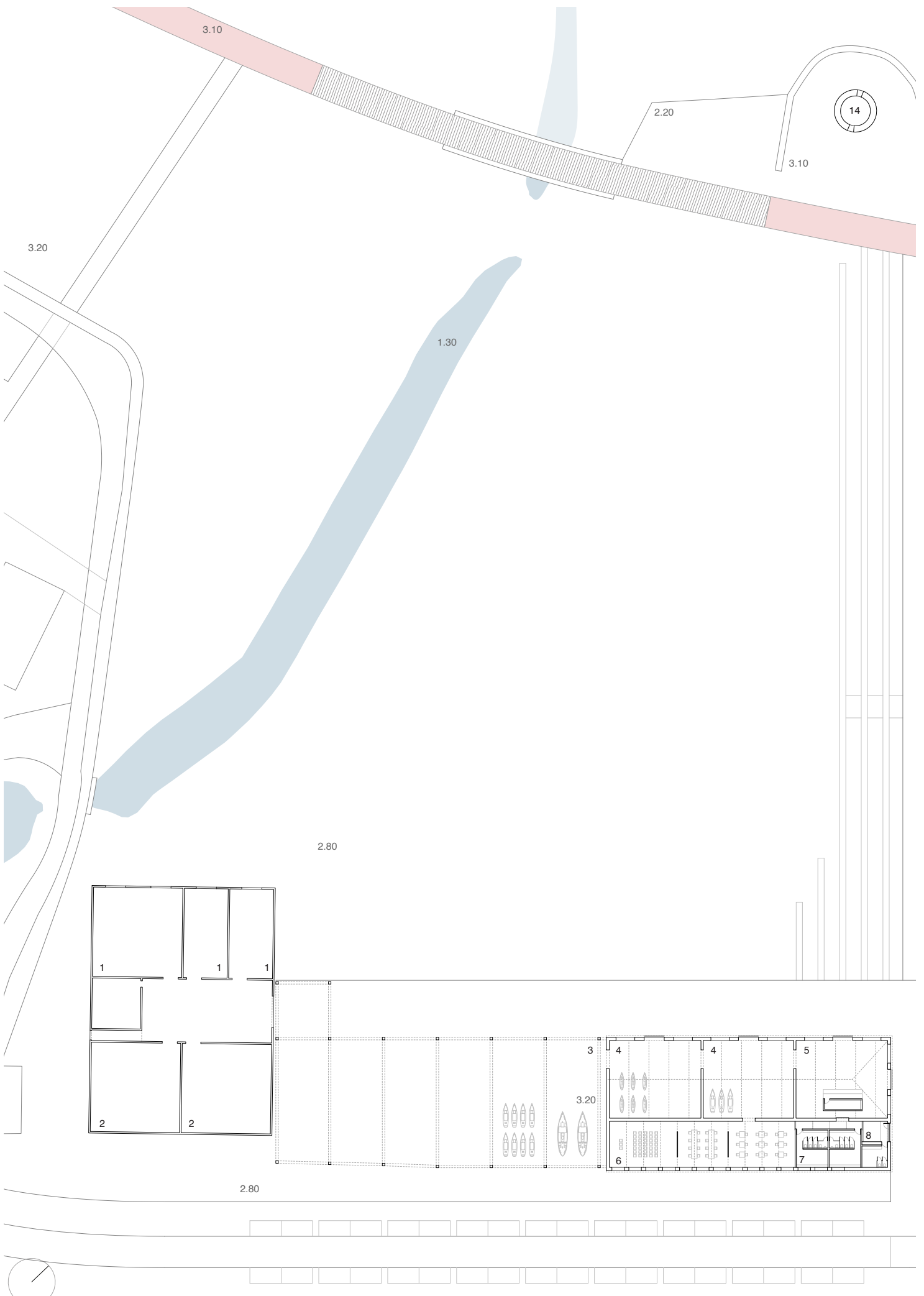
130. Corte transversal A, projeto, escala 1:500

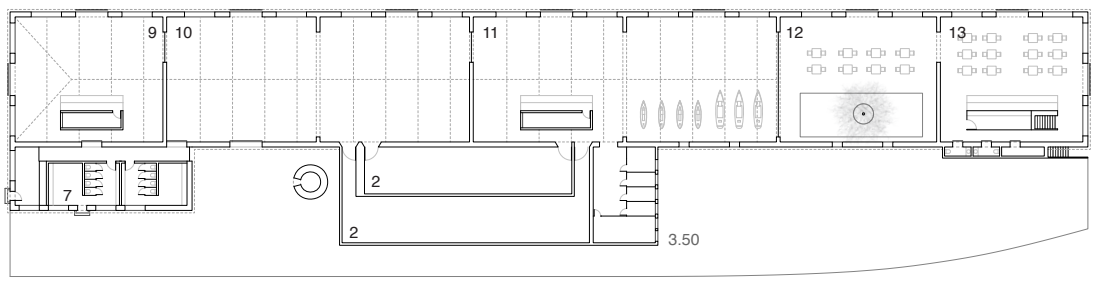
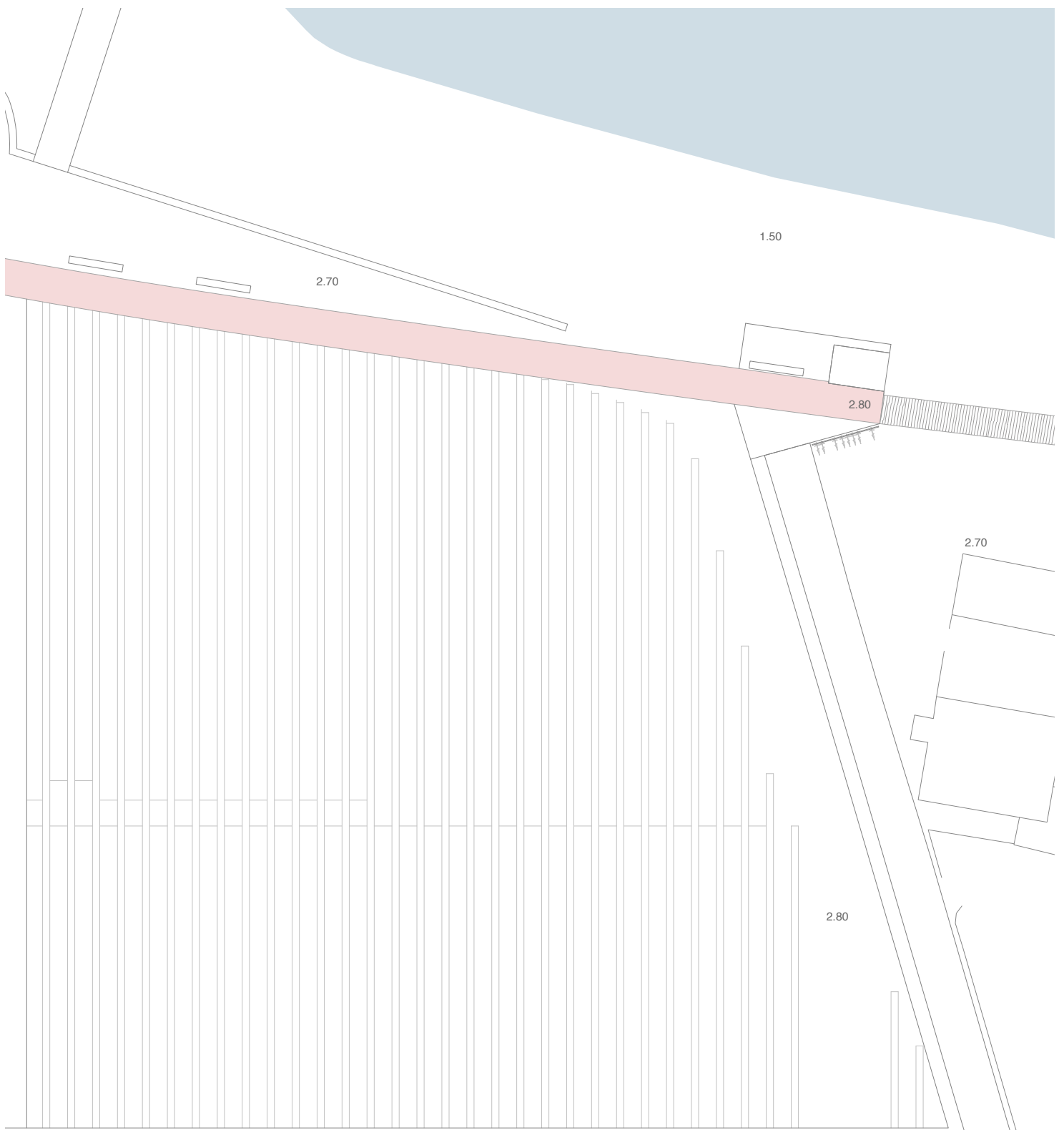


131. Alçado sul, projeto, escala 1:500



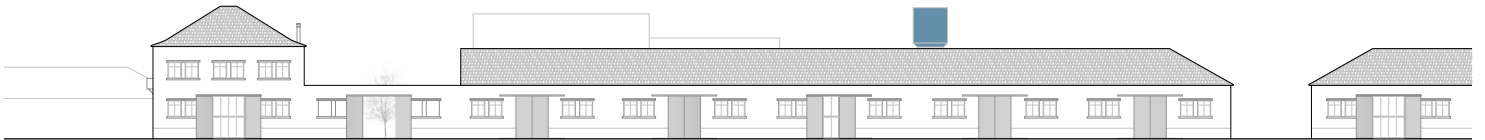
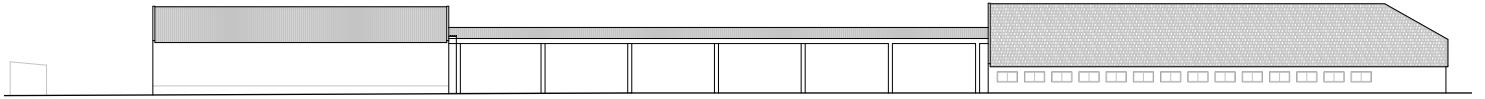
132. Corte transversal B, projeto, escala 1:500

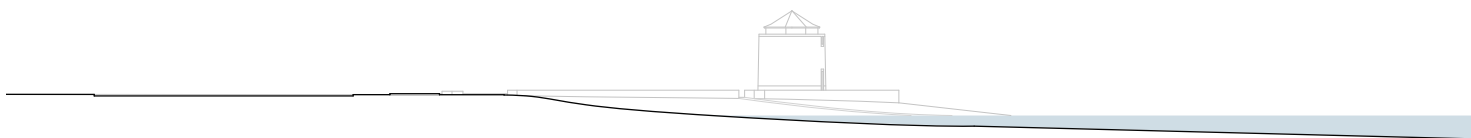




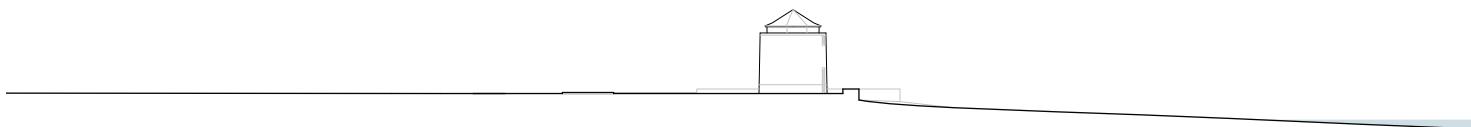
- Oficina .1
- Arrumos .2
- Alpendre apoio, escola .3
- Espaços apoio, escola .4
- Receção, escola .5
- Aulas .6
- WC e balneários .7
- WC e balneários, serviço .8
- Receção, ginásio .9
- Espaço ginásio .10
- Loja .11
- Pátio, esplanada .12
- Bar .13
- Apoio, desporto náutico .14

133. Bacalhau de Portugal, planta piso térreo, projeto, escala 1:750

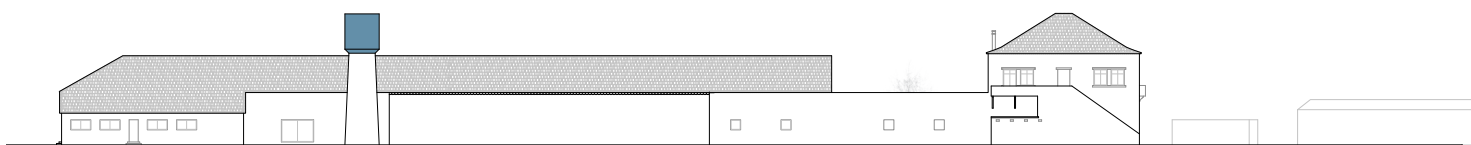




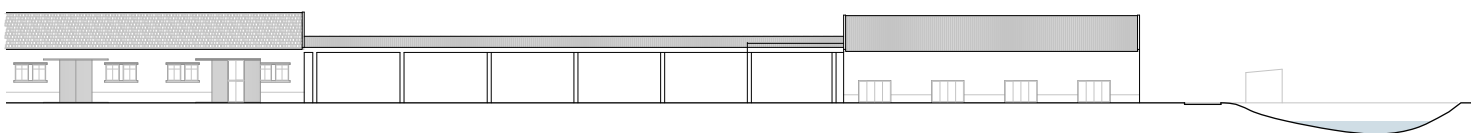
134. *Bacalhau de Portugal, alçado norte, projeto, escala 1:750*



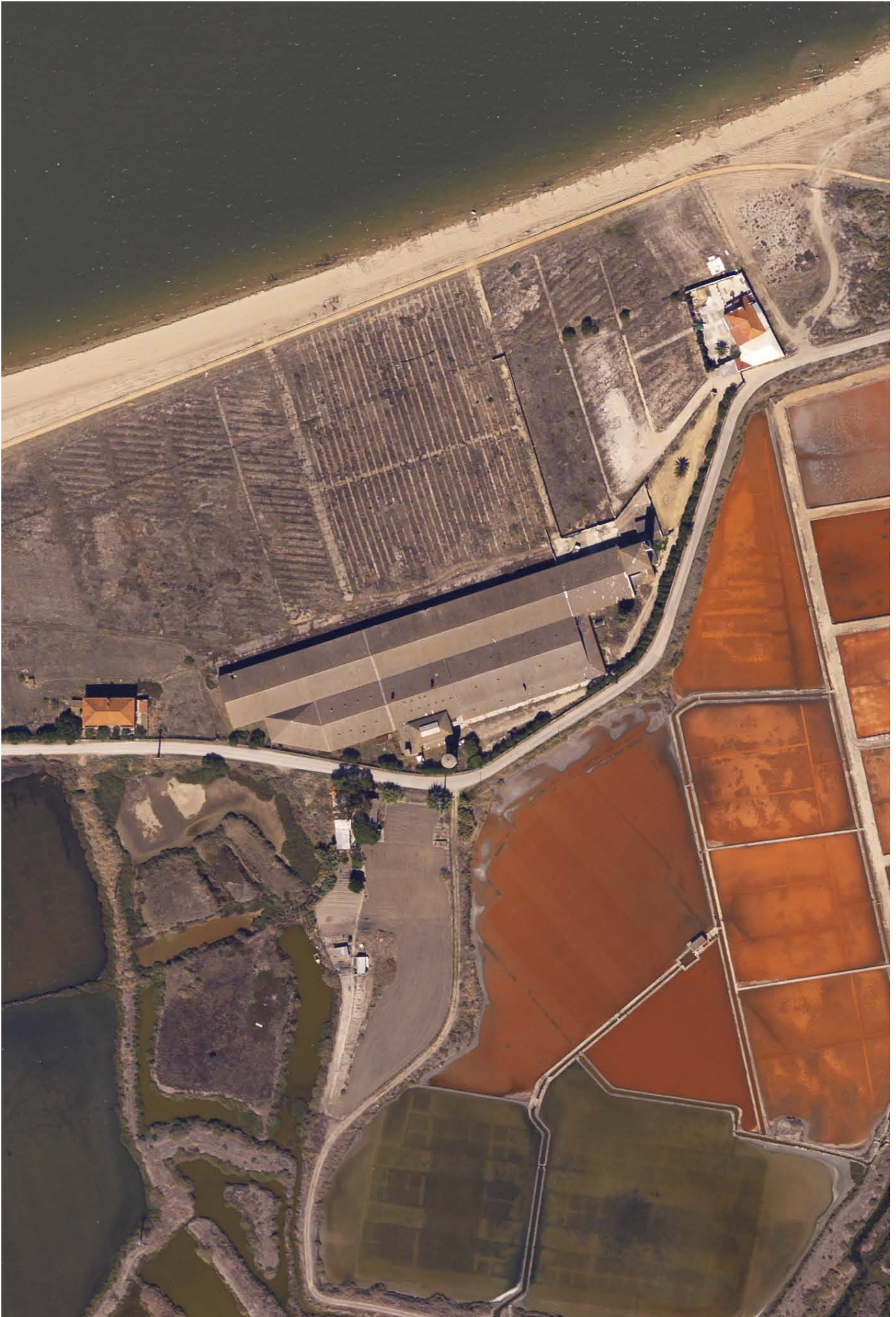
135. *Bacalhau de Portugal, corte transversal A, projeto, escala 1:750*



136. *Bacalhau de Portugal, alçado poente, projeto, escala 1:750*



137. *Bacalhau de Portugal, alçado nascente, projeto, escala 1:750*



138. *Pescal*, 2007, escala 1:2.000

## PESCAL

A Pescal, de área bruta aproximada de 6.900 m<sup>2</sup>, apesar de ser constituída por diferentes armazéns, apresenta um núcleo relativamente compacto e unificado.

A indústria consiste numa elevada e estreita torre, junto a um edifício com dois pisos, onde se encontravam os escritórios no primeiro andar e no rés-do-chão, os balneários. Contíguo e ligado a este, encontra-se um espaço com seis tanques, onde se realizava a lavagem do bacalhau.

Em seguida, apresenta-se uma longa nave contínua, dividida em cinco espaços numerados, sendo os primeiros três (iniciando no lado Este) com asnas em madeira e os últimos dois asnas metálicas, distinguindo-se a sua cobertura com um revestimento em madeira no interior. Ao último destes espaços junta-se um outro compartimento, divididos por duas colunas, apresentando uma cobertura particular, notando-se a sua forma articulada na planta de cobertura.

Anexadas aos dois primeiros espaços da nave principal encontram-se duas câmaras frigoríficas, seguidas do túnel de secagem artificial, o primeiro túnel instalado a nível nacional, como referido no início do trabalho. Junto a este último encontram-se três espaços, não se sabendo ao certo a sua função original.

Junto ao edifício principal da indústria localizam-se duas casas, a Este a do antigo proprietário, tendo incendiado recentemente, encontrando-se abandonada há vários anos. A Oeste a casa do antigo vigilante, encontrando-se ainda habitada.



139. *Aproximação ao edifício. Frente Norte*



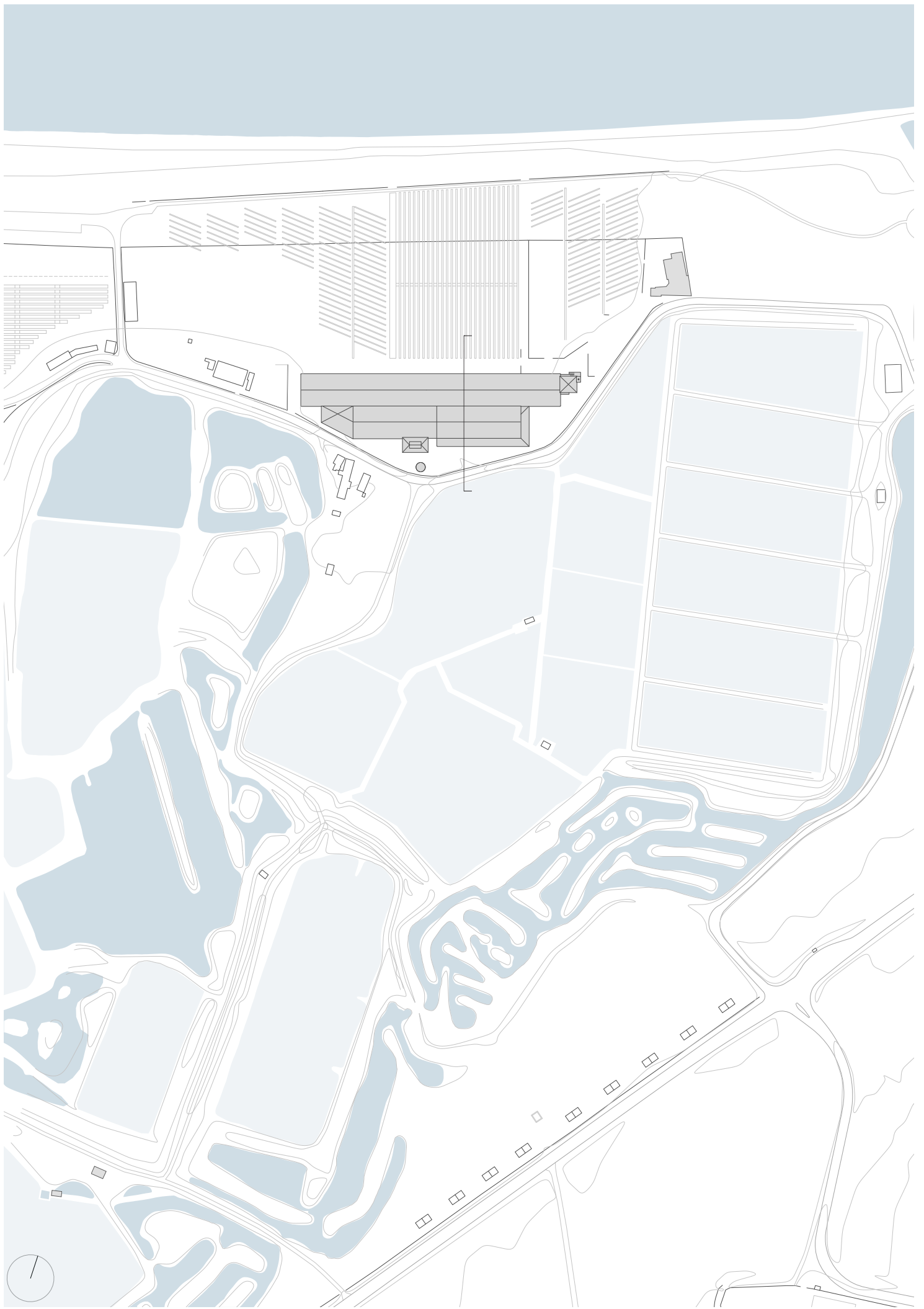
140. Câmara frigorífica.  
Passagem para túnel de  
secagem. Tanques para  
lagem de bacalhau



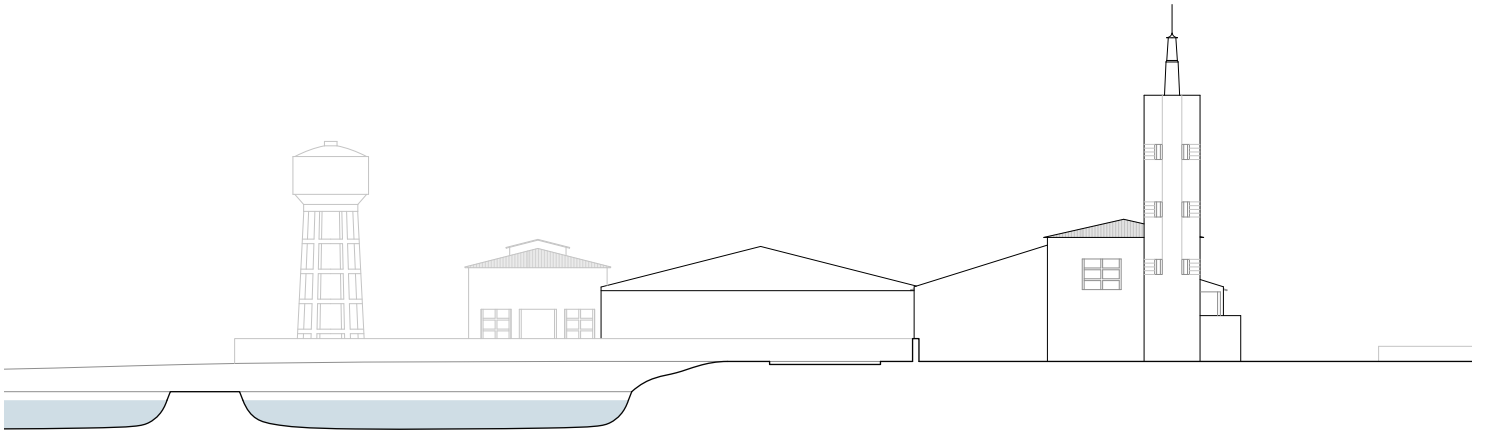
141. Naves 1 e 2. Entradas para as câmaras frigoríficas



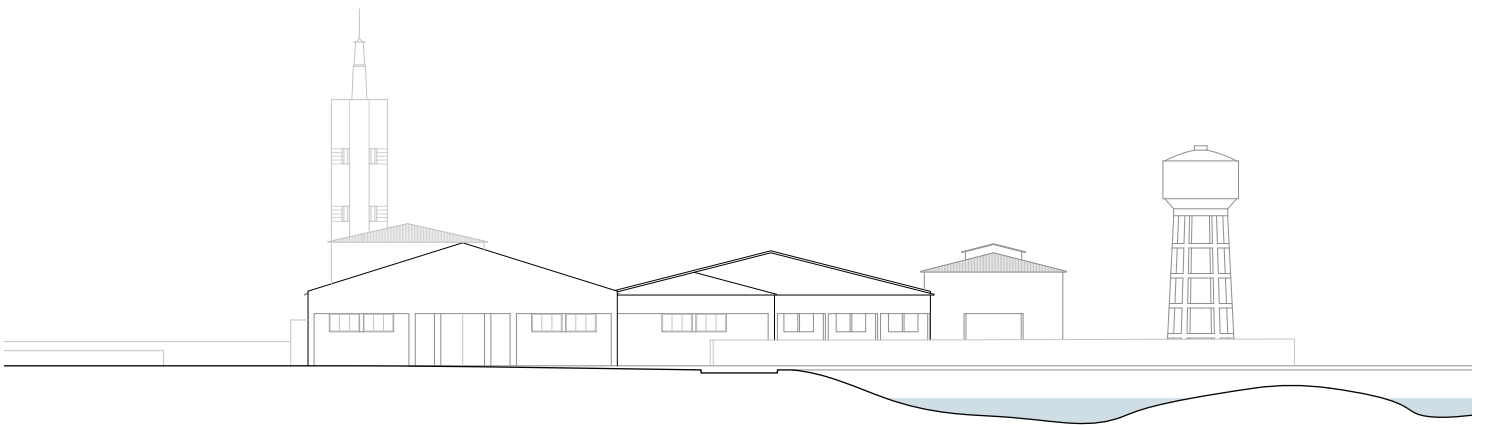
142. Naves 4 e 5



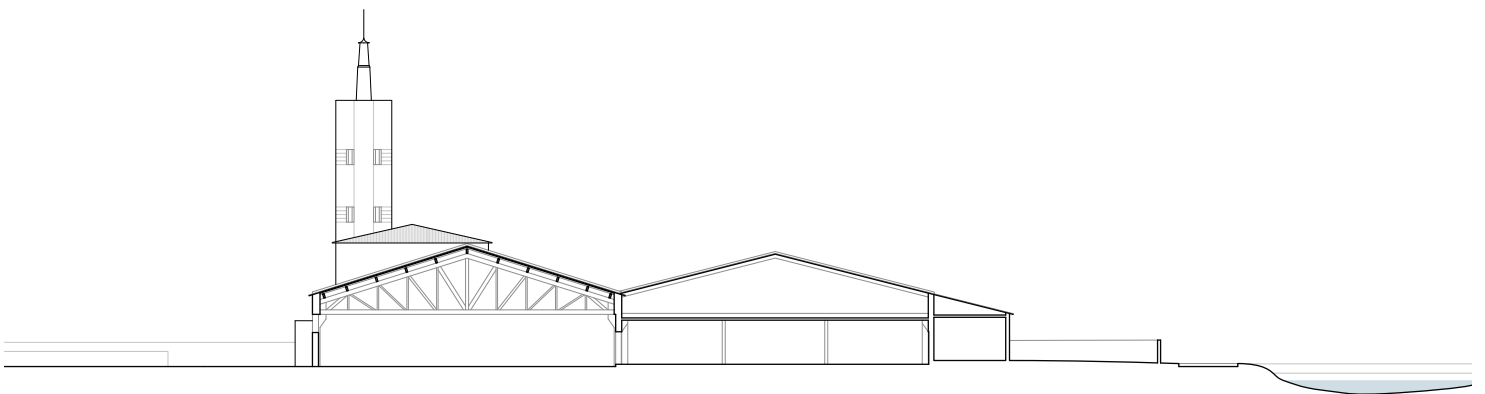
143. *Pescal, implantação, escala 1:3.000*



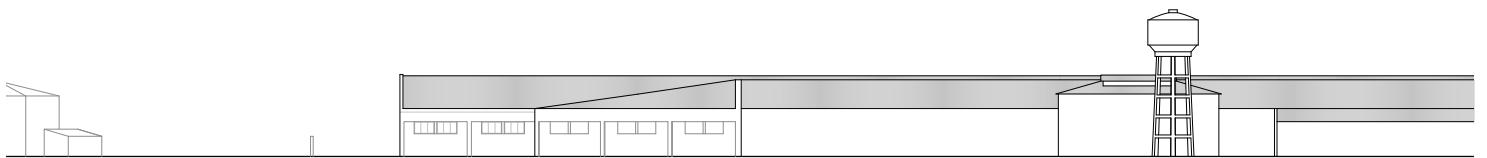
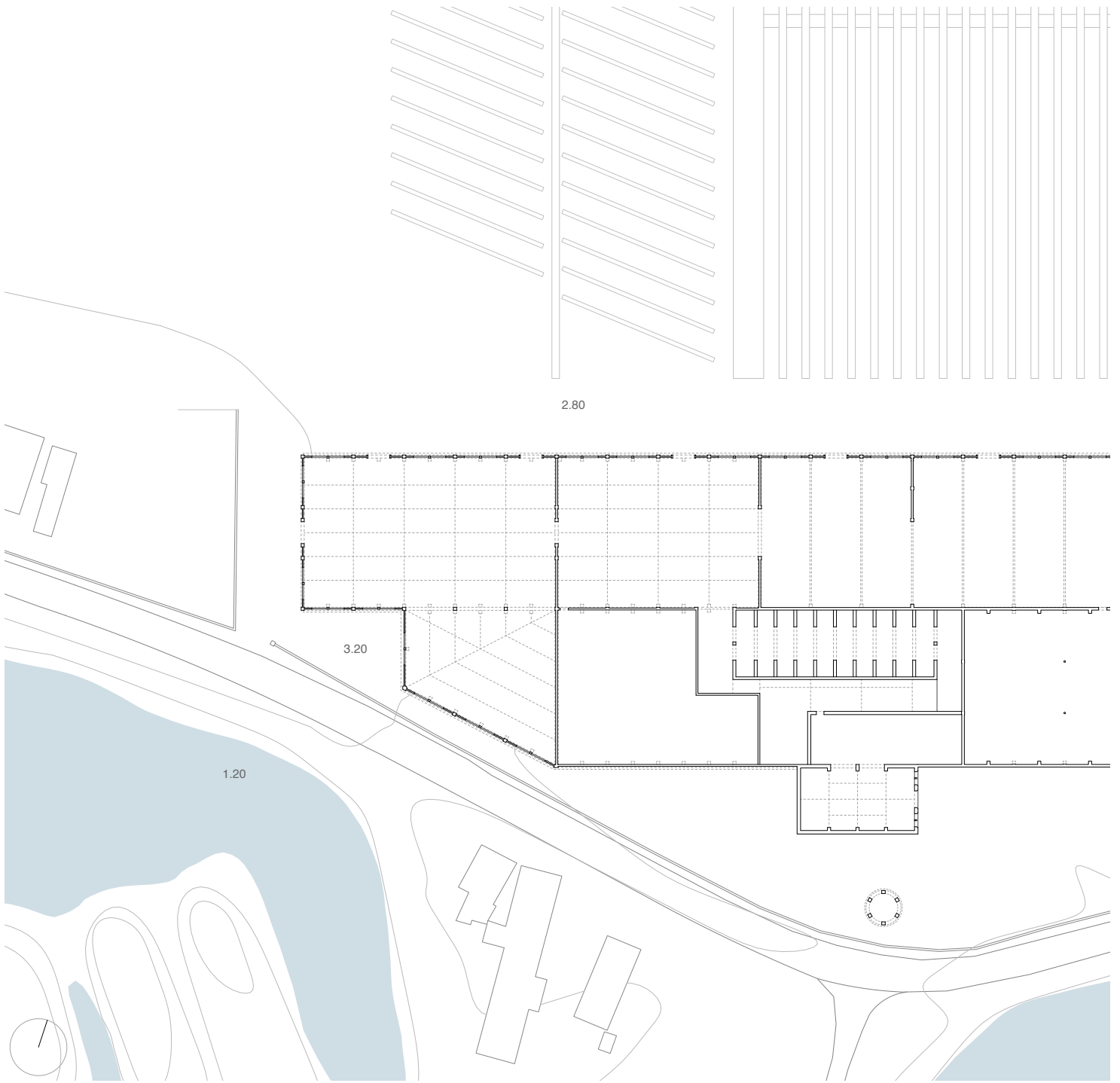
144. Alçado este, escala 1:500



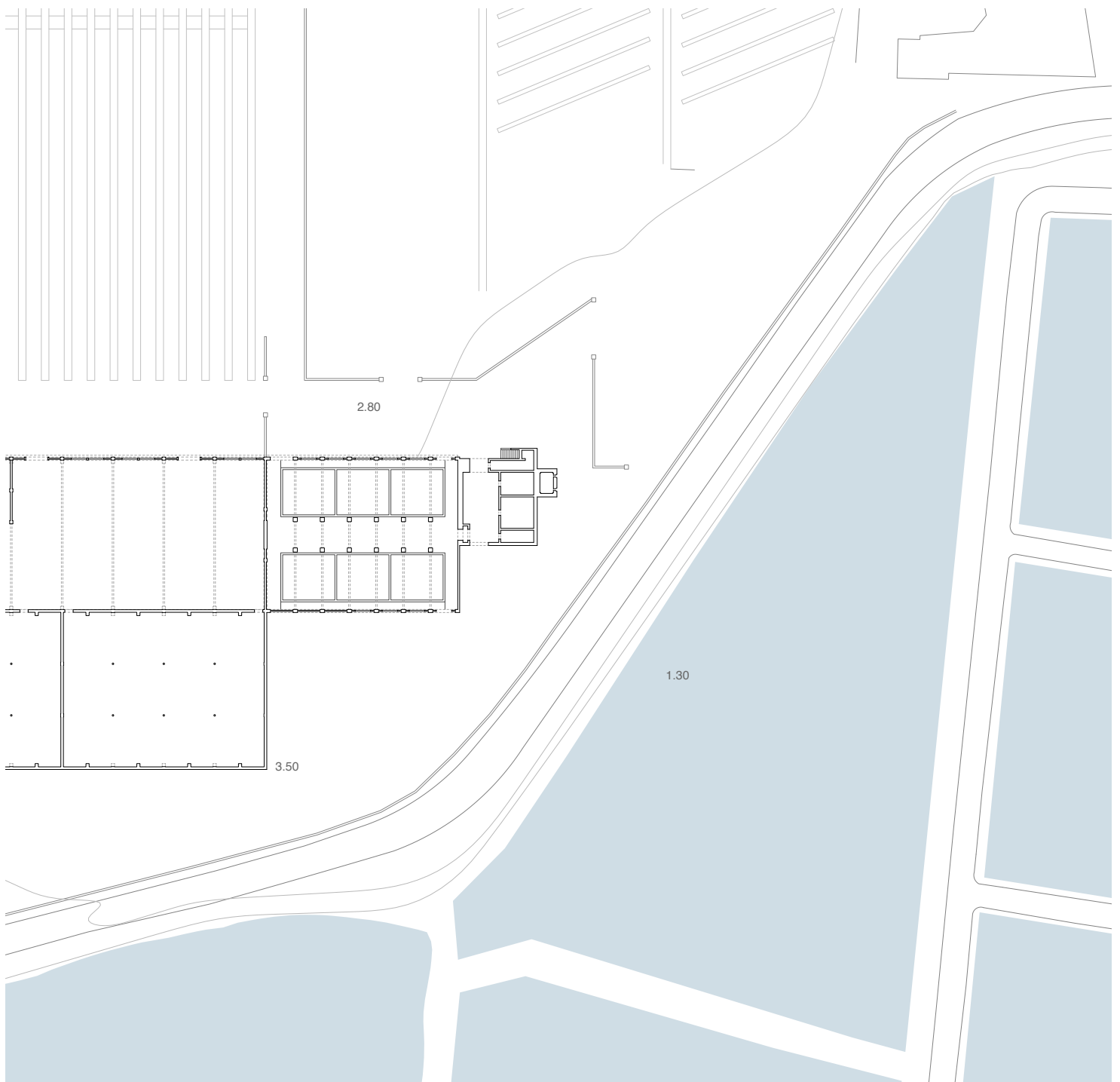
145. Alçado oeste, escala 1:500



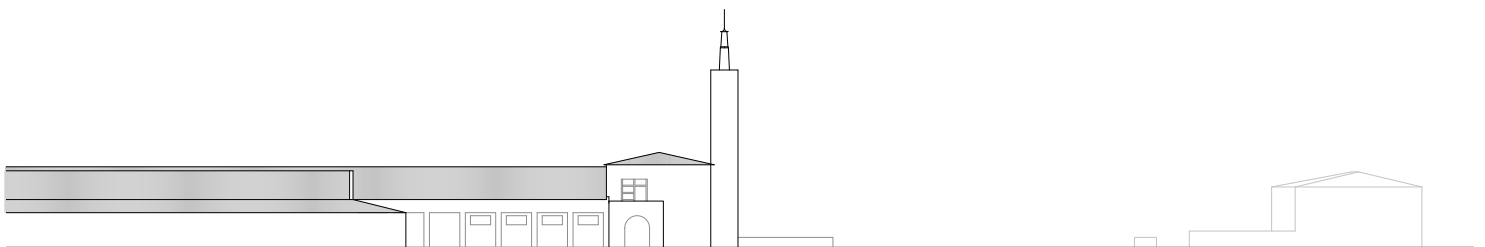
146. Corte transversal, escala 1:500



0 10 m



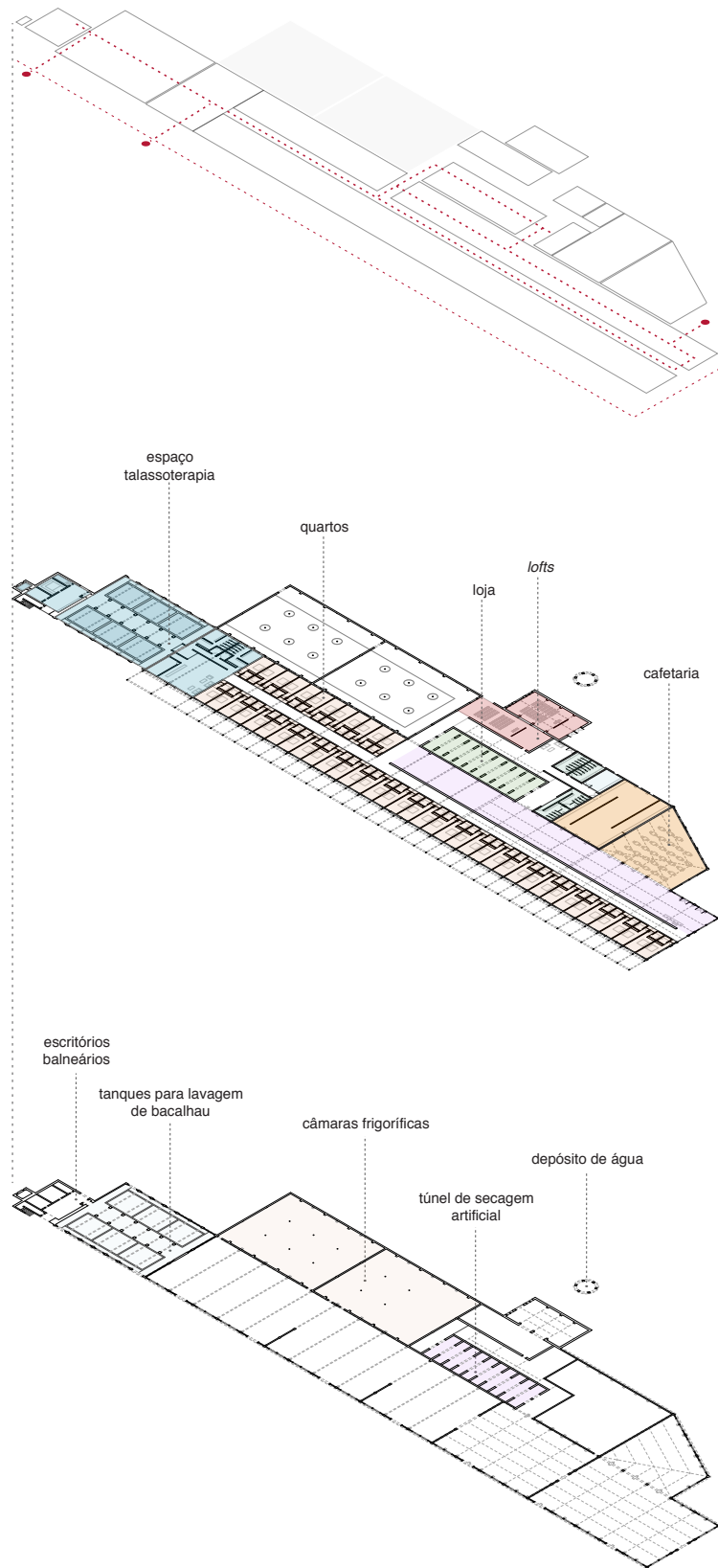
147. *Pescal, planta do piso térreo, escala 1:750*



148. *Pescal, alçado sul, escala 1:750*



149. *Pescal, alçado norte, escala 1:750*



150. Axonometria e esquema programático, *Pescal*, esquema de programa e circulações propostas, e funções originais

Na antiga indústria Pescal propõe-se a “Pousada das Salinas”.

A nave principal encontra-se marcada pela presença de duas entradas a partir do exterior, a entrada principal a Oeste, e no extremo Este uma entrada para o espaço dedicado à talassoterapia. Este espaço encontra-se na primeira parte do edifício, onde se situa a torre, relacionando-se com o tema do sal presente. Os antigos espaços de escritórios transformam-se em salas de massagens, enquanto os balneários em espaços de sauna e banhos de sensações. Contigualmente a estes, nos tanques do bacalhau propõe-se um conjunto de piscinas de água salgada. Na entrada para este espaço situa-se igualmente um conjunto de balneários e uma receção.

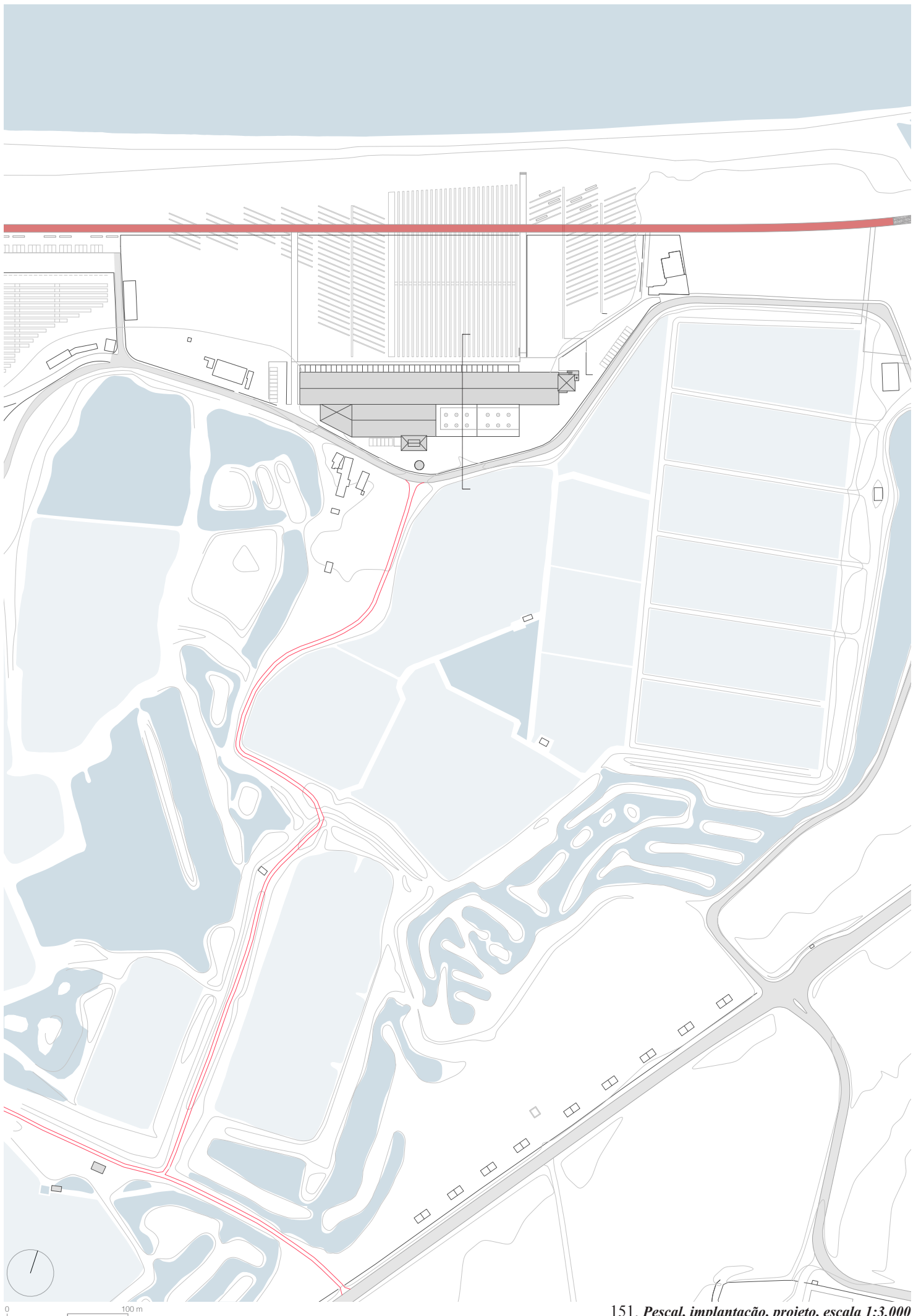
A entrada principal é marcada pela presença da receção e de uma longa parede que não atinge a cobertura, delimitando um longo espaço capaz de receber diferentes atividades ou situações.

Na nave principal optou-se pela sucessão de um conjunto de quartos, divididos, sendo a maioria direcionados para o rio, enquanto que um número mais reduzido encontra-se virado para as antigas câmaras frigoríficas, que se abriram em dois pátios, onde se propõe a plantação de pinheiros mansos.

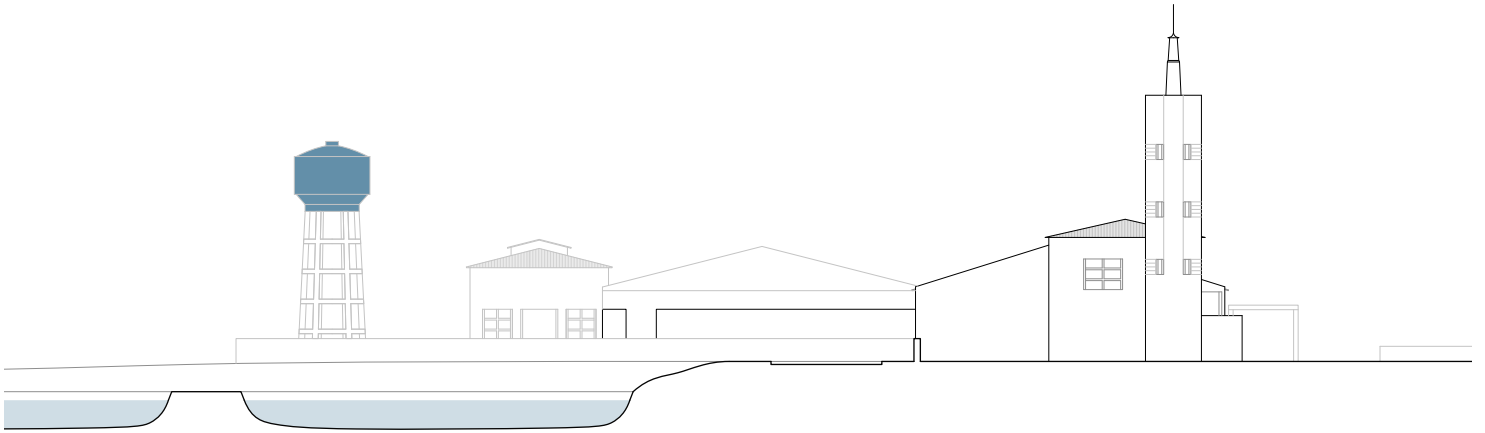
Junto à entrada, num espaço recuado mas contíguo a esta, encontra-se a sala de refeições da cafetaria. Relacionado com esta encontra-se um núcleo recuado consistindo na copa, na lavandaria e nos balneários do pessoal, garantindo o acesso de serviço pelas traseiras, onde se encontram dois espaços, chamados de *lofts*, que permitem a instalação de diversos usos, como salas de reuniões, conferências ou escritórios.

No antigo túnel de secagem, por sua vez, é proposta uma loja que permita a oferta de vários tipos de produtos típicos da região, o sal e a flôr-de-sal produzidos nas Salinas do Samouco, a especial e antiga doçaria de Alcochete, as fogaças e o bolo de milho, bem como os antigos trabalhos artesanais ainda realizados como são as esculturas de sal.

O espaço exterior dos antigos secadouros é deixado apenas com os percursos destes marcados no pavimento, onde entre eles têm crescido algumas palmeiras. Pretende-se deixá-lo como um espaço disponível a receber vegetação espontânea compatível com as condições atmosféricas especiais que se encontram: humidade elevada, concentração de iodo e sal no ar e vento.



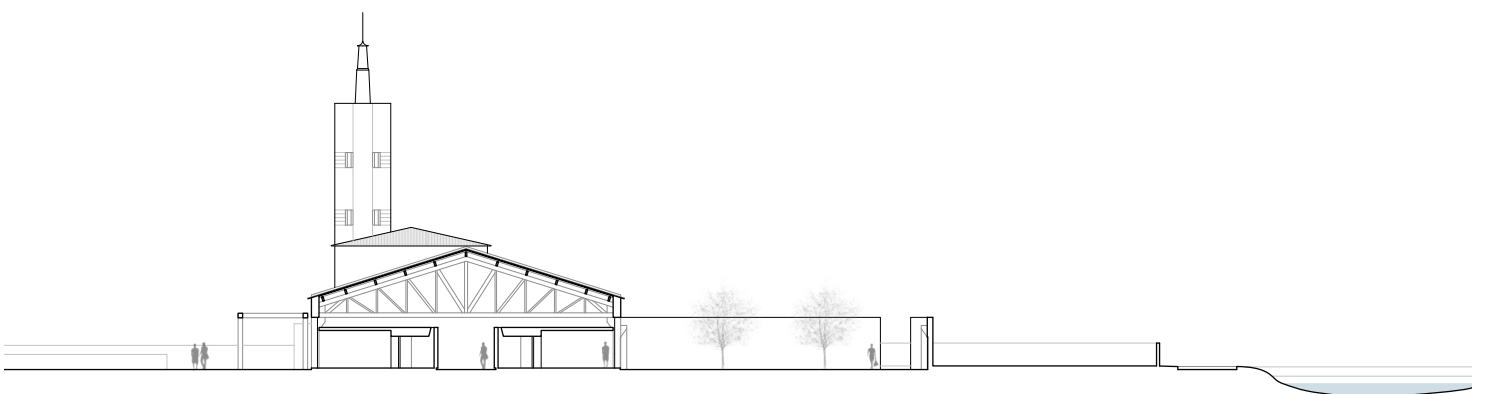
151. Pescal, implantação, projeto, escala 1:3.000



152. Alçado este, projeto, escala 1:500



153. Alçado oeste, projeto, escala 1:500



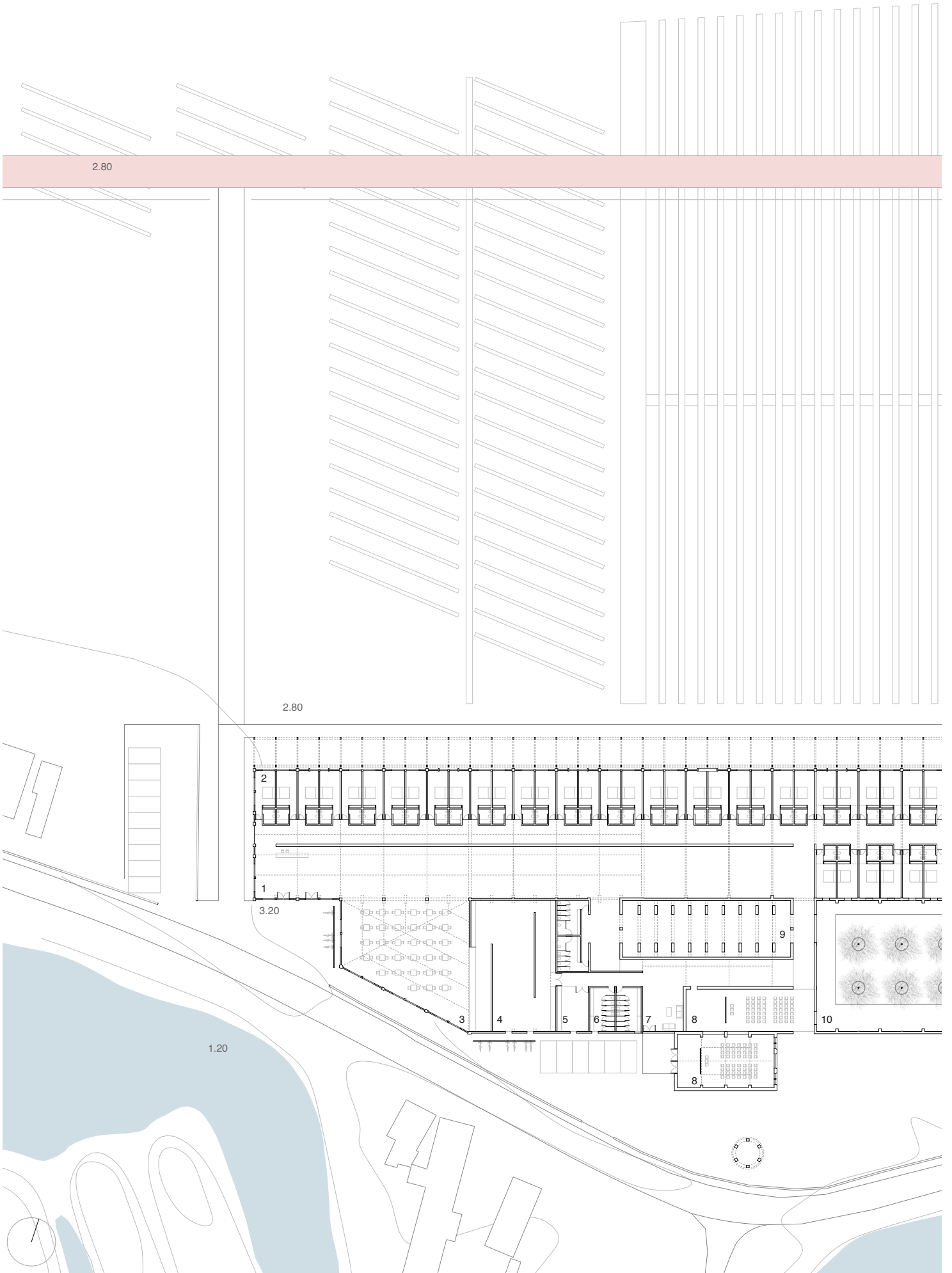
154. Corte transversal, projeto, escala 1:500

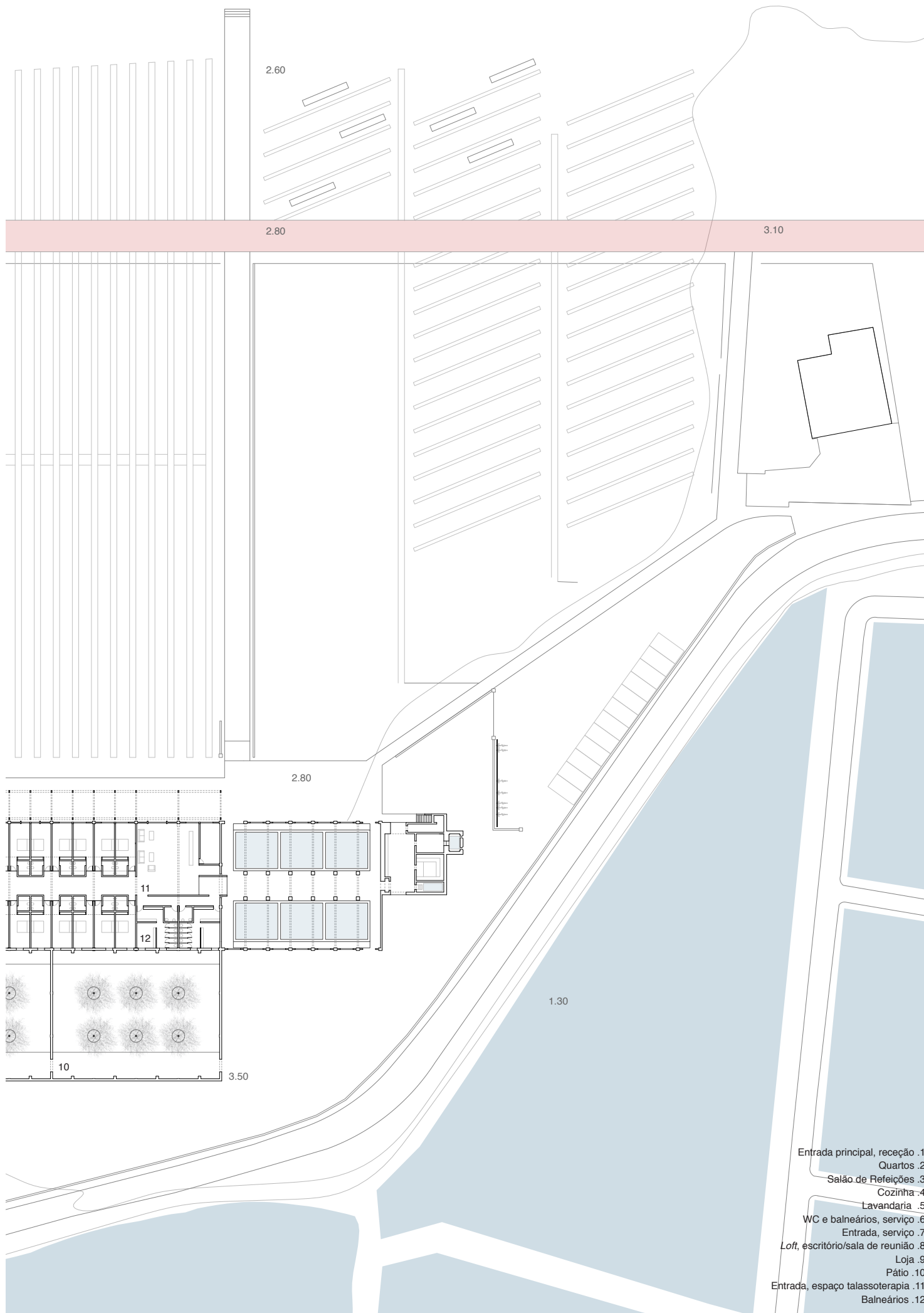
2.80

2.80

1.20

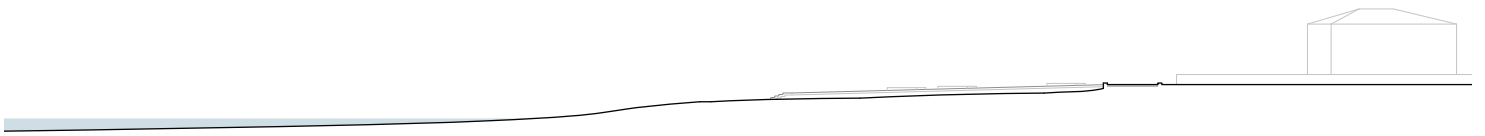
0 10 m



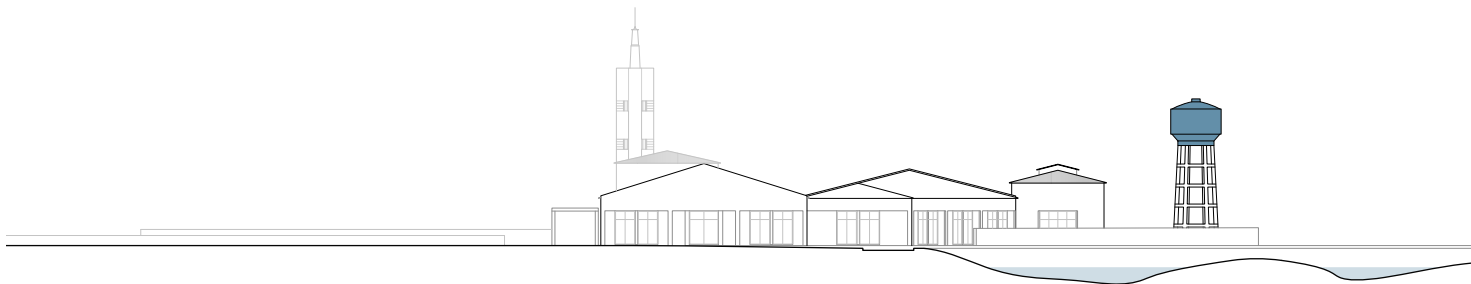


- Entrada principal, recepção .1
- Quartos .2
- Salão de Refeições .3
- Cozinha .4
- Lavandaria .5
- WC e banheiros, serviço .6
- Entrada, serviço .7
- Loft, escritório/sala de reunião .8
- Loja .9
- Pátio .10
- Entrada, espaço talassoterapia .11
- Banheiros .12

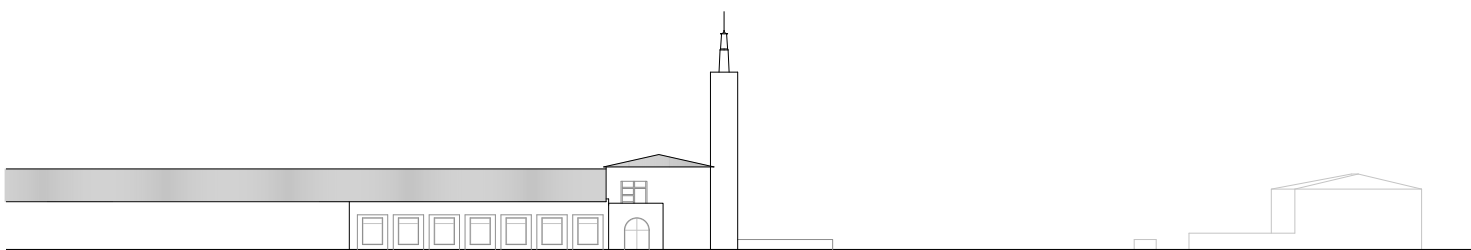
155. Pescal, planta do piso térreo, projeto, escala 1:750



0 10 m



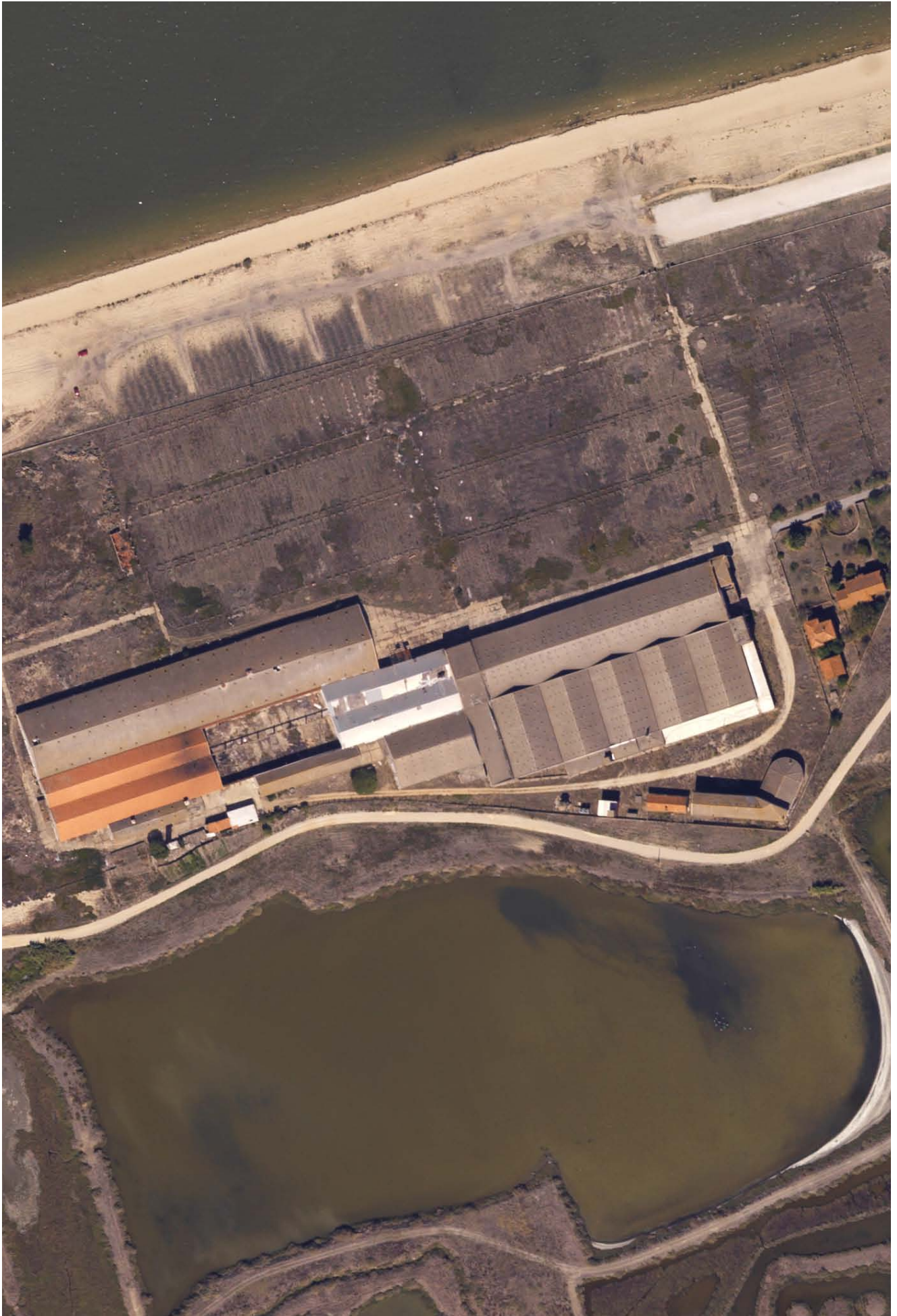
156. *Pescal, alçado oeste, projeto, escala 1:750*



157. *Pescal, alçado sul, projeto, escala 1:750*



158. *Pescal, alçado norte, projeto, escala 1:750*



159. *Sociedade Nacional de Armadores de Bacalhau, 2007, escala 1:2.000*

Finalmente a Sociedade Nacional de Armadores de Bacalhau, de área bruta aproximada de 15.000m<sup>2</sup>, é a maior das indústrias de seca do bacalhau. A SNAB é igualmente a que mais mantém elementos representativos da sua original função, como são as duas complexas máquinas onde o bacalhau era penetrado no seu interior, passando por um processo de lavagem e escovagem. É de extrema relevância, igualmente, a enorme quantidade de tabuleiros em madeira onde era estendido o bacalhau para passar ao processo de secagem.

A antiga indústria consiste em vários e diferentes armazéns acoplados entre eles ao longo de vários anos. Representativa, igualmente, pelas várias funções em edifícios relativamente mais pequenos, em torno do conjunto principal, como eram a creche, o posto de saúde, a cantina e as residências do pessoal com um espaço de lavadouro comunitário. *“A ideia de integrar a produção fabril num sistema de vida contemplando as várias funções como o habitar, a alimentação, o repouso e o lazer, tornando-o de algum modo mais humanizado e completo - mas ao mesmo tempo mais controlador de um espaço de vida - foi entendido e perseguido pelo Estado Novo.”*<sup>100</sup>.

100. FERNANDES, José Manuel. *Arquitectura e indústria em Portugal no século XXI*, p. 153

A SNAB é constituída por um conjunto central, paralelo à linha de água, de armazéns alinhados com a mesma largura, posição onde partiu a primeira construção. À semelhança das indústrias anteriores, foram acrescentados um conjunto de armazéns anexos a estes nas traseiras, e apenas um - o de maiores dimensões - na frente principal da indústria.

A construção mais antiga ainda presente constitui o armazém a Oeste (processo 26/1950), utilizado para a secagem artificial de bacalhau, encontrando-se ainda um túnel de secagem no seu interior, construído porém mais tarde. A sua cobertura é de telha marselha e asnas em madeira. Contíguo ao armazém, a Sul, encontram-se duas casas das máquinas (processo 56/1951). Por sua vez a Este, encontra-se apenas a interessante estrutura de pilares e vigas que mantinham um antigo armazém, constituindo um pátio fechado. A Sul deste último, localiza-se o arrecadação onde eram armazenados dórís e madeiras (processo 38/1955), sendo interessante o conjunto de fenestranças verticais na fachada sul, integrando a Este uma construção de menor dimensão, com janelas circulares e um pilar central.

Regressando à estrutura central, encontra-se a Este do pátio um armazém cuja cobertura é sustentada por asnas em madeira, parte desta recentemente destruída. A Sul, a câmara frigorífica nº6 (processo 119/1956), constituída por quatro espaços de igual dimensão, numa estrutura simétrica com um corredor central. Novamente a Este encontra-se um espaço de passagem, que continha a



160. *Frentes Norte e Este*

carpintaria e instalações sanitárias, bem como o acesso ao primeiro piso, onde se instalavam os escritórios. A Sul deste espaço localiza-se o armazém onde eram arrecadados dóris (processo 278/1958).

Seguidamente encontra-se uma nave de larga dimensão, cuja cobertura é constituída por asnas metálicas, revestida no interior por placas de cortiça. Distribuídas perpendicularmente à nave, situam-se cinco câmaras frigoríficas de iguais dimensões, as duas primeiras (processo 1/1955) apresentam um teto plano, enquanto as restantes revelam um teto curvo com um conjunto de três arcos salientes.

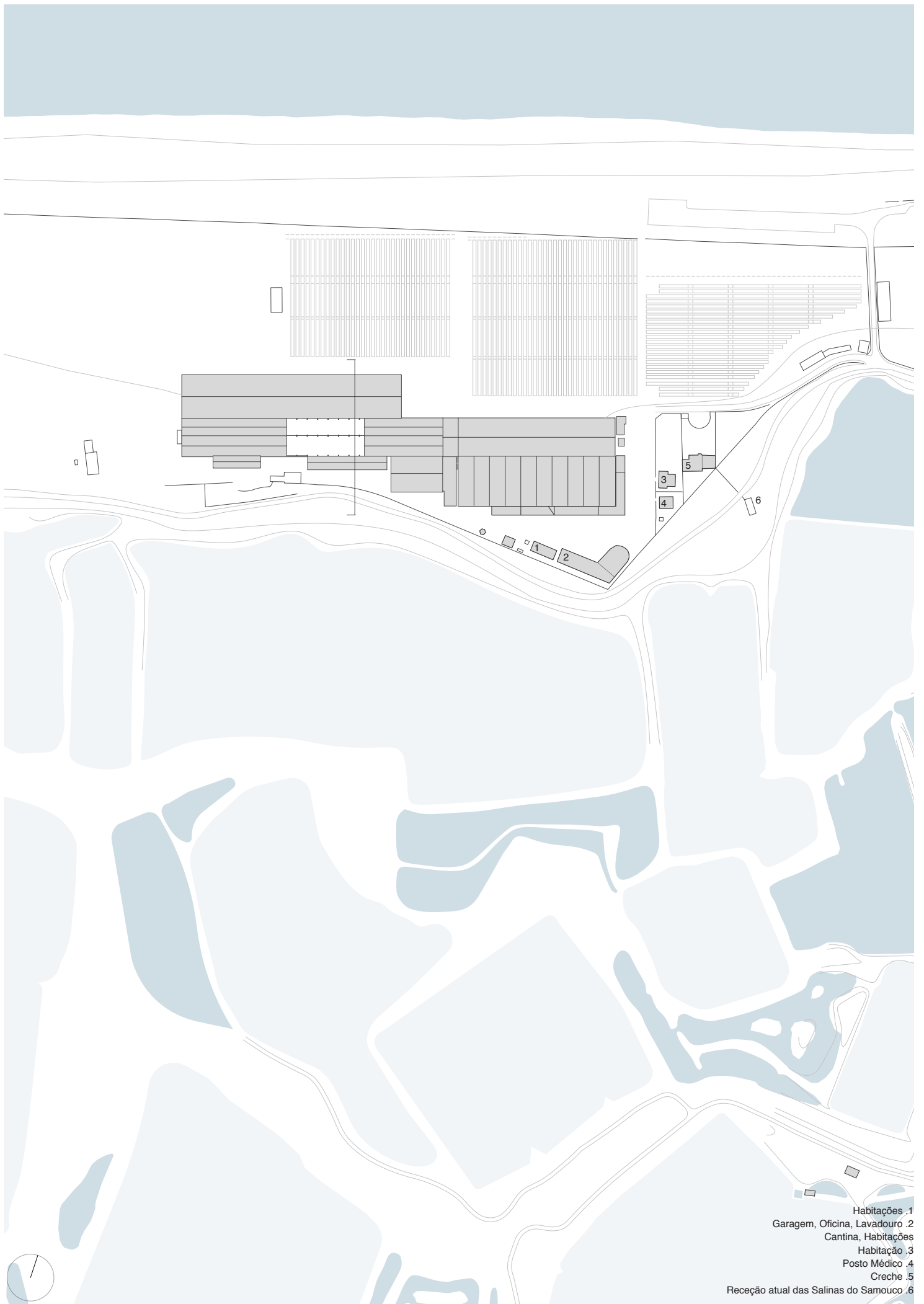
Finalmente o grande armazém (processo 64/1968) que se destaca do conjunto, a Norte, destinado à secagem artificial de bacalhau, com a instalação de oito túneis.



161. Armazém de Lavagem.  
Cobertura. Câmara  
frigorífica.



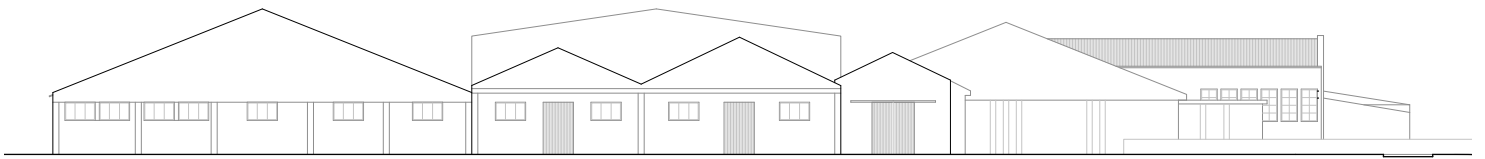
162. *Carpintaria. Armazém para arrecadação de dóris*



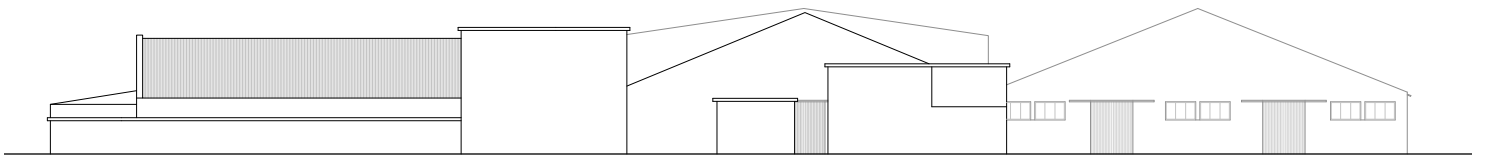
- Habitações .1
- Garagem, Oficina, Lavadouro .2
- Cantina, Habitações
- Habitação .3
- Posto Médico .4
- Creche .5
- Recepção atual das Salinas do Samouco .6



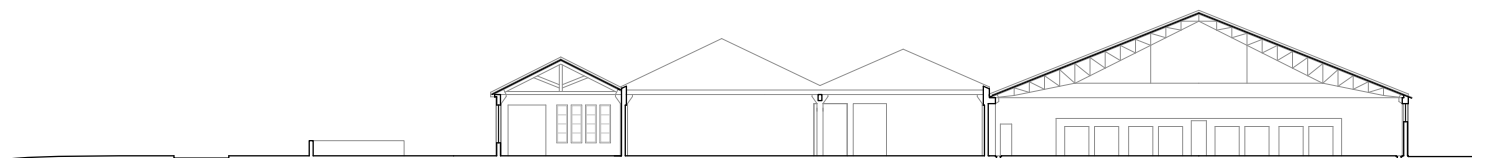
163. SNAB, implantação, escala 1:3.000



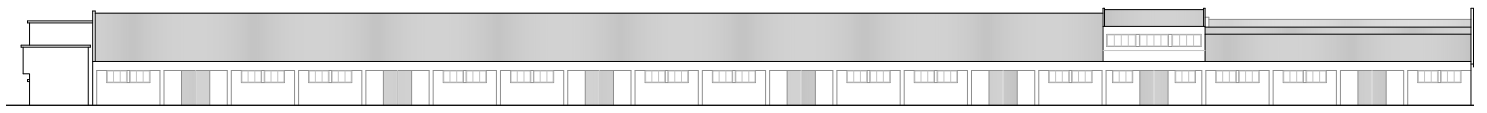
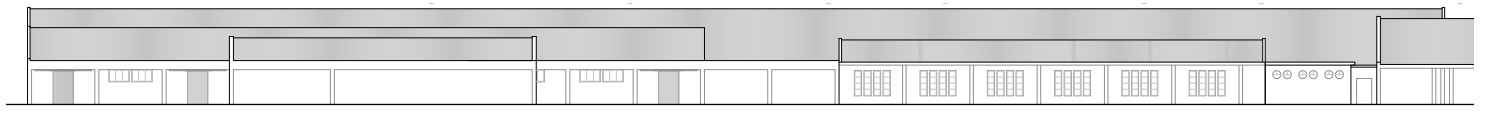
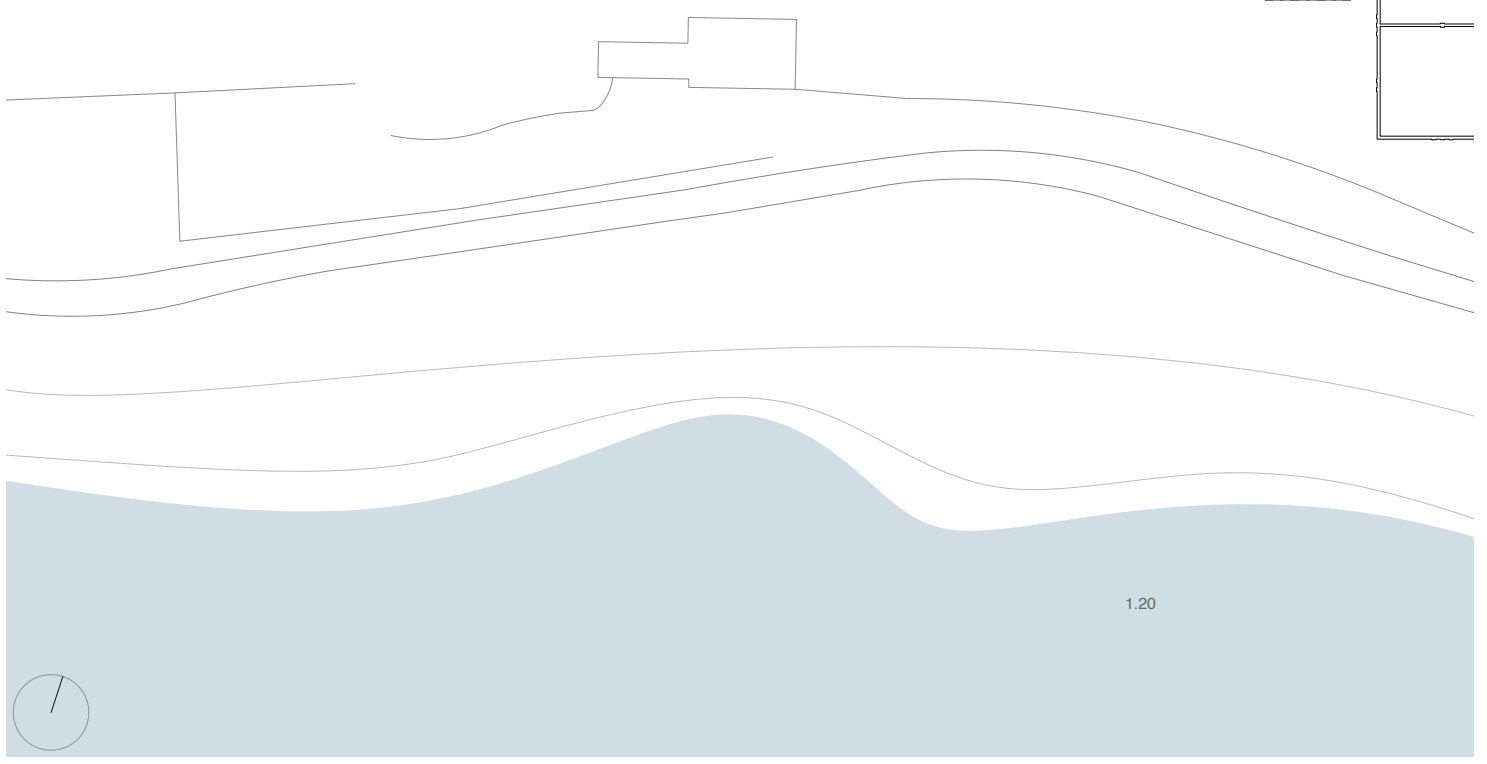
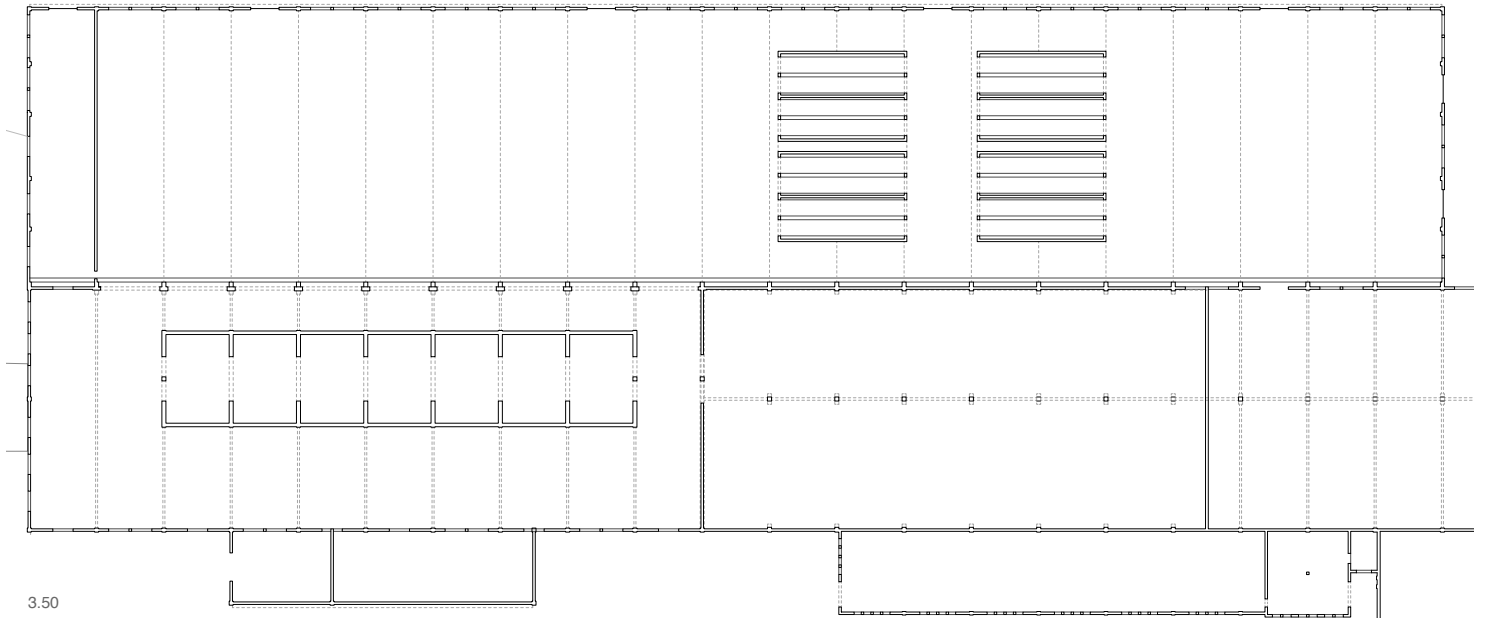
164. Alçado oeste, escala 1:500



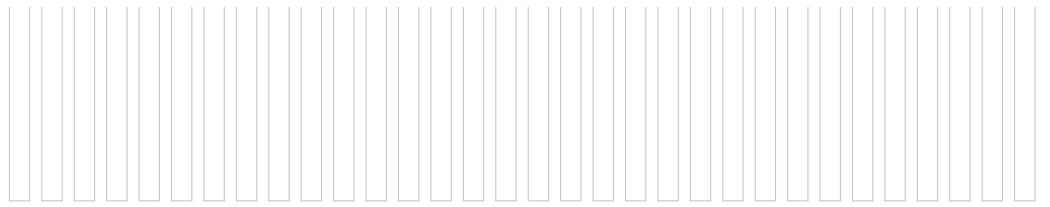
165. Alçado este, escala 1:500



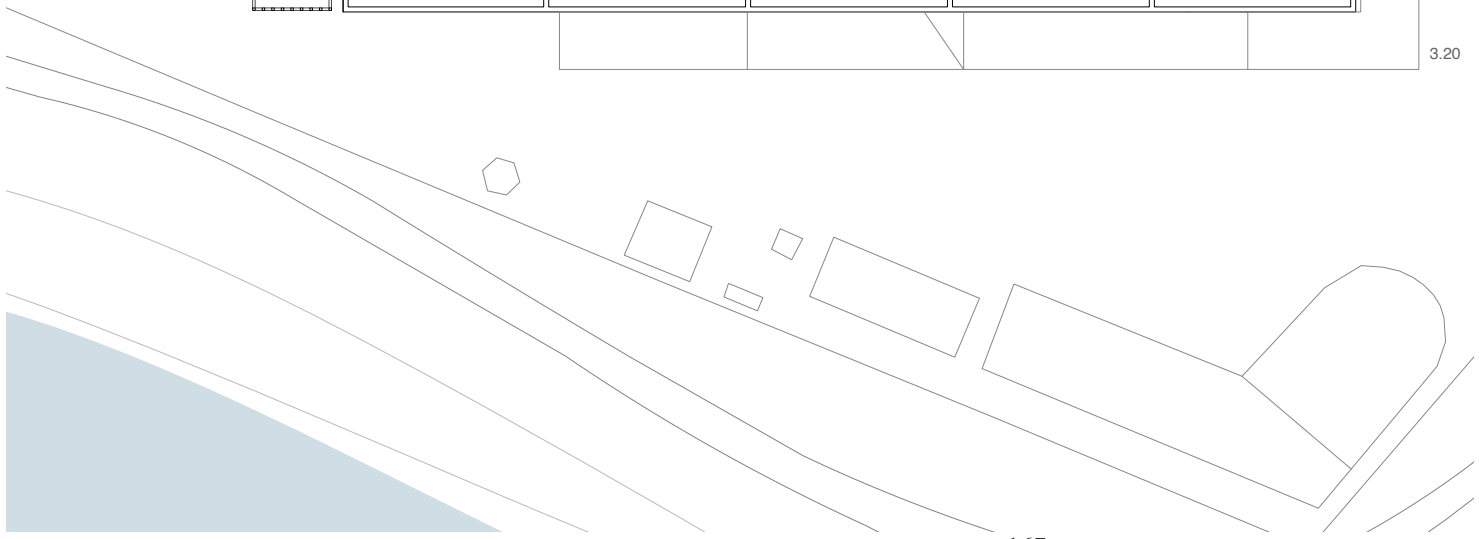
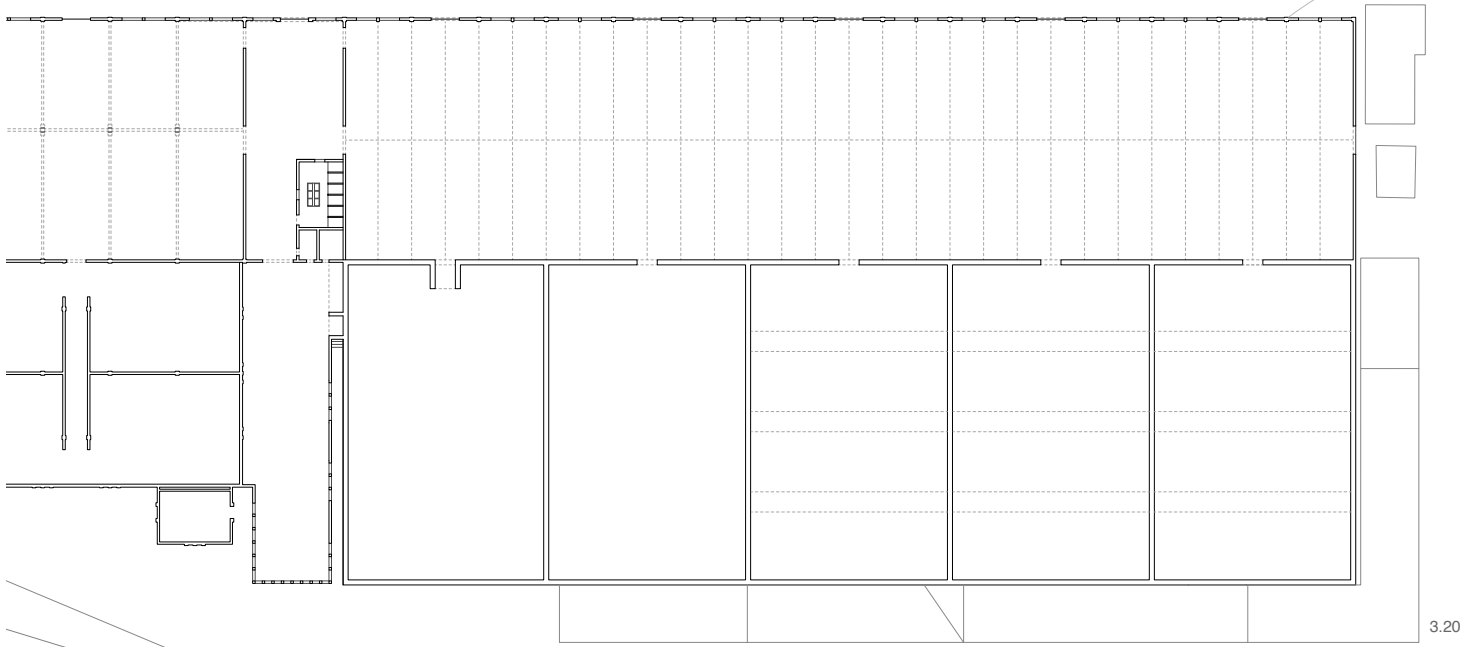
166. Corte Transversal, escala 1:500



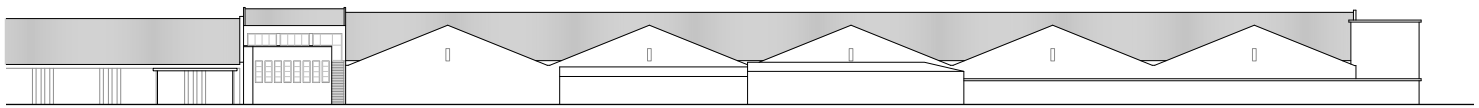
0 10 m



2.80



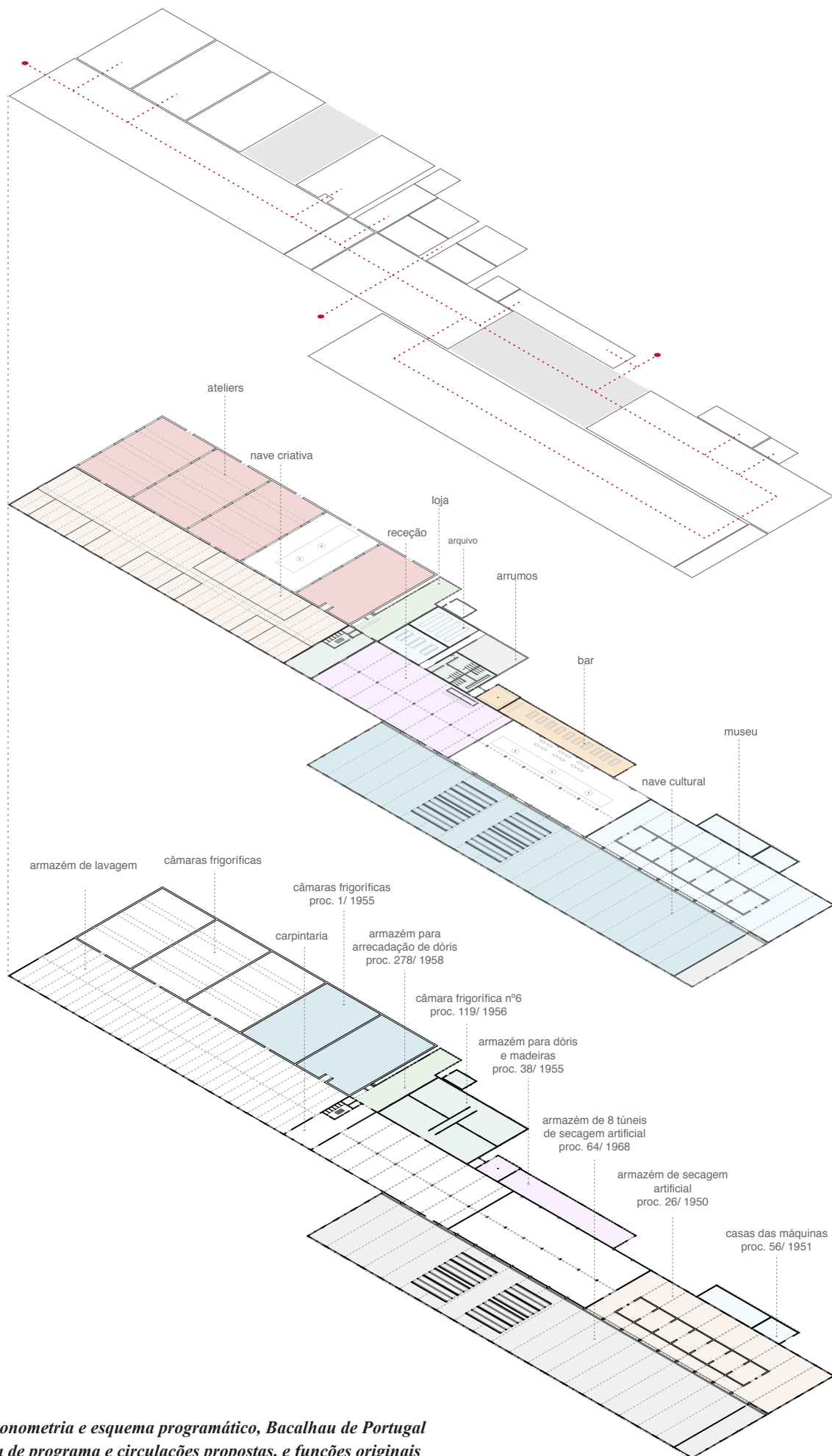
167. SNAB, planta do piso térreo, escala 1:750



168. SNAB, alçado sul, escala 1:750



169. SNAB, alçado norte, escala 1:750



170. Axonometria e esquema programático, Bacalhau de Portugal  
 esquema de programa e circulações propostas, e funções originais

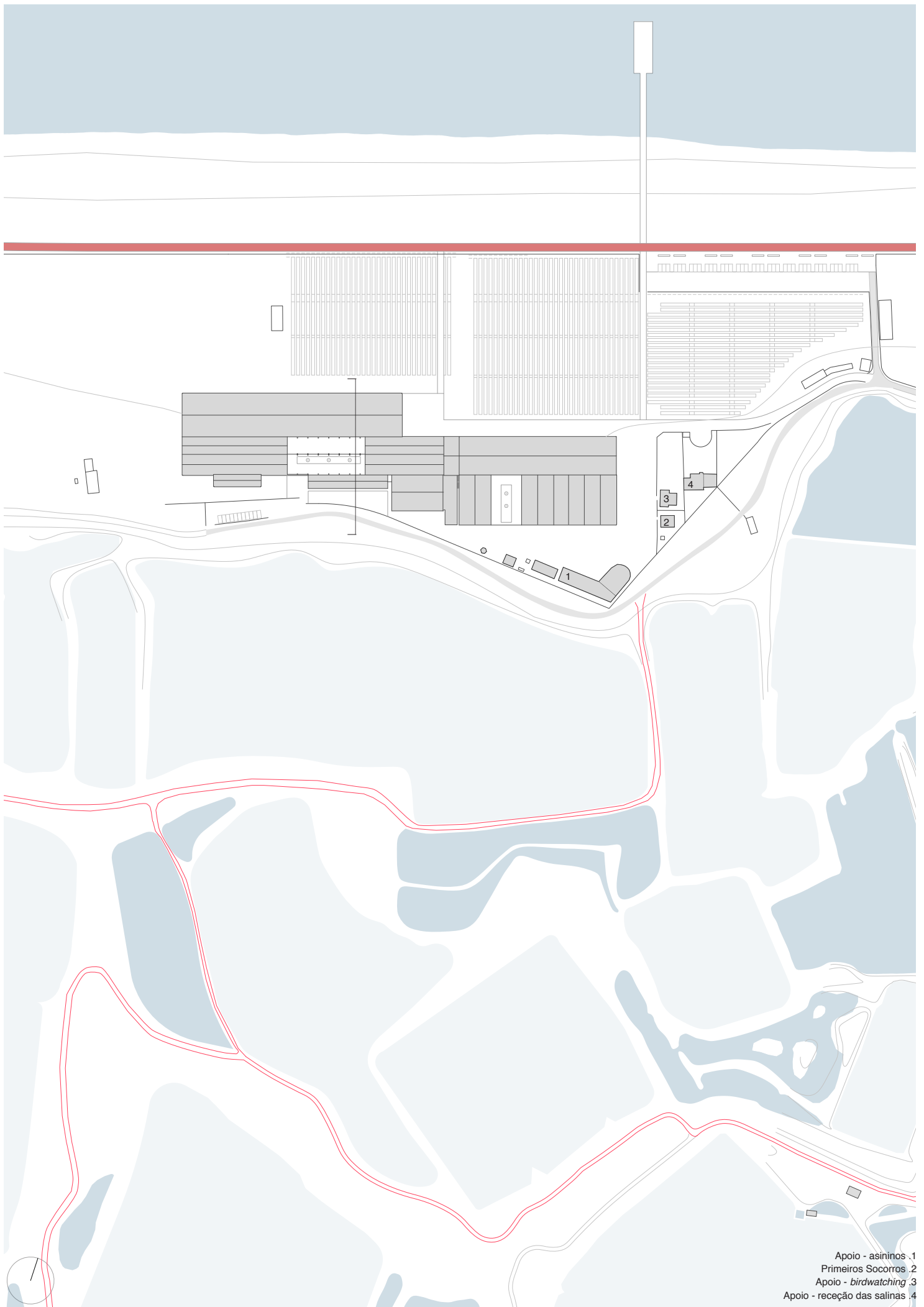
No complexo conjunto da SNAB, pela vasta dimensão e vários edifícios existentes anexos, propõe-se a “Indústria Cultural e Criativa das Salinas e da Seca do Bacalhau”. Neste âmbito, a indústria é dividida em três núcleos: cultural, de apoio e um terceiro, criativo.

O pátio existente, torna-se o pátio de entrada principal, que torna possível aceder ao bar, situado no antigo armazém de dóris e madeiras, bem como ao espaço de receção e informação delineado no armazém central, possível de aceder igualmente pela fachada norte. Contíguo a este, na câmara frigorífica nº6, situam-se os balneários do pessoal, junto de um conjunto de instalações sanitárias públicas, um espaço de arrumos, e uma zona de arquivo que integra uma sala de leitura. Já na antiga arrecadação de dóris, propõe-se uma loja complementar à da pousada com produtos da região, que integre um conjunto de livraria temática sobre a história do sal e do bacalhau, bem como o conjunto de práticas desenvolvidas pelos ocupantes da área criativa.

O núcleo cultural, localiza-se na parte Oeste do conjunto de apoio, integrando o museu na nave referenciada como tendo sido a primeira a ser construída. A parte de museu tem como objetivo a divulgação de um conjunto de funções de âmbito cultural, educativo e experimental que visa dar a conhecer o contexto na qual se insere. Funcionando como uma área de exposição permanente com o objetivo de revelar a história das salinas e das “lavouras do sal”, ainda feito pelos rapadores da maneira manual tradicional, as espécies animais e vegetais que habitam as marinhas e o Estuário do Tejo, bem como a história e as tradições do concelho e das indústrias de seca do bacalhau da segunda metade do século XX. Pretende-se com isto, complementar os projetos da Fundação das Salinas do Samouco, como é o Pólo Ambiental do Núcleo dos Pinheirinhos.

A par da exposição fixa e educativa, estabeleceu-se uma parte de exposição temporária que permita expor e divulgar qualquer tipo de trabalhos desde realizados por artistas a alunos das escolas do concelho ou mesmo a realização de mercados e feiras, tornando possível a sua expansão para o exterior, ocupando a área dos antigos secadouros. Propõe-se esta função na nave dos 8 túneis de secagem, chamada de “Nave Cultural”.

Por outro lado, no conjunto criativo, é proposto, na nave a Este, a instalação da “Nave Criativa” que possibilita a ocupação de atividades heterogêneas, podendo ser um conjunto de “micro-empresas”, oficinas ou ateliers, permitindo a constituição de espaços de diferentes dimensões segundo as necessidades. As antigas câmaras frigoríficas continuam a mesma lógica, definindo-se numa das câmaras um pátio que permita uma relação com os espaços de trabalho, um espaço ao ar livre porém delimitado.



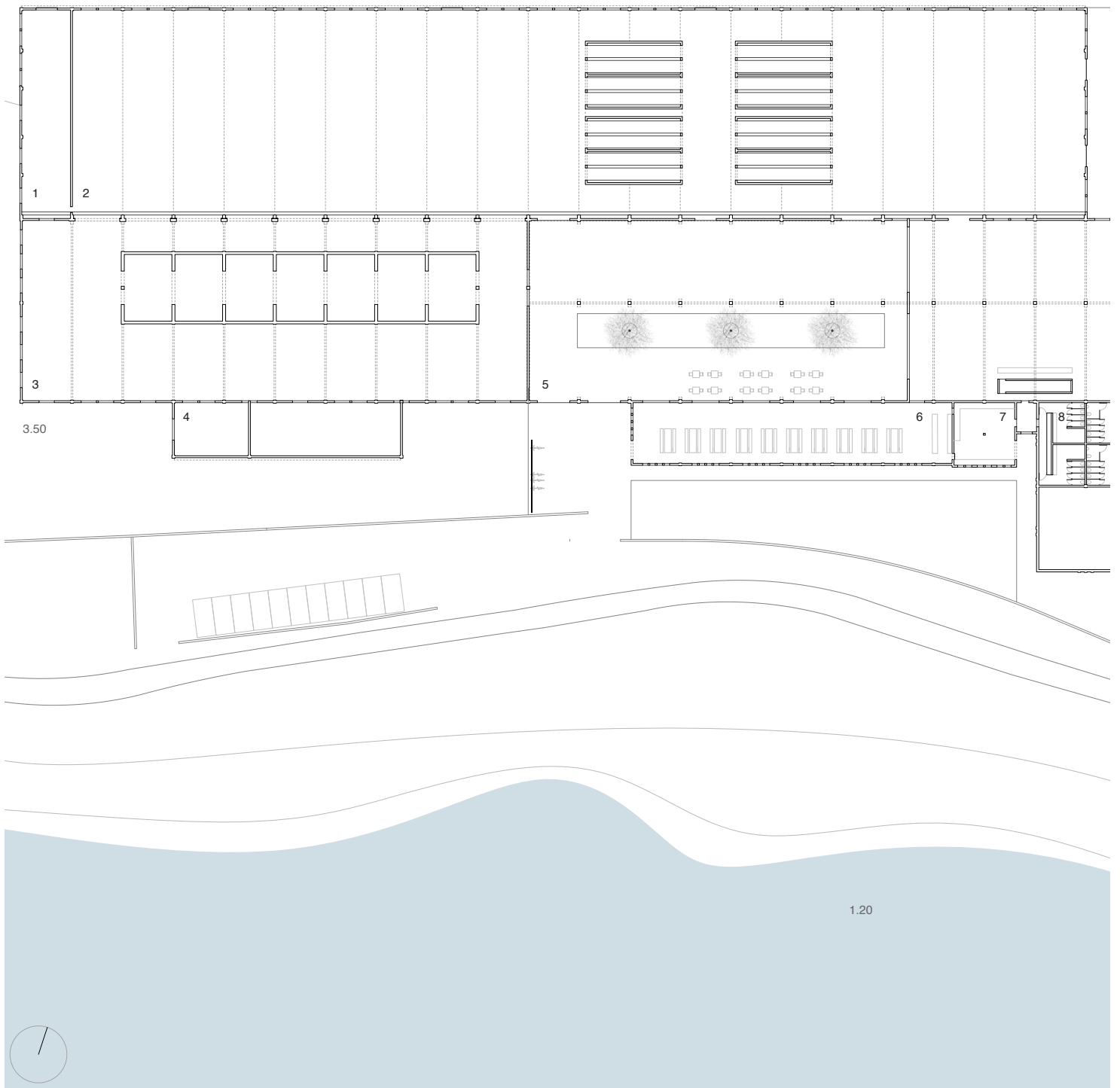
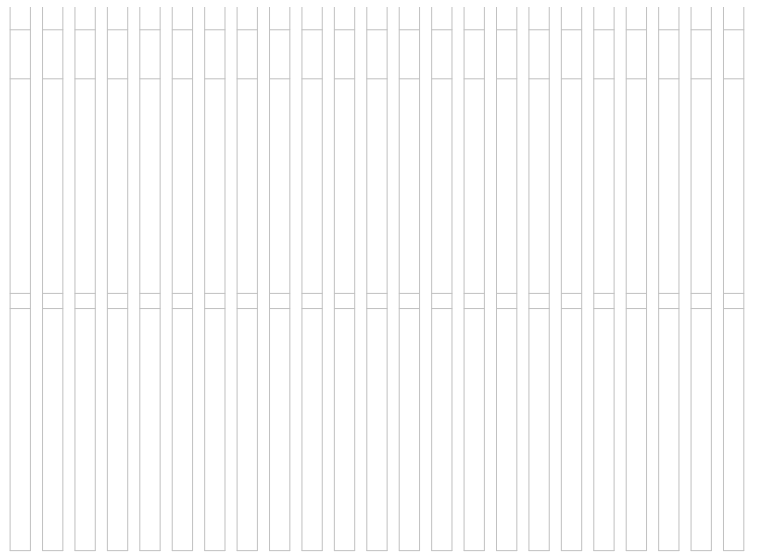
- Apoio - asininos .1
- Primeiros Socorros .2
- Apoio - birdwatching .3
- Apoio - recepção das salinas .4

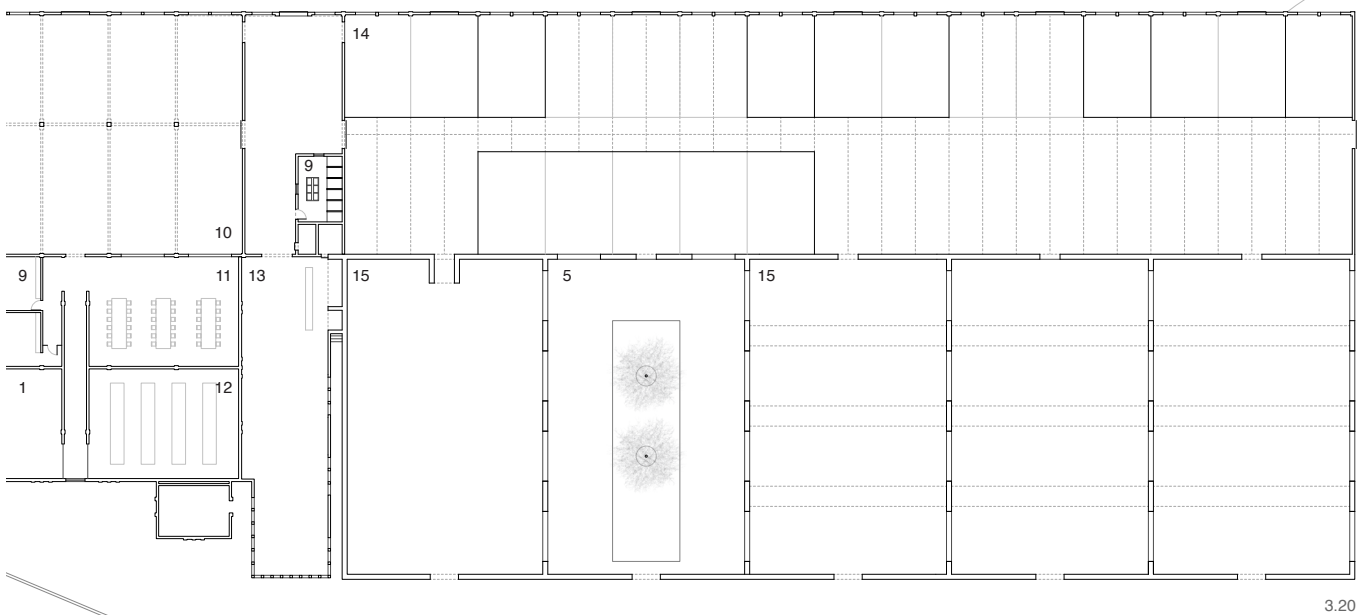
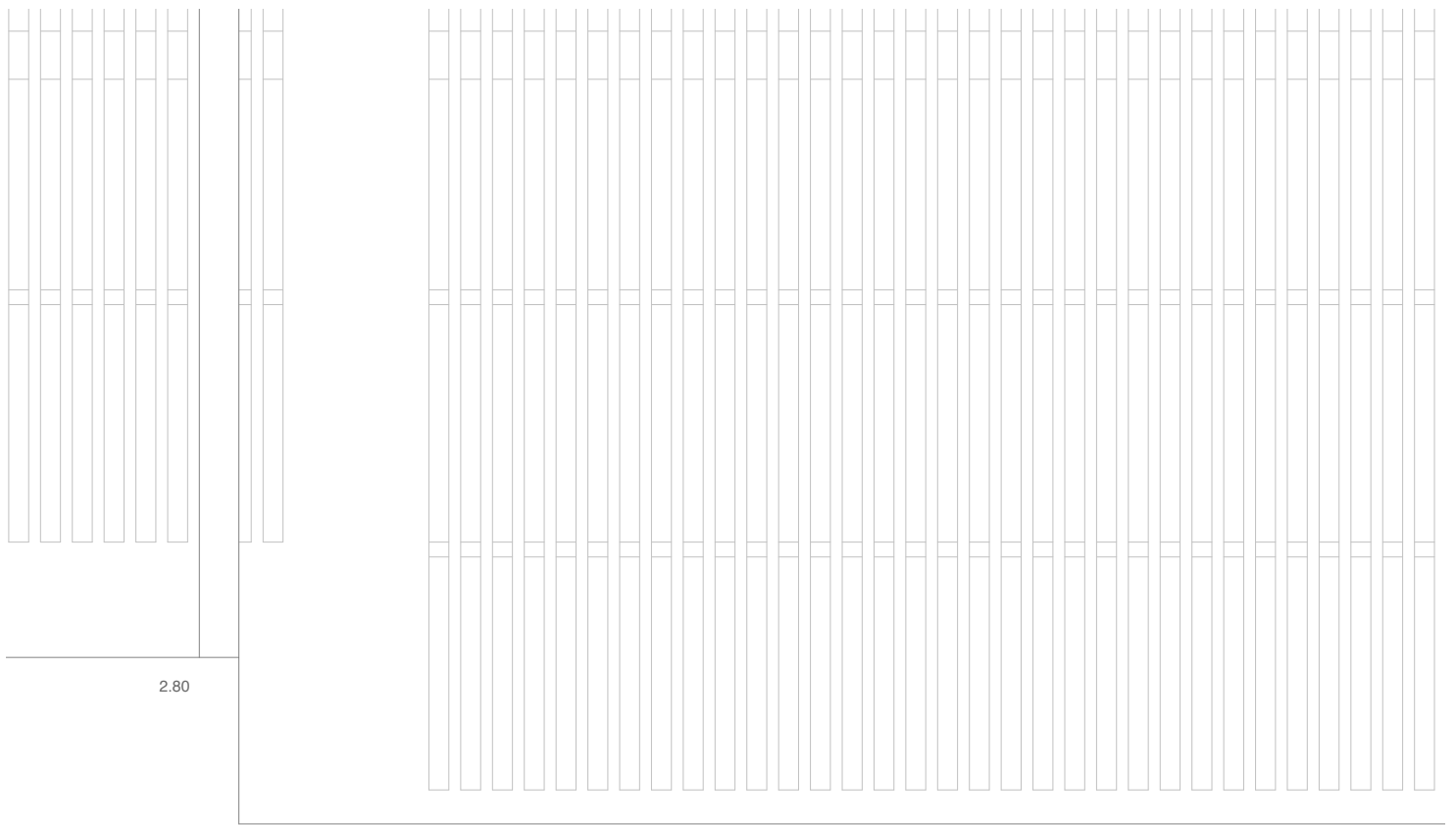
171. SNAB, implantação, projeto, escala 1:3.000

Nas restantes câmaras, propõe-se a manutenção dos espaços abertos, estabelecendo a possibilidade da sua utilização para diversas ocupações como espaços de *coworking*, promoção de atividades pedagógicas e *workshops*. Decidiu-se, então, pintar de vermelho - a interessante cor perdominante encontrada nas fachadas da SNAB - das fachadas Este e Sul das naves criativas.

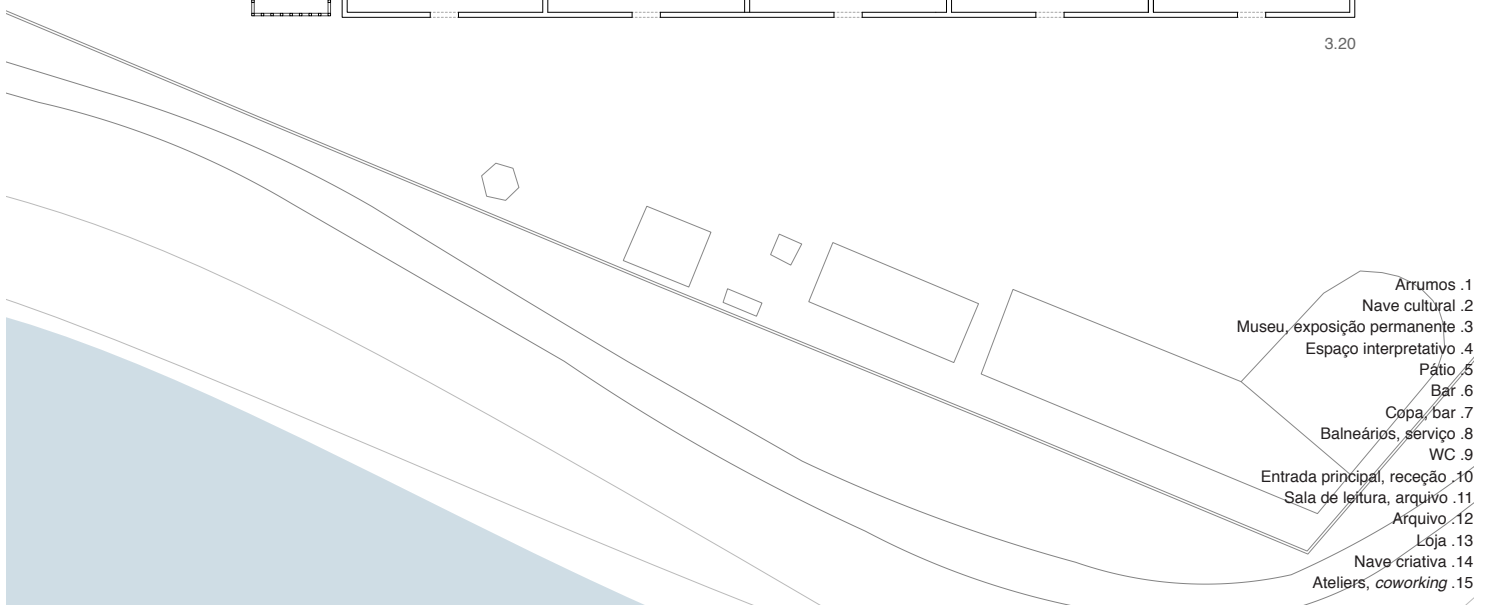
Nos edifícios em torno do conjunto principal da SNAB são propostos um conjunto de serviços de apoio à Fundação das Salinas do Samouco, lugar onde se encontra a receção principal. Pretende-se no edifício da antiga creche a constituição de um núcleo de apoio à receção, que permita o acolhimento ao público e o arquivo de documentação e informação revelante para o conjunto. Na antiga habitação unifamiliar, um lugar que torne possível alugar e comprar material de apoio à atividade *birdwatching*. Mantém-se a antiga atividade do posto médico, como um lugar que alberga um conjunto de elementos necessários de “primeiros socorros”.

Por último, as antigas residências do pessoal, que inclui os lavadouros, é proposta uma estrutura de apoio à comunidade de burros mirandeses.

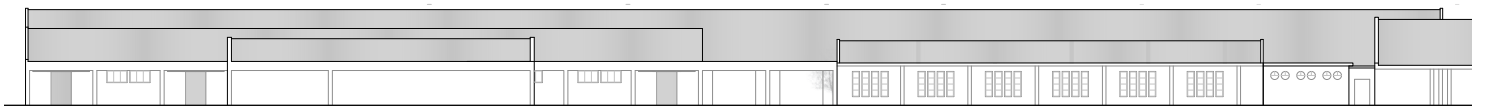
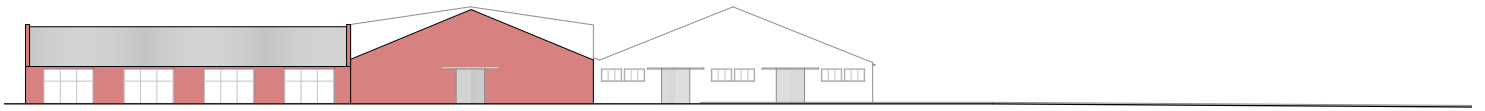




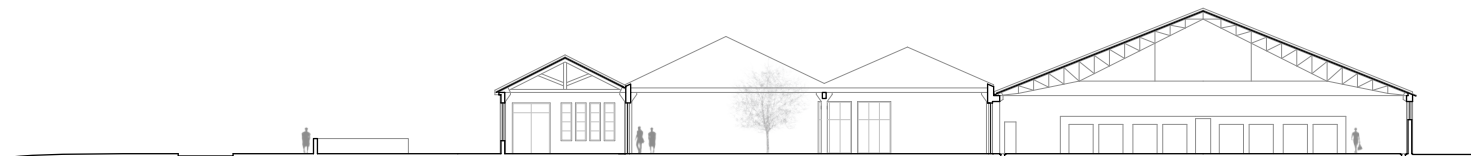
3.20



172. SNAB, planta do piso térreo, projeto, escala 1:750



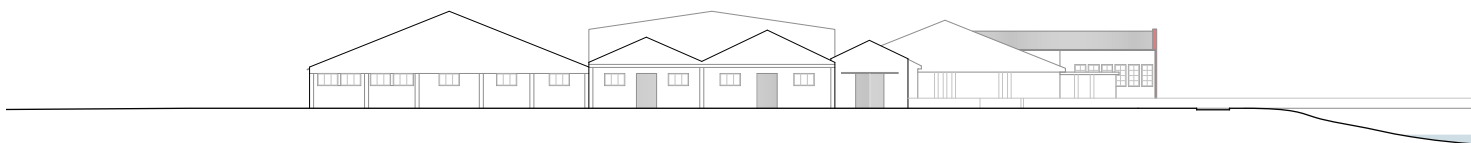
0 10 m



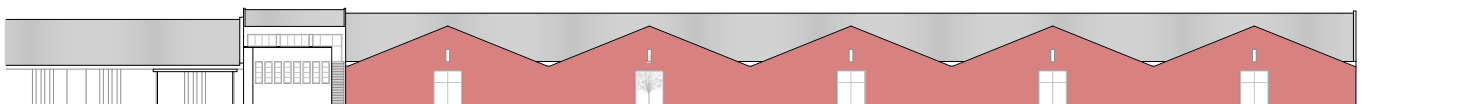
173. *Corte Transversal, escala 1:500*



174. *SNAB, alçado este, projeto, escala 1:750*



175. *SNAB, alçado oeste, projeto, escala 1:750*



176. *SNAB, alçado sul, projeto, escala 1:750*



177. *SNAB, alçado norte, projeto, escala 1:750*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto das salinas e das antigas indústrias de seca do bacalhau em Alcochete - a Bacalhau de Portugal, a Pescal e a Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau - destaca-se pelo seu valor ambiental e paisagístico, constituindo uma zona húmida de extrema relevância, ao ser incluída na “Zona de Proteção Especial” (ZPE) do Estuário do Tejo.

Outrora lugar de uma grande intensidade de fluxos e trocas comerciais, fator ainda marcante na identidade e na memória coletiva das gentes e do território, encontram-se atualmente numa situação ambígua. As salinas estão divididas em duas fundações, porém, uma recentemente extinta, enquanto as três indústrias, de duas diferentes entidades privadas, se encontram desativadas há duas décadas, entre recentes planos e processos pendentes para a sua demolição e construção de novos empreendimentos imobiliários e turísticos.

O presente trabalho, baseado no reconhecimento das oportunidades e potencialidades presentes na área das salinas e das secas do bacalhau, teve como objetivo a definição de uma estratégia de intervenção, através da articulação dos diferentes elementos representativos presentes, que visa considerar a área de estudo como um conjunto, o “Parque das Salinas”.

A estratégia, apesar de centrada no “Parque das Salinas”, estende-se num contexto mais abrangente, estabelecendo relações em três escalas de referência. Da escala metropolitana à escala das salinas pretende-se dar conta dos “elementos” de análise relevantes na definição da estratégia, e principalmente de que forma estes elementos podem ser estruturados e estruturadores desta mesma estratégia.

A fácil acessibilidade de Alcochete à capital e aos restantes concelhos da margem sul do Tejo, é considerada como uma potencialidade da área em estudo. É notória uma série de iniciativas pontuais na Área Metropolitana de Lisboa, carecendo, porém, de uma estratégia de conjunto, iniciada pelo Arco Ribeirinho Sul, fundação esta recentemente extinta. Propõe-se, portanto, uma estrutura contínua de espaço público, fundamentalmente de circulação ciclo-pedonal ao longo do Tejo, numa tentativa de articular os vários momentos existentes, bem como, de consolidar e fomentar/promover a frente de rio ao longo da margem sul do Tejo, como um espaço público privilegiado onde o tema da água torna-se protagonista. O “Parque das Salinas” é proposto, então, como uma parte integrante e articulada com a estrutura linear de “frente ribeirinha”, tendo como base uma rede pública de circulação e de ligações entre programas culturais e recreativos, especialmente - mas não só - vocacionada para uso da população residente, funcionando como uma rede complementar de iniciativas, associações e programa funcional existente.

A proposta consiste num percurso estruturador ao longo da margem do Tejo, a par de um conjunto de percursos complementares em rede, funcionando como um sistema, tendo em vista a promoção do uso de meios de transporte alternativos. A par de uma rede estruturada de circulação, é igualmente proposto o conceito de *bike-sharing*, localizado em pontos estratégicos intermodais, suportando a possibilidade de deixar a viatura privada e alugar bicicletas, sendo fundamental o acompanhamento de um conjunto de sinalética e mapeamento que permita o entendimento geral da área de intervenção.

Nas estações de serviço da Ponte Vasco da Gama são incluídos dois pontos intermodais, encarados como miradouros que, pela posição mais elevada, revela ser um lugar importante de visibilidade face ao conjunto do parque. O constante fluxo de utentes, além do seu posicionamento estratégico, torna relevante a sua integração no projeto, constituindo um possível acesso à área de intervenção.

Resulta, portanto, essencial a dinamização e flexibilidade das opções programáticas propostas, tendo em conta o uso coletivo dos espaços.

A área das salinas é considerada como um espaço disponível, constituindo um conjunto hipotético de iniciativas relacionadas com as marinhas/salinas e viveiros existentes, como a possibilidade da realização de atividades lúdicas e recreativas, bem como a recuperação de uma marinha como piscina biológica. É igualmente de reforçar a atividade de *Birdwatching* que se pratica na área, propondo a recuperação de cinco dos antigos apoios ao salineiro, para a criação de núcleos de apoio a esta prática.

Nas três indústrias desativadas são propostos três equipamentos: uma “escola de desporto náutico”, a “pousada das salinas” com um espaço dedicado à talassoterapia e a “indústria cultural e criativa das salinas e da seca do bacalhau”, relacionando a história do lugar com a oportunidade de experimentar, pesquisar e fomentar novas ideias, pesquisas e atividades. Torna-se relevante a recuperação do antigo pontão de descarga do bacalhau, como elemento da memória do lugar e pelas possíveis ligações fluviais que permite proporcionar.

Finalmente, pretendeu-se com este trabalho definir uma estratégia operativa, tendo em vista um novo “equilíbrio” do lugar entre o passado e o presente, que não se prende na sua estagnação e preservação, mas sim, na intervenção e transformação com o objetivo de estabelecer o carácter do lugar, através da sua natureza, da sua história e memória.



## SIGLAS E ACRÓNIMOS

AML	Área Metropolitana de Lisboa
AR	Adaptive Reuse
ARS	Arco Ribeirinho Sul
CMA	Câmara Municipal de Alcochete
FJGJ	Fundação João Gonçalves Júnior
IGESPAR	Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico
INE	Instituto Nacional de Estatística
MIT	Massachusetts Institute of Technology
NAL	Novo Aeroporto de Lisboa
PDM	Plano Diretor Municipal
PDMA	Plano Diretor Municipal de Alcochete
PDMM	Plano Diretor Municipal do Montijo
RNET	Reserva Natural do Estuário do Tejo
SIC	Sítio de Interesse Comunitário
SNAB	Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau
ZPE	Zona de Proteção Especial

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivo da Câmara Municipal de Alcochete:

\_ Bacalhau de Portugal

processo 10/1953

processo 18/1969

processo 39/1984

Processo 8/1989

Processo 22/1970

\_ Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau

processo 26/1950

processo 56/1951

processo 1/1955

processo 38/1955

processo 119/1956

processo 278/1958

processo 64/1968

Adaptive Reuse. MIT, Greening East Campus

Disponível em: <http://www.archinode.com/lcaadapt.html>

*Adaptive Reuse, Preserving our past, building our future.* Australian Government, Department of the Environment and Heritage, 2004.

Disponível em: <http://environment.gov.au/heritage/publications/protecting/pubs/adaptive-reuse.pdf>

ANTUNES, Alfredo da Mata [et.al]. *Arquitectura popular em Portugal*. 3ªed. Lisboa: Ordem dos arquitectos, 1998

ARAÚJO, Luiza Tristão. *Gordon Matta-Clark: vertederos e intervenciones. Destrucción?*. Terragona: Publicaciones URV, 2008

BASTOS, Fonseca. *Subsídio para a história das secas do bacalhau*. Setembro de 2008

Disponível em: <http://praiadosmoinhos.blogspot.pt/2008/09/subsídio-para-histria-das-secas-do.html>

*Câmaras do sul do Tejo em Lisboa pedem aproveitamento de zonas industriais desactivadas para a cidade aeroportuária.* Jornal Público, 1 de Abril de 2009.

Disponível em: <http://publico.pt/local/noticia/camaras-do-sul-do-tejo-em-lisboa-pedem-aproveitamento-de-zonas-industriais-desactivadas-para-a-cidade-aeroportuaria-1372068>

CAVALEIRO, Diogo. *Arco Ribeirinho Sul foi extinta mas projecto de requalificação é para continuar, diz Governo*

Jornal de Negócios, 12 de Janeiro de 2012.

Disponível em: [http://jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/arco\\_ribeirinho\\_sul\\_foi\\_extinta\\_mas\\_projecto\\_de\\_requalificaccedilatildeo\\_eacute\\_para\\_continuar\\_diz\\_governo.html](http://jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/arco_ribeirinho_sul_foi_extinta_mas_projecto_de_requalificaccedilatildeo_eacute_para_continuar_diz_governo.html)

CÓIAS, Vítor. *Construção: os excessos e o futuro.* GECORPA - Grémio do Património

Disponível em: [http://gecorpa.pt/Upload/SalaImprensa/FuturoEuroconstruct'12a\\_Gecorpa\\_VitorCoias.pdf](http://gecorpa.pt/Upload/SalaImprensa/FuturoEuroconstruct'12a_Gecorpa_VitorCoias.pdf)

CORLUKA, Tijana. *Urban space recycling : industrial sites and city waterfront - method and application in process of urban regeneration*. Dissertação de mestrado. Porto: FAUP, 2003

Decreto-Lei nº 280/94

DE CARLO, Giancarlo. Entrevista por João Piza. Milão, 1 de Agosto de 2002  
Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/08.032/3292?page=6>

DUARTE, Fernando Chagas. *A indústria do bacalhau no início do século XXI*  
Revista Tecnipeixe nº7, Janeiro/Fevereiro de 2002  
Disponível em: <http://cafeportugal.net/resources/3/files/A%20INDUSTRIA%20DO%20BACALHAU%20NO%20INICIO%20DO%20SECULO%20XXI.pdf>;

*Empreendedorismo Solidário - Coworking*, Up to Start, Maio de 2012  
Disponível em: <http://start-upportugal.blogspot.pt/2012/05/empreendedorismo-solidario.html>

FERNANDES, José Manuel. *Arquitectura e indústria em Portugal no século XXI*. Secil, 2003

FERRENTINO, Taryn. *Attraverso Giancarlo de Carlo – una mappa di materiali per ripensare il progetto della città contemporanea*.  
Tese de Doutoramento. Università degli Studi di Napoli Federico II  
Disponível em: [http://fedoa.unina.it/2038/1/Ferrentino\\_Urbanistica.pdf](http://fedoa.unina.it/2038/1/Ferrentino_Urbanistica.pdf)

FERREIRA, Dinis. *Gestão da Sustentabilidade da Reabilitação do Edificado: Vila de Alcochete, Projectos e Sustentabilidade no Século XXI*. Câmara Municipal de Alcochete e Associação Portuguesa de Gestão de Projectos  
Disponível em: [http://sgp.wildapricot.org/Resources/Documents/2011/DinisFerreira\\_GestaoDaSustentabilidadeDaReabilitacaoDoEdificado\\_VilaDeAlcochete.pdf](http://sgp.wildapricot.org/Resources/Documents/2011/DinisFerreira_GestaoDaSustentabilidadeDaReabilitacaoDoEdificado_VilaDeAlcochete.pdf)

FERREIRA, Nuno Estevão. *Álvaro Garrido, O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003*.  
Análise Social nº 178, Lisboa 2006. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

FERREIRA, Vitor Matias [et.al.]. *Lisboa, a metrópole e o rio: centralidade e requalificação das frentes de água*.  
Bizâncio, Lisboa 1997.

GRAÇA, Luís dos Santos. *Edifícios e Monumentos Notáveis do Concelho de Alcochete*  
ELO - Publicidade, Artes Gráficas, Ld.ª Lisboa, 1998

Hesmondhalgh, David. *Cultural and Creative Industries*  
in BENNETT, Tony. *The Sage Handbook of Cultural Analysis*. SAGE Publications Ltd, 2008  
Disponível em: [http://academia.edu/1534986/Cultural\\_and\\_Creative\\_Industries](http://academia.edu/1534986/Cultural_and_Creative_Industries)

LANDRY, Charles [et.al.]. *The Art of Regeneration – Urban Renewal through Cultural Activity*  
Da Costa Print, Londres 1996  
Disponível em: <http://combined-arts.com/wp-content/uploads/2012/07/indonesia-charleslandry-artofregeneration.pdf>

LANGE, Susanne. *Bernd and Hilla Becher: life and work*. Cambridge, Mass.: The Mit Press, 2007

LEMIEUX, Hector J. *The White Ships*. National Film Board of Canada, 1966, 14'57  
Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=aaXl6m85dOY>

LOBO, Susana. *A colonização da linha da costa: da marginal ao "resort"*. Jornal dos Arquitectos nº 227

MARQUES, Maria Dulce de Oliveira. *As Salinas de Alcochete – Um Património a musealizar*.  
Dissertação de mestrado em Museologia, orientada por Alice Semedo. FLUP, 2009

MOREIRA, José Augusto. *O "bacalhau político" que já não se dispensa na mesa da consoada*.  
Jornal Público, Fugas, 1 de Dezembro de 2012

MOURA, Eduardo Souto de. *Regresso a Casa*. Entrevista por Nuno Grande, Porto 2009. El Croquis nº 146

*Municípios mantêm Arco Ribeirinho Sul na ordem do dia*. Câmara Municipal de Almada, 14 de Março de 2013  
Disponível em: [http://m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cnav2&xpgid=noticias\\_detalle&noticia\\_detalle\\_qry=BOUI=134533660&noticia\\_titulo\\_qry=BOUI=134533660](http://m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cnav2&xpgid=noticias_detalle&noticia_detalle_qry=BOUI=134533660&noticia_titulo_qry=BOUI=134533660)

NUNES, João Silva. *A Cintura Industrial de Lisboa. Breve aproximação a um território em mudança*.  
Jornal dos Arquitectos nº 231

*Nota sobre a definição de critérios de classificação, qualificação e reclassificação do solo em sede de PROT*.  
Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional. Dezembro 2007.  
Disponível em: [http://dgotdu.pt/prot-continente/Nota%20Classif%20Solo%20\\_%20PROT\\_V4\\_11Dez07.pdf](http://dgotdu.pt/prot-continente/Nota%20Classif%20Solo%20_%20PROT_V4_11Dez07.pdf)

*Parque Habitacional em Portugal: Evolução na última década 2001-2011*.

Instituto Nacional de Estatística, 7 Dezembro 2012

Disponível em: [http://ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=149156177&DESTAQUESmodo=2](http://ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=149156177&DESTAQUESmodo=2)

PETZET, Muck, HEILMEYER, Florian. *Reduce Reuse Recycle, Architecture as Resource*

German Pavilion, 13th International Architecture Exhibition, La Biennale di Venezia 2012

Disponível em: <http://www.lacatonvassal.com/data/documents/20130415-18380412ReduceReuseRecycle.pdf>

*Plano Director Municipal*, Câmara Municipal de Alcochete, Dezembro de 1995.

Disponível em: <http://cm-alcochete.pt/NR/rdonlyres/CEA4233C-9790-4711-ADC9-33177C4BBBBC/0/PDM.pdf>

*Plano Estratégico de Alcochete*, Augusto Mateus e Associados, Sociedade de Consultores, CMA, Novembro 2010

Disponível em: <http://cm-alcochete.pt/NR/rdonlyres/99A6D60D-3566-4D97-AEFC-385EFA1FA83/0/>

*Plano Robinson, Portalegre*, Correia Ragazzi

Disponível em: [http://correiaragazzi.com/Selec\\_plano.swf](http://correiaragazzi.com/Selec_plano.swf)

*Portalegre na rota do desenvolvimento*, Parcerias para a Regeneração Urbana

Disponível em: [http://fundacaorobinson.pt/multimedia/ficheiros/documentos%202013/Brochura%20Robinson\\_Portalegre%20na%20rota%20do%20desenvolvimento\\_web.pdf](http://fundacaorobinson.pt/multimedia/ficheiros/documentos%202013/Brochura%20Robinson_Portalegre%20na%20rota%20do%20desenvolvimento_web.pdf)

PORTAS, Nuno (coord.). *Cidades e frentes de água*.

Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto: Faup Publicações, 1998

PROT-AML, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo, Abril de 2002.

Disponível em: <http://ccdr-lvt.pt/content/index.php?action=detailfo&rec=54>

PROT-AML, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo.  
Proposta Técnica Final, Novembro de 2010.

*Revisão do PDM*, Câmara Municipal do Montijo, Abril de 2008.  
Disponível em: <http://mun-montijo.pt/pt/conteudos/camara+municipal/PDM/>

ROCHA, Daniel. *Secas de bacalhau em Alcochete dão lugar a três complexos turísticos de luxo*.  
Jornal Público, 27 de Fevereiro de 2009.  
Disponível em: <http://publico.pt/local/noticia/secas-de-bacalhau-em-alcochete-dao-lugar-a-tres-complexos-turisticos-de-luxo-1366922>

ROMANO, José; GIL, Filipe; BAKALI. *LX Factory*. Revista Arquitectura 21, *Cidades Criativas*.

TINOCO, Alfredo. *Para uma política de preservação do património industrial em Portugal*.  
Cadernos de Sociomuseologia nº 42-2012, Revista Lusófona de Museologia, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa  
Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/archive>

SOLÁ-MORALES, Ignasi de. *“Património arquitectónico o parque temático”*  
Territorios, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona: 2002, p. 197

*Water Fools - A Performance on the Water, A Magical Experience Of Light And Laughter*.  
The Lowry, Art & Entertainment, 20 de Julho de 2013  
Disponível em: <http://thelowry.com/event/water-fools-a-performance-on-the-water>

## DOCUMENTAÇÃO EM LINHA

aml.pt  
bing.com  
ciclovía.pt  
cm-alcochete.pt  
correiaragazzi.com  
freguesiadealcochete.pt  
google.com  
igespar.pt  
ine.pt  
infopedia.pt  
lxfactory.com  
mun-montijo.pt  
publico.pt  
salinasdosamouco.pt  
transtejo.pt  
tsuldotejo.pt  
ciclovía.pt

## ANEXO 01

### PRODUÇÃO DE SAL NAS MARINHAS DO TEJO

1932

	Concelhos	Número de marinhas	Moios	Toneladas	%
Margem Direita (a norte)	Vila - Franca	7	8.450	6.338	5,7%
	Loures	13	7.350	5.513	5%
	Total	20	15.800	11.850	10,7%
Margem Esquerda (a sul)	Alcochete	86	103.275	77.456	70,3%
	Barreiro	61	7.610	5.708	5%
	Moita	23	10.210	7.658	6,9%
	Montijo	24	9.900	7.425	6,7%
	Total	194	130.995	98.246	88,9%
	Total	214	146.795	110.096	100%

## ANEXO 02

### CARTAZ DE ATIVIDADES PROPOSTAS PELA FUNDAÇÃO DAS SALINAS DO SAMOUÇO

14 de Setembro de 2013

## Venha Conhecer as Salinas do Samouço



Sábado dia 14 de Setembro a Fundação para a Protecção e Gestão Ambiental das Salinas do Samouço, proporciona a todos os que queiram visitar as Salinas do Samouço um dia diferente na companhia da Natureza, onde pode entre muitas outras atividades:

- > Participar na extração de Sal Venha rapar o sal de modo artesanal.
- > Percorrer os nossos trilhos interpretativos Trilho do Pernilongo 8,00 Km (Médio) Trilho do Flamingo 4,75 Km (Fácil)
- > Conviver com os burros mirandeses Venha conhecer estes animais dóceis.
- > Observar as aves que nos visitam Entre outras, Pernilongo, Flamingo, Milherango.

Horário:  
9h 00-12h30  
13h30-17h00

Para mais informações contacte:  
Telefone: 212328238  
Email: [contacto@salinasdosamouco.pt](mailto:contacto@salinasdosamouco.pt)

ENTRADA GRATUITA



### ANEXO 03

FRANCISCO LEITE DA CUNHA

1 de Agosto de 1941

Moção do Presidente da CMA, Francisco Leite da Cunha, na acta da sessão de apresentação das propostas de compra dos baldios onde se encontram as indústrias seca do bacalhau:

*“Se cotejarmos o desenvolvimento e progresso dos concelhos da margem Sul do Tejo, vizinhos deste de Alcochete, com o marasmo e estagnação de vida do nosso, impõe-se como verdade axiomática a afirmação de que o próspero desenvolvimento daqueles constitue função do seu desenvolvimento industrial, do qual Alcochete não aproveitou por razões bem sabidas e conhecidas.*

*“A margem sul do Tejo era a região ideal para a laboração e transformação de todas as matérias primas produzidas pela rica província do Alentejo, desde o momento que entre eles se estabelecesse um sistema rápido, barato e cómodo de comunicações. Uma vez que ele se estabeleceu, era fatal assistir-se à industrialização de toda a margem sul, movimento esse de que Alcochete não beneficiou exactamente porque essas comunicações se não estenderam até cá.*

*“Nesta conformidade, continuou o concelho de Alcochete quase limitado às suas tradicionais fontes de vida: cultura das terras, a lavra das salinas e o tráfego do rio.*

*“Destas três fontes de vida, o desenvolvimento da última constitue função do grande florescimento ou decadência das duas primeiras, tão intimamente lhes está subordinada.*

*“Ora, não é segredo para ninguém o quanto, mercê de circunstâncias de ordem vária, a agricultura tem decaído no concelho. A apreciação das determinantes deste fenómeno alarmante, e de todas as suas graves consequências, levar-nos-ia muito longe; basta, por isso, que digamos que os consideramos como fatais e irremediáveis, exactamente porque os conhecemos e temos estudado.*

*“Resta, pois, considerarmos como factor económico de valor a lavra das salinas.*

*“É todavia justo que vejamos que não podemos julgar como elemento de influência num ulterior progresso e desenvolvimento concelhio, a sua exploração.*

*“Não nos resta dúvida alguma que qualquer modificação no ritmo da mesma se viria projectar perigosamente na já precária vida económica do concelho, mas isso constituiria apenas o agravamento daquilo que está já mau e que passaria então a estar péssimo.*

*“Sendo assim, parece-nos ser de justiça considerar tal género de actividade unicamente factor imprescindível de estabilidade económica concelhia, o que já não é pouco, isto a menos que o sal não venha a constituir num futuro próximo factor de prosperidade, pelo seu aproveitamento como matéria prima, à semelhança do que já acontece noutros pontos. Esboçada assim a traços largos a situação das três principais fontes de vida do concelho e não podendo tomar em consideração qualquer das outras actividades, que nele se exercem pelo carácter transitório e aleatório que a todos informa – excepção feita talvez da construção naval, que se está tornando progressiva e florescente – a câmara reconhece como sendo uma necessidade vital o estabelecimento de indústrias na área do concelho”.*

*Subsídio para a história das secas do bacalhau. Fonseca Bastos*

Disponível em: <http://praiadosmoinhos.blogspot.pt/2008/09/subsdio-para-histria-das-secas-do.html>

**ANEXO 04**

**IMAGENS**

Salinas do Samouco

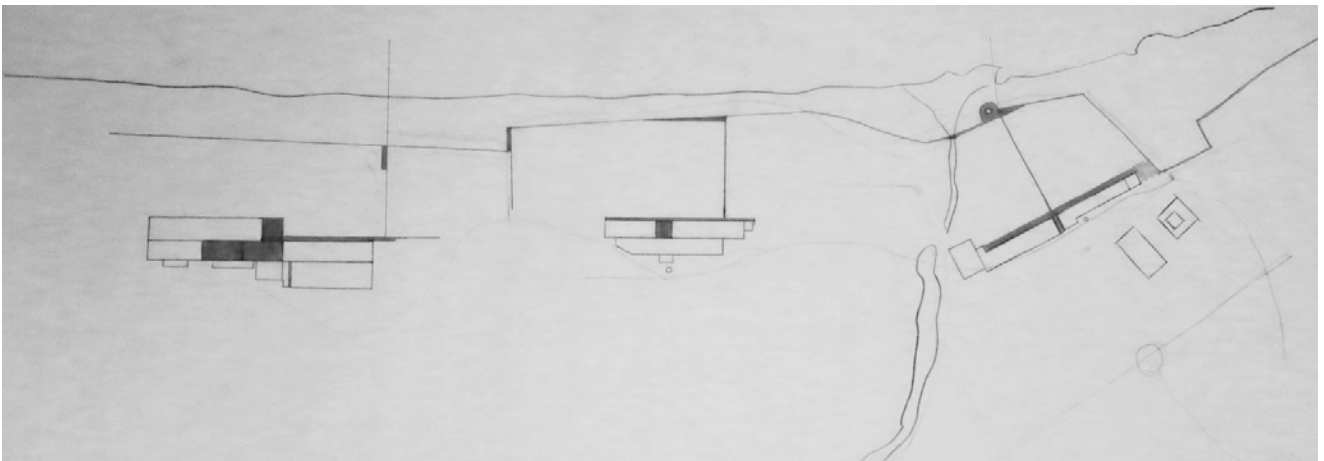




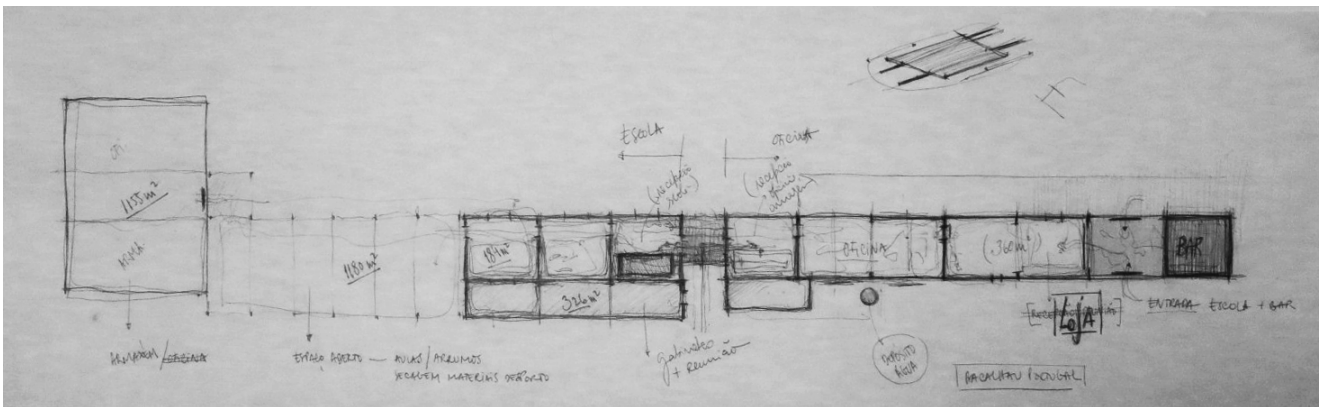
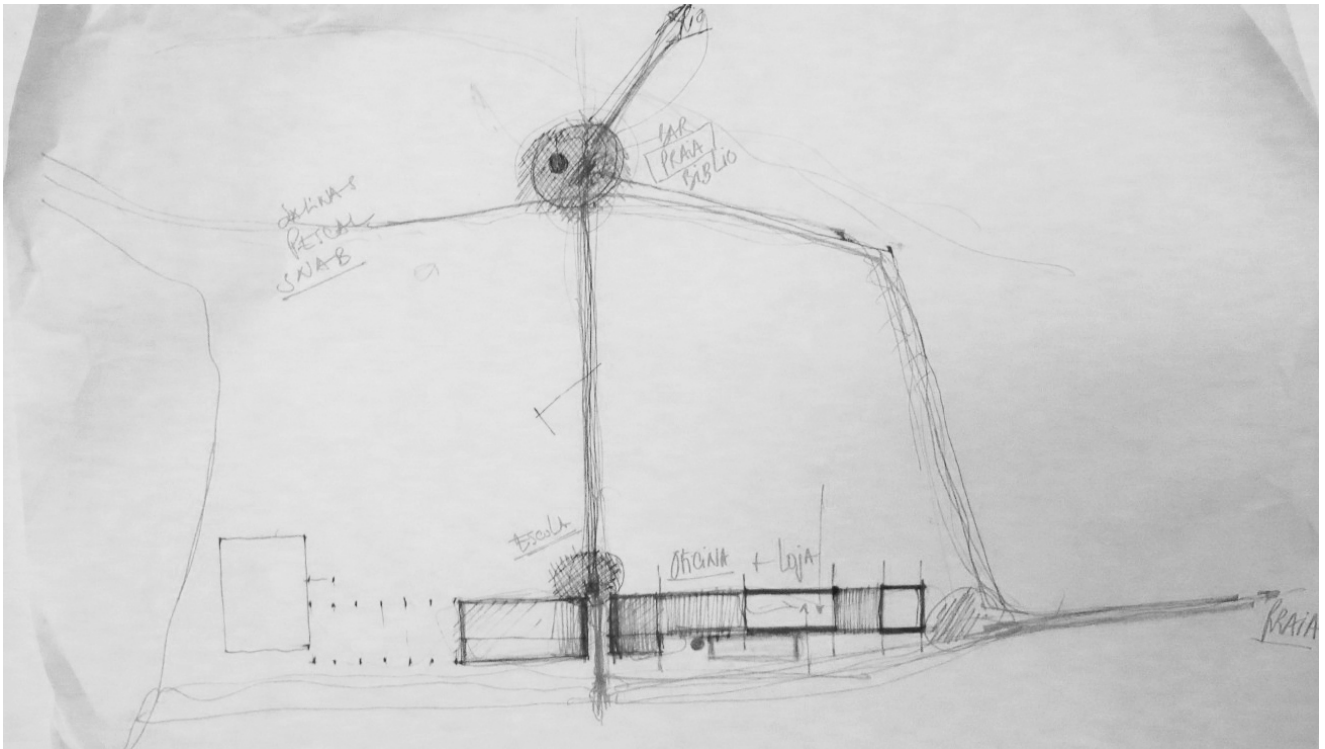
179. *Pirâmides de sal*

## ANEXO 05

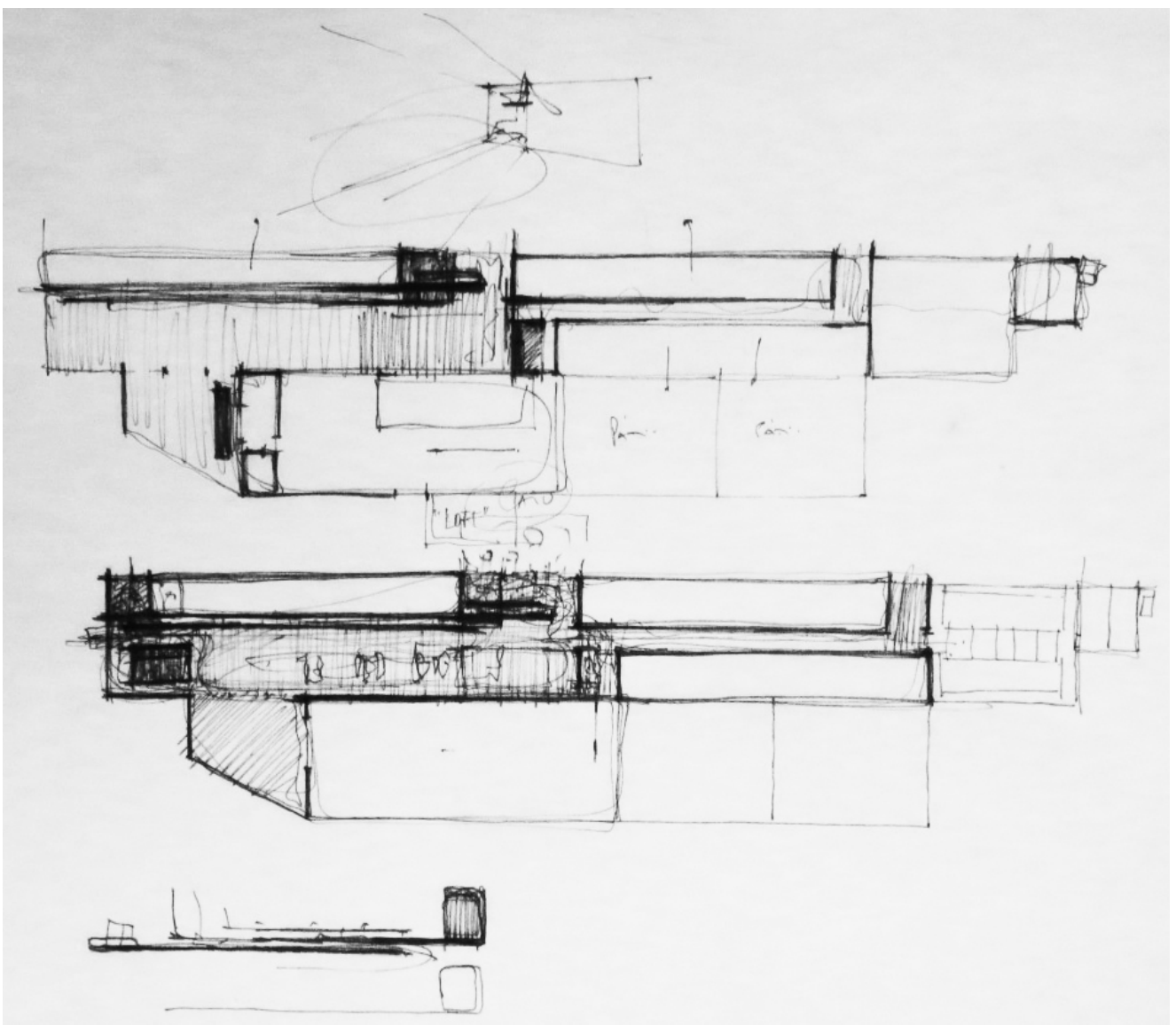
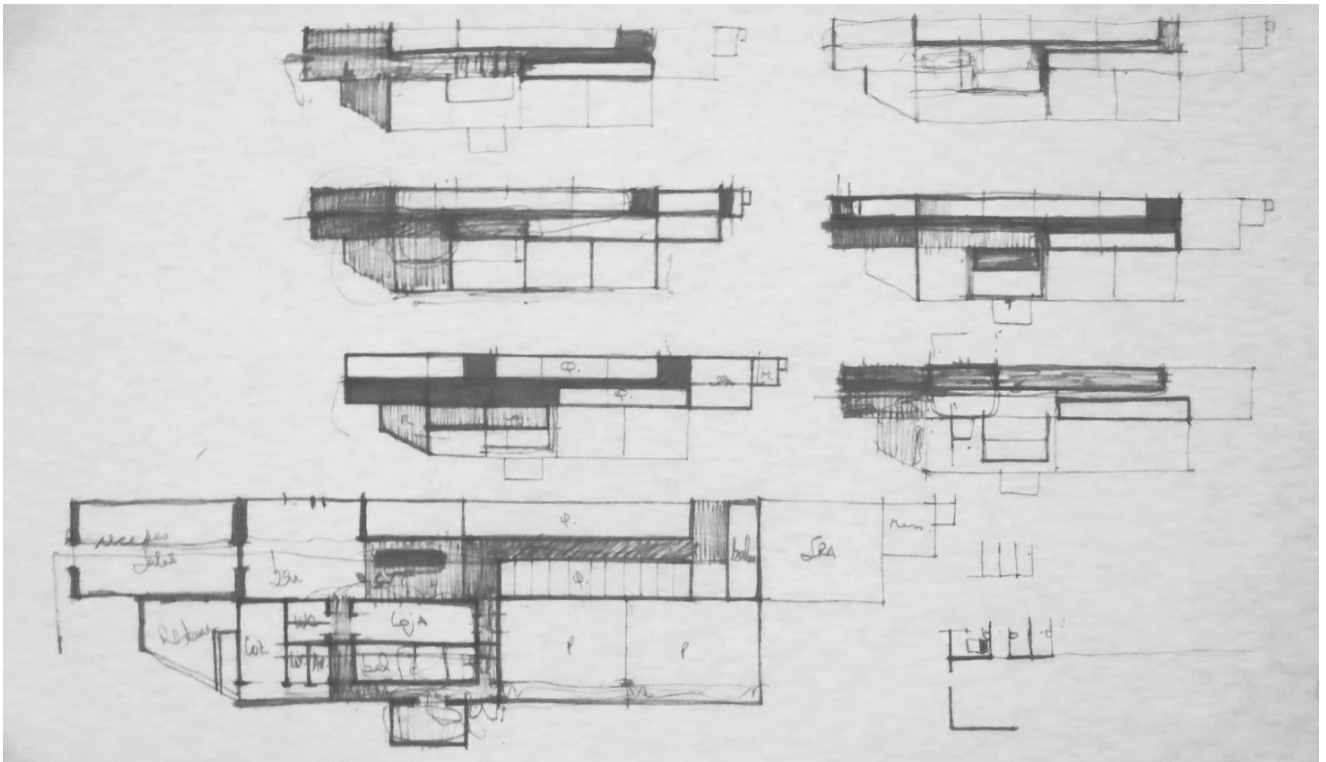
### ESQUIÇOS DE PROCESSO



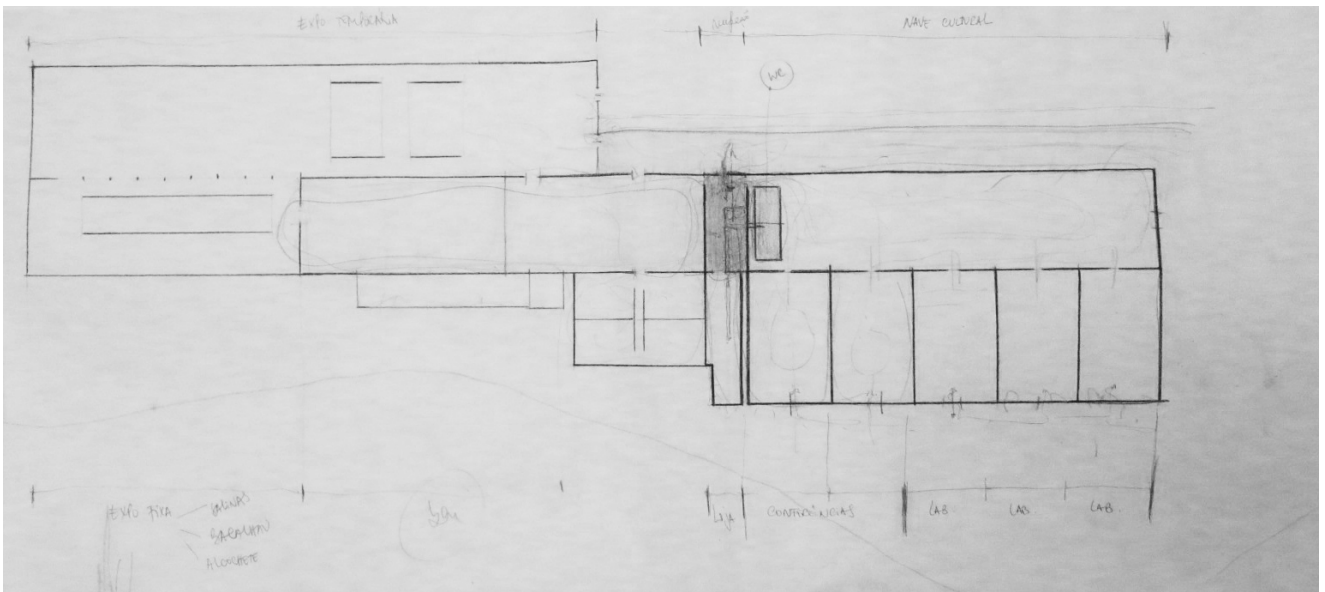
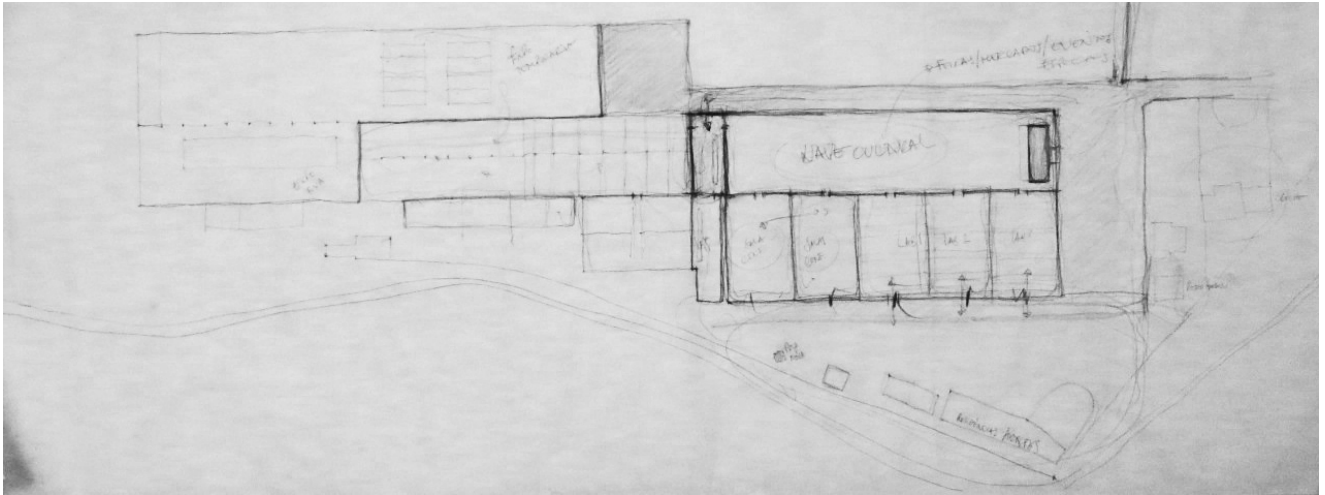
180. *Conjunto de percursos estruturantes nas Indústrias das Secas do Bacalhau*



181. Escola de Desporto Náutico e moinho



182. Conjunto de percursos estruturantes nas Indústrias das Secas do Bacalhau



183. *Escola de Desporto Náutico e moinho*

**ANEXO 06**

**IMAGENS**

Bacalhau de Portugal



184. *Enquadramento visual do moinho*



185. Cobertura, asnas em madeira e telha marselha





186. *Panorâmica, frente Poente e Centro Cultural de Alcochete*

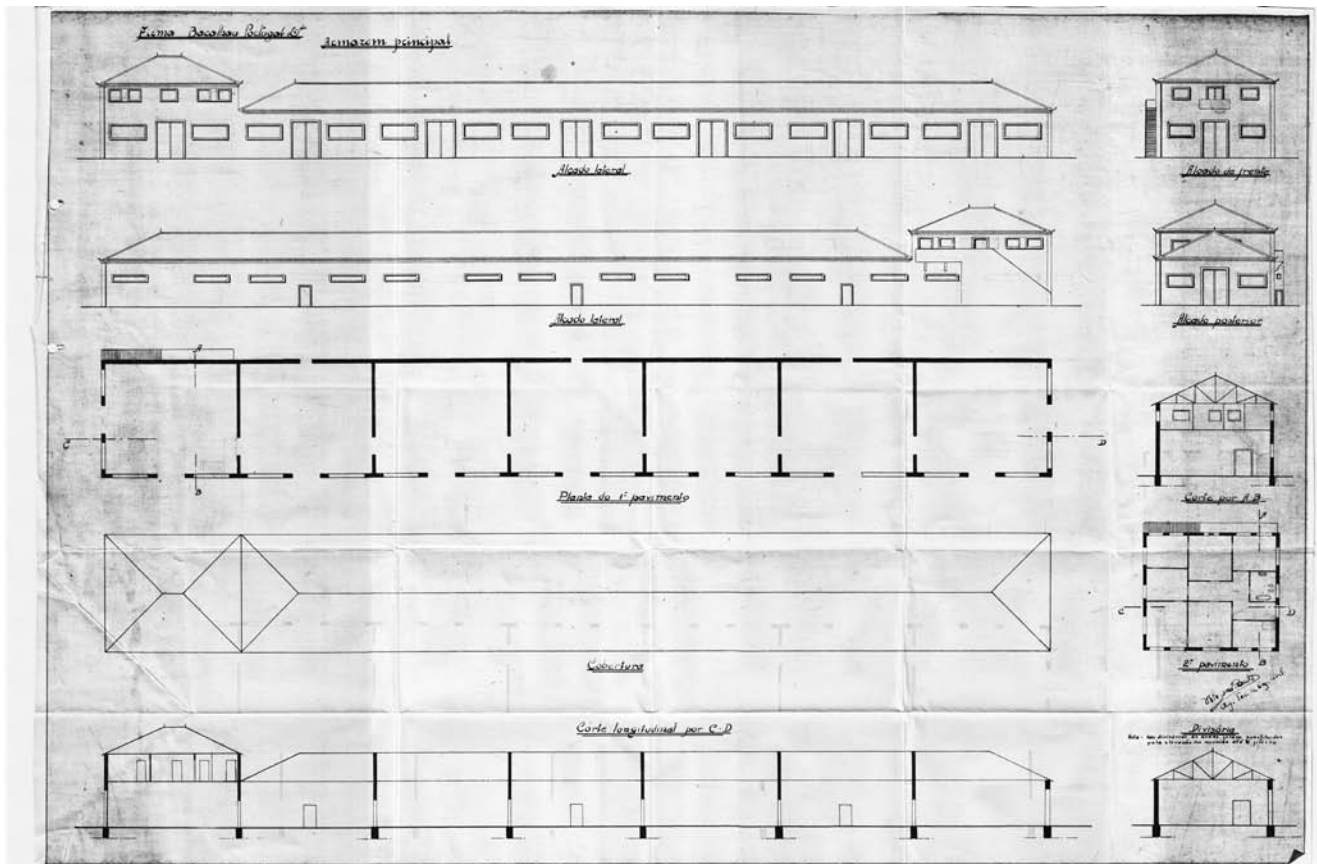


187. *Panorâmica, frente Poente*

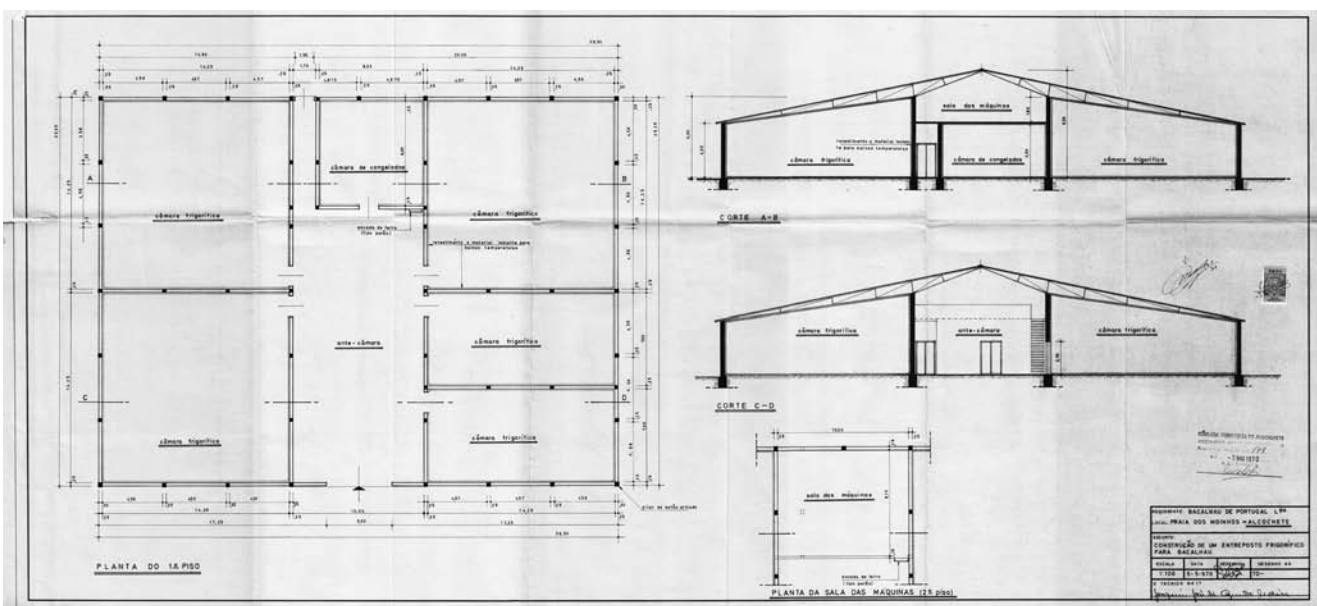
# ANEXO 07

## DESENHOS

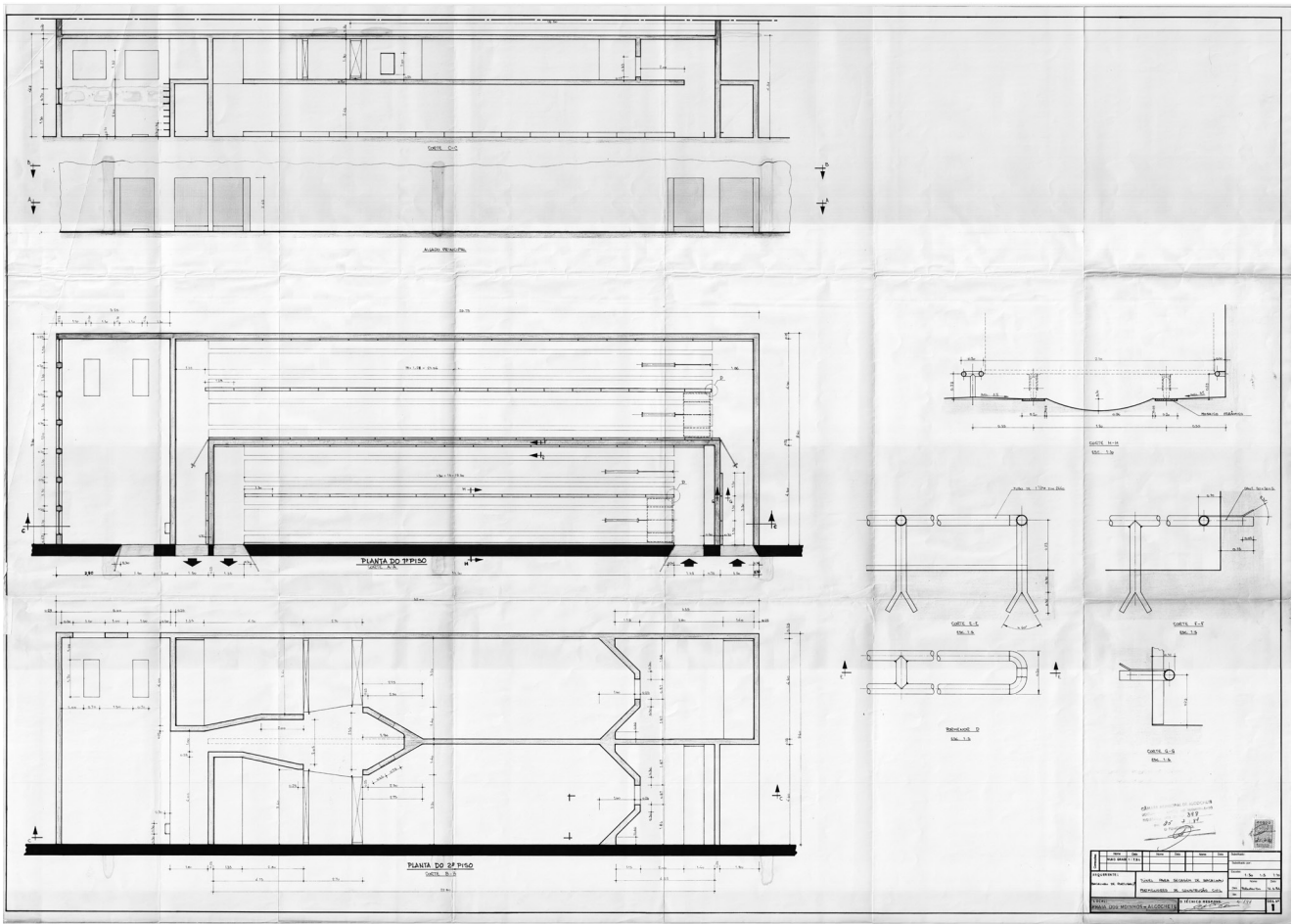
Bacalhau de Portugal



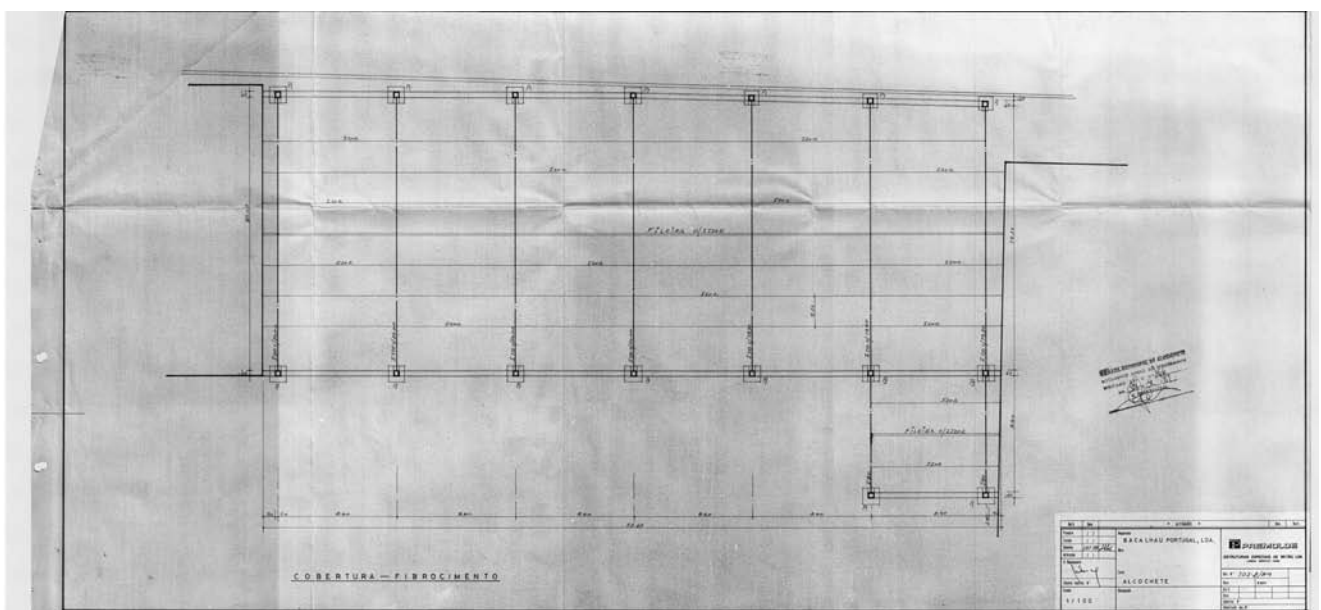
188. Armazém de bacalhau (construído em 1942), proc. 18/1969



189. Entreposto frigorífico para bacalhau, proc. 22/1970



190. Túnel para secagem de bacalhau, proc. 39/1984



191. Estacionamento de veículos pesados, proc. 8/1989

**ANEXO 08**

IMAGENS

Pescal





193. *Vista desde os escritórios. Interior da torre*



194. *Depósito de água. Pormenor da cobertura em amianto. Entrada nos balneários*



195. *Degradação da Cobertura da nave 3*





196. Panorâmica, vista desde a torre para Oeste



197. Panorâmica, vista desde a torre para Este, avistando o contexto da Bacalhau de Portugal e do moinho





198. *Panorâmica, vista desde a torre para Sul*



199. *Panorâmica, vista desde a torre para Este*

**ANEXO 09**

IMAGENS

Sociedade Nacional  
de Armadores de  
Bacalhau



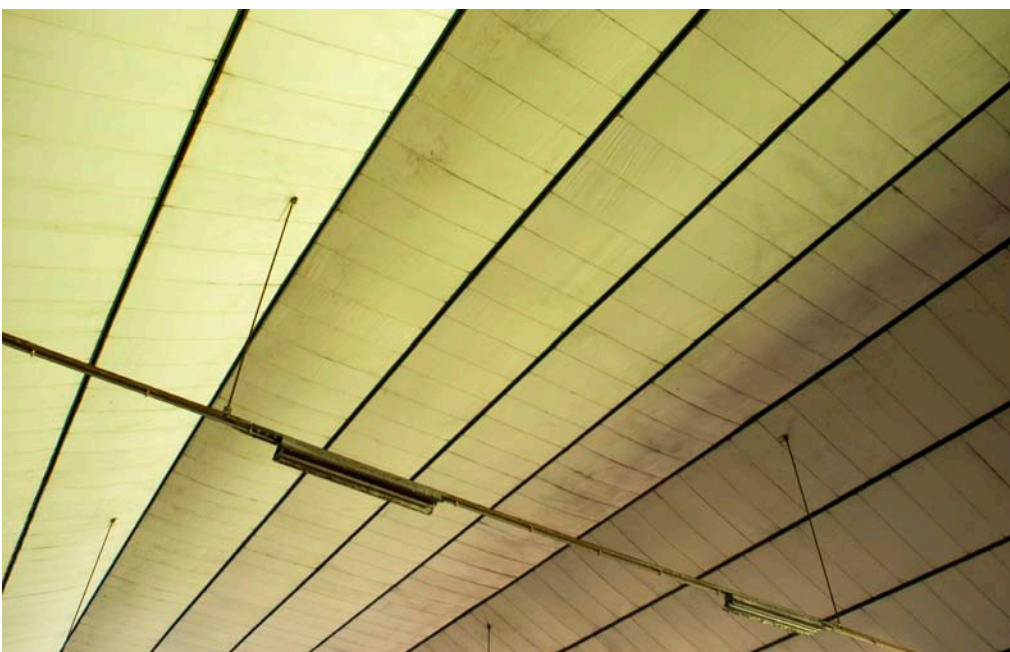


201. *Habitação e posto médico. Frente Este*

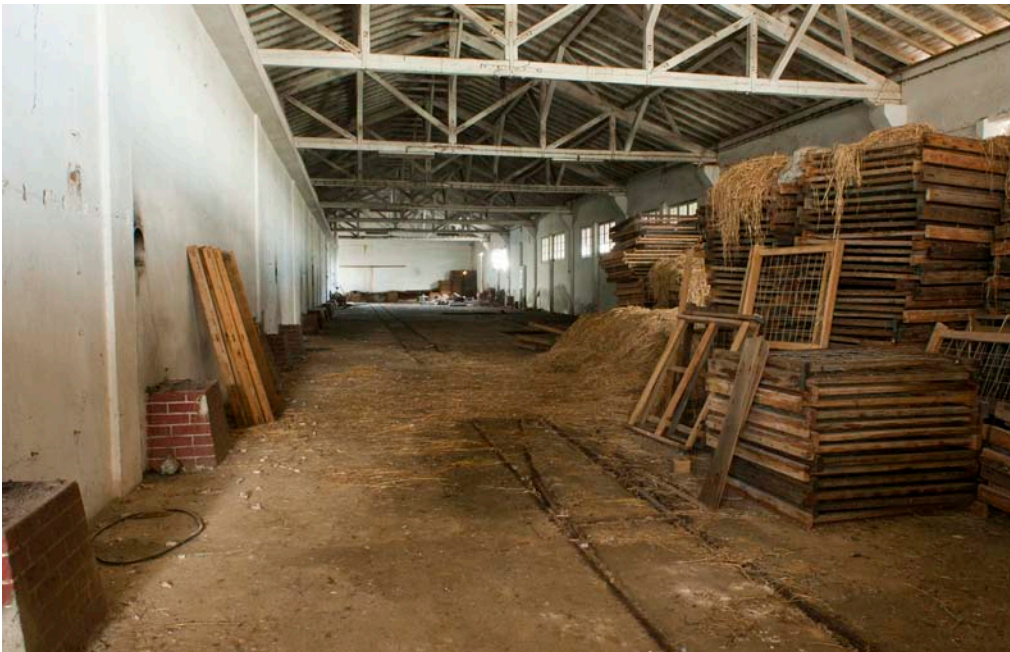




203. *Degradação do armazém central*



204. Armazém de 8 túneis de secagem artificial

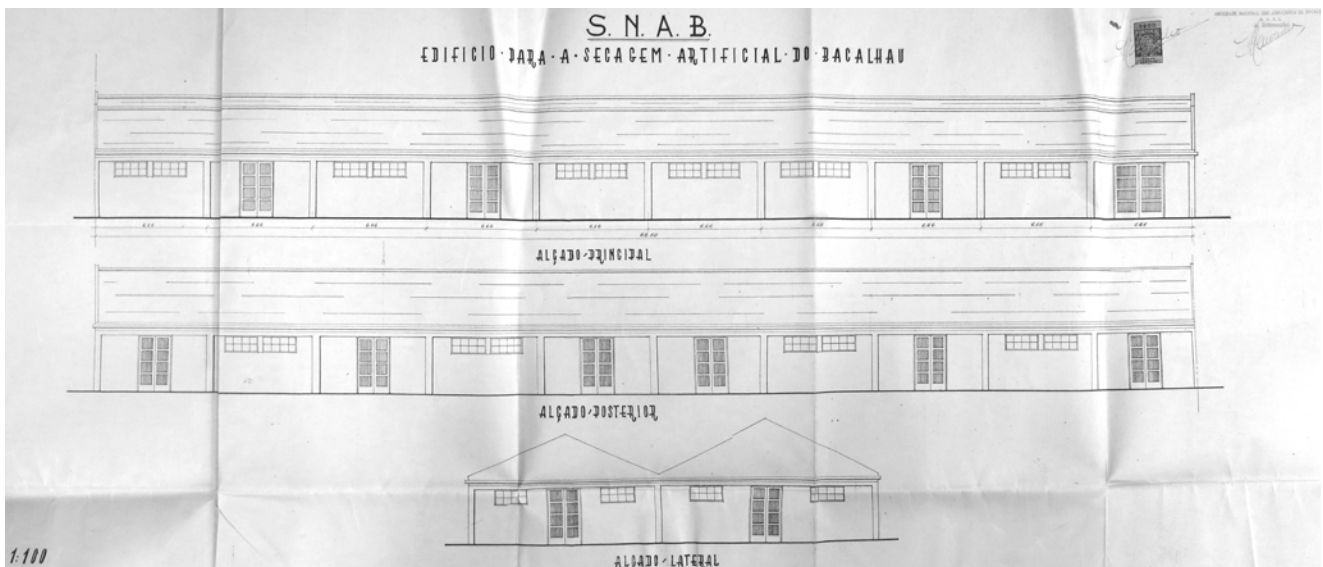


205. Túnel e armazém de secagem artificial. Tabuleiros de estender o bacalhau

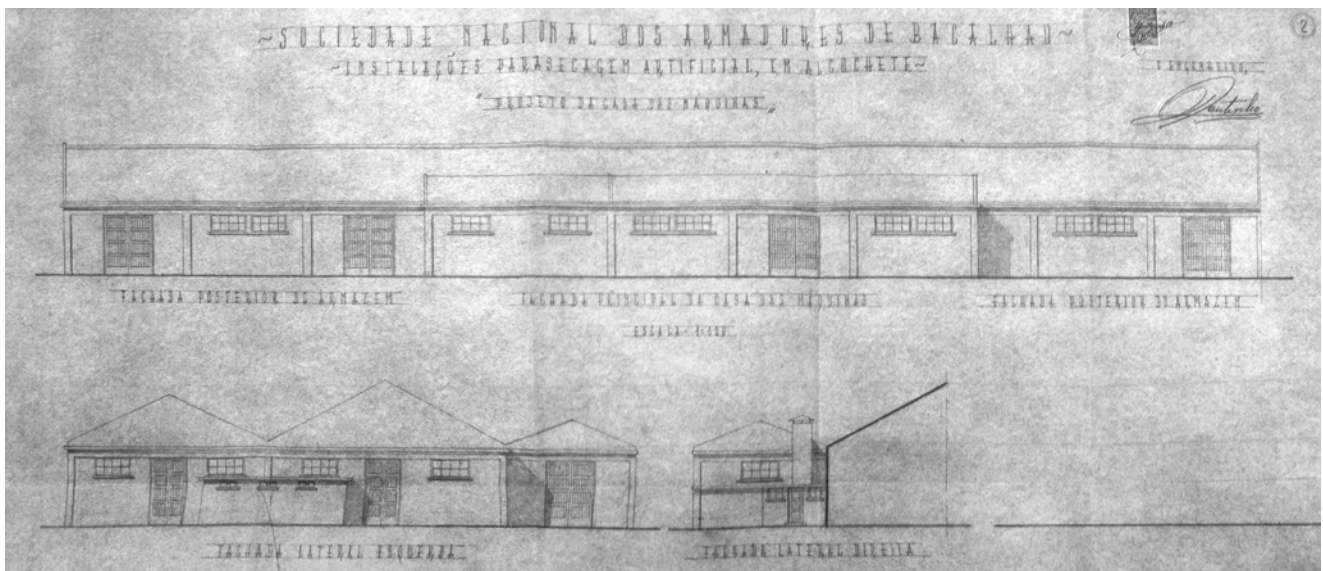
## ANEXO 10

### DESENHOS

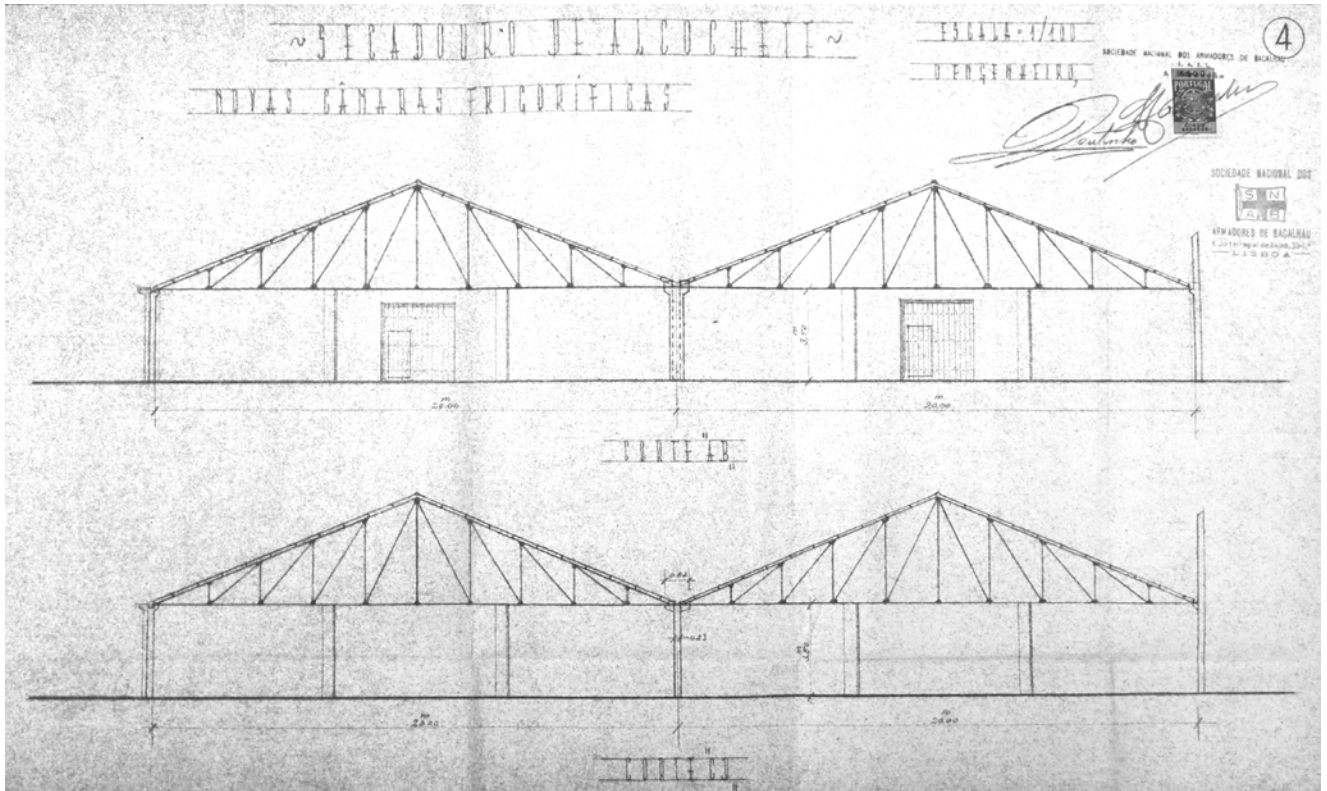
Sociedade Nacional de Armadores de Bacalhau



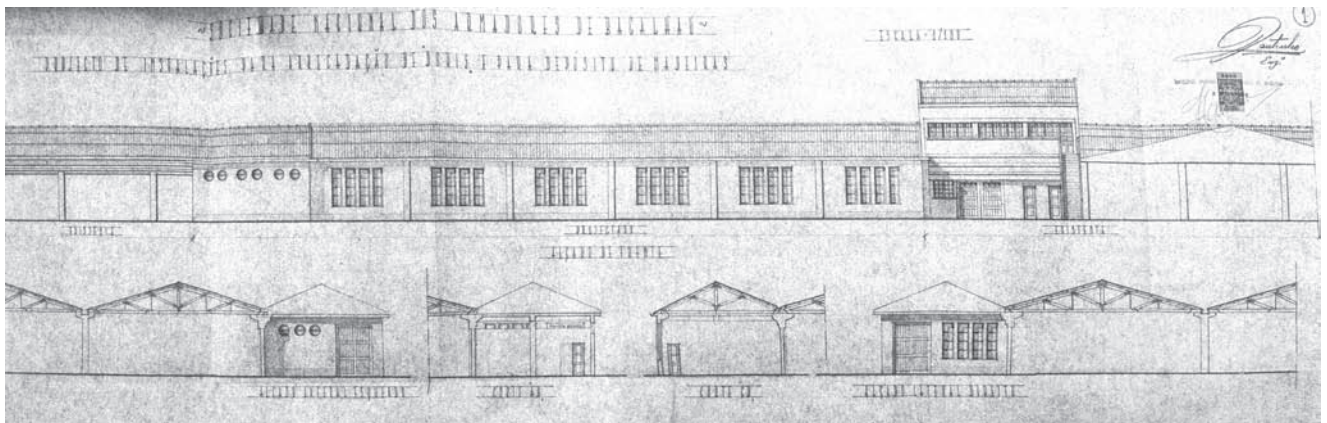
206. Armazém de secagem artificial, proc. 26/1950



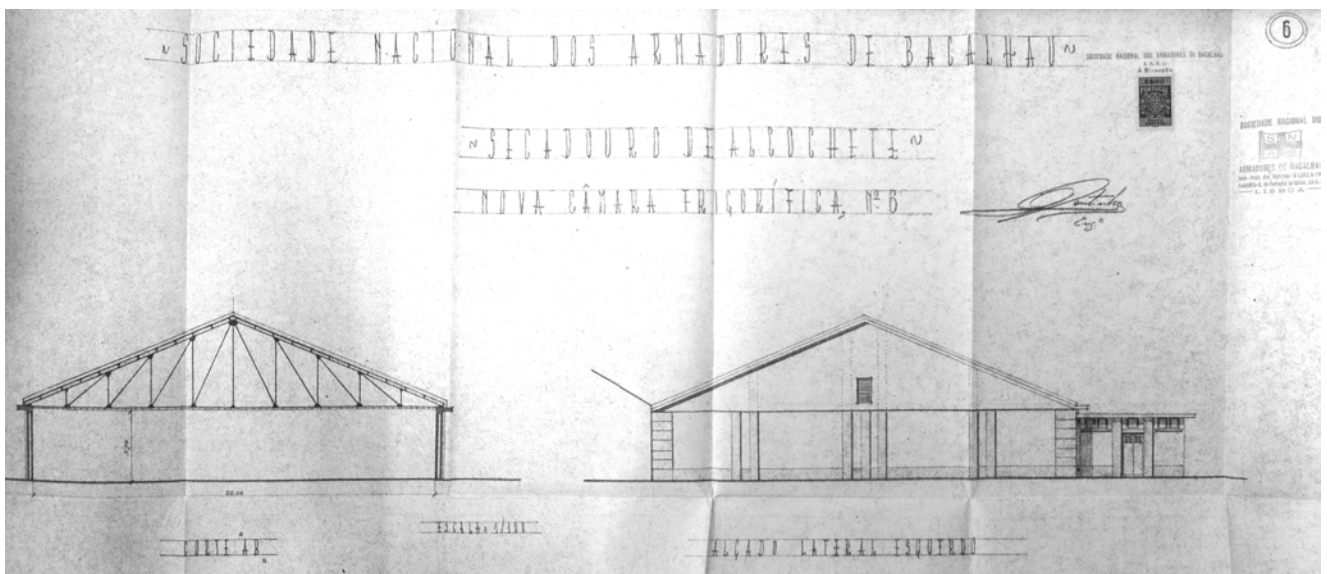
207. Casas das máquinas, proc. 56/1951



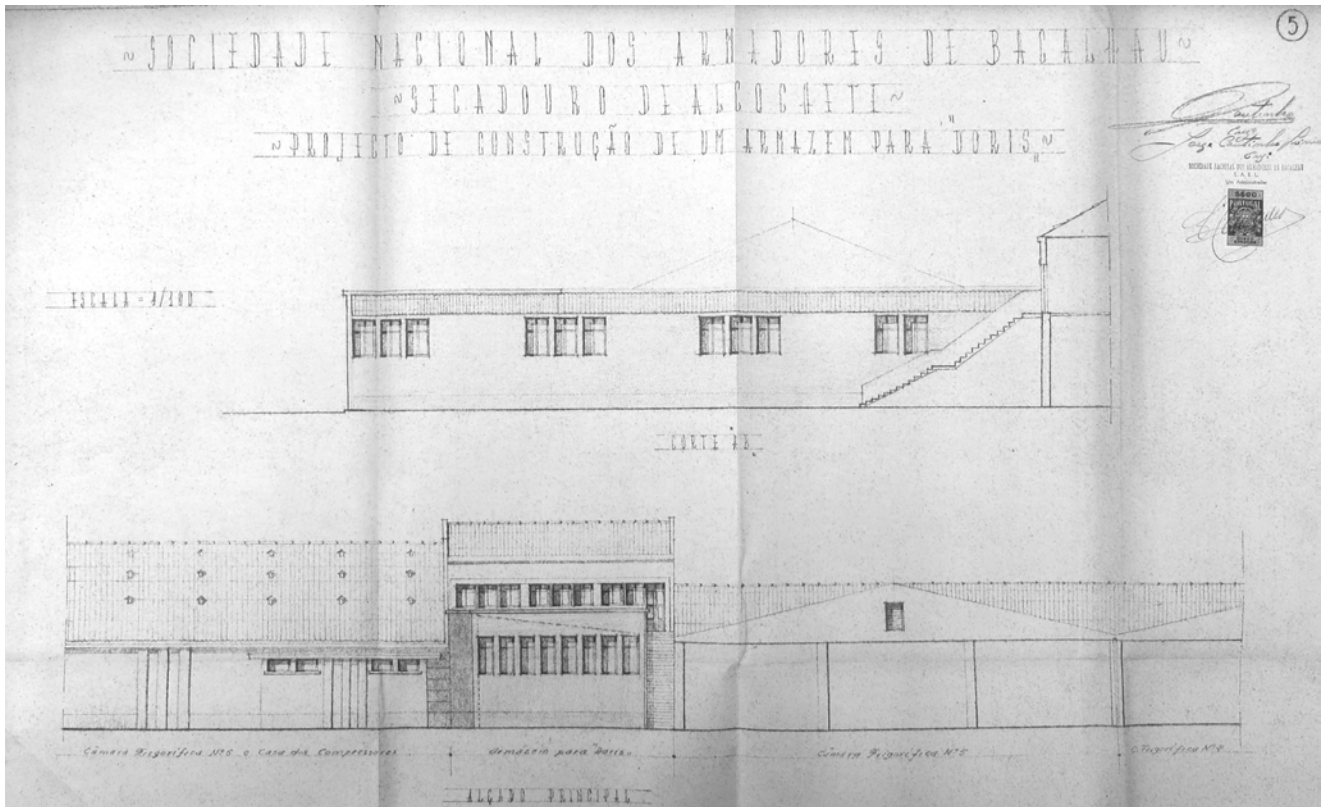
208. Câmaras frigoríficas, proc. 1/ 1955



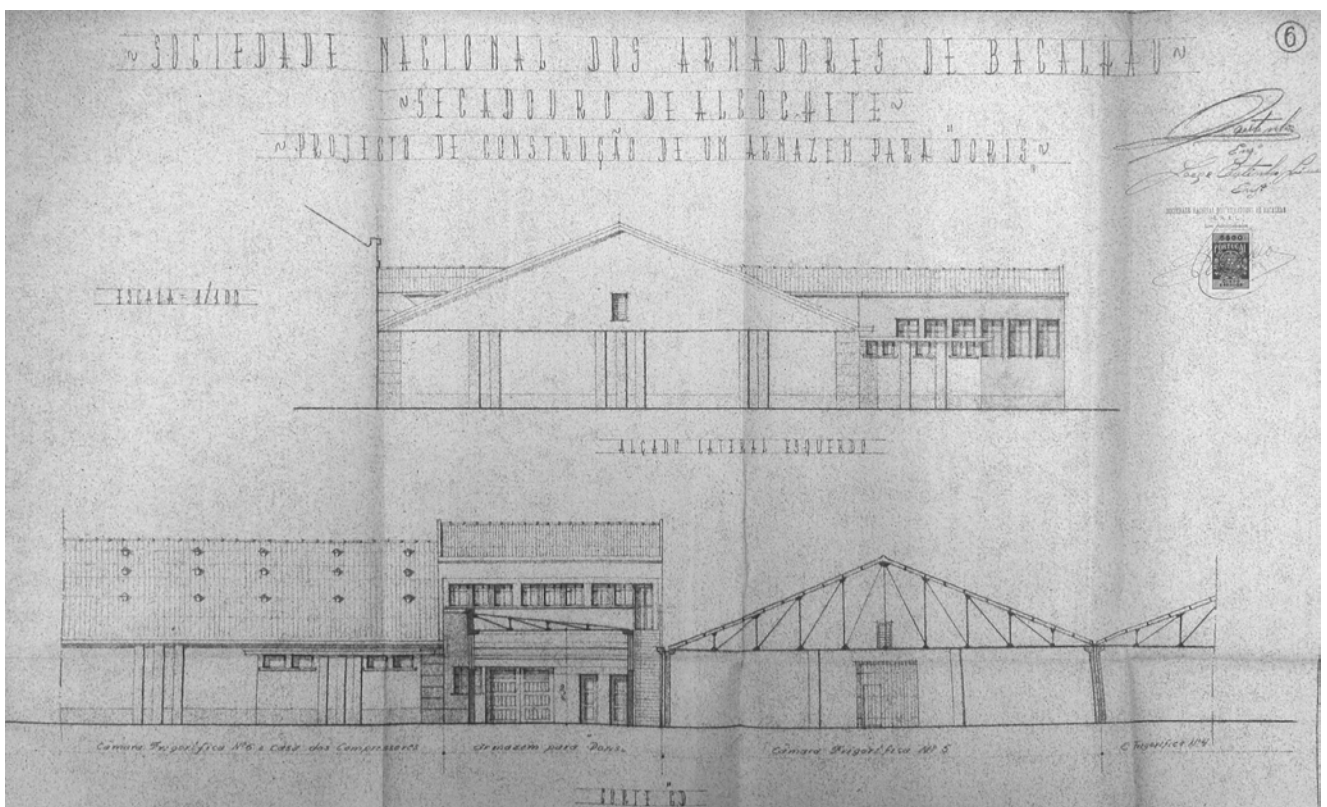
209. Armazém para dórís e madeiras, proc. 38/ 19



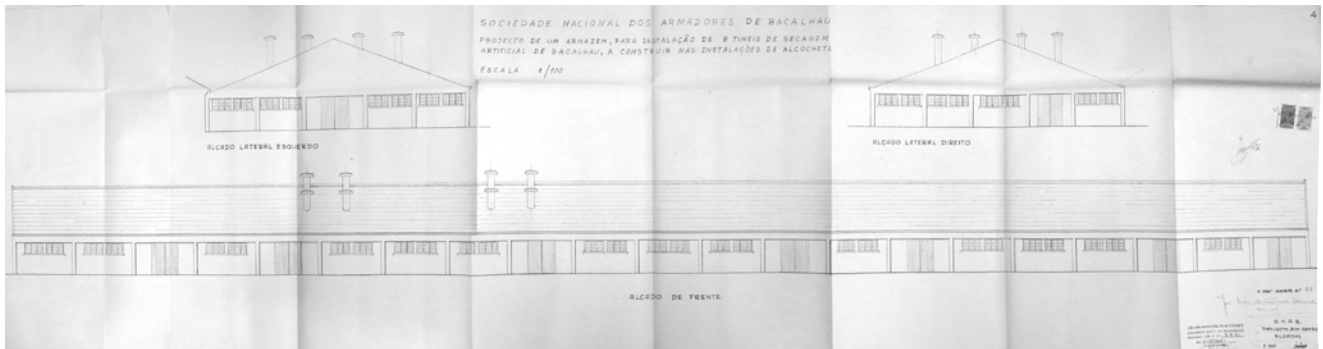
210. Câmara frigorífica nº6, proc. 119/ 1956



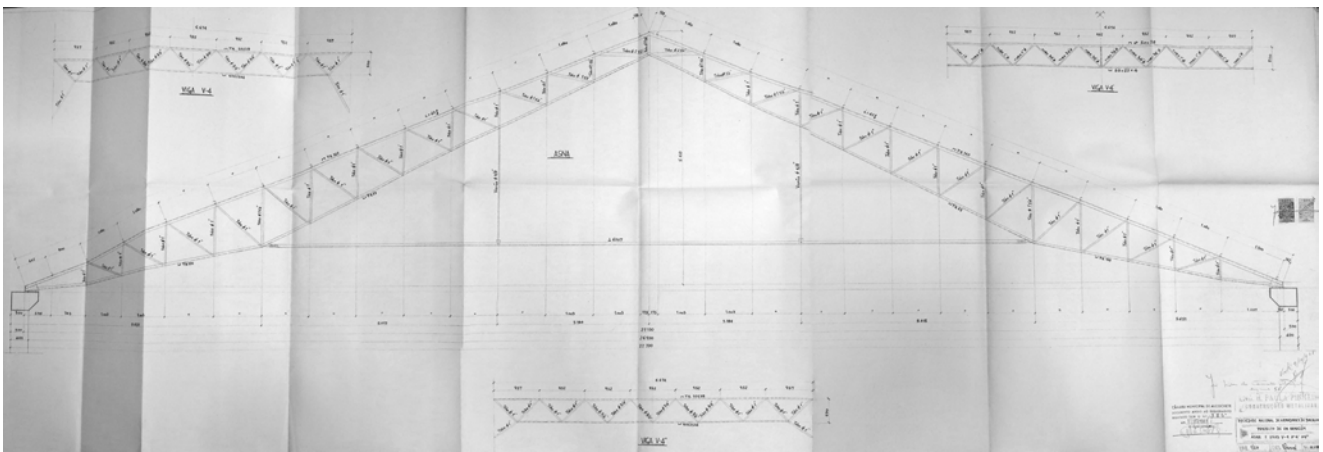
211. Armazém para arrecadação de dórís, alçados, proc. 278/ 1958



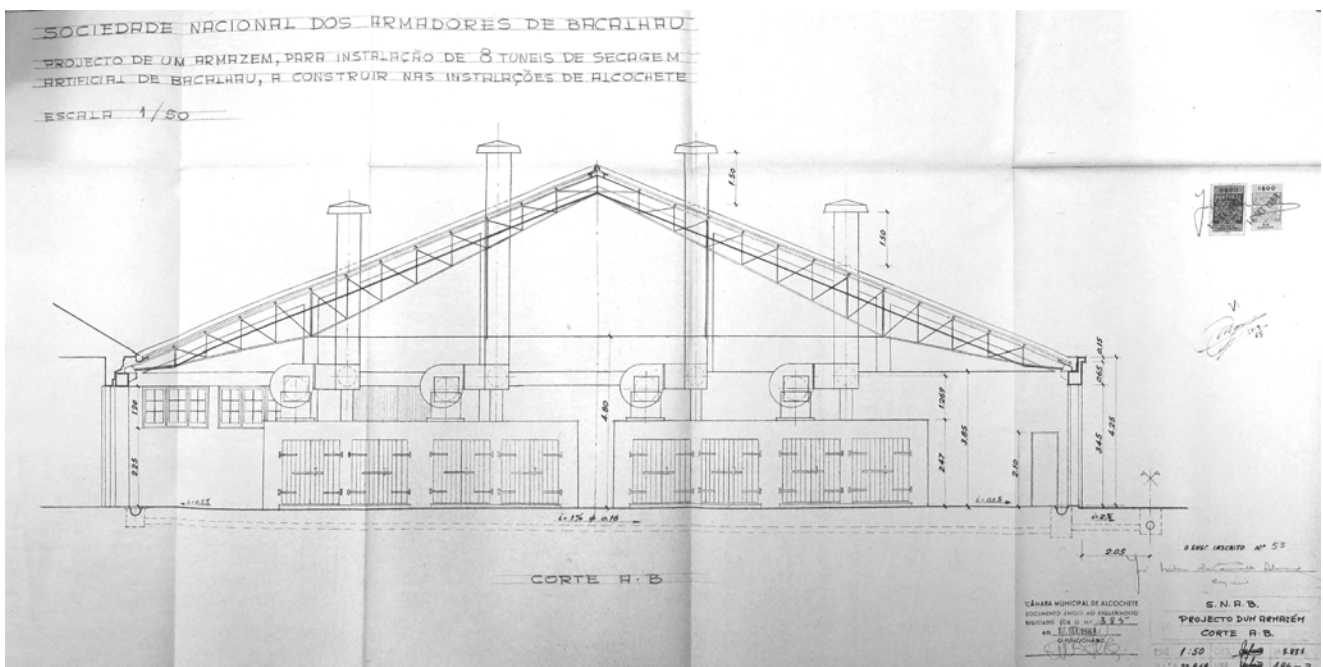
212. Armazém para arrecadação de dórís, alçado e corte transversal, proc. 278/ 1958



213. Armazém de 8 túneis de secagem artificial, alçados, proc. 64/ 1968



214. Armazém de 8 túneis de secagem artificial, asnas e vigas, proc. 64/ 1968



215. Armazém de 8 túneis de secagem artificial, corte transversal, proc. 64/ 1968

## CRÉDITOS DE IMAGENS

### BLOCO I

Fig. 01 | 02. Data desconhecida. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/Alcochete02.htm>

Fig. 03. 01 <http://www.freewebs.com/proencalex/galeria.htm>

02 <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/imagem/8137525/>

03 <http://fotografiadejoaopalmela.blogs.sapo.pt/355091.html>

04 [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b6/Alcochete\\_2013-3.jpg/1280px-Alcochete\\_2013-3.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b6/Alcochete_2013-3.jpg/1280px-Alcochete_2013-3.jpg)

05 <http://www.adn-agenciadenoticias.com/2012/06/alcochete-acolhe-projecto-de-rede.html>

06 [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/fa/Alcochete\\_2013-4.jpg/1280px-Alcochete\\_2013-4.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/fa/Alcochete_2013-4.jpg/1280px-Alcochete_2013-4.jpg)

07 <http://fotos.sapo.pt/3a44JLBNpvSqGTLybfF6/>

08 <http://fotografiadejoaopalmela.blogs.sapo.pt/355091.html>

09 <http://www.igespar.pt/en/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/74210/>

10 <http://static.panoramio.com/photos/large/63517975.jpg>

11 <http://static.panoramio.com/photos/large/56924146.jpg>

12 [http://3.bp.blogspot.com/\\_CT2C3pEYnSw/TAjI4Ouo0\\_I/AAAAAAAAAq0/XnYrIHZ1154/s1600/DSC01968.JPG](http://3.bp.blogspot.com/_CT2C3pEYnSw/TAjI4Ouo0_I/AAAAAAAAAq0/XnYrIHZ1154/s1600/DSC01968.JPG)

Fig. 04. Agosto de 2013. Fotografias realizadas pela autora

Fig. 05 | 06. Cartas cedidas pela CMA

Fig. 07 | 08 | 09. Data desconhecida. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/Alcochete01.htm>

Fig. 10. Agosto de 2012. Fotografias realizadas pela autora

Fig. 12 | 13 | 14. <http://www.bing.com/maps/>

Fig. 15. 2007. Ortofotomapa cedido pela CMA. Elaboração da autora.

Fig. 16. Agosto de 2012. Fotografia realizada pela autora

Fig. 17 | 18. Fevereiro de 2013. Fotografias realizadas por Jacopo Feslikenian

Fig. 19. Fotogramas extraídos do filme “The White Ships”. <http://youtube.com/watch?v=aaXl6m85dOY>

Fig. 20 | 21. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora

Fig. 22. Dados do INE. Elaboração da autora

Fig. 23. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora

Fig. 24. Planta cedida pela CMA

Fig. 25 | 26. <http://cartellogiallo.blogspot.pt/2011/12/bernd-und-hilla-becher.html>

Fig. 27. Fevereiro de 2013. Fotografias realizadas por Jacopo Feslikenian

Fig. 28 | 29 | 30. Agosto de 1944. <http://aposentobarreteverde.wix.com/aposentobarreteverde#!untitled/zoom/cjg9/imageqzx>

Fig. 31 | 32 | 33. Fevereiro de 2013. Fotografias realizadas pela autora

Fig. 34. <http://www.fabricaasa.eu/>

Fig. 35 | 36. Maio de 2013. Fotografias realizadas pela autora

Fig. 37 | 38. *LX Factory*. Revista Arquitectura 21, *Cidades Criativas*

Fig. 39. <http://bigcitiesbrightlights.files.wordpress.com/2012/06/lx-3.jpg>

Fig. 40. *LX Factory*. Revista Arquitectura 21, *Cidades Criativas*

### BLOCO II

Fig. 41 | 42. <http://www.bing.com/maps/>. Elaboração da autora

Fig. 43 | 44 | 45 | 46. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora

Fig. 47. Dados do INE. Elaboração da autora

Fig. 48 | 49. Elaboração da autora

Fig. 50. PROT-AML 2002, p. 45

Fig. 51. PROT-AML 2010, p. 43

Fig. 52 | 53 | 54 | 55 | 56 | 57 | 58 | 59 | 60. Cartografia base de <http://www.bing.com/maps/>. Elaboração da autora

Fig. 61. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora

Fig. 62. Outubro de 2012. Fotografias realizadas por Jacopo Feslikenian  
Fig. 63. <http://www.salinasdosamouco.pt/>  
Fig. 64. Outubro de 2012. Fotografias realizadas por Jacopo Feslikenian  
Fig. 65 | 66 | 67 | 68 | 69 | 70 | 71 | 72 | 73 | 74 | 75. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora  
Fig. 76 | 77 | 78. *Google street view*. <https://maps.google.pt/>  
Fig. 79 | 80 | 81 | 82 | 83 | 84 | 85. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora  
Fig. 86. <http://www.bing.com/maps/>  
Fig. 87 | 88. <http://www.bing.com/maps/>. Elaboração da autora  
Fig. 89 | 90 | 91 | 92. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora  
Fig. 93 | 94. Agosto de 2012. Fotografias realizadas pela autora  
Fig. 95. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora  
Fig. 96. Agosto de 2013. Fotografia realizada pela autora  
Fig. 97 | 98 | 99. Agosto de 2012. Fotografias realizadas pela autora  
Fig. 100 | 101 | 102. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora  
Fig. 103. Outubro de 2012. Fotografias realizadas por Jacopo Feslikenian  
Fig. 104. <http://www.bing.com/maps/>. Elaboração da autora  
Fig. 105 | 106. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora  
Fig. 107 | 108. Data desconhecida. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/Alcochete02.htm>  
Fig. 109 | 110 | 111 | 112. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora  
Fig. 113. Cartografia base cedida pela CMA  
Fig. 114 | 115 | 116 | 117. Outubro de 2012. Fotografias realizadas pela autora  
Fig. 118 | 119 | 120 | 121 | 122 | 123 | 124 | 125 | 126. Cartografia base cedida pela CMA e pelo topógrafo Balegas. Elaboração da autora  
Fig. 127. Elaboração da autora  
Fig. 128 | 129 | 130 | 131 | 134 | 135 | 136 | 137. Cartografia base cedida pela CMA e pelo topógrafo Balegas. Elaboração da autora  
Fig. 138. Cartografia base cedida pela CMA  
Fig. 139 | 140 | 141. Outubro de 2012. Fotografias realizadas por Jacopo Feslikenian  
Fig. 142. Outubro de 2012. Fotografias realizadas pela autora  
Fig. 143. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora  
Fig. 144 | 145 | 146 | 147 | 148 | 149 | 150 | 151 | 152 | 153 | 154 | 155 | 156 | 157 | 158. Elaboração da autora  
Fig. 159. Cartografia base cedida pela CMA  
Fig. 160. Agosto de 2012. Fotografias realizadas pela autora  
Fig. 161. Fevereiro de 2013. Fotografias realizadas por Jacopo Feslikenian  
Fig. 162. Fevereiro de 2013. Fotografias realizadas pela autora  
Fig. 163 | 164 | 165 | 166 | 167 | 168 | 169. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora  
Fig. 170. Elaboração da autora  
Fig. 171 | 172 | 173 | 174 | 175 | 176 | 177. Cartografia base cedida pela CMA. Elaboração da autora

## ANEXOS

Anexo 01. MARQUES, Maria Dulce de Oliveira. *As Salinas de Alcochete – Um Património a musealizar*, 2009

Anexo 02. <http://www.salinasdosamouco.pt/>

Fig. 178 | 179. Agosto de 2012. Fotografias realizadas pela autora  
Fig. 180 | 181 | 182 | 183. Esquiços realizados pela autora  
Fig. 184 | 185 | 185 | 187. Outubro de 2013. Fotografias realizadas pela autora  
Fig. 188 | 189 | 190 | 191. Cartografia cedida pela CMA  
Fig. 192 | 193. Outubro de 2013. Fotografias realizadas pela autora  
Fig. 194 | 195 | 196 | 197 | 198 | 199 | . Outubro de 2013. Fotografias realizadas por Jacopo Feslikenian  
Fig. 200 | 201 | 202. Agosto de 2012. Fotografias realizadas pela autora  
Fig. 203 | 204 | 205. Outubro de 2013. Fotografias realizadas por Jacopo Feslikenian  
Fig. 206 | 207 | 208 | 209 | 210 | 211 | 212 | 213 | 214 | 215. Cartografia cedida pela CMA